VIDAS DOS SANTOS

Padre Rohrbacher



AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do Padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

VIDAS DOS SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR

JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO

PROF. A. DELLA NINA

(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME V

EDITÔRA DAS AMÉRICAS
Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988
Caixa Postal 4468
SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† PAULO ROLIM LOUREIRO

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Vidas dos Santos

Março

14.º DIA DE MARÇO

SANTA MATILDE

Rainha da Germânia

Santa Matilde era filha do conde Dietrich de Saxe, que descendia do famoso Witikind, chefe dos saxões durante o reinado de Carlos Magno. Seus pais, entre os quais, depois da conversão o mestre Witikind, a religião e a piedade eram como que hereditárias, educaram-na sob os olhos da avó Matilde, abadessa do mosteiro de Erfort. Ela infundiu nessa escola um gôsto extraordinário pela oração e pela leitura de livros de piedade. Aprendeu também a trabalhar em todos os trabalhos condizentes com o sexo, e contraiu, insensìvelmente o hábito de empregar todos os momentos nas coisas sérias e dignas de uma criatura racional. Tornando-se rainha, conquistou vitórias contra os húngaros e os dinamarqueses, e Matilde as conquistava também contra os inimigos da sua salvação. Dedicava-se à oração e à meditação, a fim de se exercitar no fervor e na humildade. Êsse exercício tinha para ela tal encanto que. além do tempo que dedicava a isso durante o dia, consagrava ainda boa parte da noite. Freqüentemente visitava os doentes e os aflitos, que consolava e exortava à paciência. Servia

os pobres e ensinava-os a estimar um estado que Jesus Cristo escolhera e ao qual são prometidas recompensas da vida futura. Obtinha a liberdade para os prisioneiros. E quando os direitos da justiça se opunham à liberdade dêles, aliviava ao menos o pêso das correntes, por abundantes esmolas. O principal objetivo que se propunha, era levar os infelizes a expiar os crimes cometidos por lágrimas e por sincera penitência. Tinha o consôlo de ver o rei, seu marido, entrar em acôrdo com ela e secundá-la em todos os piedosos empreendimentos.

Henrique, o caçador, seu marido, tornara-se rei da Alemanha da seguinte maneira: No ano de 911, quando da morte de Luís IV, os senhores ofereceram a coroa real a Otão, o Grande, duque da Saxônia e da Turíngia, pai de Henrique. Êle recusou, por causa da idade avançada e, com nobre generosidade, recomendou-lhes Conrado, duque da França renânia da Francônia, considerando-o, embora inimigo, príncipe de méritos e de capacidade. Conrado, eleito rei da Alemanha, esqueceu um pouco o reconhecimento que devia a Otão, recusando a seu filho Henrique a investidura da Turíngia e não lhe concedendo a da Saxônia. Daí a inimizade entre os dois príncipes. Conrado soube nobremente reparar o êrro, em 918, quando foi mortalmente ferido em uma batalha contra os húngaros.

Não tinha filhos. Mas o duque Eberhard de Francônia, senhor tão prudente e poderoso como valente, era seu irmão. Ocupado únicamente do verdadeiro bem da Alemanha, Conrado, sentindo-se perto do fim, reuniu ao redor do leito de morte alguns conselheiros mais fiéis, e em seguida mandou chamar seu irmão Eberhard. Recomendou-lhe, com as expres-

sões mais ternas, que não desprezasse o último pedido de seu irmão, de seu rei moribundo, de renunciar a tôdas as pretensões, embora bem fundadas, à coroa da Alemanha, de transferi-las ao duque Henrique da Saxônia, de se submeter a êle, como primeiro e de acelerar sua eleição pelos demais príncipes. Henrique era o homem destinado pela Providência, para reconduzir a ordem e a união para a Alemanha, completamente arruinada, e devolver ao nome alemão a consideração que perdera no exterior. Profundamente comovido, o magnânimo Eberhard jurou cumprir fielmente a última vontade de seu rei e irmão. Conrado, então, lhe enviou as insígnias da realeza, a coroa, o cetro, a lança, o bracelete e o manto, com a ordem de levá-los, imediatamente após sua morte, ao duque da Saxônia.

Apenas terminaram os funerais de Conrado, seu irmão Eberhard dirigiu-se prontamente à Saxônia e lá informou o duque Henrique da notícia inesperada das disposições do irmão, no leito de morte. Entregou-lhe as insígnias da realeza e foi o primeiro a render homenagem a Henrique como ao seu rei e soberano. Duas grandes almas estavam amigàvelmente em presença uma da outra. Com aquêle que até então fôra seu inimigo, e inimigo freqüentes vêzes perigoso, Henrique concluiu uma paz eterna. Estenderam recìprocamente a mão e, dêsse momento em diante, os dois príncipes se uniram por uma amizade que jamais foi turvada pela mais pequenina nuvem, enquanto viveram. Tais eram os nobres caracteres que se encontravam no século décimo, século, todavia, chamado bárbaro por outros séculos pretensamente civilizados, que se veriam em dificuldades bem grandes para demonstrar algo semelhante.

Henrique, cognominado o Caçador, por causa do grande gôsto pela caça, justificou o julgamento de seu predecessor Conrado, e realizou suas grandes esperanças. Restabeleceu a paz e a boa ordem na Alemanha, e expulsou os inimigos para fora do país. Desde o ano de 920, teve de combater a insurreição de Arnolfo, duque da Baviera. Venceu-o pela generosidade. Os dois exércitos se encontraram. Henrique pediu uma entrevista. Arnolfo, persuadido de que era para um duelo, apareceu armado. Ficou estupefato de ver o monarca sem armas. Êste, com eloqüência que partia do coração, lembrou-lhe as funestas conseqüências da desunião entre os príncipes e os povos da Alemanha. E, para colocar à prova sua lealdade, ofereceu-lhe a vida, durante as prerrogativas da realeza pela Baviera. A paz foi efetuada antes da batalha. Entendeu-se igualmente com o rei de França, Carlos, o Simples, que lhe cedeu a Lorena. Em 925, um exército de húngaros irrompeu na Alemanha. Henrique, que não se sentia forte bastante para vencê-los em batalha, teve a habilidade de prender-lhes o principal chefe. E não o entregou de volta ao exército, senão após terem jurado uma trégua de nove anos, durante a qual êle lhes pagaria um tributo sob o nome de presente ou de pensão, tão temível era a nação dos húngaros.

Henrique aproveitou os nove anos de tréguas para colocar a Alemanha em estado de defesa e formar tropas bem aguerridas. Ao findar a trégua, Henrique reuniu o povo e disse: "Até agora despojei a vós e vossos filhos, para encher os tesouros dos húngaros. Agora, sou obrigado a despojar as igrejas e seus ministros. Que me aconselhais? Tomo o dinheiro destinado ao serviço de Deus, para dá-lo

aos inimigos e nos resgatarmos, ou esperaremos até sermos resgatados por Deus?" O povo gritou pela salvação de Deus. E, erguendo as mãos para o céu, prometeram-lhe servir nessa guerra. Pouco depois chegaram os enviados húngaros para reclamarem o tributo. Como resposta, Henrique mandou dar-lhes um cão sarnento, do qual tinham sido cortados o rabo e duas orelhas. Era no ano de 931. No mesmo ano, para vingarem a afronta, os húngaros avançaram com dois exércitos poderosíssimos. Mas, ambos foram batidos, ficando vários reis dêles caídos no campo de batalha. Os bárbaros voltaram no ano seguinte, mais numerosos. Sofreram uma perda mais sangrenta ainda, e deixaram a Alemanha tranqüila durante vinte anos. O rei Henrique aplicou ao serviço de Deus e ao alívio dos sofrimentos dos pobres os tributos que dêles recebia.

Henrique trabalhou também pela conversão dos infiéis e fêz com que se batizasse um rei dos abdoritas e um rei dos dinamarqueses ou normandos. Tinha por amigo Santo Udalric bispo de Augsburgo. Morreu no segundo dia de julho do ano de 936. Durante os últimos momentos de vida, a rainha Santa Matilde, sua espôsa, permanecia nas igrejas rezando. Percebendo pelos lamentos do povo que êle estava morto, perguntou se havia algum sacerdote em jejum que pudesse celebrar a missa por êle. Apresentou-se um jovem e virtuoso sacerdote, chamado Adaldague. Matilde lhe deu imediatamente os braceletes de ouro que levava, e, mais tarde, obteve que fôsse nomeado arcebispo de Bremen. O corpo do rei Henrique foi levado para Quedlimburgo, perto de Halberstat, onde ela havia decidido fundar com êle um mosteiro para moças, o que executou incontinenti. Eram tôdas



As Obras de Misericórdia. Cobertura da pia batismal de Hildesheim, trabalho em bronze do século XIII.

pessoas nobres e Santa Matilde se retirou com elas para lá terminar os seus dias.

De Henrique tivera três filhos: Otão, Henrique e Bruno. Tinha especial predileção pelo segundo, o que constituiu a fonte de grandes males, porque, após a morte de seu espôso, desejava que êle fôsse reconhecido como rei. E havia um pretexto para preferi-lo a Otão. É que êste nascera antes de o pai se tornar rei. Otão, já designado pelo pai, venceu, de acôrdo com o sufrágio dos francos e dos saxônios. Mas Henrique, que foi duque da Baviera, sempre alimentou pretensões, e várias vêzes se revoltou. O terceiro, Bruno, dedicou-se aos estudos e aos serviços da Igreja e tornou-se grande santo.

Entretanto, retirada no mosteiro de Quedlimburgo, Matilde observava rigorosa disciplina e, conservando maravilhosa dignidade nas ações e nas palavras, não deixava de possuir modéstia e pudor que a teriam feito passar por virgem, se os filhos não fôssem conhecidos. À noite, além do ofício a que assistia, rezava durante muito tempo, antes e depois. Jamais se aproximou do altar com as mãos vazias, seja enquanto o rei era vivo, seja depois de morto. Todos os dias apresentava ao padre sua oferenda de pão e de vinho para a salvação de tôda a Igreja. Mas, desde que enviuvou, não cessou de fazer oferecer o santo sacrifício pelos pecados do rei, seu espôso, no que superou tôdas as mulheres de seu tempo. Observou tôda a vida o oitavo dia da morte do príncipe, o trigésimo e o aniversário.

Pelo ano de 946, suportou rude perseguição da parte dos príncipes seus filhos. Como fazia muitas esmolas, contaram a êles que ela gastava somas imensas das rendas do Estado. Otão chegou a enviar

espiões para prenderem aquêles a quem sua mãe enviava esmolas, tirar-lhas e maltratá-los. Queriam que abandonasse as terras que havia recebido como dote e que tomasse o hábito religioso. Para aumentar-lhe o desgôsto, o príncipe Henrique, seu filho predileto, concordou com Otão, nesse particular. Como visse aumentar diàriamente os maus tratos, deixou tudo quanto o rei Henrique lhe dera e retirou-se para a Angria, que fazia parte da Westfália atual. Mas, algum tempo depois, o rei Otão, mal sucedido nas guerras, e atendendo às exortações da rainha Edite, sua espôsa, dos bispos e dos senhores, chamou a rainha sua mãe, pediu-lhe perdão, pùblicamente, e devolveu-lhes as terras que lhe havia tirado. O príncipe Henrique, imitando o exemplo do irmão, reconciliou-se com ela, e amou-a tanto como antes.

A santa rainha Matilde, restabelecida em sua autoridade primitiva, aplicou-se mais ainda do que antes a dar esmolas e a fazer boas obras. E, com o socorro do rei, seu filho, fundou várias igrejas e cinco mosteiros, entre outros o de Polden, no ducado de Brunswick, onde reuniu três mil monges. O rei Otão confirmou tais doações pelas cartas do ano de 955.

No mesmo ano, deu-se a morte de Henrique, então duque da Baviera. A rainha Matilde ficou profundamente abatida. Renunciou aos poucos ornamentos que guardara durante a viuvez e não mais se apresentou senão em vestes de luto. Não quis mais ouvir nenhuma canção profana, nem assistia nenhuma diversão. Não ouvia senão cânticos extraídos da Escritura santa ou das vidas dos santos. Dava refeições aos pobres duas vêzes por dia e distribuía-lhes alimentos mesmo durante as refeições.

Quando viajava, levava consigo círios que distribuía pelas igrejas e alimentos aos pobres. E havia recomendado a uma religiosa que a servia, Richeburge, não deixar passar nenhum pobre sem receber esmola. Em tôdas as cidades em que passava o inverno, fazia acender uma grande fogueira para os pobres, que durava tôda a noite. Aos sábados redobrava a caridade, porque era o dia da morte do rei, seu espôso. De manhã mandava preparar um banho para os pobres e viandantes. Algumas vêzes ela mesma os servia. Depois, levava-os para um aposento onde lhes dava alimento ou roupas, de acôrdc com a necessidade. Não deixava passar um só dia sem praticar obras de caridade pessoalmente.

Em 967, em Northause, onde fundara um mosteiro de três mil religiosas, teve o último encontro com os filhos e os netos. O imperador Otão lá se encontrava com sua irmã Gerberge, rainha de França. Passaram juntos sete dias. Santa Matilde recomendou-lhes, sobretudo ao imperador, seu filho, o novo mosteiro que havia fundado para a salvação de tôda a família. Lembrou ao filho que nesse lugar Henrique, seu irmão, nascera, bem como sua irmã Gerberge. Só o nome dêsse mosteiro devia, portanto, lembrar-lhe a memória afetuosa de um pai, de uma mãe, de um irmão e de uma irmã. No dia em que o imperador devia partir, após terem assistido juntos à santa missa, ela renovou as lembranças com uma ternura mais profunda do que antes e anunciou-lhe que a estava vendo pela última vez. Despediram-se e abraçaram-se chorando. Os presentes também choravam. O imperador montou a cavalo e ela, entrando na igreja, aproximou-se do lugar onde havia assistido à missa, ajoelhou-se e beijou, cho-

rando, os rastros do filho que partia. O imperador foi avisado. Saltando do cavalo, atirou-se-lhe aos pés, dizendo: "Ó venerável senhora, por que serviço poderíamos pagar essas lágrimas?" Após curta pausa, a piedosa senhora disse: "De que nos serve ficar mais tempo juntos? Queiramos ou não, temos de nos separar. E, vendo-te, não diminuirá minha dor. Ao contrário. Vai na paz de Cristo. Não verás mais êste rosto em corpo mortal, assim ao menos penso."

Com efeito, voltando a Quedlimburgo, caiu doente. E, vendo que a morte estava próxima, mandou chamar Richeburga, então abadessa de Northause, para que a assistisse até o fim. Distribuiu aos bispos e aos sacerdotes o que lhe restava de bens e que não terminara de distribuir aos pobres e aos mosteiros. Uma multidão de pessoas veio visitá-la durante a doença, entre outras, seu neto Guilherme, arcebispo de Maiença. Ela o recebeu com grande alegria e lhe disse: "Não duvido de que Deus te envia aqui, porque ninguém me é mais íntimo nem mais agradável com relação ao que se trata de fazer, sobretudo desde que perdi a esperança de ver meu querido Bruno viver além de mim, para ver meus últimos momentos e confiar meu corpo à terra. Agora, pois, escuta inicialmente minha confissão e dá-me a absolvição pelo poder que recebeste de Deus e de São Pedro. Depois, entra na igreja, canta a missa por meus pecados e minhas negligências, pela alma de meu senhor o rei Henrique e por todos os fiéis cristãos, vivos e defuntos".

Após o arcebispo, seu neto, ter rezado a missa, veio encontrá-la novamente, e deu-lhe segunda absolvição; em seguida óleo santo e o viático. Ficou ainda

três dias perto dela. Mas, vendo que não estava tão próxima do fim, pediu-lhe permissão para retornar. A rainha pediu à abadessa Richeburge que desse o que ainda restasse ao bispo. "Amada de Deus, respondeu a abadessa, que pode restar ainda, se destes tudo aos pobres?" — "Então, respondeu a rainha, traze-me os panos mortuários, reservados para minha sepultura, para que eu os dê a meu neto, como penhor do meu amor. Terá mais necessidade dêles do que eu, por causa da difícil viagem que vai empreender." O bispo recebeu de sua mão as roupas, com agradecimentos, deu-lhe a bênção e disse baixo aos presentes: "Vamos a Radelvroth. Deixo aqui um dos meus clérigos, para que, se a rainha morrer, venha avisar-me imediatamente; voltaremos para dar ao corpo a sepultura conveniente." A rainha levantou a cabeça e disse alto: "Não é necessário que êle fique aqui. Será melhor que parta contigo. Terás necessidade dêle na viagem. Vai na paz de Cristo; a sua vontade te chama." O bispo, ao chegar a Radelvroth, tomou uma poção medicinal, morrendo sùbitamente. Quando a notícia chegou a Quedlimburgo, não se sabia como anunciá-la à rainha, para não aumentar-lhe os sofrimentos. Mas a serva de Cristo, sorrindo entre lágrimas, disse: "Que estais cochichando? Por que esconder-me essa triste notícia? Sei que o bispo Guilherme já se foi dêste mundo e isso me acabrunha. Ide, fazei soarem os sinos, reuni os pobres e distribui-lhes esmolas, para que intercedam por sua alma".

A piedosa rainha viveu doze dias além da morte de Guilherme. Por fim, no sábado da primeira semana da quaresma, ao romper do dia, mandou chamar os sacerdotes e as religiosas. E como grande

multidão, tanto homens como mulheres, acorressem para vê-la, ordenou que deixassem entrar todos. Deu a todos conselhos salutares, principalmente a Matilde, abadessa de Quedlimburgo, filha do imperador, seu filho. Em seguida, mandou que os sacerdotes e as religiosas se aproximassem para ouvirem a confissão e pedirem a Deus, por ela, a remissão dos pecados. Ordenou que se celebrasse a missa e que lhe trouxessem o corpo de Nosso Senhor. Pelas nove horas, fêz com que a deitassem por terra, sôbre um cilício, colocou cinza sôbre a cabeça com as próprias mãos, dizendo: "Fica bem a um cristão morrer sôbre um cilício e cinza". Depois, fazendo sôbre o corpo o sinal da cruz, adormeceu tranqüilamente no Senhor, no mesmo dia, 14 de março de 968, em que a Igreja lhe honra a memória. Foi enterrada no mosteiro de Quedlimburgo, na igreja de São Serval, ao lado do túmulo de Henrique, seu espôso, onde ela havia decidido esperar pelo dia da ressurreição e do julgamento. Sua vida foi escrita por ordem do imperador Henrique, seu bisneto.



BEM-AVENTURADO PEDRO DE MONTICELLO (*)

Confessor

Pedro de Monticello, ou de Treja, de Marca de Ancona, foi educado por pais piedosíssimos. Pelos maravilhosos exemplos que dava ao mundo o doce São Francisco de Assis, entrou para a ordem do Seráfico Pai, e dêle recebeu o hábito.

Pedro não tardou a ser modêlo de perfeição, tal a sua aplicação à oração, ao recolhimento, à mortificação. Deus, então, favoreceu-o com delicadezas sem par.

Vejamos o que nos contam, com aquela sua linguagem peculiaríssima, os *Fioretti* — "canções de gesta dos cavaleiros *tabulae rotundae*".

* * *

No capítulo XLII, lemos, inicialmente:

"A província de Marca de Ancona foi, antigamente, do mesmo modo que o céu de estrêlas, adornada de santos e exemplares frades, os quais, como luminárias do céu, iluminaram e adornaram a Ordem de São Francisco e o mundo com exemplos e com doutrina.

"Entre outros, foi, em primeiro lugar, frei Lúcido, o antigo, o qual foi verdadeiramente luzente de santidade e ardente pela caridade divina, cuja maravilhosa língua, informada pelo Espírito Santo, fazia maravilhosos frutos de pregação".

Mais adiante:

"Outro foi frei Pedro de Monticello, o qual foi visto por frei Servodeo de Urbino (então seu guardião no antigo convento de Ancona) levantado da terra corporalmente cinco ou seis braças até os pés do Crucifixo, diante do qual estava em oração. Êste frei Pedro, jejuando uma vez na quaresma de São Miguel Arcanjo com grande devoção, e no último dia daquela quaresma estando na igreja em oração, foi ouvido por um frade jovem (o qual de propósito estava escondido sob o altar-mor para ver algum ato de sua santidade) a falar com São Miguel Arcanjo, e as palavras que êles diziam eram estas.

"Dizia São Miguel:

"Frei Pedro, tu te hás afatigado fielmente por mim e de muitos modos tens afligido o teu corpo: eis, vim consolar-te, para que peças a graça que quiseres e eu a impetre de Deus."

"Respondeu frei Pedro:

"— Santíssimo príncipe da milícia celestial e fidelíssimo zelador do amor divino e piedoso protetor das almas, peço-te a graça de impetrares a Deus o perdão dos meus pecados".

"Respondeu São Miguel:

"— Pede outra graça, que esta eu alcançarei fàcilmente para ti".

"E frei Pedro não pedindo mais nada, o arcanjo concluiu:

"— Eu, pela fé e devoção que tens em mim, obterei para ti esta graça e outras muitas".

"Acabada a conversação, a qual durou muito tempo, o arcanjo São Miguel partiu, deixando-o sumamente consolado. No tempo dêste frei Pedro santo existiu o santo frei Conrado da Offida, os quais estando juntos em família no convento de Forano, da custódia de Ancona, o dito frei Conrado foi, um dia, à selva para a contemplação de Deus, e frei Pedro, secretamente, seguiu atrás dêle, para ver o que advinha. E frei Conrado começou a estar em oração e rogar devotìssimamente à Virgem Maria com grande pranto que ela lhe obtivesse a graça do seu bendito Filho, para que êle sentisse aquela doçura que sentiu São Simeão no dia da Purificação, quando tomou aos braços Jesus salvador bendito. E feita esta oração, a misericordiosa Virgem Maria o atendeu, e eis que apareceu a Rainha do Céu com seu Filho bendito no braço com grandíssima claridade de luz. E, aproximando-se de frei Conrado, pôs-lhe no braço aquêle bendito Filho, o qual devotìssimamente recebendo e abraçando e beijando e cingindo ao peito, todo se derretia e consumia em amor divino e inexplicável consolação. E frei Pedro semelhantemente, o qual escondido via tudo, sentia na alma grandíssima doçura e consolação. E partindo a Virgem Maria de frei Conrado, frei Pedro às pressas voltou ao convento para não ser visto por êle. Mas depois, quando frei Conrado voltava todo alegre e jocundo, disse-lhe frei Pedro:

"— Ó célico, grande consolação tiveste hoje".

"Disse frei Conrado:

"— Que é que dizes, frei Pedro? Que sabes do que me aconteceu?"

"— Bem sei, bem sei, dizia frei Pedro, como a Virgem Maria com o seu bendito Filho te visitou".

"Então frei Conrado, o qual, com verdadeira humildade, desejava estar em segrêdo nas graças de Deus, pediu-lhe que não dissesse a ninguém. E foi tão grande o amor daquela hora em diante entre os dois, que pareciam ter em tôdas as coisas uma mesma alma e um mesmo coração. E o dito frei Conrado uma vez, no convento de Sirolo, com as suas orações, livrou uma mulher possessa, orando por ela tôda a noite e aparecendo à sua mãe, e pela manhã fugiu, para não ser encontrado e honrado pelo povo. Em louvor de Cristo. Amém".

No capítulo XLIV, que diz: "Como a frei Pedro apareceu a Mãe de Cristo e São João Evangelista, e lhe disseram qual dêles sofreu maior dor da paixão de Cristo", lê-se mais:

"No tempo em que moravam juntos na custódia de Ancona, no convento de Forano, os sobreditos frei Conrado e frei Pedro (os quais eram duas luzentes estrêlas na província da Marca e dois homens celestiais), entre os dois havia tanto amor e tanta caridade, que parecia terem ambos o mesmo coração e a mesma alma, e se ligaram por êste pacto, que qualquer consolação que a misericórdia de Deus lhes desse, deviam revelar um ao outro por caridade.

"Firmado entre ambos êste pacto, sucedeu que, um dia, estando frei Pedro em oração e pensando devotamente na paixão de Cristo, e como a Beatíssima Mãe de Cristo e São João, diletíssimo discípulo, e São Francisco estivessem pintados ao pé da cruz, pela dor mental crucificados com o Cristo, teve êle o desejo de saber qual dos três tinha sofrido dor maior com a paixão de Cristo: se a Mãe, que o havia

gerado, ou o discípulo, o qual havia dormido sôbre o peito, ou São Francisco, que com êle estava crucificado. E permanecendo neste devoto pensamento, apareceu-lhe a Virgem Maria com São João Evangelista e com São Francisco, vestidos de nobilíssimas vestes de glória bem-aventurada. Mas São Francisco parecia vestido de vestes mais belas do que São João. E estando frei Pedro todo espantado com esta visão, São João o confortou e disse-lhe:

"— Não temas, caríssimo irmão, pois vimos consolar-te e esclarecer a tua dúvida. Sabe, pois, que a Mãe de Cristo e eu sôbre tôdas as criaturas sofremos com a paixão de Cristo, mas depois de nós São Francisco teve dor maior do que outro qualquer. E por isso tu o vês com tanta glória".

"E frei Pedro perguntou-lhe:

"— Santíssimo Apóstolo de Cristo, por que a veste de São Francisco parece mais bela do que a tua?"

"Respondeu São João:

"— A razão é esta: porque, quando êle estava no mundo, trouxe vestes mais vis do que eu".

"E, ditas estas palavras, São João deu a frei Pedro uma veste gloriosa, a qual nas mãos trazia, e disse:

"— Toma esta veste, a qual trouxe para te dar".

"E querendo São João vesti-lo com aquela veste, frei Pedro, estupefato, caiu ao chão e começou a gritar:

"— Frei Conrado, frei Conrado caríssimo, socorre-me depressa! Vem ver coisas maravilhosas!"

"E com estas palavras, aquela santa visão desapareceu. Depois, vindo São Conrado, êle lhe contou

ordenadamente tôdas as coisas e agradeceram a Deus" (1).

* * *

O bem-aventurado Pedro de Monticello faleceu em fins do século XIII, no convento de Sirolo, na Marca. E o culto imemorial, que lhe rendeu a devoção das gentes devotas, foi confirmado, em 11 de setembro de 1795, por Pio VI.

* * *

No mesmo dia, em Roma, no campo Verano, São Leão, bispo e mártir (século IV).

Em Pydna, na Macedônia, Santo Alexandre, mártir. Sob o imperador Maximiano, proclamou a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo com uma coragem que nada poderia quebrantar. Decapitado, Deus conferiu-lhe ao corpo a virtude de curar as doenças mais variadas (ano 310).

Em Verona, Santo Inocente, bispo. Falecido em fins do século IV ou princípios do V, foi enterrado na igreja de Santo Estêvão, onde ainda se conservam suas relíquias descobertas no ano de 1542.

Na Escócia, São Bonifácio, bispo e confessor. Originário da Itália, foi pregar o Evangelho entre os pictos e os escoceses. Bispo de Ross, sua pregação obteve frutos surpreendentes. Faleceu em 630 e foi sepultado em Rosmark.

Em Lâmpsaco, Santo Eusquemon, bispo e confessor, quando do êrro iconoclasta no Oriente. Bispo,

---

(1) **I Fioretti, 3.ª ed.,** Ed. Vozes, 1950.

combateu aquêle êrro com imenso zêlo. Aprisionado, depois exilado pelo imperador Teófilo, no degrêdo sofreu e morreu.

Na diocese de Arras, o bem-aventurado João de Barastre, abade e confessor. Como penhor de sua veneração profunda por êste bem-aventurado, o rei da França, Luís IX, deu à abadia por êle governada, a do Monte de Santo Elói, um espinho da coroa de Nosso Senhor. Penetrado da mais viva fé, João Barastre derramava lágrimas abundantíssimas quando celebrava os santos mistérios. Grandemente emocionado, quando comungava, nada poderia descrever o estado em que jazia. A paixão do Salvador era o constante objeto de seus pensamentos e de suas meditações. Morto em 1275, depois de vinte e sete anos de govêrno abacial, deixou o mundo, bastante idoso.

No mesmo dia, em Roma, a festa de quarenta e sete bem-aventurados mártires, batizados pelo apóstolo São Pedro, durante os nove meses em que estêve prêso com São Paulo na prisão de Marmetim. Todos êsses confessores de Jesus Cristo permaneceram firmes na fé. Nero fê-los morrer a golpes de espada.

Na África, os santos Pedro e Afrodísio, que obtiveram a coroa do martírio na perseguição dos Vândalos.

Em Carras, na Mesopotâmia, Santo Eutíquio, patrício, e seus companheiros, massacrados por causa da fé, por Evelido, rei dos árabes.

Nos Abruzos interiores, dois santos solitários, que foram suspensos a uma árvore e estrangulados

pelos lombardos. Os próprios inimigos ouviram-nos cantar salmos depois da morte.

Durante a mesma perseguição, um diácono da igreja de Mársica teve a cabeça cortada por haver confessado a fé.

* * *

15.º DIA DE MARÇO

SÃO ZACARIAS

Papa

Um grande santo Papa acabava de morrer: Gregório III. Um grande santo Papa lhe sucedeu: Zacarias, ordenado em 3 de dezembro de 741, quatro dias após a morte do predecessor. Não se esperava mais pelo consentimento do imperador grego de Constantinopla nem do exarca de Ravena. Ocupou, e dignamente, a cátedra de São Pedro dez anos, três meses e treze dias. Era grego de nascimento, mas nascido na Magna Grécia, outrora Itália meridional. Cheio de doçura e bondade, estava tão longe de ser vingativo que chegou a cumular de bens e honras os que o haviam perseguido antes do pontificado. Amou o clero e o povo romano, a ponto de expor a própria vida, na agitação em que se encontrava a Itália, como conseqüência do desentendimento entre os duques de Benevento e de Espoleto com Liutprando, rei dos lombardos.

Zacarias enviou uma legação ao rei, e tantas foram suas exortações, que êste fêz a promessa de entregar as quatro cidades que tomara no ducado de Roma. Por outro lado, quando o rei estava em campanha contra Trasimundo, duque de Espoleto,

que os romanos haviam apoiado anteriormente, o Papa persuadiu os romanos a enviarem suas tropas em socorro do rei, contra o duque, que não tinha mantido nenhuma das promessas feitas, particularmente pela entrega das quatro cidades. Trasimundo, ao se ver abandonado, entregou-se ao rei, que lhe poupou a vida, mas o obrigou a entrar para o clero. Como o rei, por seu turno, demorasse em cumprir a promessa de entregar os quatro lugares, o santo Pontífice, verdadeiro pastor do povo, saiu de Roma com bispos e sacerdotes e foi corajosamente encontrar-se com o rei em Terni, a doze milhas de Espoleto. Liutprando, ao saber disso, enviou-lhe seus duques e príncipes, com a maior parte do exército e marchou-lhe ao encontro até oito milhas de Narni. No dia seguinte, que era uma sexta-feira, o Papa foi conduzido a Terni, diante da basílica de São Valentim, bispo e mártir, onde foi recebido pelo rei, à frente dos grandes e do exército. Fizeram juntos suas orações, saudaram-se afetuosamente e, ao sair da igreja, onde o santo Pontífice tratou de assuntos da salvação, o rei fêz-lhe escolta durante meia milha. No dia seguinte, que era sábado, o Papa, maravilhosamente, o exortou a cessar a guerra, poupar o sangue e procurar a paz. O rei, comovido com as piedosas admoestações e pleno de admiração pela coragem e linguagem do Pontífice, concordou em tudo. Entregou ao santo homem as quatro cidades com os habitantes, colocando-as a salvo, por um pacto de doação, na igreja de São Pedro. Entregou ainda a São Pedro, a título de doação, os patrimônios de Sabino, de Narni, de Ossimo, e Ancona e algumas outras cidades, a primeira das quais fôra arrebatada havia trinta anos. Ao mesmo bem-aventurado Pontífice entregou os

cativos das diferentes províncias, com os de Ravena, entre os quais havia quatro personagens condecorados com o título de cônsules. Por fim, selou a paz por vinte anos com o ducado de Roma.

Eis como o biógrafo do santo papa Zacarias conta essa negociação. Em tudo isso, não se faz nenhuma menção nem do imperador nem do império. O Papa e o rei tratam juntos do assunto, como dois soberanos. É ao Papa que o rei, por um ato de doação, entrega as quatro cidades de Améria, Horta, Polimárcio e Blera. Foi numa entrevista de três dias que o Papa, por piedosa e insinuante eloqüência, obteve do rei o que não teriam podido as fôrças de Roma, mesmo secundadas pelo império.

No domingo que se seguiu à conclusão do tratado, o Papa, a pedido do rei, ordenou um bispo na igreja de São Valentim. Êle acompanhou a cerimônia com tal piedade, que vários lombardos, presentes com o rei, se sentiram comovidos até às lágrimas. Após a missa, o Papa convidou o rei Liutprando para uma refeição. Êste comeu com tanto apetite e com tanto bom humor, que assegurou nunca ter comido tão bem. Na segunda-feira, o rei despediu-se do Papa, dando-lhe Agripando, duque de Clusi, seu sobrinho, e três outros senhores para acompanhá-lo até as cidades que deviam ser entregues, e para executarem a restituição. O santo Pontífice recebeu as quatro cidades, voltou a Roma vitorioso, reuniu o povo, deu graças a Deus, por uma procissão geral, que saiu de Nossa Senhora dos Mártires, isto é, da Rotunda e terminou em São Pedro.

Todavia a província de Ravena não fôra incluída no tratado de Liutprando com o Papa. O rei dos lombardos estava fazendo grandes preparativos para

dela tomar conta. O exarca Eutíquio, o arcebispo João, o povo de Ravena, da Pentápole, de Emília, imploraram por escrito a assistência do Papa, para afastar a tempestade. Zacarias, vivamente comovido, tentou, a princípio, desarmar Liutprando por seus emissários, os quais carregou de presentes e orações. Não tendo obtido êxito por êsse modo, resolveu ir êle mesmo ao encontro do rei em Pavia. Deixou o govêrno de Roma ao patrício Estêvão e correu, como bom pastor, a resgatar as ovelhas que estavam a perecer. Era pleno verão. Observou-se que de Roma a Ravena uma nuvem os protegia contra os ardores do sol durante o dia e que de Ravena a Pavia, essa nuvem parecia precedida de batalhões armados. O exarca foi encontrar-se com o Pontífice a dezessete léguas de Ravena, para onde o conduziu. Todo o povo de Ravena, homens, mulheres, crianças, lhe foi ao encontro e o recebeu entre lágrimas e ações de graças, gritando: "Bendito seja o pastor que deixou as ovelhas para nos vir salvar, a nós que estamos para perecer!"

De Ravena, o Papa enviou dois emissários a Liutprando, para anunciar-lhe sua próxima chegada. Mas o rei, disposto a não concordar com nada, recusou-se a dar-lhes audiência. A arbitrariedade, da qual foi informado à noite, não o desanimou. Desprezando o perigo e confiando em Cristo, saiu corajosamente de Ravena, entrou nas terras dos lombardos e chegou ao Pó no dia 28 de junho. O rei enviou-lhe seus grandes, para o receberem e conduzirem a Pavia. Mas como era a véspera de São Pedro, o Papa foi à igreja dêsse santo, que ficava fora da cidade e lá celebrou a oração da nona, com a santa missa. No dia seguinte, celebrou missa solene, a

pedido do rei. Saudaram-se, comeram juntos e voltaram à cidade. No outro dia, convidado pelo rei a ir ao palácio, onde foi recebido com as maiores honras, o santo homem pediu-lhe que não enviasse as tropas para a província de Ravena, mas, ao contrário, lhe entregasse as cidades que havia tomado, principalmente Cesena. O rei resistiu longo tempo. Por fim, concordou em entregar a Ravena todos os territórios que tinha antes, e os dois terços do território de Cesena, guardando para sua segurança, o outro têrço e a cidade até 1.º de julho do ano seguinte, a fim de que seus embaixadores tivessem tempo de tornar a Constantinopla. À partida do Papa, o rei o acompanhou até o Pó e deixou-o com vários senhores, que tinham recebido ordens de levá-lo a Ravena e fazer sair a guarnição lombarda dos lugares que restituíra. De volta a Roma, o Papa celebrou ainda uma vez a festa de São Pedro e São Paulo, aparentemente o dia da oitava.

Em tôdas essas circunstâncias, vemos os povos da Itália, com os magistrados, sejam imperadores ou não, recorrerem ao Pontífice romano, como à única salvação. E êsse Pontífice correspondeu-lhes à confiança. Só e sem armas, desarmou pela palavra os príncipes e reis. Certamente se é uma maneira de se tornar soberano de um país, é maneira legítima. Ao menos, assim julgam o bom senso e a gratidão dos povos salvos.

Benfeitor da Itália, o papa São Zacarias o foi igualmente da Alemanha, onde continuou a pregar a fé, e da França, onde começou a restabelecer a disciplina, que sofrera muito com a invasão dos muçulmanos e com as guerras internas. Carlos Martelo acabara de morrer. Mas os dois filhos, Carlomano e

Pepino, o substituíram dignamente. Bravos ambos, sua união constante era admirável, dado que tinham Estados a dividir e eram irmãos. Carlomano, a quem coube o reino da Austrásia, demonstrou sobretudo grande zêlo pela propagação da fé e pelo restabelecimento da disciplina eclesiástica. Desde o comêço de seu govêrno, chamou para junto de si São Bonifácio, que trabalhava na Alemanha com a autoridade do vigário da Santa Sé e pediu-lhe que reunisse um concílio nos Estados para corrigir os abusos introduzidos nas igrejas dos gauleses, há mais de sessenta anos.

São Bonifácio escreveu ao papa Zacarias uma carta na qual toma na inscrição, a qualidade de servidor dos servidores de Deus. Após haver-lhe testemunhado a alegria que sentia da sua exaltação e assegurar-lhe que não lhe seria menos submisso do que fôra aos predecessores, lhe suplicou confirmasse, pela autoridade apostólica, a instituição de três bispados, que fizera na Alemanha. O primeiro em Wurtzburgo, o segundo em Buraburgo, o terceiro em Erfurt, capital da Turíngia. Ordenara bispo de Wurtzburgo, Burcardo; de Buraburgo Vita; de Erfurt Adelário. Hoje, de Buraburgo, restam apenas ruínas.

O papa Zacarias respondeu a Bonifácio. Reconheceu a instituição dos três novos bispados e permitiu-lhe a reunião do concílio, como Carlomano lhe solicitava, para o restabelecimento das regras e da disciplina que estão conforme o Papa, inteiramente abolidas nessas províncias, pela deplorável negligência que se tem de há muito tempo de não reunir concílios. "É por isso, acrescenta, concordamos prazenteiramente com êste, e até o ordenamos. Porque

já não se sabe mais o que é sacerdócio, nem o que são os que se dizem dêle revestidos". Exortou Bonifácio a depor os bispos, sacerdotes e diáconos que encontrasse culpáveis de qualquer excesso contra os cânones. Recusou-lhe a permissão de ordenar seu sucessor, enquanto vivo. Mas concedeu-lhe como graça especial o poder de designá-lo, quando se encontrasse à morte, para que êste fôsse consagrado em Roma. Zacarias escreveu, ao mesmo tempo, uma carta aos três novos bispos da Alemanha para confirmar-lhes a nomeação dos bispados. Escreveu também ao príncipe Carlomano, para exortá-lo a executar o projeto que tinha, com respeito ao restabelecimento da disciplina.

Carlomano reuniu um concílio no mesmo ano de 742, e outro no ano seguinte. Bonifácio enviou ao papa um relatório de tudo quanto acontecera. O Papa, satisfeito com os felizes começos de reforma, escreveu uma carta, dirigida a todos os bispos, sacerdotes e diáconos, abades, duques, condes, do território gaulês e de outras províncias sob o domínio francês. Felicitou-os pelas felizes disposições que demonstraram pela reforma do clero. "Até agora, disse, tivestes entre vós, para punição de vossos pecados, falsos e maus sacerdotes. E é de surpreender que as nações pagãs tenham prevalecido contra vós, pois não havia nenhuma diferença entre os leigos e os ministros do Senhor. Não lhes é permitido ir à guerra. Pois que vitória poderiam esperar, quando os sacerdotes, com as mesmas mãos sacrílegas com que celebram a missa e distribuem o corpo do Senhor, derramam o sangue dos cristãos, aos quais deveriam administrar o pão celeste, ou o sangue dos pagãos a quem deveriam anunciar a Cristo? Ao contrário, se

o clero de vosso reino se torna recomendável pela regularidade e pela castidade, como prescrevem os cânones, e que nosso irmão Bonifácio vos prega, de nossa parte, nenhuma nação poderá dominar-vos." O Papa, ao terminar a carta, recomenda aos francos reunirem anualmente um concílio para coibir os abusos e os erros que poderiam desonrar a santidade da Igreja ou minar-lhe a unidade.

As vitórias de Pepino, irmão de Carlomano, não o fizeram negligenciar os assuntos referentes à religião. Reuniu no ano de 744, no dia 2 de março, um concílio, em Soissons, onde estiveram presentes vinte e três bispos, que tinham São Bonifácio à frente. Além disso, para nomear bispos, Pepino pediu autorização do Papa e escreveu-lhe a respeito dêsse concílio. É o que nos informa uma carta de Lôbo de Ferrières, escrevendo no século seguinte a Amolon, arcebispo de Lião. "O rei, diz, ordenou-me vos fizesse observar, o que não é nenhuma novidade, desde que nomeia pessoas do palácio, sobretudo para preencherem um lugar, porque Pepino, de quem nosso rei descende por Carlos Magno, tendo exposto as necessidades dêste reino ao Papa em um concílio presidido pelo santo mártir Bonifácio, o Pontífice consentiu que se aplicassem remédios a êsses males, nomeando, após a morte, bispos, para lhe ocuparem os lugares, os que julgasse mais dignos".

Além da França e da Alemanha, o papa São Zacarias e seu legado São Bonifácio trabalharam ainda no sentido de trazerem para o bem o clero, os reis e os povos da Inglaterra. Vê-se tal esfôrço por um concílio nacional realizado em 747, no qual o arcebispo de Cantuária apresentou duas cartas do papa Zacarias, que foram lidas e explicadas em língua

vulgar. Continham conselhos salutares a todos os habitantes da Grã-Bretanha, para que levassem uma vida mais regrada, com ameaças de anátemas contra os que os desprezassem.

No mesmo ano de 747, os povos cristãos viram um exemplo de piedade que se tornou célebre: Carlomano deixou o mundo, fêz uma peregrinação a Roma, ofereceu-se a São Pedro e tomou o hábito monástico da mão do santo papa Zacarias.

Pela mesma época, seu irmão Pepino, com o consentimento dos bispos, abades e senhores, enviou a Roma o sacerdote Ardobano, para consultar o papa Zacarias sôbre diversos pontos de disciplina, que se referiam a três assuntos principais: a ordem episcopal, a penitência dos homicidas e as uniões ilícitas.

O papa respondeu a essa consulta com uma carta, na qual se dirigia "Ao excelentíssimo e cristianíssimo senhor Pepino, mordomo-mor do rei, aos amadíssimos irmãos, a todos os bispos, abades e senhores do país dos francos." Tenho grande alegria em Nosso Senhor, dizia, em saber, por intermédio de nosso amadíssimo filho Pepino, o bom procedimento de todos vós e as santas disposições com as quais trabalhais de acôrdo, para manter, como convém, as igrejas de vossas províncias, e para manter o procedimento regular dos bispos, sacerdotes e de abades". O Papa exortava, em seguida, os clerigos e os monges a não combaterem contra os inimigos da pátria, a não ser por orações, a exemplo de Moisés, e a deixarem aos príncipes seculares e aos demais leigos o cuidado da guerra. Após o que acrescentava: "Como nosso queridíssimo filho Pepino nos pediu, a vosso conselho, respostas para as questões que nos foram propostas, salientamos ao pé de cada artigo o que recebemos da

tradição dos Padres, o que os cânones estatuem e o que nós mesmos, inspirados por Deus, pudemos discernir pela autoridade apostólica". Seguem-se vinte e sete artigos, nos quais o Papa de modo geral se detém em lembrar os velhos cânones.

O Papa Zacarias foi certa vez consultado por São Bonifácio a respeito de um sem-número de dificuldades que encontrava na missão e legação da Alemanha. Recebeu também queixas contra dois sacerdotes, Virgílio e Sidônio. Com relação a êste último assunto, o Papa acentuou que já havia escrito a êles cartas ameaçadoras e que mandara o duque Odilon da Baviera enviá-los a Roma, caso fôsse necessário. "Quanto à perversa doutrina de Virgílio, que falou contra Deus, contra sua alma, se está disposto em um concílio a ensinar que há outro mundo e outros homens sob a terra, outro sol e outra luz, expulsai-o da Igreja e privai-o do sacerdócio". Tais são as palavras do papa Zacarias, as únicas que sabemos dessa acusação. Apoiado em vagos indícios, um autor protestante, copiado por seus confrades, forjou tôda uma história, dizendo que Bonifácio, arcebispo de Maiença e legado do papa Zacarias, no oitavo século, declarou herético um bispo dêsse tempo, chamado Virgílio ou Vigílio, por ter ousado sustentar que existem antípodas. Ora, as palavras do papa Zacarias, as únicas que nos dão conta do fato, não falam de um bispo, mas de um sacerdote. Bonifácio não o declarou herege. Acusou-o sòmente de ensinar uma doutrina errônea. Essa doutrina, tal qual o Papa compreendia, não consistia absolutamente em dizer apenas que existem antípodas, mas que em outro mundo existem homens, isto é, homens de espécie diferente da nossa, e que não são como nós,

filhos de Adão; outro sol e outra lua diferentes dos que nos iluminam. Tal paradoxo é, certamente, contrário à Escritura santa. Que tal tenha sido a opinião de Virgílio, ninguém prova. Vê-se, apenas, que era acusado dela, provàvelmente por causa de boatos vagos, dado que o Papa ordenou o examinassem em um concílio. Ignora-se igualmente quais foram as conseqüências, nem mesmo se as houve. Se êsse sacerdote Virgílio é o santo bispo de Saltzburgo, que tem o mesmo nome, como ordinàriamente se crê, deve-se julgar que se tenha defendido das acusações às quais São Bonifácio talvez tenha dado fé, com muita facilidade. Quanto a Sidônio, que é provàvelmente o que se tornou, em seguida, bispo de Constância, justificou sobejamente, pelo mau comportamento, as repreensões que São Bonifácio lhe dirigiu.

Pelo ano de 750, São Bonifácio enviou ao santo papa Zacarias um santo sacerdote, com uma carta na qual dizia: "Rogo a Vossa Santidade e a vossa piedade paternal receber com bondade o portador desta carta, chamado Lul, que é sacerdote do meu clero. Tem assuntos secretos a comunicar-vos de minha parte, tanto de viva voz, como por escrito."

Entre essas coisas secretas sôbre as quais São Lul estava autorizado por São Bonifácio a consultar o santo papa Zacarias de viva voz, e sôbre as quais, o Papa deu, também de viva voz, sua resposta, afirma-se, sem fundamento algum, que era questão de ratificar uma revolução política que se preparava havia muitos anos entre os francos, ou seja, uma mudança de dinastia. Na origem, a coroa dos francos era mais eletiva do que hereditária. Childerico, pai de Clóvis, tornando-se odiado por causa dos desre-

gramentos, foi, pelos francos, expulso do trono e do reino, tendo sido escolhido por unanimidade, para rei, o romano Egídio, o qual reinou sòzinho oito anos. Sabendo, então, que Childerico se tornara mais sensato, pediram-lhe voltasse da Turíngia, onde se encontrava refugiado, e o recolocaram na realeza. Êle e Egídio reinaram juntos. O fato, atestado por São Gregório de Tours, nos mostra que, na origem, os francos podiam escolher os reis não sòmente de uma outra família, como também de outra nação. A partir de Clóvis, que tivera a precaução de fazer perecerem todos os outros parentes, eram escolhidos entre seus descendentes. Como tivessem êstes degenerado e nada fizessem, não poderiam os francos fazer pela segunda vez o que já haviam feito, isto é, escolher um rei de outra família, ou mesmo de outra nação? Sobretudo um rei que já fôsse monarca, ao qual faltasse apenas o nome? É de se acreditar que São Bonifácio consultou confidencialmente o papa São Zacarias a êsse respeito, antes que o assunto lhe fôsse proposto oficialmente.

"No ano de 751, Burcardo, bispo de Wurtzburgo, e o sacerdote Fulrado, capelão, foram enviados a Roma, ao papa Zacarias, para consultarem o Pontífice sôbre os reis existentes fora de França e que não tinham senão o nome de reis, sem nenhum poder real. Respondeu que deveria ser rei aquêle que tivesse o poder soberano. E, dando autorização, ordenou que Pepino fôsse feito rei. No ano seguinte, segundo a sanção do Pontífice romano, Pepino foi denominado rei dos francos, consagrado pela mão do santo mártir, arcebispo Bonifácio, e, segundo o costume dos francos, elevado ao trono na cidade de Soissons. Quanto a Hilderico, que tinha o vão título de rei, teve os.

cabelos cortados e foi entregue a um mosteiro". Eis em que têrmos Eginhard, condiscípulo, depois secretário do filho de Pepino, Carlos Magno, conta o fato nos anais dos francos. Um autor contemporâneo, o continuador de Fredegário, relata-o da seguinte forma: "Então, a conselho e com o consentimento de todos os francos, e com a autorização da Sé apostólica, o ilustre Pepino, por eleição de tôda a França, consagração dos bispos e submissão dos príncipes, foi elevado à realeza, com a rainha Bertrada, segundo os antigos costumes". Os demais anais e crônicas relatam a mesma coisa que êstes dois escritores. E, freqüentemente, nos mesmos têrmos. Os anais de Xante, cidade sôbre o Reno, abaixo de Colônia, dizem mais abreviadamente: "Pepino, eleito rei segundo o costume dos francos, foi sagrado por São Bonifácio, bispo de Maiença."

Mas, que pensar da atitude dos francos e da decisão do papa Zacarias? Citaremos a opinião de três homens competentes. Eis como Bossuet resume o fato: "Em uma palavra, o Pontífice foi consultado, em questão importante, se era permitido dar o título de rei àquele que já tivesse o poder real. Respondeu que era permitido. A resposta, partindo da autoridade mais alta que existe no mundo, é encarada como decisão justa e legítima. Em virtude dessa autoridade a nação mesma tira o reino a Childerico e o entrega a Pepino. Não se pediu ao Pontífice que apontasse a pessoa que deveria ocupar o trono, mas sim que declarasse se o reino devia ser tirado ou dado por aquêles que julgava com o direito para tanto".

Fénelon se explica no mesmo sentido. Reconhece formalmente que o poder temporal vem da

nação. Supõe que a nação tem o direito de eleger e de depor os reis; porque, observa êle, na Idade Média os bispos eram os primeiros senhores, os chefes de cada nação para eleger e depor os soberanos. Reconhece que, para agir com consciência tranqüila, as nações cristãs consultavam nesse caso o chefe da Igreja e que o papa era encarregado de resolver êsse caso de consciência, pela simples razão de que êle é doutor e pastor supremo. O Papa Zacarias, diz êle, respondeu sòmente à consulta dos francos, como principal doutor e pastor, incumbido de resolver os casos particulares de consciência, para colocar as almas em segurança". "Assim, a Igreja não destituía, nem instituía os príncipes leigos. Respondia sòmente às nações que a consultavam a respeito do que toca a consciência, com relação ao contrato e ao juramento. Não se trata de um poder jurídico e civil, mas tão apenas diretivo e ordenativo, tal como o aprova Gerson".

Depois de Fénelon e de Bossuet, escutemos Chateaubriand. "Tratar de usurpação o acontecimento de Pepino com relação à coroa é uma dessas mentiras históricas que se tornam verdades, à fôrça de repetidas. Não há absolutamente usurpação onde a monarquia é eletiva, já se acentuou. É a hereditariedade, nesse caso, que constitui usurpação. Pepino foi eleito por vontade e consentimento de todos os francos. São palavras do primeiro continuador de Fredegário: "O papa Zacarias, consultado por Pepino, teve razão em responder: parece-me bom e útil que seja rei aquêle que, sem ter o nome, tem o poder, de preferência àquele que, tendo o nome de rei, não reteve a autoridade". Eis como Chateaubriand se exprime, a exemplo de Bossuet e Fénelon.

Certamente, quando três homens dessa espécie e três franceses concordam num ponto dessa natureza, pode-se tomá-los como esteio. Seria muito feio para os franceses do século dezoito ou do século dezenove censurar os francos do século oitavo ou nono.

O santo papa Zacarias morreu no dia 15 de março de 752, após ter ocupado a sé apostólica dez anos, três meses e treze dias. O próprio Fótio lhe louvou a santidade.

* * *

SÃO LONGINO (*)

Soldado

Há autores que supõem que o centurião, do qual fala São Mateus, e o soldado que perfurou com a lança o lado de Nosso Senhor, quando na cruz, seja uma só e mesma personagem: São Longino.

Diz São Mateus (27, 51-54):

"Eis que o véu do templo se rasgou em duas partes de alto a baixo, a terra tremeu, as rochas fenderam-se e abriram-se as sepulturas, e muitos corpos de santos que haviam adormecido no Senhor ressuscitaram. E saindo das sepulturas depois da ressurreição de Jesus, foram à cidade santa, e apareceram a muitos. O centurião e os que com êle estavam de guarda a Jesus, vendo o terremoto e as coisas que aconteceram, tiveram grande mêdo e diziam: "— Na verdade êste era o Filho de Deus".

E São João (19, 31-34):

"Ora, os judeus, visto que era a Parasceve (1), para que não ficassem os corpos na cruz no sábado,

---

(1) Parasceve — sexta-feira, entre os judeus, dia em que êles se preparavam para celebrar o sábado. Na liturgia católica, sexta-feira santa. Os fariseus assassinos tinham escrúpulo em deixar suspensos, em dia de festa, os corpos dos condenados, pois a Lei do Deuteronômio determinava fôssem desligados e sepultados

porque aquêle dia de sábado era de grande solenidade, rogaram a Pilatos que lhes fôssem quebradas as pernas, e fôssem tirados. Foram, pois, os soldados, e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro com quem êle fôra crucificado. Mas quando chegaram a Jesus, tendo visto que êle já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Mas um dos soldados traspassou-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água".

E São Marcos (15, 39):

"Mas Jesus, dando um grande brado, expirou. O véu do templo rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. O centurião, que estava defronte, vendo que Jesus expirava dando êste brado, disse:

"— Verdadeiramente êste homem era Filho de Deus".

São Lucas diz (23, 47):

"O centurião, vendo o que tinha acontecido, glorificou a Deus, dizendo:

"— Na verdade êste homem era justo".

O mais admitido, porém, é que o centurião e o soldado são figuras distintas. O *centurion* de São Mateus distingue-se perfeitamente do *unus militum* de São João. Ora, o nome de Longino não figura no

---

antes do anoitecer: «O povo da cidade o apedrejará, e êle morrerá, para que tireis o mal do meio de vós, e todo o Israel, ouvido isto, tema. Quando um homem tiver cometido um crime, que deve ser punido com a morte, e, condenado a morte, fôr pendurado no patíbulo, o seu cadáver não ficará no lenho, mas será sepultado no mesmo dia, porque é maldito de Deus aquêle que está pendente do lenho, e tu, de nenhuma sorte, contaminarás a terra que o Senhor teu Deus te der por herança» (Deut. 21, 22-23).

texto evangélico, e, ademais, desde muito tempo, diz-se que depois de ter reconhecido e proclamado Jesus Cristo como Filho de Deus, o centurião permaneceu firme na fé, tendo mesmo vertido seu sangue para sustentá-la.

Aqui, um fato se opõe a esta tradição: o centurião Cornélio, batizado por São Pedro, dois anos mais ou menos depois da descida do Espírito Santo, é olhado como o primeiro convertido entre o gentio.

Do soldado que traspassou o lado de Jesus na cruz, diz-se que, ao fazê-lo, tornou-se cego, mas que uma gôta de sangue de Cristo, caindo-lhe nos olhos, curou-o. Tal milagre, tocou-o fundamente e, pois, reconheceu a divindade do Nazareno.

Adon, no seu martirológio, diz:

"Batizado pelos apóstolos, Longino brilhou pela santidade na Capadócia, foi aprisionado pelo prefeito Otávio, confessou a fé em Jesus Cristo, teve a língua cortada, os dentes arrancados, a cabeça cortada".

Numa das obras de São Gregório de Nysse vê-se que o povo da Capadócia havia feito de Longino um dos seus primeiros bispos, o qual teria sido martirizado juntamente com um escrivão chamado Afrodísio, que, sob o mesmo prefeito, também teve a língua cortada. Conta-se, então, que Afrodísio, sem aquêle órgão, em alta voz, proclamou com clareza, a divindade de Jesus Cristo.

Nos resumos que se dão dos santos do martirológio romano, lê-se simplesmente, sôbre São Longino:

"Em Cesaréia da Capadócia, o martírio de São Longino, soldado, que abriu, diz-se, com um golpe de lança o lado do Senhor (século I)".

* * *

SANTA MATRONA (*)

Virgem e Mártir

Plautila, nobre judia que vivia na Tessalônica, obrigava a todos os que lhe estavam debaixo da autoridade a professar a religião que abraçara. Matrona era uma fiel servidora do Senhor, que adorava Jesus Cristo como o Deus verdadeiro, e todos os dias acompanhava a senhora à sinagoga. Ora, quando Plautila entrava, Matrona, aproveitando-se da aglomeração, tornava, ganhava a saída e corria à igreja católica, onde, sossegadamente, dava-se às suas devoções, voltando à sinagoga no momento em que a patroa devia deixar o templo.

Um dia, foi denunciada. E Plautila, encolerizadíssima, ordenou aos seus domésticos que a empolgassem, deitassem sôbre um banco e a vergastassem.

Matrona disse:

— Senhora, eu sou cristã. Sempre obedeci tuas ordens, salvo no que diz respeito à fé. No que faltei, para que tu mandes que me açoitem? Se tu tens poder sôbre meu corpo, sôbre minha alma não o tens, porque sòmente a Deus pertence. Não temo qualquer tormento. Jesus Cristo, meu Salvador e meu Mestre, virá em meu auxílio.

Açoitada, Matrona foi trancafiada num quarto, e ali ficou prêsa por três dias.

Quando foram vê-la, julgando-a já morta, todos ficaram surpreendidos. Onde os sinais das chibatadas? Não os havia. E Matrona, radiante, a cantar louvores a Deus, foi novamente supliciada, desta vez com mais crueldade. Prêsa, sucedeu a mesma coisa. Então, sob golpes de porretes, era em 304, entregou a alma a Deus, dizendo em meio ao suplício, antes de expirar:

— Senhor Jesus, Salvador imaculado, pelo qual suporto todos êstes tormentos, em tuas mãos entrego minha alma. Digna-te receber-me na sociedade de teus mártires.

* * *

SÃO PROBO (*)

Bispo e Confessor

De Probo, décimo-segundo bispo de Rieti, temos alguns detalhes deixados por Gregório, o Grande, nos seus *Diálogos*.

Gravemente enfêrmo, o pai e os médicos não lhe saíam da cabeceira. Quando um dos criados veio avisar que estava já posta a mesa, para a refeição, todos se retiraram, mas deixaram um menino ao pé do leito para atender o doente, enquanto estivessem ausentes do quarto.

De repente, o menino viu que se achegavam da cama dois desconhecidos, vestidos de branco, e pôs-se a gritar.

— Não tenhas mêdo, disse-lhe Probo, êstes são os mártires Juvenal e Eleutério que vieram a mim.

O menino, sempre a gritar, deixou o pôsto, a correr, e foi transmitir ao pai do doente e aos médicos o que havia visto. E todos, apressadamente, dirigiram-se ao quarto. Quando lá chegaram, Probo já havia morrido: os dois mensageiros do céu haviam levado a alma do santo bispo.

Era em 570, e Probo imediatamente foi venerado como santo.

Honório III dedicou-lhe a igreja catedral de Rieti sob a invocação da Assunção.

* * *

BEM-AVENTURADA LUÍSA DE MARILLAC (*)

Viúva

Luísa nasceu em Paris no dia 15 de agôsto de 1591. Era filha de Luís de Marillac, senhor de Ferriers, conselheiro, então, do Parlamento, e de Margarida Le Camus, sua segunda espôsa.

Pouco depois do nascimento, a pequenina Luísa perdeu a mãe. E o pai, tendo contraído terceiras núpcias, confiou-a aos cuidados das dominicanas de Poissy.

Ali, Luísa aprendeu a conhecer as verdades cristãs, e, em 1604, quando o pai faleceu, deixando-a sòzinha no mundo, resolveu, depois de alguns anos, casar-se.

Luísa desposou Antônio Les Gras, homem honesto, de boa conduta, cheio de temor de Deus, irrepreensível. Era em fevereiro de 1613, e no fim dêste mesmo ano, nascia-lhe o primeiro e único filho — Miguel. Dava-se Luísa Les Gras, naquela época, caridosamente, aos pobres.

Foi em 1619 que teve a feliz oportunidade de se encontrar com São Francisco de Sales, que a guiou, com mão firme, pela prova por que passou: em 1622,

adoecia-lhe o espôso gravemente, e Luísa sentiu que aquilo era, dum certo modo, uma punição, uma vez que, quando solteira, tivera desejos de galgar a longa e pedregosa ladeira que a levaria à perfeição religiosa, e não o fizera.

Depois de um ano, sentiu-se mais descansada: a 4 de maio de 1623 tomou a firme resolução de não mais se casar, entregando-se, tôda inteira, ao serviço de Deus, se, como o andamento da doença de Antônio o indicava, viesse a perder o bom Les Gras.

Luísa passou, em 1624, a viver sob a direção de São Vicente de Paulo. Era ainda o santo preceptor na casa de Gondi, e a êle lhe abriu a alma.

Antônio Les Gras deixou o mundo no dia 21 de dezembro de 1625 nos braços da espôsa.

Luísa principiou por mudar-se de casa. Estabeleceu-se na rua de São Vítor, nas vizinhanças do colégio *Bons Enfants*, que a senhora de Gondi dera a São Vicente. Miguel, entrando para o seminário de São Nicolau do Chardonnet, ia deixar mais liberdade à mãe para que pudesse consagrar-se à obra que ia iniciar-se.

A senhora Les Gras preparou-se, ardorosamente. E São Vicente, ocupado com a fundação das "Caridades", sòmente numa primeira conferência com suas filhas é que pôde traçar o programa da missão que Deus havia confiado a Luísa: "aperfeiçoar-se sem cessar para sempre fazer mais e melhor, conseguindo, assim, a pouco e pouco, tornar-se mais perfeito e mais santo, para que se possa obrar bem ao redor de si mesmo".

E o tempo foi passando, e Luísa seguia à risca tudo o que o grande Santo lhe confiava.

Em princípios de 1634, redigiu ela um curto plano, uma espécie de horário, que veio a ser o fundamento da regra das irmãs de caridade.

Disse Vicente de Paulo, escrevendo sôbre o assunto: "Isto está bom, e tão bom que não quero acrescentar nada".

E sob a palavra do Santo, o comentário do regulamento era uma exortação para que se fizesse tudo sempre do melhor modo.

Na Capela de São Dionísio, Luísa de Marillac começou a aplicar as irmãs de caridade à instrução de meninas e ao ensinamento do catecismo. Na obra dos Meninos Encontrados, ao lado de São Vicente, foi operosa e incansável. E a senhora Les Gras sempre se ocupou dos "filhos" com uma maternal ternura, com ansiedade mesmo, levando Vicente de Paulo, duma feita, a lhe dizer:

— Por Deus, deixa teus filhos aos cuidados do Pai celeste, que os ama mais do que tu.

Aquela ansiedade, porém, vinha mostrar a maravilha interior duma alma que ardia, que levava vida intensíssima, embora o corpo, com a saúde que descambava, fôsse, a pouco e pouco, perdendo a vitalidade e o desembaraço dos primeiros tempos.

Nas notas que Luísa de Marillac deixou às filhas, encontra-se um amor imenso por Nosso Senhor, o desejo de a Êle se unir. E nos pobres, nos maltrapilhos alquebrados, de olhar triste e perdido, via o Cristo, o desejo supremo.

A obra que levou a efeito foi árdua. As jovens e as viúvas que formou, porém, estavam tôdas cheias da maior boa vontade. E a pequena Companhia expandiu-se. Por tôda a parte, as irmãs eram chamadas para exercer seu ministério.

A principal característica de sua obra foi a união de dois gêneros de vida: ação e contemplação. E o programa de Vicente de Paulo era seguido com precisão. Dissera êle: "As filhas da Caridade terão por convento um hospital, por cela um quarto de aluguel, por claustro as ruas da cidade ou as salas das casas de saúde, por têrmo a obediência, por freio o temor de Deus, por véu a santa modéstia".

Em 1640, a senhora Les Gras principiou a se ocupar com os galés, traçando uma regra própria para as filhas: "Êste é um dos mais difíceis e mais perigosos terrenos, mas também é um trabalho dos mais meritórios e agradáveis a Deus. As irmãs que se derem, pela vontade de Deus, a êste santo exercício, devem, dum lado, fazer todo o esfôrço para se tornarem dignas pela prática das virtudes, e doutro lado, encorajarem-se, tendo grande confiança em Nosso Senhor. Se bem que seja difícil impedir excessos de insolência, não se deixe de fazer todo o possível. Por meio da paciência, rogando a Deus por êles, como fazia Santo Estêvão pelos que o lapidaram, insista-se. Façam-se, muitas vêzes por dia, orações particulares para invocar o Espírito Santo, a fim de que Êle tão bem purifique os pensamentos, palavras e ações, especialmente nas tentações de impureza, se as tiverem, que sejam como a luz do sol passando contìnuamente sôbre o lixo, sem contudo, se manchar de modo algum.

Os últimos anos de Luísa de Marillac foram caracterizados por uma grande doçura e não menor paz. E a 4 de fevereiro de 1660, tombou para não mais se levantar, prêsa duma inflamação aguda na espádua. Cheia de febre, mas exortando os filhos e as irmãs, no dia 15 de março daquele ano entregou a alma a

Deus. E o cura de São Lourenço, que lhe estava à cabeceira, disse-lhe, docemente:

— Adeus, bela alma!

O corpo, depois de ter ficado exposto por todo um dia e mais meio do seguinte, foi enterrado na igreja de São Lourenço, na capela da Visitação da Santa Virgem, onde Luísa, invariàvelmente, fazia as suas devoções.

Com grande singeleza, realizaram-se os funerais, porque, segundo sua vontade, era uma irmã de caridade.

Em 1920, a 9 de maio, era Luísa de Marillac beatificada por Pio X, agora elevado às honras dos altares.

* * *

SÃO CLEMENTE MARIA HOFFBAUER (*)

Confessor

Clemente Maria nasceu na Morávia no dia 26 de dezembro de 1751, tendo sido batizado naquele mesmo dia, com o nome de João. Filho de modesto agricultor, perdeu o pai com sete anos, em 1758, e foi educado pela mãe, Maria Steer, piedosa mulher que lhe inspirou sentimentos da mais terna piedade.

Morto o pai, João foi obrigado a trabalhar para ajudar no sustento da casa. Principiou, então, o menino, como ajudante de padeiro, em Zwain, onde viveu por três anos.

Em 1771, passava o jovem a trabalhar com os premonstratenses de Bruck, cujo abade se propôs ensinar-lhe latim.

Quando aquêle bom homem, carinhoso com o discípulo, faleceu, João deixou o convento e foi viver como ermitão numa floresta, nas proximidades de Mulfrauen.

A fôrça dum edito de José II vinha expulsar todos os ermitães do império, e João, abandonando aquelas paragens, fêz-se para Budwitz, ali aprendendo, num instante, a língua eslava. Conheceu,

então, Pedro Kunzmann, que ia fazer uma peregrinação a Roma, e o acompanhou.

De volta, pararam ambos em Tívoli, e o bispo Barnabé Chiaramonti, depois Pio VII, conhecendo as disposições dos moços João e Pedro, chamou-os para si e lhes revestiu com o burel dos ermitães, impondo-lhes ao mesmo tempo, outros nomes: João passaria a ser, desde aquêle dia, Clemente Maria, e Pedro, Emanuel.

Os dois viveram, então, seis meses numa solitária floresta, perto do célebre santuário da *Madona*. Foi ali que o desejo, irresistível, de trabalhar pela salvação das almas se apossou de Clemente Maria. E, abandonando a cela, demandou Viena, onde queria preparar-se para o estudo do ministério sagrado.

Estudou êle, na universidade de Viena, filosofia, fazendo-se amigo dum bom rapaz, Tadeu Hubl.

Em 1784, Clemente Maria e Tadeu estavam em Roma. E, um dia, na igreja de São Juliano, encantados com os padres da Congregação do Santíssimo Redentor, foram procurar o superior. E ao saber que aquêles padres trabalhavam pela salvação das almas mais abandonadas, e que o fundador fôra Afonso de Liguori, não titubearam.

No dia 19 de março de 1785, Clemente Maria e Tadeu Hubl faziam profissão. E, no ano seguinte, estavam ordenados, prontos para, na pátria, distante, implantar a congregação do Santíssimo Redentor.

Chegados que foram a Viena, viram os mosteiros fechados por José II. Passaram, então, à Polônia, onde uma surprêsa aguardava, na forma dum monge calmo e doce, a Clemente Maria.

Atravessando o Danúbio, Hoffbauer deu com aquêle monge. Olharam-se por um só instante. E, de braços abertos, chorando de alegria, correram um para o outro: era Pedro Hunzmann, ou antes o Emanuel dos dias do bom e santo bispo Barnabé Chiaramonti.

Clemente Maria, entusiasmado, contou ao bom companheiro o que havia feito, e acabou por lhe dizer do desejo que tinha de fundar um convento no Norte. E Emanuel, contaminado pelo entusiasmo do antigo amigo, solicitou sua admissão como irmão servente, uma vez que fôra pedreiro.

Em Varsóvia, o núncio apostólico recebeu os três religiosos como se fôssem enviados do alto. E disse:

— Depois que os jesuítas foram suprimidos, milhares de pessoas ficaram sem padres que as confessassem, sem quem lhes instruíssem os filhos, encaminhando-os nas vias do cristianismo. Perdem-se, perdem-se todos, e vós chegastes justamente a tempo para os salvar.

O rei, a pedido do núncio, instalou os missionários em São Bennon, igreja nacional dos alemães.

Varsóvia, então, encontrava-se num estado deplorável, e a libertinagem, desenfreada, campeava. Clemente Maria, incansável, principiou a trabalhar. E rezava, porque tudo era dificílimo:

— Senhor Jesus, se tu não vieres em nosso auxílio, devemos partir ou morrer.

Naquele mesmo dia, em que ao Senhor se dirigira com aquelas palavras, um desconhecido foi procurá-lo. E, em suas mãos, deixou grande soma de dinheiro.

A atividade de Clemente fazia prodígios. E, depois de ter aberto na sua igreja uma missão (que durou perto de vinte anos) disse dêle Sabelli:

"A igreja de São Bennon tornou-se célebre em tôda a Polônia. Os estrangeiros, de passagem em Varsóvia, não se afoitavam, quando diziam que, por tôda a Europa, não havia tal movimento de fiéis como ali, nem cerimônias tão esplêndidas. Tôdas as manhãs, lá se cantavam três missas, com os respectivos sermões. Depois da primeira, cantada em polonês pelo povo, uma instrução familiar recordava todos os mistérios e preceitos da religião. A segunda missa, cantada em latim pela congregação de São José, era seguida de um sermão ordinàriamente pregado pelo Pe. Blumenau, o grande orador polonês que Varsóvia e tôda a Polônia conheciam e se admiravam do poder que tinha sôbre as almas. A terceira pregação era feita em alemão pelo Pe. Hoffbauer.

"Numa explicação muito interessante sôbre as Escrituras, o orador expunha e defendia as santas verdades do cristianismo diante de um numeroso auditório muito distinto, ao qual vinham unir-se os duzentos jovens clérigos que freqüentavam nossas escolas".

Aquilo que fêz São Clemente Maria, aquela colossal missão, não foi nem metade de sua obra.

Depois de um bombardeamento de Varsóvia, criou êle dois orfanatos. E as suas pregações, calando fundo na alma dos protestantes, levavam-nos a procurar a instrução, preparando-se para a abjuração.

Uma outra missão surgiu em Mittau. Logo, estabelecia o Santo duas outras: uma nas imediações

de Varsóvia, em Ludkowa e outra em Radzumin. E Clemente Maria, sempre incansável, sempre ladeado dos bons amigos, trabalhava e trabalhava.

Contudo, o Santo não devia ver o resultado de tão ingentes esforços, como dizia aos discípulos: "Os afazeres da congregação não se conformarão senão depois de minha morte. Tende paciência, pois que, assim que deixar escapar o último suspiro, tereis conventos em abundância".

São Clemente Maria pregou pela última vez em 1820, no dia 8 de março. Estava, então, na Áustria.

A 15, sob altíssima febre, recebeu os derradeiros sacramentos. Depois da ação de graças, dormiu um pouco. Quando acordou, a sorrir, disse os primeiros versos de um cântico favorito:

— *Tudo em honra de meu Deus!*

Era meio-dia, quando ouviu os sinos a dobrar. Exclamou aos que o assistiam:

— Rezai! *Angelus Domini!*

Os assistentes ajoelharam-se, rezaram as três Ave-Marias e, ao se levantar, Clemente Maria já se fôra para sempre dentre êles.

Pio VII, quando soube daquela morte, da perda imensa que o mundo cristão sofria, disse:

— A religião perdeu, na Áustria, o principal sustentáculo.

Segundo a bula de canonização, o corpo de Clemente Maria Hoffbauer foi sepultado no cemitério de Santa Maria de Enzerdorf. O túmulo foi objeto de veneração e lugar de peregrinação.

Ora, os redentoristas de Viena, desejosos de possuírem os preciosos restos do santo missionário, de tê-los ao pé de sua casa, transferiram-nos para a igreja de Santa Maria Scalaris, quando, então, uma mulher, doente do peito e desenganada pelos médicos, recuperou a saúde.

São Clemente Maria Hoffbauer foi canonizado, solenemente, em 1909, a 20 de maio, por Pio X.

* * *

SANTO ESPECIOSO (*)

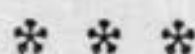
Confessor

Santo Especioso nasceu em Roma, e foi um dos primeiros, com o irmão Gregório, a ir se colocar debaixo da regra de São Bento.

O grande Bento, patriarca dos monges do Ocidente, recebeu a ambos em sua comunidade, e, pouco depois, enviava-os ao mosteiro que construíra em Terracina.

Nos *Diálogos* de São Gregório encontram-se os detalhes da morte de Santo Especioso, ocorrida em 545.

Tendo que ir à Cápua para tratar de negócios da comunidade, despediu-se dos monges. Durante sua ausência, o irmão Gregório foi tomado pelo êxtase, em meio a refeição, pois Deus queria que assistisse ao desenlace de Especioso, que se achava longe. Quando voltou a si, Gregório referiu a todos o que sucedera, e, enviado à Cápua para se certificar da realidade, ali foi levado à sepultura do irmão, constatando a verdade que lhe fôra revelada por via divina.



BEM-AVENTURADOS MONALDO DE ANCONA, FRANCISCO DE PETRILLO E ANTÔNIO DE MILÃO (*)

Mártires

Todos os três bem-aventurados acima citados, franciscanos, pertenceram à ordem dos irmãos menores, e, na Armênia, pregaram o Evangelho, com grandes frutos, aos sarracenos, na cidade de Arzenga.

Um dia, o cádi resolveu convocar os anciãos e os faquires para aconselhar-se quanto à atitude que devia tomar a respeito daqueles que atacavam a lei de Maomé.

Responderam-lhe, excitados:

— Que sejam mortos! Que desapareçam! Não insultam êles o nosso profeta e a sua lei? Não os vemos, a cada dia que passa, mais e mais audaciosos?

Foram, pois, presos os três irmãos. E Monaldo, Francisco e Antônio, antes de terem decepadas a cabeça, viram-se, dolorosamente, de braços e pernas amputados.

Era em 1826, e um sarraceno, apiedado da sorte dos que pregavam o Cristo crucificado, d'Aquele que pelos homens todos, fôssem êles quais fôssem,

derramara todo o santo e precioso sangue, quis intervir. E por ato tão meritório, foi morto.

Um cego, conta-se, enterrados que foram por um padre armênio os bem-aventurados mártires, recuperou a vista à beira da sepultura.



No mesmo dia, na Inglaterra, o bem-aventurado Guilherme Hart, mártir. Nascido em Wells, no Somerset, estudou em Oxford, no Lincoln College, sendo morto em 1583, condenado por alta traição, com a citação de um simples estatuto de Henrique VIII. Durante os seis dias que precederam a execução, preparou-se para o suplício pelo jejum e a oração. Com calma, recebeu o anúncio da última hora, suportando com grande paciência os insultos, as calúnias e as injúrias dos ministros que estavam presentes. Suas últimas palavras foram: *Ad te levavi oculos meos.* Beatificado por Leão XIII.

Em Barcelona, outra Santa Matrona, virgem e mártir. Originária de Barcelona, órfã muito pequenina, foi educada por um tio rico. Com êle, viveu em Roma, onde visitava os doentes. Aos prisioneiros, vítimas da perseguição do século IV, tratava carinhosamente. Prêsa também, e encarcerada, passou pelos tormentos da fome e da sêde, falecendo santamente. As relíquias, no século VIII, eram veneradas num convento de Barcelona.

Em Cápua, uma terceira Santa Matrona, virgem, do século V, cujas atas a dão como uma princesa de Portugal, mas que não merecem crédito. Doente, teve uma visão, na qual lhe foi dito que se se transferisse para a Itália, São Prisco, mártir de Cápua,

havia de curá-la. Na Itália, curada, viveu até a morte. Venerada como santa, é invocada para conjurar a peste.

Em Viena, Dauphiné, Santo Ysice, bispo e confessor, desaparecido em 490. Também conhecido por Hesíquio, foi bispo de Viena, sendo sucedido pelo próprio filho, Santo Avito. Morreu santamente, e Pio X, em 1903, confirmou-lhe o culto, bem como os do bem-aventurado Teobaldo e outros quinze.

Em Dijon, São Tranqüilo, abade de São Benigno e confessor. Depois de sua morte, que ocorreu em 540, foi sepultado perto de São Benigno. Gregório de Tours afirma que milagres foram operados à beira da tumba.

Em Cardegna, perto de Burgos, São Sisebuto, abade e confessor, falecido em 1082.

Santo Aristóbulo, discípulo dos apóstolos, tendo terminado o curso de sua pregação, foi martirizado.

No mesmo dia, os santos Menigno, Foulão, martirizados durante o reinado de Décio.

No Egito, São Nicandro, que, procurando com cuidado as relíquias dos santos mártires, mereceu a palma do martírio, quando reinava Diocleciano.

Em Córdova, Santa Leocrécia, virgem e mártir (ver 11 de março).

16.º DIA DE MARÇO

SANTO ABRAÃO

Ermitão

e

SANTA MARIA

Sua Sobrinha, Penitente

A vida dêsses dois santos foi escrita por um amigo, Santo Efrém, diácono de Edécia, na Mesopotâmia, incluído com justiça entre os padres da Igreja.

Abraão nasceu em 300, em uma cidade perto de Edécia. Os pais eram riquíssimos e o amavam excessivamente. Muito jovem ainda, foi prometido em casamento, pois esperavam para êle alguma dignidade. Mas êle pensava de modo diferente. Desde pequeno freqüentava as igrejas, escutava com prazer as Escrituras divinas e as meditava com aplicação. Entretanto, os pais o pressionavam a contrair matrimônio. Abraão não o queria. Mas, como o importunassem contìnuamente, viu-se obrigado a ceder, por vergonha de desobedecer-lhes. As núpcias foram celebradas durante sete dias, segundo o

costume do país. No sétimo, quando estava sentado na alcova nupcial com a espôsa, a graça de Deus lhes iluminou sùbitamente o coração, como se fôsse uma luz. Tomando-a por guia, saiu imediatamente de casa e, em seguida, da cidade. Encontrou a duas milhas de lá, uma cela vazia e lá ficou, pleno de alegria, glorificando a Deus de todo o coração.

Algumas pessoas se espantaram, talvez, com a atitude de Santo Abraão. Mas hoje ainda a santa Igreja de Deus concede a cada um dos novos esposos, após a celebração do casamento e antes de sua consumação, dois meses de liberdade para abraçar a vida religiosa por votos solenes. E o concílio de Trento declarou: «Se alguém diz que o casamento ratificado, não consumado, não pode ser dirimido pela profissão solene de religião de um dos esposos, seja anátema!»

Todavia, os pais e os amigos do homem, não sabendo o que tinha acontecido, ficaram penalizados, procurando-o por tôda parte. Após dezessete dias, encontraram-no na cela. Estava rezando. Ao verem-no grande foi a surprêsa. Mas o bem-aventurado lhes disse: «Por que estais atônitos? Bendizei ao Senhor misericordioso que me retirou do lamaçal das iniqüidades e rezai para que me dê a graça de ir até o fim da vida com o jugo que se dignou impor-me, indigno que sou». Os pais e os amigos responderam: Assim seja. Êle lhes pediu, ainda, que não o importunassem com visitas freqüentes. Em seguida, cerrou a porta da cela, ficando fechado no interior, deixando apenas uma pequeníssima janela, por onde lhe passavam a comida.

Sua inteligência foi iluminada pela graça. Dia a dia realizava progressos no caminho da perfeição.

Adquiriu grande capacidade de continência, com o dom das vigílias, das lágrimas, da humanidade e da caridade. A fama se lhe estendeu por tôda parte, e todos quantos ouviam falar dêle iam vê-lo, para receberem alento, dado que Deus o havia dotado de sabedoria e prudência. Os pais mesmos o acusavam como astro brilhante. Dez anos após retirar-se, morreram-lhe os pais, deixando-lhe muitas riquezas e ouro. Pediu, então, a um amigo fiel que distribuísse tudo aos pobres e aos órfãos, para que não se sentisse distraído das orações, se fôsse êle mesmo fazer êsse trabalho. Assim ficou livre de qualquer inquietação. A intenção do bem-aventurado era não prender o espírito a nada na terra. Por isso, não possuía nada além de um abrigo, uma túnica ou camisa de pele de cabra e uma tijela de que se servia para comer ou beber. Adquiriu humildade extraordinária e caridade igual para com todos. Não preferia o rico ao pobre, absolutamente, nem o príncipe ao súdito. Tratava todos de modo igual, sem olhar para a posição da pessoa. Jamais repreendeu alguém severamente. Sua palavra era amadurecida pelo sal da caridade e da indulgência. Quem, ouvindo-lhe as doces e belas respostas, ou vendo-lhe o rosto venerável, bem como angélico, poderia enfadar-se de ouvi-lo ou vê-lo? Em todo o tempo de sua ascética, observou a mesma regra, sem nada mudar durante cinqüenta anos. Tempo tão longo lhe pareceu apenas alguns dias, tal o amor por Jesus Cristo e o ardor por seu serviço.

Na circunscrição da cidade existia um burgo considerável, cujos habitantes todos eram idólatras, desde o mais novo ao mais velho. Jamais alguém tinha podido convertê-los, nem sacerdotes e diá-

conos, que os bispos para lá mandavam, nem uma multidão de monges que lá haviam tomado lugar uma ou duas vêzes. Tudo resultara infrutífero. Um dia o bispo, sentado entre seus sacerdotes, lembrou-se do santo homem, e lhes disse: «Não conheço homem perfeito em tôdas as obras, e ornado de tôdas as virtudes que Deus ama, como o venerável Abraão». Os eclesiásticos responderam: «É um verdadeiro servidor de Jesus Cristo e perfeito religioso.» O bispo replicou: «Minha intenção é mandá-lo para êsse burgo de pagãos. Com paciência e caridade poderá convertê-los para Deus». E, levantando-se imediatamente, foi procurá-lo com os sacerdotes. Lá chegando, o bispo o saudou, pôs-se a falar do burgo e a exortá-lo a que para lá fôsse. Diante disso, o santo, como que abatido de dor, disse ao bispo: «Permiti, meu Pai, que chore minhas iniqüidades, porque sou homem imperfeito e incapaz de semelhante coisa. O bispo respondeu: Pela graça de Jesus Cristo, és capaz. Não demores, pois, a cumprir o ato de obediência. O bem-aventurado insistiu: Eu conjuro vossa santidade a ter piedade de minha fraqueza e permitir que chore meus próprios pecados. O bispo tornou: Deixaste tudo, odiaste o mundo e tudo o que há nêle; tu te crucificaste; todavia, embora tenhas feito tudo isso, não és obediente. O santo começou a chorar: Quem sou eu, um cão morto, e qual é minha vida, para me designardes? Sentado em seu lugar, disse-lhe o bispo: tens de salvar e converter muitos outros. Vê bem, a recompensa será grande. O santo respondeu, desfeito em pranto: Que se faça a vontade de Deus! Irei por obediência.» Imediatamente, tiraram-no da cela e o conduziram à

cidade, onde o bispo o ordenou e de onde o enviou ao burgo, acompanhado do clero.

A caminho, Abraão rezava a Deus que tivesse piedade da sua fraqueza. Quando chegou, ao ver a idolatria dos habitantes, pediu mais ainda a Deus que tivesse piedade da cegueira dêles. Mandou imediatamente que seu fiel amigo lhe trouxesse o dinheiro sobrado. Com tais recursos, construiu imediatamente uma bela igreja, onde pedia a Deus com lágrimas que reunisse o povo dispersado. Um dia, saindo, entrou no templo dos pagãos, e derrubou os ídolos e os altares. Uma lei do imperador Constantino o autorizava. Os habitantes, ao saberem disso, furiosos, surraram-no e o expulsaram do burgo. Para lá voltou durante a noite, entrou na igreja e rezou por êles, entre lágrimas. Os habitantes foram pela manhã e ficaram espantados de o verem rezando. Desde então, passaram a ir lá diàriamente, não para rezar, mas para ver a beleza do edifício e contemplar os ornamentos. Abraão começou, então, a exortá-los ao conhecimento do verdadeiro Deus. Mas êles lhe bateram com bastões, arrastaram-no para fora do burgo e o deixaram, tendo-o por morto. À meia-noite, voltou êle a si e pôs-se a rezar, entre lágrimas, pela conversão daquele povo. Depois, levantando-se, voltou para a igreja e, de pé, cantou alguns salmos. Os habitantes voltaram no dia seguinte e ficaram boquiabertos de o encontrarem. A admiração transformou-se em raiva. Atiraram-se sôbre êle, dominaram-no, colocaram-lhe uma corda aos pés e o arrastaram para fora do burgo. Maltrataram-no, assim, durante três anos. Mas o que quer que lhe fizessem, bater, ultrajá-lo, arrastá-lo com cordas, fazê-lo passar fome

e sêde, não o indispunha contra ninguém. Ao contrário, redobrava a caridade para com todos, exortando, rezando, agradando aos velhos como se fôssem seus pais, aos demais como irmãos, aos mais jovens como seus filhos, embora o tratassem com escárnio.

Um dia, os habitantes do burgo reuniram-se desde o mais novo ao mais velho. Começaram a dizer uns aos outros com admiração: «Vêde a paciência dêsse homem e a indescritível caridade para conosco. Como, no meio de tantas tribulações e maus tratos que lhe infligimos, não se afastou daqui, não disse a nenhum de nós palavra de ofensa, não criou por nós aversão, mas sofre tudo não apenas com paciência, senão também com grande alegria. Certamente, se não tivesse consigo, como afirma, o Deus vivo, e o reino, e o paraíso, e o suplício, e a recompensa, jamais suportaria isso de nós. Aliás, como, sòzinho, teria derrubado nossos deuses, sem que êles se tenham podido vingar-se dêle? É verdadeiramente um servidor de Deus e tudo quanto disse é divino e verdadeiro. Vinde e creiamos no Deus que nos prega». Tendo falado assim, foram todos ter com êle, à igreja exclamando: «Glória ao Deus do céu, que nos enviou seu servidor, para nos arrancar do êrro e nos salvar!» Quando o bem-aventurado os viu, sentiu-se invadido de profunda alegria. O rosto se lhe abriu como flor das mais belas: «Meus pais, meus irmãos, meus filhos! Sêde benvindos! Sêde benvindos, vós que entrastes aqui em nome do senhor. Vinde todos juntos, rendamos glória a Deus que vos abriu os olhos e a inteligência para o conhecerdes. Recebei o sêlo da vida, para serdes purificados das impurezas da idolatria. Crêde

de todo coração e de todo espírito que Deus é o criador do céu e da terra. . .» E explicou-lhes, sumàriamente, o símbolo dos apóstolos. Todos responderam: «Sim, nosso pai e guia de nossa vida, sim êle será como dizeis e como ensinais; eis como cremos, eis como pensamos». Batizou-os em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, desde o menor até o mais velho, em número de mil almas.

Após o batismo, instruiu-os durante um ano inteiro, dia e noite, sôbre a fé e a moral cristãs. Vendo-os firmes no bem, temendo, por outro lado, que a grande afeição dêles pudesse constituir ocasião para êle relaxar a disciplina monástica resolveu deixá-los secretamente. Entrou uma noite na igreja, agradeceu a Deus, de todo o coração, as graças que lhe havia concedido, e suplicou confirmasse todos no seu amor e serviço. Depois, fazendo três vêzes sôbre o burgo o sinal da cruz, retirou-se para um lugar desconhecido. No dia seguinte, os habitantes vieram ter com êle, como de costume. Não o encontrando, ficaram assustados. Dispersando-se como ovelhas errantes, procuraram-no por tôda parte, chamando-o pelo nome com voz chorosa. Não podendo descobri-lo em nenhuma parte, correram ao bispo, que também se afligiu com o desaparecimento. Enviou diversas pessoas à sua procura, como em busca de uma pedra preciosa, sobretudo por causa das lágrimas inconsoláveis do rebanho. Após as buscas efetuadas, infrutíferas, o bispo foi ao burgo, e consolou os habitantes. Em seguida, ordenou dentre êles dois sacerdotes, dois diáconos e dois leitores, porque havia muitos dignos e capazes. O santo, sabendo que tudo voltara ao bom andamento, tornou à cela, agradecendo a Deus.

Juntou outra pequena cela exterior à antiga. Fechava-se na de dentro. Quando os habitantes do burgo souberam da sua volta, ficaram radiantes de alegria. Acorreram ao local, como se se dirigissem a um pai, edificados com o gênero de vida que levava. Para êles era um favor dos maiores vê-lo, ou ouvir da sua bôca uma palavra de salvação.

Satã, por seu turno, notando que todos os reveses que havia preparado para o santo homem não tinham contribuído senão para torná-lo mais fervoroso e perfeito, atacou-o de maneira diferente, durante a noite. Quando Abraão estava em pé, recitando os salmos, a cela resplandeceu, repentinamente, com uma luz mais forte que a do sol. E uma voz se fêz ouvir, como a voz de uma grande multidão, dizendo: «Tu és feliz, senhor Abraão, tu és verdadeiramente feliz, porque ninguém pode ser comparado a ti, por causa de tôdas as tuas boas obras. Ninguém fêz tôdas as minhas vontades, como tu. É por isso que és um bem-aventurado». O santo homem compreendeu imediatamente o ardil do maligno. E, erguendo a voz, disse: «Pereçam contigo tuas trevas, porque estás cheio de dolo e de enganos. Sou um pecador. Mas com a caridade de meu Deus e a esperança em seu socorro, não te temo absolutamente e os teus fantasmas não me apavoram. Minha fortaleza inexpugnável é o nome do Senhor e Salvador Jesus Cristo, que eu amo, e em nome do qual te repreendo, cão imundo e miserável». A essas palavras, o espírito das trevas desapareceu como a fumaça. E Abraão continuou tranqüilamente a louvar a Deus, como se não tivesse visto o fantasma. Os espíritos malígnos procuraram ainda por muito tempo, e por diversas aparições,

apavorá-lo, perturbá-lo ou ao menos distraí-lo. Seus esforços serviram apenas para fazê-lo amar a Deus mais ainda e servi-lo com mais ardor.

O santo homem tinha um irmão único que morreu, deixando uma pequena órfã, chamada Maria. Os amigos a conduziram ao tio, com a idade de sete anos. Êle a abrigou na cela exterior, com uma pequena janela entre os dois, pela qual lhe ensinou os salmos e as Escrituras. Ela vigiava com êle até o ofício noturno, cantava com êle os salmos, guardava como êle a abstinência, e se esforçava por praticar como êle tôdas as virtudes. Seu bem-aventurado tio pedia constantemente a Deus que a atraísse e fizesse com que sua inteligência jovem nêle se fixasse, para não se embaraçar com as solicitudes da terra. Como o pai lhe tivesse deixado grandes riquezas, distribuiu-as aos pobres. A sobrinha, por seu lado, dizia-lhe cada dia: «Meu pai, eu te peço, reza por mim ao Senhor, para que eu seja libertada de todos os maus e absurdos pensamentos, assim como de todos os embustes do demônio». Ela progredia, com piedosa alegria, no serviço e no amor de Deus, observando com fidelidade a regra da vida ascética. Seu tio estava contente por ver-lhe os progressos. Durante vinte anos praticou com êle a vida ascética, como cordeiro sem mancha, casta pomba.

Satã tinha inveja dêsses novos habitantes do paraíso, como êle o fôra, antes dos nossos pais; para tentá-los servira-se do embuste de uma serpente. Para tentar os dois ascetas, serviu-se da corrupção de um falso monge. Êsse miserável apareceu para ver santo Abraão, como para aproveitar-se das suas lições e exemplos. Vendo a jovem através da pequena janela, foi tomado de paixão impura. Du-

rante longo tempo, quase um ano inteiro, procurou seduzir a prêsa. Por fim, ela abriu a porta e saiu da cela. Mas como aconteceu aos nossos primeiros pais, após terem perdido o tesouro da graça, se lhes abriram os olhos e tiveram vergonha de si mesmos, assim a sobrinha de Abraão, após ter perdido o tesouro da virgindade, abriu os olhos e teve horror de si mesma. Despedaçou o cilício e castigou o próprio rosto. Seu desespêro chegou tão longe, que quis estrangular-se. «Porque, dizia chorando, já estou morta. Perdi o fruto de minha vida penitente, de minha continência e de minhas lágrimas. Ofendi a Deus, matei a mim mesma. Como caí? Ignoro. Onde estão as advertências de meu santo tio? Onde estão os ensinamentos de seu amigo Efrém? Cuida de ti mesma, dizia-me êle, conserva tua alma sem mancha para teu espôso incorruptível e imortal. Teu espôso é santo e ciumento. Não ouso mais erguer os olhos para o céu; estou morta diante de Deus e diante dos homens. O melhor é ir para onde ninguém me conheça, já que estou morta e não há mais esperança de salvação». Imediatamente, levantando-se, foi para outra cidade, onde, mudadas as vestes, se instalou em uma hospedaria.

Enquanto isso acontecia, o santo viu em sonho um dragão monstruoso, que veio com horríveis assobios à sua cela, e devorou uma pomba, voltando depois para seu antro. Ao acordar, ficou profundamente triste e chorou copiosamente. Temia que fôsse anúncio de uma perseguição contra a Igreja ou um cisma, ou uma heresia na Igreja. E pediu ao Senhor que lhe desse luzes para compreender o que era. Dois dias após viu o mesmo dragão, saindo do antro, vir a êle, na cela, pousar a cabeça sob os pés

do santo homem, depois abrir-se-lhe o ventre e de dentro sair uma pomba que lá se encontra viva e sem lesão. Imediatamente, acordando, chamou pela sobrinha, perguntando por que há dois dias não a ouvia cantar os louvores de Deus. Como não recebesse resposta, compreendeu logo o que significava a visão. Pôs-se a chorar amargamente e disse: «Pobrezinha! Um lôbo cruel roubou meu cordeiro, minha criança está cativa! E, elevando a voz exclamou: Salvador do mundo, Jesus Cristo, reconduzi vossa Maria ao regaço da vida, para que minha velhice não desça com tristeza para a tumba. Senhor, não desprezeis minha prece; enviai-me prontamente vossa graça para arrancá-la do dragão». Os dois dias em que teve a visão significavam os dois anos que a sobrinha passaria fora. Dia e noite, êle pedia a Deus por ela. Ao fim de dois anos soube onde ela estava e qual o seu comportamento. Mandou, então, um amigo fiel, obter informações mais seguras e pormenorizadas. Em seguida, rogou-lhe que lhe obtivesse uma roupa militar, com um cavalo e uma moeda de prata. Saiu da cela, montou no cavalo, colocou à cabeça um grande chapéu de pêlo de camelo, que lhe cobria até o rosto e pôs-se a caminho para livrar a sobrinha Maria, como outrora o patriarca Abraão, para livrar o sobrinho Lot. Chegado à hospedaria, olhou para todos os lados, para ver se a enxergava. Como ela não aparecesse, disse ao hospedeiro: «Amigo, ouvi dizer que tens aqui uma jovem muito bela, que eu gostaria de ver!» O outro, notando-lhe a idade avançada, fêz-lhe algumas repreensões. Todavia, acrescentou: «Sim, há uma muito bela». Era verdade. «Por favor, tornou o santo, deixa-me vê-la, para que nos

rejubilemos hoje, juntos, pois eu a amo muito, pelo que ouvi contarem». Quando ela apareceu, metida em trajes de cortesã, pouco faltou para que o bom ancião se desfizesse em lágrimas. Conteve-se, entretanto. Tinha mêdo de que ela o reconhecesse e fugisse. Quando estavam sentados e bebiam juntos, o santo homem falou-lhe como alguém que a amasse exageradamente. Ela se levantou e lhe abraçou o pescoço e o cobriu de beijos. Mas, ao beijá-lo, sentiu o odor que lhe lembrou a vida ascética. Deixando escapar um profundo gemido, disse: «Infeliz que sou!» O hospedeiro, atônito, lhe disse: «Senhora Maria, há dois anos que estais aqui e jamais vos ouvi suspirar ou dizer semelhantes palavras. Que vos aconteceu?» Ela respondeu: «Deveria estar morta há três anos! Seria feliz». O santo ancião, temendo que ela o reconhecesse e que, assustando-se, fugisse, interrompeu-a: «E é na minha presença que vens lembrar os pecados!» Depois, dando a moeda de prata ao hospedeiro, disse: «Prepara-nos um bom jantar, para que nos alegremos hoje com esta jovem; vim de muito longe por amor a ela». E o bom velho, que fazia cinqüenta anos não comia pão, comeu carne e bebeu vinho sem escrúpulos, concluindo com o Evangelho: «É necessário nos alegrarmos neste dia, porque minha filha estava morta e reviveu; estava perdida e a encontrei». Após terem comido juntos a jovem disse: «Senhor, entremos no quarto para repousar». Êle respondeu: «Entremos». E vendo um leito preparado, sentou-se alegremente. A jovem lhe disse: «Permiti, senhor, que vos tire o calçado». Êle respondeu: «Vai antes fechar a porta». Ela insistiu em tirar-lhe o calçado, mas êle não o permitiu. Quando voltou de fechar a porta

a chave, êle lhe disse: «Senhora Maria, aproxima-te». Quando a jovem se aproximou, êle a segurou fortemente pela mão de maneira que não pudesse escapar. Depois, tirando o disfarce e chorando, lhe disse: «Minha filha, não me reconheces mais? Não sou teu pai Abraão? Não fui eu que te eduquei? Que te aconteceu, minha filha? Por que não me disseste nada, quando a tempestade do inferno te assaltou? Certamente, eu teria bradado, com Efrém, para aquêle que pode salvar-te da própria morte. Por que, desesperando, te abandonaste ao demônio? Por que me deixaste, imerso na dor? Entre os homens, quem é sem pecado, minha filha, senão Deus?»

A jovem, tomada de surprêsa, continuava muda, não ousando levantar os olhos. Permanecia em suas mãos como pedra insensível, abatida que estava de vergonha e de mêdo. O santo ancião continuou, entre lágrimas: «Não me falas nada, minha filha? Não foi por ti que vim até aqui, cheio de tristeza? Sôbre mim caia teu pecado. Responderei por êle, no dia do julgamento. Eu é que devo fazer penitência por êsse pecado.» Exortou-a até meia-noite. Então, com um pouco de confiança, ela disse: «Não ouso olhar-vos, de vergonha. Como poderia invocar o santíssimo nome do Senhor, manchada que estou com tanta imundícia?» O velho replicou: «Sôbre mim caia teu pecado, minha filha. A mim é que Deus pedirá contas. Nosso amigo Efrém chora e reza por ti. Minha filha, eu te peço, tem piedade da minha velhice, compadece-te dos meus cabelos brancos. Minha querida filha, eu te suplico, levanta-te e segue-me.» Ela lhe respondeu: «Se Deus aceita minha penitência, eu vos seguirei. Esperando, prostro-me aos vossos pés e beijo os rastros de vossos

pés, porque tivestes piedade de mim, e viestes aqui para me arrancar dos laços do demônio.» E pousando a cabeça sôbre os pés do santo, chorou tôda a noite, dizendo: «Senhor, que vos darei, por tanta misericórdia?»

Ao nascer o dia, o bem-aventurado velho disse: «Levanta-te, minha filha, e partamos.» «Ainda tenho aqui, disse ela, ouro e algumas vestimentas. Que desejais que faça disso?» «Abandona tudo, respondeu o santo, porque é a parte do demônio». E saíram imediatamente. Êle a colocou sôbre o cavalo, que êle mesmo conduzia pela rédea, andando na frente, cheio de alegria. Era o bom pastor trazendo sôbre os ombros a ovelha perdida.

Chegado ao retiro, fechou a sobrinha na cela interior que êle ocupava antes e se colocou na cela exterior. Maria retomou o cilício com os primeiros exercícios de penitência. Perseverou nas lágrimas e na humildade de coração. Castigou o corpo por vigílias, jejuns e as mais duras austeridades. Após três anos, Deus fêz-lhe conhecer que a penitência fôra aceita e concedeu-lhe, como prova, o dom de curar os doentes.

O bem-aventurado Abraão viveu ainda dez anos, glorificando a Deus, pela conversão sincera da sobrinha, e morreu em feliz velhice, com a idade de setenta anos, após ter passado cinqüenta na vida ascética, sem jamais se contradizer nas atitudes, mas crescendo sempre em fervor. Nos funerais, quase tôda a cidade estava presente, com os burgos vizinhos. Cada um se aproximava do corpo e subtraía uma bênção das vestes. E qualquer que fôsse o mal de que sofresse uma pessoa, tocando na relíquia, sarava imediatamente. Santo Efrém expôs as vir-

tudes de Santo Abraão em uma obra, que não chegou até nós. Acrescenta que Maria viveu ainda sete anos, após a morte do tio. Continuou a passar o tempo chorando e nos exercícios de penitência. Mas com tanto fervor e contrição, que as pessoas que passavam e a ouviam chorar e suspirar, não podiam reter o pranto e choravam com ela, pelas próprias faltas, glorificando a Deus. Quando morreu, seu rosto pareceu, a todos que a viram, resplandescente de graça. De sorte que, diz santo Efrém, compreendemos que o côro dos santos anjos estava presente e rendemos graças a Deus, que, por sua inefável clemência, salva os que nêle esperam, por nosso Senhor Jesus Cristo.

* * *

SANTOS HILÁRIO, (*) Bispo,

e

TACIANO, DIÁCONO (*)

Mártires

Hilário era de Aquiléia, e, desde a infância, educado na religião católica, deixou o mundo, atraído pelo estudo das santas Escrituras.

Diácono, depois bispo, premido pelo povo, que o desejava alçado àquela dignidade, Hilário foi pastor zeloso e sábio, prudente e piedoso.

Taciano era seu discípulo, ao qual conferira a ordem do diaconato.

Era no tempo do César Numeriano, e um edito, lançado recentemente, obrigava os cristãos a sacrificar aos ídolos.

Berônio, prefeito da cidade, instigado pelo sacerdote dos ídolos, Monofantus, ordenou que lhe trouxessem à presença Hilário e seu diácono.

Presos, o santo bispo e o diácono foram levados a Berônio, que lhes disse da necessidade que tinham de acatar as ordens do imperador.

Hilário respondeu:

— Desde a minha juventude, aprendi a sacrificar ao Senhor, ao Deus vivo, e a Jesus Cristo seu Filho, eu apresento, sem cessar, minhas adorações. Quanto aos demônios, vãos e ridículos, que chamais deuses, mas não o são, não lhes ofereço sacrifícios.

Berônio, em vão, procurou convencer o santo bispo: nem palavras repassadas de doçura nem ameaças, das mais terríveis, tiveram qualquer efeito.

Conduzidos, Hilário e Taciano, diante da estátua de Hércules, no seu suntuosíssimo templo, ali o santo homem, despojado das vestes, foi cruelmente vergastado, depois estirado no cavalete.

Hilário cantava hinos ao Senhor, e Berônio, que incitava os carrascos a redobrarem de crueldade, acabou por cansar-se, e ordenou que atirassem com o valoroso bispo na prisão.

Presos, o bispo e o diácono principiaram a orar, pedindo a Deus que confundisse os adoradores dos falsos deuses.

Uma densa neblina, então, desceu do céu, e pairou sôbre a cidade. E um grande tumulto agitou a Aquiléia daquele remoto ano de 284. Muitos pagãos, espaventados, fugiram, enquanto outros, tal o terror, morreram de mêdo. E o suntuosíssimo templo de Hércules, tremendo nas bases, desabou com fragor.

Ordens foram dadas, rápidas, para que Hilário e Taciano fôssem decapitados incontinenti, morrendo com êles outros cristãos que já se achavam presos: Felix, Largo e Dionísio.

* * *

I

SANTA EUSÉBIA (*)

Virgem e Abadessa

Eusébia, também nomeada Ysoie, era filha de Santo Adalbaldo e de Santa Rictrude, e afilhada da rainha Nantilda, a qual lhe doou a terra de Verny, que ficava perto de Soissons.

Aos oito anos, morto o pai, Eusébia, a pedido da avó, Gertrudes, então governando a abadia de Hamay, transferiu-se para aquela comunidade. Estava com doze anos, e logo, com o desaparecimento da avó, sucedê-la-ia no cargo.

Ora, a mãe, então na fundação de Marchiennes, considerando a pouca idade da filha para tão alto pôsto, quis tê-la, por uns tempos, a seu lado, mas Eusébia recusou-se. Sentia um grande atrativo por Hamay, que não se conformava em deixá-lo.

Aquela recusa da filha só fêz agastar Rictrude, que escreveu ao rei Clóvis II, para que êste a obrigasse a obedecê-la.

A santa virgem, então, ficou com tôda a comunidade, sob a direção da mãe, por algum tempo, tornando, depois, para Hamay.

Jovem ainda, Eusébia pressentiu a morte. Disse às irmãs que o fim lhe havia chegado, com calma surpreendente, falecendo em paz, doce e confiantemente, em 680.

Enterrada na igreja de Hamay, Deus ilustrou-lhe o túmulo com vários milagres. A abadêssa que a sucedeu, construiu-lhe uma grande igreja, e a São Vindiciano, bispo de Arras e Cambrai, coube proceder a dedicação, e a transferência do corpo, que, depois, passou de Hamay para Marchiennes. Ali, todos os anos, no dia do aniversário da primeira translação, levavam o corpo da santa abadêssa, em procissão, até o lugar da primeira sepultura.

Com a irrupção normanda, os dois mosteiros foram incendiados, e aquela tradição desapareceu.

Sob Carlos, o Simples, no século X, foram aquelas casas reedificadas, e o corpo de Santa Eusébia, até então conservado, veio a desaparecer em 1830, quando da pilhagem do arcebispado.

* * *

BEM-AVENTURADO TORELLO DE POPPI (*)

Ermitão e Confessor

Torello nasceu a 16 de março de 1202 em Poppi, diocese de Arezzo, na Toscana. Educado no temor de Deus, até os dezoito anos, sob a vista dos pais, levou vida piedosa.

Órfão, liberto das peias paternas, fêz-se amigo de vários jovens de maus costumes, e depravou-se, surdo ao chamamento dos que o amavam verdadeiramente.

Um dia, Torello divertia-se com os falsos amigos. Sob a sombra duma grande árvore, jogavam as bolas. Ora, sôbre êles, empoleirado num galho à meia altura, estava um belo galo, que, em dado momento, deixando o poleiro, voou, baixou e pousou num dos ombros do antigo Torello piedoso.

Admirado, o jovem ouviu-o cantar, muito sonora e empertigadamente, por três vêzes, ao mesmo tempo que, interiormente, uma voz lhe dizia: «É tempo de deixares o vício».

Foi um choque, e tão grande, que Torello, na mesma hora, a correr, deixando os companheiros, foi parar sòmente às portas da abadia de São Fidelis, que estava sob a ordem de Valombrosa.

Torello pediu para ver o abade, então Reinaldo, e, quando êste apareceu, o moço, com grande pranto e com grande ímpeto, atirou-se-lhe aos pés, suplicando-lhe que o ajudasse a recuperar a perdida graça de Deus.

O abade acolheu-o carinhosamente, com muita bondade, ouviu-o em confissão e lhe deu a santa comunhão. E Torello, aos pés de um crucifixo, a olhar ardentemente a Jesus macerado, pendente da cruz, prometeu-lhe, com unção, passar o resto da vida nos exercícios da penitência.

Ao bom abade Reinaldo, Torello falou da decisão que tomara: desejava viver num lugar solitário. E tendo encontrado uma caverna em Avellaneto, lugar assaz deserto e agreste, mais ou menos a uma milha de Poppi, ali se fixou. Construiu uma pequena cela, bastante estreita, revestiu-se dum cilício muito rude e pôs-se a seguir severíssima regra.

Dormir, dormia Torello sôbre a terra nua e dura, tendo por travesseiro uma incômoda pedra arestuda. Comer, comia Torello sòmente pão, de bebida ùnicamente água, mais se nutrindo do espiritual do que do material.

Em oração e contemplação, passava êle dois terços da noite. E aos assaltos do demônio, flagelava-se com uma corrente de ferro, terrível, rolava sôbre os espinhos dos bastos espinheiros ou se metia num charco d'água gelada, imunda.

Deus, então, recompensou-o com o dom dos milagres, principalmente dotando-o com o poder de amansar os ferocíssimos lôbos que infestavam aquelas desoladas regiões.

Torello de Poppi levou vida de oração, de contemplação, de penitência e de solidão por sessenta anos.

Estava com oitenta, quando, um dia, apareceu-lhe um anjo. Vinha comunicar-lhe o fim dos dias. Só então Torello tornou a Poppi, em busca do confessor, a preparar-se para a morte e solicitar sepultura na igreja da velha abadia a que, fazia muito, fôra bater.

O abade, como Torello se propunha voltar à solidão de tantos anos, suplicou-lhe que se deixasse ficar no mosteiro, mas o santo ermitão não o quis: era coisa que não merecia; ademais, lá com êle vivia um discípulo, Pedro — Pedro de Poppi — o qual devia receber seu último suspiro.

Abençoado pelo confessor, tornou à caverna onde se aperfeiçoara através de tantas lutas, de práticas sôbre práticas, e ali morreu em 1282, sem agonia, arroubado que fôra.

Então, com claros repiques alegres, os sinos todos de Poppi bimbalharam por si mesmos, e uma multidão, atraída, excitada e compacta, mas ordeira, foi render-lhe as últimas homenagens.

Enterrado na abadia de São Fidelis, inúmeros milagres foram operados.

Bento XIV confirmou-lhe o culto imemorial.

* * *

No mesmo dia, em Colônia, Santo Heriberto, bispo célebre pela santidade, natural de Worms, cidade do palatinato do Reno. Nascido em 970, era filho de Hugo, conde de Worms, e de Tietwida,



Vista de Colônia. Segundo uma antiga estampa.

filha do conde de Souabe. Faleceu em 1021, sendo enterrado no mosteiro de Tuy.

Na Bélgica, outro Santo Heriberto, ermitão numa floresta próxima a Namur, e confessor. Desaparecido em 1210.

Em Assis, a bem-aventurada Benedita, virgem, nascida em 1214, falecida em 1260. Clarissa de São Damião, mosteiro governado por Santa Clara, a quem sucedeu em 1253, administrou-o por sete anos.

Na Ásia, Santo Aninas, anacoreta, época desconhecida. Favorecido com o dom dos milagres, do poder sôbre os animais ferozes, nas suas idas e vindas, quando necessitava deixar o retiro do êrmo, dois leões, mansamente, o acompanhavam. (Local: Síria).

Em Sens, São Coloquil, rei, do qual não se conhecem detalhes. Falecido em 660.

Em Terracina, os santos Valentino, bispo, e Damião, diácono, mártires. Valentino era de Terracina, nos tempos de Constantino, o Grande. Damião, filho único duma pobre viúva, foi por aquêle bispo adotado e feito diácono. Mortos sob Julião, o Apóstata em 360.

Na Irlanda, São Finam, o Leproso, filho de família real, que suportou a doença com admirável paciência. Fundou os mosteiros de Inisfallen, Ardfinnan e de Cluin. Faleceu neste último em 675.

Na Bélgica, mais uma vez, São Dentelino, confessor no século VII. Filho de São Mauger e de Santa Vaudru, era irmão de São Landrico e das santas Aldetrudes e Madelberta. Falecido tão-sò-

mente com sete anos de idade, muitos milagres foram operados à beira da campa que o recebeu.

Em Vicence, o bem-aventurado João de Sordi, bispo e mártir. Nascido em Cremona em 1125, tornou-se órfão de pai muito cedo. Cônego da catedral da cidade em que viera à luz. João, neste cargo, foi doce, caridoso, prudente e zeloso. Casada pela segunda vez, a mãe, para seu consôlo, morreu em odor de santidade. Obrigado a deixar Cremona, sob Frederico Barbarroxa, na solidão, para a qual se retirou, logo foi procurado e alçado ao bispado de Mântua, em lugar de Fraziadore, que abraçara o cisma de Otaviano. Em 1179, João de Sordi era bispo de Vivence. Assassinado (1181) por Pedro de Bolonha, ao qual fôra obrigado a excomungar, o corpo foi enterrado na catedral, com grande acompanhamento de povo, que passou a honrá-lo como mártir. Leão XIII aprovou-lhe o culto em 1824.

Entre os gregos, São Cristódulo, abade e confessor. Falecido em 1101.

Em Sienne, o bem-aventurado Pedro Tecelano, confessor. Natural de Campi, nasceu numa família de artesãos. Fabricante de pentes, depois comerciante, casou-se e viveu em perfeita união com a espôsa. Viúvo, sem filhos, aos pobres distribuiu o que possuía e procurou os irmãos menores, aos quais juntou-se, sem contudo ligar-se pelos votos. Viveu como terciário e continuou com seu modesto negócio. Conta-se dêle que, desejando fazer pública confissão dos pecados, discriminou-os num papel. Um anjo, então, apareceu-lhe, trazendo do céu o perdão. E o papel, que era pardo, com o desaparecimento do

anjo, tornou-se alvo como a neve. Faleceu Pedro Tecelano em 1289. Pio VII, em 1802, aprovou-lhe o culto.

No Canadá, os bem-aventurados João de Brébeuf e Gabriel Lalemant, jesuítas, mártires. João era natural da diocese de Bayeux, de Conde-sur-Vire, onde nasceu em 1593. Em 1617, entrou para a Companhia de Jesus, sendo enviado ao Canadá em 1625. Gabriel nasceu em Paris, a 10 de outubro de 1610, tendo entrado para a Companhia em 1639. Desejando ser missionário, foi mandado para o Canadá. Em 1646, chegava a Quebec. Declarada a guerra entre hurões e iroqueses, ambos os jesuítas foram mortos, depois de sofrimentos atrozes, por aquêles índios, no ano de 1649.

Em Anazarbe, na Cilícia, São Juliano, mártir, que, sob o prefeito Marciano, foi longa e duramente torturado. Afinal, encerrado num saco cheio de serpentes, foi lançado ao mar.

No mesmo dia, em Roma, o martírio de São Ciríaco, diácono, que, após ter sofrido longa e rigorosa prisão, foi coberto de alcatrão, estendido sôbre um cavalete, puxado com cordas feitas de nervos, ferido com golpes de bastão, finalmente decapitado com Lárgio, Esmarágdio, Crescêncio, Mêmia e Juliana, virgens, e dezessete outros, por ordem expressa de Maximiano. Entretanto, são lembrados no dia 8 de agôsto, dia em que o papa São Marcelo levou seus corpos e lhes deu uma sepultura condigna.

Em Licaônia, São Papas, mártir, que, flagelado duramente por causa da fé, estraçalhado com unhas de ferro, foi forçado a andar com sapatos que tinham pregos com as pontas para dentro, e depois, atado

a uma árvore, quando, então, expirou. Essa árvore, que anteriormente era estéril, tornou-se, desde êsse dia, fértil.

Em Ravena, Santo Agapito, bispo e confessor.

Em Clermont, Auvergne, São Patrício, bispo.

* * *

17.º DIA DE MARÇO

SÃO PATRÍCIO,

Apóstolo da Irlanda

É aos Pontífices romanos, que a Grã-Bretanha, a Escócia e a Irlanda do Norte devem a conversão ao cristianismo e, conseqüentemente, as preciosas vantagens da vida presente e da vida futura.

Sem falarmos aqui do papa São Gregório o Grande, que pelo fim do sexto século da era cristã, converteu a nação inglêsa pròpriamente dita, por seu discípulo Santo Agostinho, já no segundo século, o Santo rei Lúcio da Grã-Bretanha pedia missionários ao papa Santo Eleutério, que lhe enviou alguns. Na primeira metade do quinto século, um pelágio procurava espalhar sua heresia entre os bretões. Êsses povos detestavam o êrro. Acontece, porém, que não estavam bem instruídos para combatê-lo. Recorreram ao Papa e aos bispos dos gauleses. O papa São Celestino enviou para lá o diácono Paládio, que se apressou em levar-lhes socorro. A pedido dêste, São Celestino mandou como seu legado São Germano, bispo de Auxerre, que foi acompanhado de São Lôbo, bispo de Troyes. Isso foi no ano de

429. Para firmar ainda mais a religião na Grã-Bretanha, o papa São Celestino para lá enviou novamente o diácono que ordenara bispo dos Escoceses, dos quais uma parte tinha transmigrado da Irlanda para o norte da Bretanha. E foi êle o primeiro bispo dessa nação, que até então, era bárbara. São Jerônimo afirma que não havia casamentos moralizados e que êles comiam carne humana. São Paládio, para lá foi enviado como bispo, no ano de 435. É lembrado no dia 6 de julho.



O Purgatório de São Patrício, segundo a lenda. Conforme uma miniatura de um mosaico do século XIV.

O papa São Celestino, ao sabê-lo morto, substituiu-o por São Patrício, que foi sagrado bispo e o enviou a pregar a fé na Irlanda, de onde os escoceses eram originários. São Patrício tinha cêrca de cinqüenta e cinco anos, nascido que fôra pelo ano de 377, na Escócia, circunscrição da cidade de Alclude,

hoje Dunbritton. Com a idade de 16 anos, foi levado prisioneiro para a Irlanda e lá ficou cinco ou seis anos, durante os quais aprendeu a língua e os costumes do país. Piratas o levaram para a Gália em 400, quando se retirou para um mosteiro, o de São Martinho, isto é, em Marmoutier, recebendo a tonsura monástica. Lá ficou três anos. Voltou para a Grã-Bretanha, depois passou para a Itália, onde dedicou sete anos à visita a mosteiros do país e das ilhas vizinhas. Foi ordenado sacerdote e ficou três anos junto de São Sênior, que, segundo se crê, foi bispo de Pisa. Todavia, acreditou êle ter recebido ordem de Deus, por revelações, para ir trabalhar na conversão dos irlandeses. Para lá se dirigiu; porém, em vão. Os bárbaros não quiseram ouvi-lo. Voltou para a Gália e passou cêrca de sete anos perto de São Germano de Auxerre, retirando-se, em seguida, para a ilha de Arles, onde morou nove anos.

A conselho de São Germano, foi a Roma. Foi quando o papa São Celestino o sagrou bispo e o mandou para a Irlanda, no ano de 432. Pregou o Evangelho, e com muito êxito. Seu zêlo foi confirmado pelos milagres, de tal sorte que é tido como apóstolo da ilha. Um ano depois, fundou o mosteiro de Sabal, perto da cidade de Doun e deixou-lhe como abade São Dunnius, seu discípulo. Fundou também a igreja de Armagh, a principal do país. A vida de São Patrício era austera. Fêz tôdas as viagens a pé, até à idade de cinqüenta e cinco anos, ou seja, até se tornar bispo. Depois, os caminhos ruins da Irlanda o obrigaram a servir-se de uma carruagem. Foi êle que introduziu entre os irlandeses as letras, que não tinham, antes disso, outras obras

públicas senão versos rimados, compostos por seus poetas, que se relacionavam com sua história. São Patrício foi ainda duas vêzes a Roma, uma em 444, outra em 445. Morreu pelo ano de 460, com a idade de oitenta anos.

* * *

SANTA GERTRUDES,

Virgem e Abadêssa.

A família de Gertrudes era uma família de santos. O pai, o duque Pepino de Landen, administrador do palácio dos reis da Austrásia, morto em 640, é venerado como santo no Brabante, no dia 21 de fevereiro. A mãe, foi a bem-aventurada Ite ou Itubérgia, irmã de São Modoaldo, bispo de Trèves. À morte do pai, Gertrudes tinha apenas quatorze anos e já havia declarado, na presença do Rei Dagoberto, que não desejava outro espôso que Jesus Cristo. Como morasse com a mãe, Santo Amando, bispo de Maestricht, um dia em que se encontrava na localidade, aconselhou a genitora de Gertrudes a fundar um mosteiro para ela e para a filha. Embora essa maneira de servir a Deus fôsse desconhecida da santa viúva, decidiu-se imediatamente e consagrou-se a Deus, com todos os seus bens, não obstante as grandes oposições que se levantaram. Assim foi que se originou o mosteiro de Nivela, em Brabante. Temendo que alguém lhe raptasse a filha para fazê-la casar-se com algum poderoso senhor, Santa Ite mesma cortou os cabelos à jovem em forma de coroa, e fêz com que o bispo desse o véu a ela e a outras moças. Com apenas vinte anos de idade, a

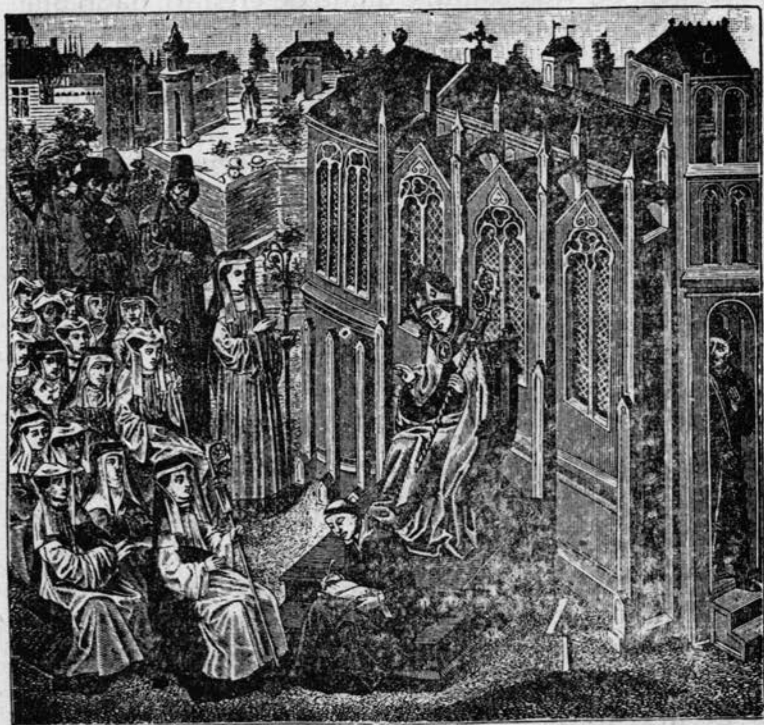
mãe obteve que se tornasse abadêssa de Nivela. Desempenhou-se com perfeição dêsse cargo, pelos cuidados e bons exemplos. Fêz vir de Roma relíquias e livros santos e homens sábios, de além-mar, para instruírem a comunidade no canto dos salmos e na meditação das coisas santas. Eram irmãos êstes irlandeses, entre os quais estava São Foilão e Santo Ultão. Santa Gertrudes mandou construir um mosteiro para êles em Fossa, perto de Nivela. Morrendo-lhe a mãe, não mais se encarregou dos assuntos exteriores relativos aos monges e dos internos referentes às religiosas, a fim de dedicar-se inteiramente à contemplação. Sentindo-se, mais tarde, esgotada pelas abstinências e vigílias, fêz com que fôsse escolhida para seu lugar, sua sobrinha Vulfetrude, filha de Grimoaldo, administrador do palácio de Austrásia, em lugar de seu pai, Pepino. Vulfetrude não tinha mais do que vinte anos, mas fôra educada, desde a infância, perto da tia.

Santa Gertrudes não pensava em outra coisa senão em preparar-se para a morte, desembaraçada que estava de tôda preocupação. Assim que sentiu aproximar-se-lhe o fim, chamou um dos monges que serviam o mosteiro e lhe disse: «Ide depressa procurar Ultão no mosteiro de Fossa e dizei-lhe que Gertrudes se aproxima do fim e que teme essa aproximação, apesar de estar perpassada de alegria.» Ultão respondeu: Hoje é dia 16 de março. Gertrudes, a serva do Senhor, morrerá amanhã, durante a missa. Dizei-lhe que não tema nada, pois São Patrício e os anjos estão prontos para recebê-la na glória». Essa notícia encheu Gertrudes da mais doce consolação. Passou tôda a noite em oração com as

irmãs. No dia seguinte, que era um domingo, recebeu, pelas seis horas, o viático. E, enquanto fazia a ação de graças, entregou a alma a Deus, no momento em que o sacerdote acabava de pronunciar as palavras da consagração. O biógrafo, que nos relata essa passagem da vida santa, é digno de crédito, dado que se encontrava presente na ocasião.

Santa Gertrudes deixou uma irmã, Santa Bégua, que fôra espôsa do duque Angesiso, filho de Santo Arnolfo, administrador do palácio, depois bispo de Metz. Teve por filho Pepino, duque de Austrásia, irmão de Carlos Martelo, avô de Pepino o Breve e bisavô de Carlos Magno. Enviuvando, foi para Nivela, trinta e três anos depois da morte de sua irmã Gertrudes, ou seja, no ano de 692 e pediu à abadêssa e à comunidade que a ajudassem no desejo que tinha de fundar um mosteiro. A abadêssa lhe deu relíquias e exemplares das Santas Escrituras, com um pedaço de leito onde Gertrudes morrera. Ajuntou a êsses presentes algumas religiosas das mais fervorosas e das mais antigas de Nivela, para introduzirem a regra no mosteiro que Bégua estava construindo em Andena. Santa Bégua fêz-se religiosa e morreu nesse mosteiro, dois anos depois de ter sido terminada a construção. É venerada no dia 17 de dezembro.

A princesa Adélia, neta do rei São Sigisberto, e avô de São Gregório, bispo de Utrecht, veio alguns anos depois a Nivela esclarecer a verdade dos milagres que se propalavam a respeito de Santa Gertrudes. Pediu a uma religiosa que lhe dissesse em que dia iria cair, naquele ano, a festa de Santa Gertrudes. Foi-lhe respondido que seria na sexta-feira da quinta



Abadia de Nivelle. Miniatura das Ciências de Hainaut, mosaico do século XV.

semana da quaresma. Era em 696. Era costume, pela ocasião de uma festa solene, durante a quaresma, fazer, após a missa, a refeição que não se fazia em outros dias de jejum, senão depois das vésperas. Adélia, porém, que duvidava um pouco dos poderes e dos milagres de Santa Gertrudes, disse: «Queira Deus que eu não tenha de tomar nenhuma refeição extraordinária nesta solenidade!» A religiosa respondeu: «Se Santa Gertrudes tem poder junto de Deus, ela saberá obrigar-vos a tanto.»

Chegou o dia da festa. Os monges, as religiosas, os leigos que se tinham reunido, fizeram uma refeição após a missa e comeram de tôdas as iguarias das quais podiam fazer uso durante a quaresma. Adélia foi a única que não quis comer, com receio de romper o jejum.

Tinha um filho ainda pequeno, que, durante a refeição da comunidade fôra brincar ao redor de uma fonte existente no recinto do mosteiro, e caiu dentro dela, afogando-se. As religiosas, ao saírem do refeitório, encontraram-no morto. Seus gritos bem depressa informaram Adélia do funesto acidente. A religiosa que havia discutido com a princesa acêrca do poder de Santa Gertrudes, tomou a criança e, após ter recomendado à mãe que tivesse muita fé, colocou-a sôbre o leito da santa. A criança ressuscitou imediatamente na presença de todos. Adélia, então, confusa por causa de sua incredulidade, reconheceu com alegria o poder de Santa Gertrudes e não mais teve escrúpulos em comer antes da hora, no dia de sua festa. Tomou refeição com tôda a casa e no dia seguinte mandou cantar uma missa em ação de graças, em honra de Santa Gertrudes. Para

que ninguém tenha dúvidas a respeito dêsse milagre, o autor que o relata, invoca a Deus como testemunha, pois o viu com os próprios olhos e as circunstâncias que não presenciou, soube por meio de pessoas dignas de crédito.

* * *

SÃO JOSÉ DE ARIMATÉIA (*)

Confessor

José era natural, como o nome mesmo o diz, de Arimatéia, cidade da Judéia. Foi quem procurou Pilatos, ao qual pediu o corpo de Nosso Senhor, morto na cruz.

«Então, um homem chamado José, que era membro do Sinédrio, varão bom e justo, o qual não tinha concordado com a determinação dos outros, nem com os seus atos, oriundo de Arimatéia, cidade da Judéia, que também esperava o reino de Deus, foi ter com Pilatos, e pediu-lhe o corpo de Jesus» (1).

José era discípulo de Jesus, e foi quem o encerrou num sepulcro novo.

«Pela tarde, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, que também era discípulo de Jesus. Foi ter com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus» (2).

«Quando era já tarde, pois era a Parasceve, isto é, a vigília de sábado, foi José de Arimatéia, membro ilustre do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, e apresentou-se corajosamente a Pilatos, e pediu-lhe o corpo de Jesus. Pilatos admirou-se de

---

(1) Lc. 23, 50-52.
(2) Mt. 27, 57-58.

que estivesse já morto; mandando chamar o centurião, perguntou-lhe se estava já morto. Informado pelo centurião, deu o corpo a José. José, tendo comprado um lençol, e tirando-o da cruz, envolveu-o no lençol, e depositou-o num sepulcro, que estava aberto na rocha, rolou uma pedra para diante da bôca do sepulcro» (3).

Depois da Ascensão do Senhor, diz-se, José de Arimatéia teria ido à Gália, perseguido que fôra pelos judeus, chegando à Inglaterra, da qual teria sido o primeiro apóstolo, e o fundador do oratório de Glastonbury.

A igreja grega celebra-lhe a festa a 31 de julho, e em diversas datas outras, ou preferentemente, em certos domingos, como o segundo depois da Páscoa, o sexto depois da Exaltação da Santa Cruz.

Na igreja latina, é êle honrado no dia 17 de março.

Crê-se que em São Pedro do Vaticano existe um braço de São José de Arimatéia.

* * *

(3) Mc. 15, 42-47.

SANTA WITHBURGA (*)

Virgem

Withburga era a filha mais moça de Anna, rei do Este inglês. Com a ama, foi enviada a Holkham, no Norfolk, onde, tempos depois, soube da morte do pai, numa batalha.

Withburga, assim, resolveu retirar-se do século e consagrar-se a Deus. Reduzida a uma grande pobreza, aos que lhe alevantavam um mosteiro nada mais lhes podia fornecer, como alimento, do que pão amanhecido e sêco.

Um dia, depois de ter invocado, por muito tempo, a Mãe de Deus, a Santa Virgem deu-lhe a conhecer que duas corças, de úberes entumecidos, pejados de leite, tôdas as manhãs e tôdas as tardes, vinham, mansamente, matar a sêde num riacho que corria ali por perto.

Withburga, alegre porque poderia amenizar a situação dos bons e dedicados operários, pediu a dois dêles que fôssem esperar as cervas no lugar que Nossa Senhora lhe havia indicado.

Capturadas sem que aos homens oferecessem qualquer resistência, foram levadas para Withburga. Tiveram, então, leite todos os dias, porque, sôltas, as corças tornavam à Santa, diàriamente, nada

atemorizadas, como é característico nesses doces animais.

Santa Withburga não chegou a ver terminado o seu mosteiro. Morta em 683, naquela áspera solidão a que se ativera foi sepultada.

Cinqüenta anos mais tarde, encontraram-lhe o corpo e o transferiram para a igreja que ela mandara construir, passando, depois, sob o abade Brithnoth, para Ely.

* * *

No mesmo dia, em Colônia, Santa Vicência (época ignorada). Teria sido irmã de Santa Gertrudes hoje mencionada, ou, segundo alguns autores, companheira de Santa Úrsula. Uma capela, em Colônia, traz-lhe o nome, abrigando-lhe o túmulo.

Em Alexandria, Santo Ambrósio, confessor, notável pelo nascimento e riqueza. Elevado ao diaconato dada a ciência e virtude, foi prêso quando da perseguição de Maximino. Confiscaram-lhe os bens, exilaram-no na Germânia, e, tornada a paz à Igreja, voltou à Alexandria, morrendo nos tempos de Décio, em 250.

Em Pádua, São Juliano Urius, sôbre o qual se desconhecem detalhes, salvo que no século XI suas relíquias foram descobertas na igreja de Santa Justina de Pádua e que o culto que lhe rendem foi aprovado pelo papa Leão IX em 1503.

Na Escócia, São Becano, ermitão e confessor, da família dos Mac Ernan. Era monge de Iona, tendo falecido em 667.

Entre os gregos, São Teosterito, abade, nascido em Brillion, pequena cidade, perto da qual se encon-

trava o mosteiro de Pelecete. Grande defensor do culto das santas imagens. Há dúvidas com respeito ao ano em que faleceu: possìvelmente em 770.

Na Etrúria, o bem-aventurado Tomaselo, O. P., confessor. Professando na ordem dos irmãos pregadores, foi notável pela ciência e santidade. Favorecido com o dom da profecia, anunciou, um ano antes, a hora da própria morte, o que, efetivamente, sucedeu (1270).

Em Roma, os Santos Alexandre e Teodoro, mártires.

Em Alexandria, memória de vários santos mártires, que, presos pelos adoradores de Serápis, recusando-se constantemente a adorar êsse ídolo, foram impiedosamente massacrados, ao tempo do imperador Teodósio. Êste ordenou imediatamente, por um édito, que o templo de Serápis fôsse arrasado.

Em Constantinopla, São Paulo, mártir, queimado por causa da defesa do culto das santas imagens, durante o reinado de Constantino-Coprônimo.

Em Châlons sôbre o Saône Santo Agrícola, bispo.

* * *

18.º DIA DE MARÇO

SÃO CIRILO

Sacerdote e depois bispo de Jerusalém.

São Cirilo, de início sacerdote, depois bispo de Jerusalém, nasceu nessa cidade, pelo ano de 315. Ordenado sacerdote por volta de 345 por São Maxímio, foi encarregado de pregar todos os domingos nas reuniões dos fiéis, e, ao mesmo tempo, de instruir os catecúmenos, que eram judeus e pagãos que desejavam converter-se. Restam-nos dêle vinte e três catecismos ou instruções familiares e orais, das quais as dezoito primeiras explicam o símbolo e as cinco outras, os sacramentos do batismo, da confirmação e da eucaristia, que os neófitos recebiam no mesmo dia. É uma obra de inestimável valor, pela clareza e a seqüência com que a doutrina cristã é nelas exposta e defendida contra os pagãos e hereges.

Na primeira instrução, Cirilo exorta os neófitos a se despojarem do homem velho, pela penitência da confissão, a fim de se revestirem do homem novo, pelo batismo. A segunda instrução é sôbre a penitência. A terceira, sôbre as figuras, a necessidade e os efeitos do batismo. A quarta tem por texto as palavras de São Paulo aos colossenses: «Tende cuidado, para que ninguém vos surpreenda pela filo-

sofia, e por raciocínios vãos e enganadores, segundo as tradições humanas e não segundo Jesus Cristo».

São Cirilo expõe as precauções a tomar para se preservarem dessa sedução de Satanás, que se transforma em anjo de luzes. «Tôda religião consiste em saber os dogmas nos quais devemos crer, e as boas obras que devemos praticar. Não se pode agradar a Deus sem essas duas coisas juntas. De nada adiantaria ter para com Deus sentimentos dignos dêle e viver na desordem, como também levar uma vida regrada e não ter para com Deus os sentimentos que êle merece. É, pois, conseqüente que devemos conhecer as duas coisas. Ainda mais que muitos procuram seduzir pela filosofia e por erros vãos; os helenos ou pagãos, por uma eloqüência de cortesã; os judeus, pela Escritura que interpretam mal; os herejes por um veneno escondido sob a aparência de doutrina cristã. O Senhor diz com relação a todos êsses: «Tende cuidado, para que ninguém vos induza em êrro». É por isso que ensinamos que é necessário crer, e em seguida o explicaremos».

São Cirilo reduziu a doutrina cristã a dez dogmas principais: Deus, Jesus Cristo, seu nascimento de uma virgem, sua morte na cruz, seu sepultamento, sua ressurreição, sua ascensão, o último juízo, o Espírito Santo, a alma humana, o corpo, os alimentos, a ressurreição do corpo, a Santa Escritura.

A respeito do primeiro artigo, isto é, que não há senão um só Deus, refuta sumàriamente os maniqueus e os marcionitas, que admitiam dois deuses, e os pagãos que admitiam um sem-número dêles. Falando de Jesus Cristo, diz: «Foi de fato crucificado por nossos pecados. Se alguém duvida, não é preciso mais do que atentar para o próprio lugar em que nos

encontramos: o santo lugar do Gólgota, onde foi crucificado, e onde se construiu o templo no qual nos reunimos para honrar aquêle que foi pregado à cruz; e tôda a terra está cheia do madeiro da cruz, retalhado em pequenos pedaços... Após ter terminado o sofrimento e resgatado os homens do pecado, Jesus Cristo subiu aos céus, acompanhado de anjos, e à vista dos apóstolos; se não crerdes absolutamente nestas palavras, crêde ao menos na virtude do que se vê com os olhos. Todos os reis, ao morrerem, perdem a autoridade com a vida. Jesus Cristo, porém, após ter sido crucificado, é adorado por tôda a terra. Quando nós falamos no crucificado, os demônios tremem. Existem muitos homens pregados à cruz: Um só, entretanto, poderia pôr em fuga os demônios, pronunciando-se-lhe o nome? Não nos envergonhemos, pois, da cruz de Jesus Cristo e não a carreguemos escondida. Imprimamo-la sôbre a fronte, para que os demônios, vendo o estandarte do rei, fujam ou tremam. Fazei êsse sinal, quando comeis, quando bebeis, quando estais sentados ou de pé, e quando vos deitais ou vos levantais, quando falais e quando andais. E, para dizer-vos em uma palavra, fazei-o em tôdas as vossas ações e em tôdas as vossas emprêsas.

«O homem é composto de duas substâncias, a alma e o corpo, e Deus é o criador de ambos. Deveis saber que vossa alma tem o livre arbítrio, que ela é uma das mais perfeitas obras de Deus, que a criou à sua imagem e semelhança, que ela é imortal, porque êle lhe deu a imortalidade, que a fêz viva, racional e incorruptível, que é livre e pode fazer o que quer. Não são nem os astros, nem o destino que vos levam ao pecado.» São Cirilo assinala as maravilhas da

Providência, mesmo no corpo humano, do qual o Espírito Santo faz seu templo. «Aprendei a estimar a continência, solitários. Êstes são os que, separados mesmo das virgens, levam sôbre a terra uma vida semelhante à dos anjos. Mas, em vos propondo viver na castidade, guardai-vos de censurar os que estão ligados pelos laços do casamento. O Apóstolo diz que «o casamento é alguma coisa de respeitável e o leito nupcial sem mancha.» Vós, pois, que vos propondes viver na castidade, sois nascidos de pessoas casadas. Não devemos rejeitar a prata porque temos ouro. As pessoas casadas podem também esperar a salvação, se usarem do casamento legìtimamente, com a intenção de terem filhos, e não apenas para contentarem suas paixões animalescas. Os que não se casaram senão uma vez não devem condenar os que aspiram a segundas núpcias. Porque, como diz o Apóstolo dos que não podem guardar a continência: «É melhor casar do que abrasar-se».

São Cirilo fala dos alimentos, porque os maniqueus e os marcionitas pretendiam que a carne e o vinho fôssem maus por sua própria natureza. «Quando jejuamos, diz êle, nos abstemos de carne e de vinho, não porque tenhamos horror dessas coisas, como se elas fôssem abomináveis, mas para merecermos, pelo desprêzo do que é agradável aos sentidos, a mesa celeste e para que, após têrmos semeado aqui na terra com lágrimas, colhamos com alegria, na outra vida». Quanto à Escritura Santa, diz aos seus ouvintes: «Se ouvirdes algumas vêzes os hereges condenarem a lei e os profetas, e mesmo atacá-los, oponde-lhes esta palavra de Jesus Cristo: Não vim para revogar a lei, mas para cumpri-la; mas,

sobretudo, aprendei da Igreja quais são os livros do Velho e do Novo Testamento e não leiais nada do que é apócrifo. Quando sabereis distinguir entre os que são aceitos pela Igreja e os que são duvidosos e controvertidos?» A quinta instrução trata da fé, e nos mostra o modêlo em Abraão e em outros personagens. A sexta ensina a monarquia ou a soberana unidade de Deus, contra o paganismo e contra as heresias de Maneu e Marcião e outros gnósticos. A sétima afirma que tôda a eternidade, Deus é Pai de um Filho único; a oitava, que Deus é todo-poderoso. A nona instrução é uma seqüência da precedente, e explica que Deus fêz o céu e a terra, as coisas visíveis e as invisíveis; que o Pai e o Filho fizeram tôdas as coisas; o Filho pelo poder do Pai, que recebeu na geração eterna, e que dessa forma é um mesmo Deus com o Pai.

A décima instrução explica êste artigo do símbolo: E em um Senhor Jesus Cristo. É pròpriamente um tratado da Trindade contra os judeus. «Se alguém quer honrar piedosamente o Pai, deve adorar o Filho, pois de outra forma seu culto não será recebido. O pai pronunciou do alto dos céus: «Êste é meu filho muito amado, em que pus minhas complacências». O Pai se compraz no Filho. Se vós mesmos não vos comprazerdes nisso, não tereis a vida. Não vos deixeis, pois, seduzir pelo artifício dos judeus, que afirmam não existir senão um só Deus; mas, após haverem reconhecido que não existe senão um só Deus, sabei que Deus tem um Filho único. Não sou eu que o digo por primeiro; o salmista diz na pessoa do Filho: «O Senhor me disse: Tu és meu Filho, hoje te gerei». Não deis, pois, ouvido ao que os judeus dizem, mas ao que dizem os profetas.

Ficaríeis atônitos se os judeus rejeitassem as palavras dos profetas, êles que apedrejaram os próprios profetas?

«O Antigo Testamento presta testemunho da divindade do Filho. Deus diz: «Façamos o homem — não disse à minha imagem — à nossa imagem». E, após ter formado Adão, diz-se: «Deus fêz o homem à sua imagem, fê-lo à imagem de Deus». A Escritura não atribui sòmente ao Pai a dignidade de Deus, mas nela se compreende também o Filho, para acentuar que o homem não é apenas criatura de Deus Pai, mas também de nosso Senhor Jesus Cristo. É o mesmo Senhor cooperado com o Pai, que cooperou na punição de Sodoma, segundo esta palavra da Escritura: «O Senhor fêz chover sôbre Sodoma e Gomorra enxôfre e fogo do alto dos céus, da parte do Senhor». É o mesmo Senhor que apareceu a Moisés.

«No Novo Testamento há diversos testemunhos em favor de Cristo. É testemunha de Deus o Pai que do alto do céu o declara seu Filho; é testemunha o Espírito Santo que desce sôbre êle sob a forma de pomba; é testemunha o arcanjo Gabriel que anuncia a Maria; é testemunha a Virgem Mãe de Deus; é testemunha o estábulo em que nasceu, o Egito onde se refugiou em sua infância, Simeão que o recebeu nos braços e Ana a profetisa. É testemunha João Batista, o maior dentre os profetas, o primeiro homem do Novo Testamento e que reuniu os dois Testamentos em sua pessoa. É testemunha o Jordão, entre os rios e, entre os mares, o de Tiberíades. São testemunhas os cegos, os coxos, os mortos ressuscitados; testemunhas os demônios mesmos, quando dizem: «Que há entre vó e nós? Porque nós sabemos que

sois o Filho de Deus». São testemunhas os ventos apaziguados, os cinco pães multiplicados para alimentar cinco mil homens. É testemunha o madeiro da cruz, encontrado êstes dias entre nós, cujos adeptos quase já enchem o mundo inteiro. É testemunha a palmeira que se encontra no vale e que deu seus ramos às crianças que bendiziam o Senhor. É testemunha o Getsêmani, que parece ainda mostrar o traidor Judas aos espectadores. É testemunha o Gólgota, essa montanha santa que se vê de todos os lados; a sepultura na qual foi sepultado, e a pedra que ainda hoje lá se encontra. É testemunha o sol que nos ilumina neste momento e que se eclipsou na hora de sua paixão; as trevas que cobriram a terra desde a sexta hora até a nona; a luz que brilhou da nona hora até o anoitecer. É testemunha esta santa montanha das Oliveiras, de onde subiu para o Pai; são testemunhas essas nuvens que receberam o o Senhor; as portas do céu, das quais dissera o salmo: «Abri-vos, portas principais, e o Rei da glória entrará». São testemunhas seus próprios inimigos, entre os quais o bem-aventurado Paulo, que, após ter-lhe feito guerra durante algum tempo, o serviu por longos anos. São testemunhas os doze apóstolos, que pregaram a verdade, não sòmente por palavras, mas ainda pelos sofrimentos e pela morte. É testemunha a sombra de São Pedro, que curava as doenças em nome de Cristo. São testemunhas o sudário e a túnica de Paulo, que por virtude do mesmo Cristo, devolviam a saúde. São testemunhas os persas e os gôdos, como tôdas as nações que morrem por êle, embora não o tenham visto pessoalmente, com os olhos corpóreos. São testemunhas os demônios, que os fiéis afugentam ainda hoje dos posses-

sos pela fôrça de seu nome. Com tantas e tão boas testemunhas, não acreditareis ainda? Enfim, Jesus Cristo deu testemunho, em pessoa».

A décima-primeira instrução explica êste artigo do símbolo: Creio no Filho único de Deus, gerado do Pai, verdadeiro Deus, antes de todos os séculos, e por quem tudo foi feito. É uma espécie de tratado sôbre a divindade de Jesus Cristo, provada pelo Antigo e pelo Novo Testamento, em particular pela confissão de São Pedro, **príncipe dos apóstolos e soberano pregador da Igreja.** A décima-segunda instrução explica a encarnação do Filho de Deus, de acôrdo com as profecias de Jacó, de Davi, de Isaías, etc, com as palavras do Evangelho, assim como do símbolo dos apóstolos. A piedade cristã nota aí as particularidades seguintes. Vê-se ainda no monte das Oliveiras a marca dos pés de Jesus Cristo que subia aos céus, São Cirilo tomou-a como testemunho para com todos os habitantes de Jerusalém. Êle vê nisso o cumprimento desta palavra do profeta Zacarias: «Nesse dia estará de pé sôbre as montanhas das Oliveiras que fica próxima de Jerusalém, a oriente da cidade». Santo Agostinho atesta igualmente que se ia à Judéia adorar os vestígios de Jesus Cristo, que se viam no lugar do qual subira aos céus. Por que o filho de Deus se encarnou no seio de uma virgem? São Cirilo responde como Santo Irineu: A morte veio pela virgem Eva. Por isso, a vida nos veio pela virgem Maria. A serpente enganou a primeira, o anjo Gabriel anunciou a boa nova a outra. São Cirilo diz positivamente que foi sôbre o Tabor que o Salvador foi transfigurado. Êsse testemunho do bispo de Jerusalém nos mostra a tradição do país. Êle lembra a obrigação do celibato

eclesiástico, por esta reflexão: «Se os que exercem o sacerdócio de Jesus não devem ter nenhum comércio com nenhuma mulher, como poderia o próprio Jesus ter nascido de um homem e de uma mulher?» A lei de Moisés ordenava, para a purificação, a oferta de duas rôlas ou de duas pombinhas. O Evangelho não diz qual dessas duas oferendas fêz a virgem Maria. São Cirilo nos ensina, de acôrdo com a tradição de Jerusalém, que foram duas rolinhas.

A décima-terceira instrução é acêrca da crucificação e do sepultamento de Jesus Cristo. Lê-se, com relação à hora da crucificação: «Foi crucificado por nós. Foi julgado de noite, em época de frio, em que se fazia fogueira para se aquecer. À terceira hora foi crucificado. E da sexta à nona hora, o sol se eclipsou e reapareceu luminoso depois da nona hora. Vejamos como está escrito. O profeta Zacarias havia dito: «Nesse dia não haverá luz e fará frio; e haverá gêlo». De fato, como fazia frio, «Pedro se aquecia». O profeta acrescenta: «E êsse dia será conhecido do Senhor». Não quer dizer que Deus não conheça todos os dias, mas entre tantos dias que existem, é o dia da paixão do Senhor, o dia que o Senhor fêz, dia que o Senhor conhece de modo especial. Então, diz o profeta: «Não há nem dia nem noite». Qual é êsse enigma? O Evangelho no-lo explica. Não havia dia, porque o sol não luzia perpètuamente do oriente ao ocidente, mas que «da sexta hora até à nona houve trevas», durante o dia. Ora, Deus deu às trevas o nome de noite. É por isso que não haverá nem dia nem noite; porque a luz não era total para ser chamada dia, nem era treva, para ser chamada noite. Mas o sol reapareceu após a nona hora. O profeta predisse

mesmo essa circunstância, quando disse: «Não haverá nem dia nem noite», acrescentando: «E a luz aparecerá pela tarde». Vêdes a certeza do profeta, vêdes a verdade das Escrituras. Mas perguntais a que horas precisamente o sol se eclipsou, se foi à quinta, à oitava ou à décima. O profeta Amós vos responderá: «Nesse dia, diz o Senhor, o sol se esconderá em pleno meio-dia». Efetivamente, a partir da sexta hora, houve trevas, e a luz sumiu da terra durante o dia. E qual será êsse tempo, qual será êsse dia, ó profeta? «Eu mudarei, diz, vossas solenidades em luto». Isso se passou efetivamente no tempo dos Ázimos ou da Páscoa. E acrescenta: «Farei verter sôbre êle lágrimas como sôbre um filho único; e será um dia de dor para êle e para todos os que estão com êle». Por isso, nesse dia solene dos Ázimos, as mulheres se desfaziam em lágrimas e choravam sôbre êle, e os apóstolos que se haviam escondido, estavam em abatimento. Como essa profecia é maravilhosa!»

A décima-quarta instrução explica estas palavras do símbolo: Êle ressuscitou dos mortos no terceiro dia, subiu aos céus, está sentado à direita do Pai. Na décima-quinta, São Cirilo explica êste artigo: Virá ainda uma vez sôbre a terra, para julgar os vivos e os mortos e seu reino não terá fim.

Nas instruções décima-sexta e décima-sétima, explica eloqüentemente o artigo do Espírito Santo. Por suas explicações, vê-se que a Igreja de Jerusalém tinha acrescentado, desde então, ao símbolo, no artigo do Espírito Santo, o que o segundo concílio ecumênico, primeiro de Constantinopla, acrescentou universalmente contra o herético Macedônio. São Cirilo prova suficientemente, pelo Antigo e pelo

Novo Testamento, que o Espírito Santo é Deus; que é da mesma substância que o Pai e o Filho; que tem sua origem no Filho, como êste a tem no Pai. «Por excelente que seja a natureza dos anjos, diz na instrução de número dezesseis, foram tirados do nada. Mas o Espírito Santo procede eternamente de Deus. A natureza dos anjos está sujeita a mudanças, como tôdas as coisas criadas, embora elas não mudem. Mas o Espírito Santo é imutável, consubstancial que é ao Pai e ao Filho. Foi êsse Espírito que predisse Jesus Cristo pelos profetas, que operou pelos apóstolos e que ainda hoje marca as almas no batismo. O Pai deu ao Filho e êste ao Espírito Santo. Não sou eu que o digo, mas o próprio Jesus: «Tôdas as coisas me foram dadas pelo Pai». Depois, falando do Espírito Santo: «Quando o Espírito da verdade vier, me glorificará, porque receberá de mim e vo-lo anunciará». São Cirilo diz ainda na instrução seguinte: «Não apenas São Paulo, mas os demais apóstolos, e todos os que, por seu mistério, creram no Pai, no Filho e no Espírito Santo que lhes é consubstancial, foram cheios do Espírito Santo».

Na décima-oitava instrução, explica estas palavras do símbolo: creio também na santa Igreja Católica, na ressurreição da carne e na vida eterna. Diz São Cirilo «que a Igreja é chamada católica, porque se espalhou por tôda a terra; porque ensina universalmente e sem exceção tudo o que é necessário à salvação; porque submete ao verdadeiro culto todo o gênero humano, os soberanos, os súditos, os sábios e os ignorantes; porque cura todos os pecados, e possui tôdas as virtudes. É necessário observar com cuidado êste artigo do símbolo, a fim de evitar irreverências dos heréticos. Quando, pois, chegardes a uma

cidade desconhecida, não pergunteis simplesmente: Onde é a casa do Senhor? porque os hereges dão êsse nome aos seus velhacoutos. Não pergunteis também: Onde é a Igreja? Mas, onde é a Igreja católica? Porque tal é o nome próprio da santa Igreja, nossa mãe e espôsa de Jesus Cristo. Perseguida outrora, coroava seus mártires com as coroas imortais e variadas da paciência; hoje, na paz, é respeitada pelos reis, pelos grandes, pelos homens de tôdas as condições. De resto, os reis são limitados a nações particulares, seu poder tem limites; não outro poder como o da santa Igreja, que se estende por tôda a terra, sem cerceamento de limites.»

Essas dezoito instruções têm por objetivo preparar os catecúmenos para receberem os três sacramentos do batismo, da confirmação e da eucaristia. Vêm em seguida cinco catecismos sôbre êsses mesmos sacramentos, que os neófitos acabavam de receber. A primeira e a segunda dessas instruções tratam do batismo, da renúncia a Satanás, às suas obras e às suas pompas, assim como de outras cerimônias comuns em Jerusalém, como a unção santa de todo o corpo, a tripla imersão, a vestimenta branca, que assinalava os efeitos do sacramento. O terceiro trata dos mistérios, fala do santo crisma ou da confirmação, que os neófitos recebiam imediatamente após o batismo. «Não imagineis que se trate de um óleo comum, diz São Cirilo. Porque, como o pão da eucaristia, após a invocação do Espírito, não é mais pão comum, mas o corpo de Jesus Cristo; da mesma forma, o crisma, após a invocação, não é mais óleo comum, mas o dom de Cristo, que, pela presença de sua divindade, tem a virtude de obter o Espírito Santo. Assim, durante a cerimônia de unção da

fronte e dos outros sentidos do corpo, a alma é santificada pelo Espírito Santo vivificador». Na igreja de Jerusalém, a unção do santo crisma se fazia não sòmente sôbre a fronte do neófito, mas também sôbre as orelhas, as narinas e o peito, como para armá-lo, por todos os sentidos, contra o inferno e o mundo. O quarto a respeito dos santos mistérios, trata do corpo e do sangue de Jesus Cristo, após a leitura destas palavras dirigida aos Coríntios: «O Senhor mo ensinou e vo-lo deixei por tradição», etc. São Cirilo fala nestes têrmos: «A doutrina de São Paulo que acabastes de ouvir basta para vos dar certeza a respeito dos mistérios divinos, dos quais fôstes julgados dignos e que vos tornaram partícipes do corpo e do sangue de Jesus Cristo. Por isso o Apóstolo vos dizia: «Na mesma noite em que Jesus Cristo foi traído, tomou do pão e, dando graças, partiu-o dizendo: Tomai, comei, êste é meu corpo. E, tomando do cálice, rendeu graças e disse: Tomai, bebei, êste é meu sangue». Êle mesmo assegura dizendo: «êste é meu corpo». Quem ousaria duvidar? E quando diz que o vinho é seu próprio sangue, poderia alguém não acreditar-lhe as palavras? Certa vez, em Caná, na Galiléia, mudou água em vinho, o qual se aproxima muito do sangue. E não seria digno de crédito o fato de mudar o vinho em seu próprio sangue? Convidado para as núpcias corporais, fêz êsse milagre surpreendente. E quem duvidará de que beneficiou mais ainda os filhos do espôso celeste com a participação de seu corpo e sangue? Por isso, recebamos tais coisas, com certeza plena, como o corpo e o sangue de Cristo, porque sob a aparência do pão vos é dado seu corpo e sob a aparência do vinho seu sangue, para que sejais um

mesmo corpo e um mesmo sangue com êle. Nós nos tornamos, com efeito, dessa maneira, **cristóforos,** dado que seu corpo e sangue se distribuem por nossos membros. E segundo o bem-aventurado Pedro, somos participantes da natureza divina».

No quinto e último, a respeito dos mistérios, explica certas cerimônias da missa, tal como era celebrada em Jerusalém.

Além dessas instruções aos neófitos, o sacerdote Cirilo pregava ainda cada domingo aos fiéis na igreja, trabalho que êle chama não de catequização, mas de prática. Resta-nos apenas uma dessas práticas, sôbre a cura do paralítico.

Nesse trabalho de catequização, invoca várias vêzes São Pedro, como chefe dos apóstolos, o soberano pregador da Igreja, o detentor das chaves do reino dos céus, que recebeu o encargo de apascentar as ovelhas intelectuais. Não apenas o chama de corifeu, mas o corifeu dos apóstolos, como se lhe faltasse outra palavra para designar tão alta proeminência. Acrescenta que Pedro foi a Roma com Paulo, e obtiveram por suas orações que Simão o Mago, o qual por ostentação, pairava no ar, caísse por terra. Isso não é de admirar, diz êle, dado que se tratava de Pedro, que falava o portador das chaves do céu, e Paulo, vindo do terceiro céu, onde ouvira coisas inefáveis.

Morto São Maxímio, o sacerdote Cirilo lhe sucedeu pelo fim do ano de 350. O comêço de seu episcopado foi celebrizado por um grande prodígio, o qual se apressou a relatar ao imperador Constâncio. Nos cinqüenta dias da Páscoa até Pentecostes, em 7 de maio de 351, às nove horas da manhã, uma imensa cruz de luz apareceu por sôbre

o Gólgota, estendendo-se até o monte das Oliveiras. Mostrou-se distintamente, não a uma ou a duas pessoas, mas a todo o povo da cidade. Não se tratou, como se poderia pensar; de um fenômeno passageiro. Permaneceu sôbre a terra durante várias horas, visível aos olhos, mais brilhante do que o sol, cuja luz a teria encoberto, se ela não fôsse mais forte. Imediatamente todo o povo acorreu à igreja com grande mêdo, acrescido de certa alegria. Os jovens e os velhos, os homens e as mulheres, e mesmo as criancinhas; os cristãos do país e os estrangeiros, os pagãos que lá se encontravam, vindos de diversos lugares. Todos, em uníssono, louvavam nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho único de Deus, o operador de milagres, vendo por experiência a verdade da doutrina cristã, à qual o céu prestava homenagem. Nessa carta, que ainda temos, São Cirilo dá a Constâncio os epítetos mais honrosos. Era, sem dúvida, para atraí-lo à verdadeira fé, porque terminou por desejar-lhe que glorificasse para sempre a santa e consubstancial Trindade. A igreja grega celebra no dia 7 de maio a festa dêsse milagre, que, aliás, foi atestado por grande número de outros historiadores.

Vê-se por uma carta, que São Cirilo professava abertamente a divindade consubstancial de Jesus Cristo, apesar dos prelados arianos que dominavam na côrte. Teve de sofrer muito, porque mais de uma vez o expulsaram de sua sede, com violência. Por isso, os bispos católicos reunidos em Constantinopla no ano de 382, e que formaram um concílio ecumênico com aprovação da Santa Sé, prestaram à sua fé a mais brilhante homenagem. Declararam em sua carta ao papa São Dâmaso e aos bispos do Ocidente,

como Teodoreto relata em seu quinto livro: «que o reverendíssimo Cirilo, bispo de Jerusalém, tinha sido eleito canônicamente pelos bispos da província, e sofrera várias perseguições por causa da fé».

Um dos prelados arianos, Eusébio de Nicomédia, educou um sobrinho do imperador Constâncio, que foi Juliano o Apóstata, precursor do Anticristo. Para se vingar de Cristo que havia renegado, o apóstata Juliano deu-se ao empreendimento de reconstruir o templo de Jerusalém e de nêle restabelecer o culto judaico. Cristo havia anunciado que êsse templo seria destruído e que não restaria dêle pedra sôbre pedra. Anteriormente, os profetas já haviam predito que essa última desolação seria irremediável; que os judeus não subsistiriam jamais em corpo de nação; que seriam errantes, sem rei, sem príncipe, sem sacrifício, sem altar, sem profetas, procurando a salvação e não encontrando nada. Reerguer, pois, o templo e restabelecer o culto, seria desmentir não só a Cristo, mas também os profetas, seria arruinar ambos os Testamentos e preparar o triunfo do paganismo.

A fim de incitar os judeus, Juliano lhes escreveu uma carta bajuladora. E fêz mais. Mandou virem os principais dêles e perguntou-lhes por que não ofereciam mais sacrifícios, como o rei lhes ordenara. Responderam-lhe que não lhes era permitido sacrificar fora de Jerusalém e do templo. Então, êle lhes declarou que, estudando os livros sacros, havia descoberto que o fim do cativeiro no qual gemiam, tinha chegado; que deviam, pois, retornar à pátria e colocar novamente a lei em vigor. Depois, ajuntando os efeitos às palavras, enviou de tôdas as partes, operários a Jerusalém, e ordenou aos tesou-

reiros que fornecessem dinheiro necessário para a construção do templo, que devia custar somas imensas. O governador da província estava encarregado de prestar-lhe cuidados. Por fim, Alípio, amigo íntimo do imperador, que o chamava de irmão querido, tinha a superintendência da obra, e se dirigira aos locais, para apressar-lhe a execução.

A essa notícia, os judeus acorreram de tôdas as partes a Jerusalém. Acreditavam-se já senhores do mundo. E sua insolência já ameaçava os cristãos de passá-los a fio de espada. Em situação tão crítica, São Cirilo, bispo de Jerusalém, ficou exposto a rudes assaltos, tanto por parte dos infiéis, como por parte dos cristãos fracos. Mas, em meio aos insultos de uns e alarmas de outros, sustentou sempre, baseado em Daniel e Jesus Cristo, que a tentativa dos judeus e dos pagãos iria confundi-los a êles próprios. Tôdas as aparências conspiravam contra êle. Reunia-se grande quantidade de materiais; trabalhava-se dia e noite limpando o lugar do velho templo e demolindo os velhos fundamentos. Alguns judeus tinham mandado fazer, para êsse trabalho, pás, cêstos, ferramentas de prata. Viam-se mulheres das mais delicadas trabalhando e levando os escombros nos seus vestidos mais preciosos. Tinham dado jóias e pedrarias para contribuir com as despesas do empreendimento.

A demolição estava terminada e, sem nisso pensar, haviam cumprido, rigorosamente, a palavra de Jesus Cristo, de «que não ficaria pedra sôbre pedra». Quiseram fazer o novo alicerce. Mas do local se ergueram turbilhões terroríficos de chamas, que consumiram os operários. A mesma coisa aconteceu, quando por outras vêzes voltaram ao

empreendimento. A constância do fogo, tornando inacessível o lugar, obrigou-os a abandonar para sempre a obra. Essas são as palavras de Amião Marcelino, escritor da época, historiador criterioso e fiel, pagão de religião e ligado ao serviço de Juliano. Os autores cristãos dizem a mesma coisa: Santo Ambrósio, São Crisóstomo, São Gregório de Nazianzo, todos da época do acontecimento; Rufino, Sócrates, Sozômeno, Teodoreto, que escreveram no século seguinte, todos falam do assunto como de um fato notório e sôbre o qual não há sombra de dúvida. Sòmente acrescentam alguns pormenores que Marcelino, ordinàriamente prolixo, negligencia, talvez para resguardar a honra de seu herói. Na noite que precedeu o dia em que deveriam começar a obra, originou-se grande tremor de terra, que não apenas atirou longe as pedras que se encontravam no fundamento, como também derrubou a maior parte dos edifícios dos arredores. As galerias públicas, onde estava reunido grande número de judeus, para vigiar a obra, caíram fragorosamente e sepultaram, sob suas ruínas, as pessoas que lá se encontravam. Vendavais levaram embora a areia, a cal e outros materiais dos quais havia quantidades imensas. O fogo consumiu os martelos, os cinzéis, as serras e outros utensílios que tinham encerrados em um edifício subterrâneo, sob o templo. Veio o dia e os judeus acorreram ao local para verem o que havia acontecido. Da construção, ergueram-se labaredas que se estenderam pelo meio da praça, e continuaram a se alastrar por tôda parte, queimando e matando os judeus ali reunidos. Êsse fogo se repetiu várias vêzes durante o dia. Na noite seguinte, viram sôbre suas roupas cruzes luminosas

que não conseguiam fazer desaparecer, por mais que se esforçassem. Apareceu também uma cruz luminosa no céu. Os judeus não deixaram de voltar ao trabalho, tanto voluntàriamente, como por ordem do imperador. Mas foram repelidos pelo fogo estranho. Vários dentre êles, bem como muitos pagãos, ficaram comovidos com o prodígio, reconheceram a divindade de Jesus Cristo e pediram o batismo.

«Êsses prodígios, diz um autor antigo, foram comunicados ao imperador Juliano, que ordenou cessassem a reedificação do templo».

Quanto àqueles judeus que se obstinaram no judaísmo, não deixaram de consignar êsse acontecimento em suas memórias. Um famoso rabino do século seguinte se exprime da seguinte forma: «Por volta do ano 4349 da existência do mundo, nossos anais relatam que houve grande terremoto que destruiu o templo erguido pelos judeus com grandes despesas, por ordem de Juliano o Apóstata. No dia seguinte ao desastre, o fogo do céu caiu sôbre as obras, derreteu tudo quanto era de ferro nessa construção e consumiu grande número de judeus».

Juliano mesmo deu testemunho forçado dêsse prodígio. Em um escrito, confessa que havia empreendido reedificar o templo dos judeus; que tal emprêsa falhara; que o fogo fôra a causa disso; que êsse desastre tinha sido predito pelos profetas. Sòmente conclui que os profetas não sabiam o que estavam dizendo, visto que é próprio da natureza do fogo queimar. Os poetas eram bem mais esclarecidos. Êles também, como Juliano nos informa, se tornaram desprezíveis, por suas contradições, ao passo que os profetas causam admiração a todo o mundo, pela coerência. Tal é a lógica do Apóstata.

Dir-se-ia ver o pai da mentira, a serpente infernal, traspassada por um dardo da verdade divina, contorcendo-se e recurvando-se em todos os sentidos, para não convir.

O ímpio Juliano havia ameaçado São Cirilo, com tôda sua cólera, para quando voltasse da guerra contra os persas. Todavia nela pereceu miseràvelmente, não longe da antiga Babilônia. São Cirilo foi ainda perseguido por Valão, imperador ariano, que morreu em uma batalha contra os gôdos. O santo bispo morreu tranqüilamente em Jerusalém, no dia 18 de março de 386, aos setenta anos de idade.

* * *

SANTO TRÓFIMO E SANTO EUCÁRPIO (*)

Mártires

Trófimo e Eucárpio eram dois soldados na Nicomédia de 304, terríveis perseguidores dos cristãos, ferozes e violentos, inimigos encarniçados e figadais de Jesus Cristo. Sem piedade, atiravam nas prisões todos aquêles que se declaravam discípulos do Mestre incomparável.

Um dia, quando se propunham ir em busca de novas vítimas, viram que do céu descia uma grande luminosidade, enquanto, muito claramente, uma voz lhes dizia:

— Por que tanto vos diligenciais em ameaçar meus servidores? Não mais vos iludais. Ninguém pode sujeitar aquêles que crêem em mim. Ao contrário, e o perseguidor que bandear para êles, ganhará o reino dos céus.

Trófimo e Eucárpio cairam ao chão, quase sem sentidos. E, a custo, conseguiram dizer:

— Foi verdadeiramente o grande Deus que nos apareceu! Felizes seremos se nos tornarmos seus servidores!

A mesma luminosidade pairava, e a mesma voz se fêz ouvir:

— Levantai-vos! Vossos pecados estão perdoados!

Apareceu-lhes, então, um sublime sêr vestido de branco, seguido de grande cortejo. E os dois, estuporados, gritaram, em meio a uma densa névoa que os envolvia a todos:

— Recebei-nos, embora tenhamos pecado grandemente, agindo como insensatos quando vos combatíamos, vós e vossos servidores.

A cerração levantou-se e desapareceu no ar, mais a visão. E os dois soldados, convertidos, trataram, no mesmo instante, de dar liberdade aos presos cristãos. E, à medida que os soltavam, abraçavam-nos carinhosamente, como a irmãos muito queridos.

O prefeito, quando soube do sucedido, fê-los comparecer ao tribunal. E, interrogados sôbre tal mudança, ambos lhe referiram a visão que haviam tido.

Torturados, estendidos no cavalete, Trófimo e Eucárpio permaneceram inabaláveis.

Preparada uma grande fogueira, por ordem do prefeito, a ela foram os dois convertidos atirados sem dó nem piedade, assim morrendo e conquistando a gloriosa palma do martírio.

* * *

SÃO FRIDIANO (*)

Bispo e Confessor

Fridiano era filho dum rei de Ulster, na Irlanda, e foi educado por São Colman em Dromore.

Fundador do mosteiro de Moville, Fridiano, um dia, demandou a Itália e acabou por se fixar em Luca, na Toscana, mais ou menos pelo ano de 565.

A santidade, o zêlo e a reputação de que gozava, levaram-no a ser escolhido para governar a Igreja de Luca, depois da morte de Geminiano, ocorrida em 566.

Favorecido por Deus com o dom dos milagres, diz São Gregório, o Grande, nos célebres **Diálogos**, que São Fridiano, com ardentes orações, conseguiu deter a marcha duma inundação do Arno, que ameaçava sèriamente a maior parte da cidade de Luca.

Morto em 588, foi enterrado no lugar em que mais tarde se edificou a igreja que lhe tomou o nome.

Milagrosamente, duzentos anos depois do falecimento de São Fridiano, descobriram-lhe o corpo.

* * *

SANTO EDUARDO (*)

Rei e Mártir

Filho de Edgar, o Pacífico, Rei da Inglaterra, e de Etelfleda ou Etelfreda, Santo Eduardo foi batizado por São Dunstan.

Morta Etelfreda, Edgar casou-se novamente (1), e, quando faleceu, divisões se deram entre os príncipes inglêses. Uma parte, fomentada pela madrasta de Eduardo, desejava no trono o príncipe Etelred. Eduardo, auxiliado por Dunstan, acabou por vencer a resistência que lhe faziam, e pelo santo homem que o batizara foi sagrado na presença dos senhores todos.

Eduardo foi dócil aos conselhos de Dunstan. Piedoso e afável, bondoso e pacífico, foi prudente e sábio.

Ora, Elfrida, derrotada, jurara vingar-se do enteado. Esperava, ùnicamente, a ocasião propícia.

Um dia, a caçar na floresta vizinha ao castelo de Wareham, residência da madrasta e do irmão Etelred, Eduardo resolveu visitá-los, ignorante dos projetos criminosos de Elfrida.

---

(1) Etelfreda era sua segunda espôsa, Elfrida foi a terceira.

Elfrida, vendo-o aproximar-se, movimentou um pajem, armou-o, instruiu-o, e, com um copo d'água fresca, foi ao encontro do enteado, oferecendo-lhe de beber, que o calor era grande.

Sem desmontar, o rei tomou o copo, levou-o aos lábios, e, principiava a sorver o líquido, quando o pajem, sorrateiramente, saltou para êle, apunhalando-o fundamente e por várias vêzes.

Eduardo com a dor, deixou cair o copo. E, agarrando as rédeas do animal que se assustara com o insólito salto do assassino, conseguiu dominá-lo e endireitá-lo para alcançar os seus.

O sangue perdido, porém, enfraqueceu-o ràpidamente, e o rei desabou do cavalo a meio caminho.

Era em 978, e Elfrida fêz tudo para esconder o crime. Enviou homens à procura do corpo, com ordens de trazê-lo o mais escondida e secretamente possível.

Eduardo foi enterrado, sem que o soubessem os súditos, num pântano que havia nas imediações de Wareham, mas Deus quis glorificar aquêle santo: um facho de luz indicou o lugar onde o haviam enterrado.

Descoberto, muitos doentes recuperaram a saúde, tão-sòmente com tocar-lhe o corpo.

Etelred, que o sucedeu, ergueu-lhe uma igreja e um convento de religiosas em Bredford.

Embora Santo Eduardo não tenha vertido o sangue para render homenagem a Jesus, Salvador nosso, é honrado como mártir.

A madrasta, arrependida do crime cometido, deixou o mundo, acabando os dias no mosteiro de Wherwell, que ela mesma havia fundado.

Não se confunda êste Eduardo, o Mártir, com o homônimo, também rei da Inglaterra, o Confessor, festejado a 5 de janeiro e também a 13 de outubro.

* * *

SANTO ANSELMO (*)

Bispo e Confessor

Santo Anselmo, que foi bispo e confessor de Nosso Senhor Jesus, nasceu no princípio do século XI em Mântua, numa muito nobre família.

Sobrinho de Badage, bispo de Luca, foi educado pelo tio, com êle fazendo os primeiros estudos.

Quando Badage, como papa (Alexandre II), em 1061, sentou-se na cátedra de São Pedro, cuidou para que Anselmo o sucedesse no bispado de Luca, mas tal não aconteceu imediatamente, uma vez que, enviando o sobrinho à Alemanha, para ali receber do imperador, então Henrique IV, a investidura, Anselmo, sem ela, tornou, porque não quis aceitar as condições que lhe foram impostas.

O Santo foi sagrado por Gregório VII em 1073. E, ouvindo os conselhos do novo Pontífice, voltou à Alemanha para a investidura.

Pouco tempo depois, desejou êle, escrupuloso que era, renunciar ao cargo, e dirigiu-se ao mosteiro de São Bento de Polizone, que era uma dependência de Cluny, perto de Mântua. A uma ordem do papa, todavia, teve que se encarregar da diocese que lhe coubera.

Em 1079, porém, os cônegos se revoltaram e o expulsaram da Sé, sob o pretexto de que havia renunciado à investidura do imperador, resultando daí o aparecimento dum antipapa, impôsto por Henrique IV, que se chamava Pedro e era o cabeça dos cônegos que se rebelaram e não se importaram com os esforços que Gregório VII fizera para o restabelecimento de Anselmo.

Em meio aos distúrbios causados na Igreja por Henrique, Anselmo manteve-se sempre fiel a Roma. O papa Gregório VII estabelecera-o legado na província da Lombardia, onde muitos bispos viviam fiéis à sua causa.

No período agitado em que viveu, Santo Anselmo levou perenemente vida austera, sempre procurando qualquer pretexto para esconder as mortificações que fazia.

Morto em Mântua em 1086, desejou ser enterrado no capítulo do mosteiro de São Bento de Polizone, mas o bispo de Sutri interveio, fazendo com que o depositassem na igreja catedral de Mântua.

Inúmeros milagres ilustraram-lhe, então, a sepultura, sendo o santo bispo escolhido para padroeiro da cidade.

* * *

BEM-AVENTURADO FRA JOÃO ANGÉLICO (*)

O. P. Confessor

João Angélico, cujo nome no século era Guido di Petro, nasceu no vale do Mungello, que confina com Fiesole.

Guido aprendeu, desde a primeira juventude, a pintar, especializando-se em miniaturas, estudando com um mestre em Florença.

Em 1407, ouvindo Domingos de Fiesole pregar, foi conquistado para Deus. E, com o irmão mais velho, Benedito, foi, contritamente, bater à porta do convento de Fiesole, onde suplicou que lhes dessem o hábito dos clérigos de São Domingos.

O prior, Marcos de Veneza, admitiu os dois postulantes, dirigindo-os a Cortona, já que ali ainda não funcionava o noviciado, construído há pouco que fôra o convento.

Em Cortona, Guido teve por mestre o bem-aventurado Fra Lourenço de Ripafratta, homem simples e reto, temente a Deus, modêlo de santidade e de pureza, conforme dêle dissera Santo Antonino.

Guido di Petro, então, em Cortona, adotou o nome pelo qual seria mais conhecido: Fra Giovani Angélico, ou seja, Fra João Angélico. Corria o ano

de 1480, e o sossêgo da comunidade turbara-se. Principiavam os tempos em que a Igreja, terrìvelmente, passaria por tristes fases: surgiriam dois papas, três com Gregório VII, que, deposto pelo concílio de Pisa, mais Bento XIII, antipapa, e Alexandre V, dividiriam a cristandade.

Fra Angélico, então, passou, em fuga, de convento a convento, viajando pela escuridão das noites, a Foligno.

Ali pôde reencetar a vida monacal tão bruscamente interrompida, dedicando-se, de corpo e alma, aos estudos da ordem, da teologia, bebendo na doutrina de Santo Tomás de Aquino.

Fra Angélico vivia em perene recolhimento, e a Úmbria exerceu sôbre sua misticidade artística uma influência bem profunda, já que estava tôda cheia das coisas de São Francisco.

De volta a Cortona, terminados os tristes dias agitados, Fra Angélico trabalhou e trabalhou. E a pintura, tal qual êle a executou, foi um perfeito exercício de vida contemplativa.

Mais tarde, de 1418 a 1436, por dezoito anos pois, viveu entre os monges de São Marcos de Florença. Chamado a Roma, ficou no convento dos irmãos pregadores de Santa Maria de Minerva. Trabalhou sob o papa Eugênio IV, que lhe conhecia o talento, e, principalmente, sob Nicolau V.

Fra Angélico decorou, em Orvieto, a capela do Domo.

Pregador, teólogo, pintor e poeta, faleceu em Roma, em 1455, com sessenta e seis anos de idade, sendo enterrado na igreja do convento da Minerva.

O culto que se lhe rendeu, anterior de mais de cem anos ao decreto de Urbano VIII, de 1634, era admitido em Florença, bem como em Fiesole, onde o bem-aventurado fôra prior entre 1451 e 1452.

No Capítulo geral de maio de 1904, a ordem dominicana solicitou da Santa Sé a definitiva aprovação daquele culto que já se rendia ao bem-aventurado Fra Angélico de Fiesole.

* * *

No mesmo dia, em Augsburgo, São Narciso, bispo, o primeiro que pregou o evangelho aos grisões, indo em seguida a Espanha, tendo, depois, em Girona, feito inúmeras conversões. Recebeu a palma do martírio juntamente com o diácono Felix, quando do imperador Diocleciano, em 307.

Em Cingoli, diocese de Osimo, São Cândido, mártir, do qual pouco se sabe. Em 1651, suas relíquias foram tiradas do cemitério de Santa Inês para serem levadas à igreja colegial de Cingoli.

Em Langres, São Tétrico, bispo e confessor, filho de São Gregório de Langres e seu sucessor na Sé, que ocupou por trinta e três anos, de 539 a 572, ano em que faleceu. Presidiu a translação do corpo do pai. Assistiu a vários concílios: Orleans, em 549; Paris, em 557; Tours, em 565. Governou com calma e ternura, sendo muito afeiçoado à pobreza, que nêle via um pai. Tio de Gregório de Tours, faleceu no dia de hoje, 18, mas em Langres é festejado no dia 20 dêste mesmo mês.

Em Auxerre, um segundo São Tétrico, bispo também, e mártir, que ocupou a sede daquela cidade entre 692 e 707. Morto pelo próprio arcediago, Ragenfredo.

Na Escócia, São Coman, confessor, irmão dos Santos Becano e Cumiano. Monge de Iona, sob a direção de São Fergna, faleceu em 676.

Na diocese de Mans, São Merolo, bispo. Puro, de vida muito santa, caracterizou-se pela doçura e pelo devotamento que dedicou em reparar os males causados pelo antecessor, Gauzioleno. Faleceu em 785 no mosteiro de Nossa Senhora do Evron, sendo o corpo levado para a igreja de São Vítor, onde jaz.

Na Itália, São Bartolomeu de Anglare, confessor. Nascido em Anglare, diocese de Arezzo, pertenceu à nobre família dos Magia. Com um irmão, Jerônimo, procurou os irmãos menores da Observância, ali dando exemplo da humildade e da santa pobreza. Operando milagres durante a vida, morreu bastante avançado em idade, em 1510, possìvelmente a 15 de maio, dia em que tem o nome inscrito no martirológio franciscano.

Em Cagliari, São Salvador de Horta, confessor. Nascido em São Coloma de Farnes, diocese da Girona, na Catalunha, viu-se órfão bem cedo. Em Barcelona foi pastor e sapateiro. Aspirando vida religiosa, aos vinte anos procurou o convento franciscano de Santa Maria de Barcelona, ali fazendo de ajudante de cozinheiro. Passando parte da noite na contemplação e na prática de rigorosas austeridades, Deus favoreceu-o com o dom dos milagres. Conta-se dêle que, um dia, era o que se celebrava a Circuncisão, estando o irmão cozinheiro doente, ficou incumbido de, sòzinho, preparar o almôço. Ora, Salvador deixou-se absorver na meditação, e, quando deu por si, era já meio-dia. Às pressas, correu à cozinha, sem saber o que havia de fazer, mas lá chegando, encontrou tudo pronto — que os

anjos por êle se dedicaram às fainas do fogão. Modêlo dos religiosos, foi transferido, pouco depois, para Santa Maria, perto de Tortosa, onde operou inúmeras curas miraculosas. Falecido em 1567, Salvador de Horta foi sepultado na capela de São Francisco, depois na de São Pedro, uma terceira vez em rica capela que o vice-rei fizera construir especialmente para abrigar-lhe os restos. Confirmou-lhe o culto o papa Clemente XI em 1711. O Papa Pio XI incluiu-o entre os Santos Moradores do céu.

No mesmo dia, em Cesaréia, na Palestina, festa de Santo Alexandre, que, da Capadócia e de sua própria cidade, da qual era bispo, foi para Jerusalém, visitar os santos lugares, quando Narciso, que ocupava essa sede, já de idade avançada, tomou, por ordem de Deus, o govêrno dessa igreja. Algum tempo depois, o santo homem, que a idade e as cãs tornavam mais venerando ainda, foi levado para Cesaréia, durante a perseguição de Décio, e encerrado em estreita prisão, onde sofreu o martírio pela fé em Jesus Cristo.

Em Nicomédia, dez mil santos mártires, passados a fio de espada, por confessarem o nome de Cristo.

* * *

19.º DIA DE MARÇO

SÃO JOSÉ, ESPÔSO DA SANTA VIRGEM.

Como Deus honra a São José! Coloca-o, por assim dizer, em seu próprio lugar. Confiou-lhe seu Filho único, um Deus feito homem, com sua santíssima Mãe. Confiou-lhe tais pessoas sob a mais afetuosa confiança. José é o espôso legítimo de Maria, e, neste sentido, o pai de Jesus, pai legal, pai adotivo, mas sobretudo, pai por afeição. Foi êle o primeiro homem a quem Deus revelou o cumprimento da grande promessa feita aos nossos primeiros pais, após a queda. Promessa de graça e de misericórdia, renovada de geração em geração aos profetas e patriarcas; promessa aplicada pelo profeta Isaías à casa de Davi, atribuindo-lhe, desde então, grande glória: Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamá-lo-ão Emanuel, isto é, **Deus conosco.** O anjo do Senhor lhe disse: «José, filho de Davi, não receies ficar com Maria, tua espôsa, porque o que nela foi concebido, é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, ao qual darás o nome de Jesus ou Salvador, dado que êle salvará o povo dos pecados».

Tu lhe darás o nome de Jesus... Que glória para o humilde e casto José! São Jerônimo nos diz, em seu livro contra o herético Helvídio, que São

José sempre foi virgem, e é sabido que, após ter-se unido à santa espôsa, viveu sempre na mais perfeita continência. Por isso, justifica-se a intimidade que o céu lhe dedica.

Foi êle que Deus encarregou de cuidar do divino infante. Foi êle que o anjo mandou o levasse de Belém ao Egito, dêste à Judéia, da Judéia a Nazaré. Como Jesus não honrava o estremecido pai! Como Maria não honrava o casto espôso! Que felicidade, que honra para êle morrer entre os braços de Jesus e de Maria! Aprendamos de Deus a glorificar tão grande santo.

Como São José se tornou o que é? Êle era humilde, pobre, dócil, temente a Deus. Descendia da família real de Davi, porém vivia do trabalho de suas mãos. Vindo para a cidade dos pais, Belém, viu-se obrigado a morar em um estábulo. Todavia, não se lamentou. O anjo lhe disse, durante a noite, que fugisse para o Egito. Levantou-se no mesmo instante. Os maiores mistérios lhe foram revelados. E o segrêdo foi guardado com fidelidade inquebrantável. Como não devia amar a Jesus e a Maria! Venerava sua castíssima espôsa como o templo vivo de Deus, do qual êle mesmo foi instituído guarda. Com que piedade terna não devia carregar nos braços o menino Jesus, cobrindo-o de beijos, dirigindo-lhe os primeiros passos, recolhendo-lhe as primeiras palavras. Oh, quem poderá compreender a amizade recíproca dêsse pai e dessa criança!

Consideremos um pouco os principais acontecimentos da vida de São José. A Santa Família morava, a princípio, em Nazaré. Foi lá que Cristo foi concebido. Mas, segundo a profecia, deveria nascer em Belém. Como, pois, iria a profecia ser cumprida?

Admiremos a providência de Deus. O imperador romano, César Augusto, desejoso de saber o número dos súditos do seu império, ordenou fôsse cada qual inscrever-se na sua terra natal. Como José era originário de Belém, para lá se dirigiu com Maria, sua espôsa. Como a cidade fôsse pequena e para lá acorresse enorme multidão, foram obrigados a se abrigarem em um estábulo. E foi nesse lugar que Jesus nasceu. Oh, que santa família a de Jesus, Maria e José! Sim, foi no estábulo de Belém que ela se tornou completa! Quem não ambicionaria a glória dêsse estábulo?

Os anjos do céu a proclamam. Glória a Deus no mais alto dos céus, diziam, e paz na terra aos homens de boa vontade. Anunciaram a boa nova aos pastôres: Não temais, hoje vos nasceu um Salvador, que é o Cristo Senhor, na cidade de Davi. Eis o sinal pelo qual o reconhecereis: Encontrareis um menino envôlto em faixas e deitado em uma manjedoura. Vinde, humildes pastôres, vinde, sêde os primeiros! Vinde ver e amar o Salvador que vos nasceu. E ei-los a contar a Maria e a José o que viram e ouviram. Maria e José se encheram de admiração e de alegria.

Depois dos pastôres de Belém vieram os reis do Oriente, os magos. Ofereceram ao novo rei dos judeus ouro, incenso e mirra. Novo motivo de admiração por parte de Maria e de José. Iluminados pelo Espírito de Deus, viram nesses magos o cumprimento das profecias; viram as primeiras conversões dos gentios a Deus. E êsses gentios somos nós mesmos. Desde então nos regozijamos pelos corações de Maria e de José.

Mas isso não é tudo. Quarenta dias após o nascimento do infante Jesus, São José o apresentou, com Maria, no templo, para oferecê-lo a Deus e resgatá-lo pelo sacrifício de duas rolinhas. Maria e José foram as pessoas que o ofereceram a Deus, no templo, êle, o filho eterno e único de Deus, feito homem e vítima. O santo velho Simeão o reconheceu, o abraçou, adorou e o proclamou, não apenas glória de Israel, mas Salvador de todos os povos, luz de tôdas as nações. Uma santa profetisa juntou seus louvores. Maria e José se encheram de admiração. Simeão os bendisse e a Maria, mãe do menino, dirigiu estas palavras: «Êste foi pôsto para ruína e para a ressurreição de muitos em Israel e como sinal de contradição. E tua alma será traspassada por uma espada, para que sejam descobertos os pensamentos de muitos, escondidos no fundo do coração». Essa espada, essas contradições, começarão imediatamente.

Após a partida dos magos e a apresentação no templo, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José e lhe disse: «Levanta-te, toma a criança e sua mãe e foge para o Egito e fica lá até que te avise, porque Herodes procurará o menino, para matá-lo». José levantou-se, tomou a criança e a mãe durante a noite e se retirou para o Egito. Lá ficou até a morte de Herodes; para que se cumprisse o que o Senhor tinha anunciado pelo profeta, ou seja: Do Egito chamei meu Filho.

Se Deus nos tivesse encarregado do bem-estar da santa família, provàvelmente, em lugar de fazê-la pobre, tê-la-íamos feito muito mais rica do que Abraão. Em lugar de fazer com que Jesus nascesse em um estábulo, ter-lhe-íamos dado um bêrço mais

rico do que o de Salomão. Deus não pensou como nós. Não sòmente quis que a santa família fôsse pobre, mas abrigou-a em um estábulo. As riquezas e os palácios, deixou-os para o malvado Herodes, que, ao invés de nisso encontrar felicidade, encontrou invejas, ódios e tôdas as paixões. Não é tudo. Poder-se-ia esperar que a santa família fôsse ao menos tranqüila em sua pobreza. Mas, isso não se deu, porque teve de fugir em plena noite, como se fôsse uma família de malfeitores. Atravessou os desertos e dirigiu-se para o Egito, país desconhecido, onde não havia outro recurso que a Providência e o trabalho das próprias mãos. Anjos do céu, cuidai dêstes pobres emigrantes!

E durante êsse tempo, que fêz Herodes? Matou as criancinhas de Belém e dos arredores. E não parou aí a mortandade. Matou o avô de sua espôsa, o cunhado, a própria mulher e três filhos. Quis matar a si mesmo. Ordenou que, à sua morte, fôssem mortos os principais chefes de família, para que nos seus funerais houvesse muito pranto. O palácio dêste homem malvado era feito de invejas, ódios, acusações de uns contra os outros, conspirações, assassinatos, envenenamentos. Era verdadeira imagem do inferno. Santa família de Jesus, Maria e José, preservai-nos, preservai-me de algo semelhante! Refugio-me no vosso seio. Dignai-vos receber-me, se não como criancinha, pelo menos como servo. Prefiro ser humilde na casa de Deus, a habitar nos palácios dos pecadores.

Após a morte de Herodes, um anjo apareceu em sonho a José, no Egito, dizendo-lhe: Levanta-te, toma o menino e sua mãe e volta para o país de Israel, porque já são mortos os que procuravam a

alma da criança. José se levantou, tomou a criança e a mãe e voltou para a terra de Israel. Mas, sabendo que Arquelau reinava na Judéia, em lugar de Herodes, seu pai, temeu ir para lá. E, advertido em sonho por aviso divino, retirou-se para a Galiléia. Lá chegando, foi morar em uma pequena cidade chamada Nazaré, a fim de que se cumprisse o que havia sido dito pelos profetas: «Será chamado Nazareno», em hebraico, Notzer ou Notzri.

Êsse nome se encontra em dois lugares dos mais importantes da Escritura. A pessoa divina que aparece a Moisés e que se chama **Jeová, Deus misericordioso, clemente, paciente, verdadeiro,** toma também o nome de **Notzer.** E, em todos os livros hebraicos êsse nome é escrito com inicial maiúscula, para indicar, dizem os doutôres judeus, que êle encerra um profundo mistério. E êsse nome misterioso começa esta série da mesma invocação: **Guardando a misericórdia de até mil gerações, retirando a iniqüidade, os crimes e os pecados.** Não é difícil entrever que os judeus têm razão, e que êsse nome encerra efetivamente grande mistério com relação a Cristo. Outra passagem é de Isaías, quando diz: «Um rebento nascerá do tronco de Jessé, e um germe, uma flor (Notzer) se erguerá de suas raízes». Êsse rebento, êsse germe, êsse Notzer, receberá o Espírito de Jeová sôbre si — segundo se diz — será educado para ser o estandarte dos povos, as nações correrão para êle e seu sepulcro será glorioso. Como Jesus morou em Nazaré, os judeus o chamavam Notzer, Notzri ou Nazareno. Êsse título foi afixado na cruz. E a cruz tornou-se o estandarte das nações e o Nazareno é adorado pelo universo como o Notzer de Moisés,



São José em Nazaré. Segundo um afresco de M. Savinien Petit, na catedral de Bordéus.

como o Deus clemente e verdadeiro, que guarda misericórdia até mil gerações, que arranca, que apaga os pecados do mundo. Sem dúvida que há nesse nome grande mistério, mas um mistério cumprido, um mistério esclarecido.

«Todavia o menino crescia e se fortificava; era cheio de sabedoria e de graça de Deus, estando nêle. Seus pais iam todos os anos a Jerusalém, por ocasião da Páscoa. E, quando atingiu a idade de doze anos, para lá foram, segundo o costume, ao tempo da festa. Passados os dias de solenidade, quando voltavam, o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seu pai e sua mãe disso se apercebessem. Pensando que estivesse com os companheiros, caminharam um dia, e o procuraram entre os parentes e os conhecidos. Mas, não o encontrando, voltaram a Jerusalém, para lá procurá-lo. Aconteceu que, três dias após, o encontraram no templo, sentado no meio dos doutôres, escutando-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam, estavam admirados de sua prudência e de suas respostas. Quando o viram, foram tomados de espanto; sua mãe lhe disse: «Meu filho, por que fizeste assim conosco? Eis que te procurávamos, teu pai e eu, aflitíssimos. E êle lhes respondeu: Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?» Êles, porém, não compreenderam o que êle lhes dizia. E voltou com êles a Nazaré e lhes era submisso. E sua mãe conservava tôdas essas palavras no coração. E Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e dos homens.

Querendo ser em tudo semelhante a nós, exceto no pecado, estava, como as demais crianças, sujeita a sentir os progressos da idade. Crescia e se forti-

ficava. A sabedoria, da qual estava cheio, crescia com a idade, se revelava por degraus. Todavia, desde o berço e desde o seio de sua mãe, estava pleno de sabedoria. Sua santa alma, desde a concepção, unida à sabedoria eterna em unidade de pessoa, era ìntimamente dirigida, e recebeu a princípio um dom de sabedoria acima de tudo, alma que era do Verbo divino, alma pura; de sorte que, de acôrdo com a própria humanidade, todos os tesouros da ciência e da sabedoria estavam infusos nêle. Nêle se encontravam, porém, escondidos, para se revelarem no tempo oportuno. **E a graça de Deus estava nêle.** Quem duvidaria disto, se êle estava tão estreitamente unido à fonte da santidade e da graça? Mas o santo Evangelista quer dizer que à medida que o menino crescia e começava a agir por si próprio, reluzia-lhe em todo o exterior não sei o que, que fazia em si mesmo e que atraía as almas para Deus, tanto era simples, comedido, ponderado em tôdas as ações e palavras.

José e Maria, segundo o preceito da lei, não faltavam, todos os anos, às celebrações da Páscoa, no templo de Jerusalém. Levavam o filho querido junto, que percebia essa santa observância e talvez se deixasse instruir a respeito do mistério dessa festa. Êle já estivera nela, antes de nascer; êle era o fundo da festa, dado que era o verdadeiro cordeiro que devia ser imolado e comido em memória de nossa passagem para a vida futura. Mas Jesus, sempre submisso aos pais mortais durante sua infância, deixou um dia patente que sua submissão não provinha da fraqueza e da incapacidade de uma idade ignorante, mas de ordem mais profunda.

Escolheu, para cumprir êsse mistério, a idade dos doze anos, quando se começava a obter capacidade de raciocínio e de reflexões mais sólidas, a fim de não parecer querer forçar a natureza, mas, antes, seguir-lhe o curso e o progresso.

A subtração de Jesus, escapando à sua santa Mãe e ao santo José, não é uma punição, mas um exercício. Não se lê que tenham sido acusados de tê-lo perdido por negligência ou por qualquer falta; é, pois, uma humilhação e um exercício. Primeiramente, sentiram-se inquietos, depois tristes, pelo fato de não o encontrarem entre os parentes e os conhecidos, entre os quais julgavam estar. Quantas vêzes, se nos é permitido fazer conjeturas, quantas vêzes o santo ancião deve ter-se mortificado, pelo pouco cuidado que tivera com o depósito celeste! Como não teria ficado aflita com êle a terna mãe, como a melhor espôsa que jamais existiu?

Os encantos do santo menino eram surpreendentes. É para admitir que todos o quisessem para si. E nem Maria nem José podiam deixar de crer que estivesse em qualquer grupo de viajantes, porque as pessoas da mesma região iam a Jerusalém em grupos, para se fazerem companhia. Assim, Jesus escapou fàcilmente e seus pais caminharam um dia sem se aperceberem da perda.

Voltai a Jerusalém. Não é entre os parentes, nem entre os homens que se deve procurar Jesus Cristo. É na cidade santa. É no templo que o encontraremos ocupado com os assuntos de seu Pai. Com efeito, após três dias de procura laboriosa, quando tinha sido bastante pranteado e procurado, o santo menino se deixou encontrar no templo.

Estava sentado no meio dos doutôres. Êstes o escutavam e o interrogavam. E todos os que o ouviam se admiravam de sua prudência e de suas respostas. Ei-lo, pois, de um lado, sentado com os doutôres, como se êle mesmo fôsse um dêles e tivesse nascido para ensiná-los; e de outro, não o vemos dar lições expressas. Escutava, interrogava os que eram reconhecidos como mestres em Israel, não jurìdicamente, por assim dizer, nem dessa maneira autêntica da qual usou mais tarde. Era, se podemos dizer, um menino, e como que desejoso de ser instruído. É por isso que foi dito que escutava e respondia, por sua vez, aos doutôres que o interrogavam; e se admiravam de suas respostas, menino modesto que era, doce e bem instruído, nêle percebendo, como é claro, algo de superior, de sorte que o deixavam tomar lugar entre os mestres.

Admiremos como Jesus, por sábia economia, soube conduzir tôdas as coisas e como deixou transparecer algo do que era, sem querer perder inteiramente o caráter de criança. Ide ao templo, crianças cristãs; ide consultar os doutôres; interrogai-os; respondei-lhes; reconhecei nesse mistério o comêço do catecismo e da escola cristã. E vós, pais cristãos, se Jesus não se furta a interrogar, responder e escutar, como podeis subtrair vossos filhos ao catecismo e à instrução pastoral?

Admiremos também, como todos os outros, a prudência de Jesus, prudência não sòmente acima da idade, mas ainda absolutamente acima do homem, acima da carne e do sangue; prudência do espírito. Poderíamos aqui relembrar algumas das respostas de Jesus que fizeram os doutôres admirar-lhe a prudência. Mas o Evangelho nos conservou uma que

nos fará conhecer suficientemente a natureza de tôdas as outras.

Seus pais ficaram admirados de encontrá-lo entre os doutôres, aos quais causava espanto. O que assinala que êstes não viam nêle nada de extraordinário no comum da vida, porque tudo estava como que envolto no véu da infância; e Maria, que era a primeira a sentir a perda de um filho tão querido, foi também a primeira a lamentar-lhe a ausência. E, **meu filho,** disse ela, **por que nos fizeste isso? Teu pai e eu, aflitos, te procurávamos.** Notai: **teu pai e eu.** Ela disse **pai** e, de fato, êle o era, como já vimos; pai, não sòmente pela adoção do santo menino, mas ainda verdadeiramente pai pelo sentimento, pelo cuidado, pela doçura; o que fêz com que Maria dissesse: **teu pai e eu, aflitos.** Iguais na aflição, porque sem ter tomado parte no teu nascimento, partilha comigo da alegria de te possuir e da dor de te perder. Todavia, mulher obediente e respeitosa, nomeia a José por primeiro: **teu pai e eu,** dando-lhe a honra de tratá-lo como se fôsse pai a exemplo dos demais. Ó Jesus, como tudo é ponderado em tua família! Como cada qual, sem olhar para as honrarias que merece, faz o que pede a edificação e o bom exemplo! Família bendita, é a sabedoria eterna que te dirige!

Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai? Eis a resposta sublime do menino. Teria com isso corrigido a Maria, por ter chamado a José de seu pai? Absolutamente. Êle lembra apenas a doce lembrança de seu verdadeiro pai, Deus, cuja vontade, assunto do qual quer falar, deve ser sua ocupação. A vontade do Pai era que lhe desse, então, uma amostra da sabedoria da qual estava pleno e que vinha declarar,

juntamente com a superioridade como devia tratar os pais mortais, sem seguir a carne e o sangue, seus superiores de direito, a êles submetido por deferência especial.

E êles não compreenderam o que êle lhes dizia. Não raciocinemos mal a propósito dêste texto do Evangelho. Afirma-se não apenas de José, mas também de Maria, que não compreenderam o que Jesus lhes queria dizer. Maria compreendia, sem dúvida, o que êle dizia de Deus, seu Pai, pois um anjo lhe havia anunciado o mistério. O que não compreendeu profundamente, na medida em que o assunto o merecia, foram as coisas de seu Pai, das quais devia se ocupar. Aprendamos que não é na ciência, mas na submissão que consiste a perfeição. Para nos impedir de duvidar disso, Maria mesma nos é apresentada como ignorando o mistério do qual lhe falava o filho querido. Ela não se mostrou curiosa, absolutamente, continuou submissa; é o que vale mais do que a ciência. Deixemos Jesus Cristo agir em Deus, fazer e dizer coisas altas e impenetráveis. Olhemos para êle, como Maria o fêz, com santo espanto. Conservemo-lo em nosso coração, para nelas meditarmos e as assimilarmos, para as compreendermos, quando Deus o quiser, na medida em que o dispuser.

E êle partiu com os pais e foi para Nazaré. Após ter-se afastado um pouco, para dedicar-se à obra e ao serviço de seu Pai, tornou à vida ordinária, obedecendo aos pais. É talvez misticamente que o Evangelho fala em **descer.** Mas, seja o que fôr, a verdade é que, voltando para junto dos pais, até o batismo, ou seja até a idade de trinta anos, não fêz outra coisa senão obedecer-lhes.

Sinto-me prêso de espanto a esta palavra. Estaria nisso todo o emprêgo de Jesus Cristo, do Filho de Deus? Todo seu emprêgo, todo seu exercício é obedecer a duas de suas criaturas. E em que lhes obedecer? Nos exercícios mais humildes, na prática de um serviço mecânico. Onde estão os que se lamentam, que murmuram quando seus serviços não correspondem às capacidades que possuem — digamos melhor ao orgulho? Que venham à casa de José e Maria e que vejam Jesus trabalhar. Não lemos que seus pais tenham tido criados, semelhantemente às pobres pessoas cujos filhos são os servidores. Jesus disse de si mesmo, que **tinha vindo para servir.** Os anjos foram obrigados, por assim dizer, a virem servi-lo no deserto. E não vemos em nenhuma parte que tenha tido servidores. O certo é que êle trabalhava na oficina de seu pai. Compete esclarecer que, pelo que parece, perdeu José antes do tempo de seu ministério. Por ocasião da paixão, deixou sua mãe com o discípulo bem amado, que a recebeu em sua casa, coisa que não teria feito, se José, seu casto espôso, ainda estivesse vivo. Desde o comêço de seu ministério, vê-se Maria convidada com Jesus às bôdas de Caná; não se fala de José. Pouco depois, vemo-lo em Cafarnaum, com sua mãe, irmãos e discípulos. José não aparece. Maria aparece muitas vêzes. Mas, depois de ter sido educado por São José, não se fala mais dêste santo homem. E quando, no comêço de seu ministério, Jesus Cristo vinha pregar em sua terra, dizia-se: **Não é êste o carpinteiro filho de Maria?** Como êle, não nos envergonhemos pelo fato de o terem visto, por assim dizer, manter a oficina, sustentar com seu trabalho a mãe viúva e levar adiante o pequeno comércio de

uma profissão que garantia a subsistência de ambos. **Sua mãe não se chama Maria? Não temos entre nós s.us irmãos Jacó e José, e Simão e Judas e suas irmãs?** Não se fala de seu pai. Aparentemente, pois, já o havia perdido. Jesus o servira durante sua última doença. Feliz pai a quem tal filho fechou os olhos! Verdadeiramente, morreu-lhe nos braços e como que num beijo do Senhor. Jesus ficou para consolar sua mãe, para servi-la. Nisso consistiu todo seu exercício.

Santa família de Jesus, Maria e José, ah, se tôdas as famílias vos fôssem semelhantes! O céu começaria na terra! Não teríamos guerras, violências, injstiças, processos, ódios. Por tôda parte reinaria a paz, a união, a concórdia, a caridade. Todos amariam todos em Deus e Deus em todos.

* * *

BEM-AVENTURADO JOÃO BURALI DE PARMA (*)

Confessor

Filho da muito ilustre família dos Burali, João nasceu em Parma no ano de 1209, sendo educado por um tio que era padre, e padre venerável.

Talentoso, vivo e de raras virtudes, o bem-aventurado, doutorado, ensinou, por algum tempo, filosofia na cidade em que viera à luz.

O mundo, que não lhe oferecia qualquer atrativo, deixou-o êle para ingressar entre os franciscanos, sequioso que estava de praticar a santa pobreza tão decantada pelo doce Pobrezinho descalço de Assis.

A doutrina dos sermões que fazia tocava, e profundamente, as almas tôdas. De fácil palavra, foi chamado para o ensino. E em Bolonha, Nápoles e Roma, lecionou filosofia e teologia aos irmãos da ordem, por longos anos.

Em 1245, participou do primeiro concílio de Lião. Ali representou o ministro geral dos irmãos menores. E a prudência, a inteligência e a ciência, chamaram as atenções, chegando aos ouvidos do papa, então Inocêncio IV.

Depois do concílio, ei-lo em Paris, a ocupar uma das cátedras da universidade, onde, brilhante e desembaraçadamente, dissertou sôbre o **Livro das Sentenças.**

João Burali de Parma era designado, em 1247, ministro geral da ordem no Capítulo de Lião. Teve, então, ocasião de combater as inovações, e temerárias inovações, dum irmão Elias, fazendo reacender o verdadeiro espírito de São Francisco.

Geral da ordem, João de Parma visitava os conventos, percorrendo tôda a província a pé, envergando grosseiro hábito muito pobre. Chegado que era a um convento, esquecia-se da alta investidura que lhe haviam imposto, e corria à cozinha, a ajudar o cozinheiro a debulhar favas, descascar tubérculos ou limpar verduras.

Tanta humildade e tanta doçura atraia-lhe a proteção de Nossa Senhora, à qual devotava particular carinho.

Legado do papa, cognominado de Anjo da Paz, João se deu ao trabalho de unificar diversas nações do Oriente. Querido do santo rei Luís de França, venerado pelos gregos, em 1254, estava êle, depois de peregrinar pelo Oriente, em Paris, pronto para tranqüilizar os ânimos exaltados na Universidade por Guilherme de Santo-Amor.

— — — — —

A título de ilustração, transcrevemos, em seguida, o que do bem-aventurado diz os **Fioretti,** na parte que fala de como frei Tiago de Massa viu todos os frades menores do mundo na visão de uma

árvore, e conheceu as virtudes, e os méritos e os vícios de cada um, no capítulo XLVIII (1).

«Frei Tiago de Massa, ao qual Deus abriu a porta dos seus segredos, e deu perfeita ciência e inteligência da divina Escritura e das coisas futuras, foi de tanta santidade, que frei Egídio de Cesi e frei Marcos de Montino e frei Junípero e frei Lúcido diziam dêle que não conheciam ninguém no mundo maior para com Deus. Tive grande desejo de vê-lo, porque, pedindo eu a frei João, companheiro do dito frei Egídio, que me expusesse certas coisas do espírito, êle me disse:

«— Se quiseres ser informado na vida espiritual, procura falar com frei Tiago da Massa.

«Êste frei Tiago, no princípio do ministério de frei João de Parma, rezando uma vez, foi arrebatado em Deus e estêve três dias arroubado neste êxtase, alheio a todo sentimento corporal, e estêve tão insensível, que os frades não duvidaram de que estivesse morto. E nesse arroubamento, foi-lhe revelado por Deus o que devia haver e acontecer em tôrno da nossa religião, pela qual coisa, quando a ouvi, cresceu em mim o desejo de vê-lo e de falar com êle.

«E quando foi Deus servido que eu tivesse ocasião de falar-lhe, supliquei assim:

«— Se é verdade o que ouvi de ti, peço-te que não mo ocultes. Ouvi que quando estiveste três dias como morto, entre outras coisas que Deus te revelou, houve o que deve acontecer nesta nossa religião. E isto, disse-o frei Mateus, ministro da Marca, ao qual tu, por obediência, o revelaste».

---

(1) I Fioretti, 3.ª ed., Ed. Vozes, 1950.

«Então, frei Tiago, com grande humildade, explicou que o que o dito frei Mateus dizia era verdade. E o seu dizer era êste:

«Eu sou o frade, ao qual Deus revelou tudo que há de suceder em nossa religião; porque frei Tiago da Massa mo manifestou e disse que, depois de muitas coisas que Deus lhe revelara do estado da Igreja militante, viu em uma visão uma árvore bela e muito grande, cujas raízes eram de ouro, seus frutos eram homens e todos frades menores. Seus ramos principais eram distintos segundo o número das províncias da Ordem, e cada ramo tinha tantos frades quantos os da província marcada no ramo: e então êle soube do número de todos os frades da Ordem e de cada província, e ainda os nomes dêles, a idade, e as condições e os ofícios, e os graus, e a dignidade, e as graças e as culpas de todos.

«E viu frei João de Parma no mais alto ponto do ramo do meio desta árvore; e no extremo dos ramos que estavam em tôrno dêste ramo do meio estavam os ministros de tôdas as províncias. E depois disto viu o Cristo assentar-se num trono grandíssimo e cândido, o qual Cristo chamava São Francisco e lhe dava um cálice cheio de espírito de vida, e lhe ordenava, dizendo: «Vai e visita teus frades e dá-lhes de beber dêste cálice do espírito de vida, porque o espírito de Satanás se levantará contra êles e os combaterá e muitos dêles cairão e não se levantarão». E deu Cristo a São Francisco dois anjos para acompanhá-lo. E então veio São Francisco apresentar o cálice da vida aos seus frades, e começou a apresentá-lo a frei João de Parma, o qual, tomando-o, bebeu-o todo, depressa e devotamente, e sùbitamente tornou-se todo luminoso

como o sol. E depois dêle, sucessivamente, São Francisco apresentou-o a todos os outros: e poucos eram os que bebiam todo.

«Aquêles que o tomavam devotamente e o bebiam todo, sùbitamente tornavam-se esplendentes como o sol, e aquêles que o derramavam todo e não o tomavam com devoção, tornavam-se negros, e escuros, e deformados e horríveis de ver-se; e aquêles que em parte bebiam e em parte o entornavam, tornavam-se parcialmente luminosos e parcialmente tenebrosos, e mais ou menos conforme a quantidade que bebiam ou derramavam.

«Mais acima de todos os outros, o dito frei João resplandecia, o qual mais completamente havia bebido do cálice da vida, pelo qual êle tinha contemplado profundamente o abismo da infinita luz divina, e nela havia conhecido a adversidade e a tempestade que se deviam levantar contra a dita árvore e agitar e comover os seus ramos. Pela qual coisa o dito frei João partiu de cima do ramo, no qual estava, e descendo abaixo de todos os ramos, ocultou-se na base do tronco da árvore e ficou pensativo.

«E frei Boaventura, o qual havia bebido parte do cálice e parte derramado, subia para aquêle ramo e para o lugar de onde havia descido frei João. E estando no dito lugar, tornaram-se-lhe as unhas das mãos unhas de ferro agudas e cortantes como navalhas: pelo que deixou o lugar para onde havia subido, e com ímpeto de furor queria lançar-se contra o dito frei João para o ferir. Mas frei João, vendo isto, gritou com fôrça e recomendou-se ao Cristo, o qual se assentava no trono. E Cristo, ao grito dêle, chamou São Francisco e deu-lhe uma pederneira afiada e disse: «Vai com esta pedra e corta as unhas de

frei Boaventura, com as quais êle quer arranhar frei João, que não o possa ofender».

«Então São Francisco foi e fêz como Cristo havia mandado. E feito isto, veio uma tempestade de vento e sacudiu a árvore tão fortemente que os frades caíram ao chão, e primeiramente caíram os que haviam derramado o cálice da vida, e eram carregados pelos demônios para lugares tenebrosos e penosos.

«Mas frei João, juntamente com os outros que haviam bebido todo o cálice, foi transladado pelos anjos para um lugar de vida e de lume eterno e de esplendor beatífico. E o dito frei Tiago, que via a visão, entendia e discernia particularmente e distintamente o que via, quanto aos nomes, condições e estados de cada um claramente.

«E tanto durou aquela tempestade contra a árvore, que ela caiu e o vento a levou. E imediatamente depois que cessou a tempestade, das raízes desta árvore, que eram de ouro, nasceu outra árvore que era tôda de ouro, a qual produziu fôlhas, e flôres e frutos dourados. Da qual árvore e do seu desenvolvimento, profundidade, beleza, e ardor, e virtude, melhor é calar do que dizer no presente. Em louvor de Cristo. Amém».



Depois de trinta e dois anos de vida mais angélica do que humana, faleceu João de Parma em Camerino em 1289, com oitenta anos de idade.

Pio VII, em 1777, aprovou-lhe o culto imemorial. Camerino e Parma festejam-no a 20 de março. e Arezzo a 24.

* * *

BEM-AVENTURADA SIBILINA BISCOSSI (*)

Virgem

A bem-aventurada virgem Sibilina Biscossi nasceu em Pavia no ano de 1287. Órfã de pai e de mãe, aos doze anos ficou cega, sendo recolhida, piedosamente, pelas irmãs da ordem terceira de São Domingos, onde passou a viver. Persuadiu-se, então, de que, rezando e suplicando com grande ardor a São Domingos, no dia de sua festa, recuperaria a vista que se fôra. Mas, não. Numa visão que tivera foi-lhe dito que a cegueira permaneceria até o fim dos seus dias.

Sibilina desejava recuperar a vista para trabalhar, e como agora ficara sabendo que tal não lhe aconteceria, determinou viver reclusa, servindo a Deus.

As penitências da bem-aventurada foram espantosas. Não tinha mais de quinze anos, impuseram-lhe uma companheira — a irmã Beatriz — que viveu perto dela por algum tempo, e morreu, já que, procurando seguir Sibilina em suas práticas, não o conseguiu, tantos os rigores a que a jovem se dava.

Sem piedade, Sibilina flagelava-se continuamente. E, com o tempo, um grande número de

pessoas ia visitá-la. E eram nobres, e burgueses, e bispos, e religiosos de tôdas as ordens — os habitantes todos de Pavia, enfim — iam levar-lhe as penas, confiar-lhe os desejos, recomendar-se-lhe às orações, atraídos por tanta santidade.

Reclusa, viveu Sibilina por sessenta e sete anos. E, depois que Deus lhe levara a irmã Beatriz, permaneceu só na cela. Grande devota do Espírito Santo, octogenária, faleceu em 1367, sendo enterrada na igreja dos irmãos pregadores.

Pio IX confirmou-lhe o culto.

* * *

BEM-AVENTURADO MARCOS DE MONTEGALO (*)

Confessor

Marcos, filho de rica e nobre família de Montegalo, diocese de Ascoli, nas Marcas, tomou o hábito franciscano em Fabriano, passando a professar com os irmãos menores da Observância.

Guardião do convento de São Severino, ouviu, um dia em que fervorosa e recolhidamente orava, que Nossa Senhora lhe dizia:

— Vai, irmão Marcos, vai anunciar aos homens a caridade!

Desde aquêle dia, principiou a percorrer as Marcas — depois a Itália tôda — pregando durante quarenta anos pelas igrejas e praças públicas, procurando implantar a paz onde a paz se fôra, a união, onde a desunião obrava devastações, o perdão, onde a injúria campeava, tenebrosa.

Nomeado provincial das Marcas em 1481, nem por isso deixou a vida missionária.

Perto da morte, pediu que lhe lessem a Paixão. Com sentimentos da mais viva piedade, ouviu a leitura com os olhos voltados para o céu. E, quando

o irmão ledor chegou às palavras: **Et inclinato capite,** Marcos de Montegalo cerrou os olhos para o mundo e entregou a alma a Deus.

Grande multidão, então, apareceu para lhe testemunhar veneração, e inúmeros milagres ilustraram-lhe a sepultura, logo que a ela foi baixado, atestando-lhe a santidade.

Morto em 1496, Gregório XVI aprovou-lhe o culto a 20 de setembro de 1839.

* * *

No mesmo dia, na Irlanda, Santo Auxílio, bispo e confessor, falecido em 459.

Na Irlanda ainda, São Latino, abade e confessor, nascido perto de Cork. Foi batizado com água miraculosa. Confiado a São Comgall, de Bangor, São Latino estudou sob Molua, abade de Cluainfer. Fundador do convento de Achadh-ur, em Freshford, onde faleceu em 622, é invocado para a cura da paralisia e para o livramento dos possessos.

Na diocese de La Rochelle, São Leôncio, bispo e confessor. Assistiu ao concílio de Clichy, e, em 637, deu asilo a São Malo, exilado da Bretanha. Faleceu em 640.

Na Inglaterra, Santo Alcmond, mártir. Querem alguns que tenha sido assassinado em 800 pelos partidários do usurpador Eardulf. Outros, que morto pelos traidores de 819. Aparentado com os reis Elred e Osred, foi piedoso, humilde e desprendido.

Em Gand, na Flandres, os santos Landoaldo, padre romano, e Amâncio. diácono, enviados pelo

papa São Martinho para pregar o Evangelho. Landoaldo faleceu em 668 e Amâncio em 670.

Em Sienne, o bem-aventurado André de Gallerani, confessor. Soldado, sempre deu provas de grande bravura, ao mesmo tempo que era ardoroso cristão. Um dia, ao ouvir, da bôca de um companheiro, terrível blasfêmia, puxou da espada e matou-o incontinenti. Condenado ao degrêdo, passou o resto dos dias na penitência e a fazer obras de caridade. Quando, docemente, principiou a socorrer os doentes, Deus concedeu-lhe o poder de curas maravilhosas. Tornando à cidade natal, furtivamente, ali procurou socorrer os pobres e os enfermos. Com alguns parentes e amigos, fundou uma associação que tomou o nome de «Irmão da Misericórdia», que funcionou até perto de 1308. Grande devoto de Maria Santíssima, teve conhecimento do dia da morte, ocorrida em 1251. Enterrado na igreja dos dominicanos, celebram-lhe a festa, na cidade em que nasceu, no dia 20 de junho.

Na Escócia, o bem-aventurado Clemente, bispo e confessor. Bispo de Dunblane, recebeu o hábito dominicano das mãos do santo fundador da ordem, e introduziu os irmãos pregadores na Escócia. Eloqüente, grande pregador, conhecedor de várias línguas, foi muitíssimo celebrado. Tendo encontrado a igreja catedral bem empobrecida, dada a negligência do antecessor, embelezou-a, enriqueceu-a, dotou-a de terras, estabelecendo prebendas e cônegos. Faleceu em 1258.

No mesmo dia, em Sorrento, os santos mártires Quinto, Quintila, Quartila e Marcos, com nove outros.

Em Nicomédia São Pancário, romano, que, durante o reinado de Diocleciano teve a cabeça cortada, recebendo, assim, a palma do martírio.

No mesmo dia, Santo Apolônio e Leôncio, bispos.

Em Cività di Penna, festa de São João, homem de grande santidade, que, tendo vindo da Síria para a Itália, construiu um mosteiro, onde governou durante quarenta e quatro anos grande número de servidores de Deus. Por fim, cheio de virtudes e de méritos, morreu em santa paz.

* * *

20.º DIA DE MARÇO

SÃO CUTIBERTO,

Bispo de Lindisfarne, na Inglaterra.

Natural da vizinhança do mosteiro de Mailros, na ilha de Lindisfarne. Desde a juventude, foi privilegiado com graças especiais, que o atraíram para Deus. Uma noite em que guardava um rebanho, viu, quando rezava, subir ao céu a alma de Santo Aidão, cuja morte soube pela manhã do dia seguinte. Sentiu-se de tal modo tocado com essa visão, que se tornou monge na abadia de Mailros, na região dos Merciões, mas habitada por irlandeses. Foi um dos monges enviados para fundar a abadia de Ripon. Quando esta foi dada a São Wilfredo, retirou-se com os outros do rito irlandês e retornou a Mailros, onde foi prior algum tempo depois. Saía algumas vêzes para ir aos lugares afastados, ou inacessíveis, instruir os camponeses, que todos os outros eclesiásticos descuravam, por causa da pobreza e da pouca formação que possuíam. E algumas vêzes ficava com êles durante três semanas ou um mês, e batizava os que ainda não eram cristãos. Fazia grande número de milagres. Seu abade o enviou novamente ao mosteiro de Lindisfarne. Lá encon-

trou monges desregrados, os quais reconduziu ao bom caminho, pela doçura e pela paciência. Derramava abundantes lágrimas quando celebrava a missa e quando ouvia as confissões dos pecadores. Após ter sido, durante doze anos, prior em Lindisfarne, retirou-se para a ilha de Farne, para lá viver



São Cutiberto. Segundo uma escultura da catedral de Durbam.

em solidão. Vivia do trabalho das próprias mãos e negligenciava de tal modo o corpo, que não se descalçava durante vários anos, a não ser na quinta-feira santa para o lavapés. Fêz ainda inúmeros milagres.

São Cutiberto passara vários anos nessa solidão, quando São Teodoro de Cantuária reuniu um concílio em presença do rei Egfrido, no ano de 684, quando foi eleito unânimemente bispo de Lindisfarne. Enviaram-lhe vários mensageiros, sem conseguirem arrancá-lo do retiro. Foi necessário que o rei lá fôsse em pessoa com São Trumwin, bispo dos pictos, e várias pessoas de consideração. Mesmo assim, tiveram dificuldades em convencê-lo. Sua sagração foi adiada para o ano seguinte, e celebrada em York, na presença do rei, no dia de Páscoa, 26 de março de 685. Sete bispos assistiram à cerimônia e à testa dêles, São Teodoro. O novo bispo de Lindisfarne continuou guardando as observâncias monásticas, aplicando-se, todavia, com grande cuidado à instrução de seu povo. Visitava tôda a diocese, até as menores vilas, para dar conselhos salutares e impor as mãos aos novos batizados, para que êles recebessem a graça do Espírito Santo. Fêz ainda muitos milagres durante seu episcopado, principalmente para a cura de doentes. Morreu, porém, ao cabo de dois anos, em 687, no dia 20 de março, dia em que a Igreja lhe honra a memória. A vida de São Cutiberto foi escrita por outro santo, o venerável Beda, que vivia nessa época e que tomou tôdas as precauções para não dizer senão coisas das quais não se possa duvidar.

SANTO AMBRÓSIO DE SENA

Nasceu em Sena, Toscana, em 16 de abril de 1220, da ilustre família dos Sansedoni. Sua mãe, igualmente nobre e piedosa, da família dos Stribelini, chamava-se Justina. As duas famílias eram as primeiras da cidade pela riqueza e pelas vitórias que haviam conquistado sôbre os sarracenos. O pai de Ambrósio merecera por sua bravura o cognome de **Bom Ataque**, e era chamado aos concílios em que se tratava da defesa dos cristãos contra os infiéis.

Ambrósio nasceu um tanto anormal, com os braços colados ao corpo, as pernas coladas às coxas, o rosto sombrio e desproporcional. Sua mãe sentiu-se profundamente condoída do filho, e pediu a Deus lhe concedesse a graça de suportar aquela aflição com paciência. Confiou o menino a uma ama de leite da cidade, chamada Flora. Um dia a ama de leite tinha-o nos braços diante da casa, quando um peregrino que passava parou e o observou com admiração. A ama de leite cobriu o rosto da criança para esconder-lhe a feiúra. O peregrino, que era um velho, disse: «Mulher, não escondas o rosto desta criança, porque será a luz e a glória desta cidade».

Um ano depois de nascido, a ama de leite o levava ordinàriamente à igreja vizinha de Santa Madalena, que pertencia aos frades Pregadores, para lá assistirem à santa missa. Nessa igreja havia

uma capela cheia de relíquias, diante das quais ela ia orar pela saúde da criança. Pouco depois, percebeu ela, bem como os religiosos e os vizinhos, que quando ela se punha em outro lugar da igreja, o menino chorava continuamente, e que não dizia nada, enquanto permanecia na capela. Um dia em que a ama de leite saía da igreja, o menino se pôs a chorar de modo extraordinário e a voltar o rosto para o lado da capela com grandes esforços. Os religiosos e os assistentes, espantados, obrigaram a ama de leite a retornar à capela. Quando lá chegou, o menino tirou das roupas as mãos e os braços, até então colados ao corpo, e erguendo-os para o céu, invocou três vêzes, com voz bem clara, o nome de Jesus. Sabendo dêsse milagre, acorreram várias pessoas a ver o menino, sabendo que êle tinha nascido anormal. Os religiosos fizeram com que lhe tirassem as roupas e o menino começou a esticar as pernas até então coladas às coxas. O rosto que fôra até aquêle instante tão sombrio, começou a tornar-se sereno e a resplandecer de beleza, com grande admiração de todos os presentes. A notícia de tão grande milagre causou alegria enorme, não sòmente à genitora da criança, como a todos os habitantes de Sena. Todos fizeram orações e deram esmolas para bendizerem a Deus. O pai estava ausente nessa ocasião.

Assim que o pequeno via um livro, queria tê-lo para folheá-lo, como se êle entendesse alguma coisa. A tal ponto, que sua mãe não podia dizer diante dêle as horas da Santa Virgem, porque se não lhe desse o livro, punha-se a chorar, às vêzes durante tôda a noite. Uma vez que o tinha entre as mãos, ficava contente. O pai mandou fazer dois

volumes com imagens, um de personagens do século, outro com personagens da religião, para ver se eram as figuras ou as letras que lhe causavam prazer. Apresentou-lhe primeiro o volume com figuras do século. A criança se recusou a vê-las. Ao contrário, tomou-se de grande prazer ao ver o volume das imagens religiosas, mais ainda as letras do que as figuras. Aprendeu a ler depressa. Sua maior alegria foi, desde então, ler e ouvir os salmos que sua mãe tinha o costume de recitar no ofício da Santa Virgem. Desde a idade de sete anos, êle o recitava sòzinho cada dia.

Quando já era grande bastante para poder sair de casa, para lá levava os pobres, os peregrinos, consolando-os com esmolas que dava com alegria, e depois os reconduzia com devoção. Com a idade de nove anos, pôs-se a jejuar às vésperas das festas e a passar as noites em orações. Os pais, temendo-lhe pela saúde, estabeleceram proibições. Mas êle se sentiu tão aflito com isso, que passava as noites acordado, sem dormir. Viram-se obrigados a retirar as proibições, ainda mais que sua saúde não oferecia cuidados. Como o pai fôsse muito rico, pediu-lhe permissão para hospedar todos os sábados, cinco peregrinos. Desde o entardecer até cair a noite, ficava à porta da cidade, por onde chegavam os peregrinos do outro lado das montanhas, escolhia cinco dentre êles e os levava para um quarto separado, descalçava-os, lavava-lhes os pés, servia-os humildemente à mesa, conduzia-os a dormir e os despia êle próprio. Pela manhã, acordava-os, conduzia-os a uma igreja para assistirem à missa e os levava em visita às principais igrejas da cidade. Após o que, reconduzia-os à casa, fazia-os almoçar,

dava-lhes uma esmola e os despedia, recomendando-se-lhes às orações.

Era possuído de caridade semelhante para com todos os infelizes. Visitava freqüentemente as casas dos pobres, obtinha-lhes as coisas necessárias, com a permissão dos pais. Tôdas as sextas-feiras, visitava as prisões da cidade e quando encontrava pobres que não tinham o que comer, enviava-lhes alimento com um pouco de dinheiro. Todos os domingos, ia ao grande hospital servir os doentes durante as refeições. A tanta piedade e caridade, o jovem Ambrósio juntava uma pureza sem mancha. O espírito das trevas empregava diversas ciladas e se transformou de diversas maneiras, para fazê-lo cair. Mas o santo adolescente descobriu-lhe tôdas as insídias e o punha em fuga com o sinal da cruz.

Os pais desejavam que êle se casasse. Já haviam encontrado para êle um partido conveniente. Para conduzi-lo a êsse passo, aos poucos, aconselhavam-no a freqüentar as reuniões dos jovens nobres de sua idade, de entreter-se como êles, com cavalos, cães, e pássaros de caça. Mas, êles os fêz conhecerem que seu desejo era de renunciar a tôdas as coisas do mundo e entrar na religião, a fim de servir a Deus mais livremente. Falou-lhes de tal maneira, tão eficaz, que ninguém pôde se opor a sua vontade. Pediu, então, humildemente, ao pai, permissão para distribuir aos pobres uma parte de suas imensas riquezas. O piedoso pai concordou de boa vontade com o filho e êste, então, distribuiu centenas de escudos de ouro, sobretudo auxiliando as jovens solteiras pobres, que iam casar-se.

Ambrósio entrou para a ordem dos frades Pregadores de Sena e recebeu o hábito com a idade de

dezessete anos, no dia de seu aniversário, 16 de abril de 1257. A pedido seu, foi enviado a Paris, para se aperfeiçoar na teologia sob a direção de Alberto o Grande. Seus progressos fizeram-no admirado dos mais ínclitos filósofos e teólogos. Êle dizia dos escritos de Alberto o Grande e de Santo Tomás, que julgava impossível serem obra humana, mas de inspiração divina. Pregou com grande receptividade. Mas tal era sua humildade, que não quis receber o bacharelado. Foi enviado a Colônia, para lá ensinar filosofia e teologia. Ensinou, com efeito, durante muitos anos, aprendeu o alemão e começou a pregar às populações, que a reputação da santidade atraía de tôdas as partes.

Os príncipes da Alemanha, onde não havia rei universalmente reconhecido, estavam em guerra uns contra os outros. Santo Ambrósio de Sena foi obrigado pelos superiores a trabalhar pela pacificação da Alemanha. Por obediência, foi para as províncias, onde os habitantes pareciam os mais intratáveis. Pregou aqui e ali, principalmente nos lugares onde a população era mais belicosa e mais inflamada de ódios. Os príncipes, que o sabiam cheio do Espírito Santo, eram assíduos às suas pregações. Sentiam-se comovidos e iam procurá-la em sua cela, para rogar-lhe que fôsse o mediador para conciliar a paz entre êles. E eis que em pouco tempo a paz se restabeleceu entre os príncipes e os povos da Alemanha. Ambrósio chegou mesmo a reuni-los todos prontos para marcharem em socorro do rei da Hungria contra os infiéis. Estava ocupado com essa pacificação universal da Alemanha, quando seus compatriotas o chamaram para lhe confiarem idêntica missão.

A cidade de Sena tinha sido colocada em interdito pelo papa Clemente IV, no ano de 1266, por ter seguido o partido do imperador Frederico, excomungado e deposto. Os habitantes de Sena tinham sido absolvidos por Clemente IV, mas Gregório X declarara que tinham recaído no interdito. Empregaram em vão vários príncipes para obterem a suspensão da censura. Por fim, recorreram à assistência divina, pelas orações e esmolas e resolveram enviar ao papa alguém que fôsse servidor de Deus. Seus olhos se voltaram, então, para o bem-aventurado compatriota, Ambrósio, que já lhes obtivera a absolvição de Clemente IV. Fizeram-no, pois, vir do interior da Alemanha e lhe rogaram interceder ainda uma vez junto do papa Gregório. Por obediência, recebeu o encargo. Advertiu-os de que era necessário começar pela renúncia aos ódios e às inimizades que os dividiam entre si; e, para tanto, pregou na praça que ficava na frente da igreja de sua ordem, porque a igreja mesma não podia conter todo o povo que se comprimia para escutá-lo. Seus sermões foram tão eficazes, que reconciliou tôdas as famílias da cidade.

Chegando a Viterbo, onde então ficava a côrte de Roma, solicitou audiência. O papa concedeu-lha imediatamente, informado que foi da virtude e da doutrina de Ambrósio. Depois, ouvindo-o falar, concedeu à cidade de Sena a suspensão do interdito. Ao voltar, Ambrósio foi recebido com tôdas as demonstrações de alegria pública. O dia de sua volta tornou-se festa anual.

O santo papa Gregório X empregou-o semelhantemente e com êxito na reconciliação de várias cidades da Itália. Nesse ministério, à caridade mais

ardente, Ambrósio juntava a humildade mais profunda. Um homem poderoso, irritado com seus esforços e com seus êxitos na pacificação geral, disse-lhe um dia, em tom de ameaça: «És um impostor, um sedutor do povo cristão, um homem cheio de ambição e de vanglória, digno do último suplício, que te reservo, se não desistires de tua emprêsa». O santo homem lhe respondeu humildemente: «Deus se chama rei da paz. É por isso que todo fiel deve desejar a paz com o próximo. Deus não a concede a não ser aos que a concedem de bom coração aos outros. O que eu faço não é por mim mesmo, mas pela vontade daquele que tem o poder sôbre mim. Agora, pois, se é por minha causa, se é que vos perturbo, peço-vos perdão. Rogo a Deus que vos perdoe as palavras proferidas pouco a propósito, e que não vos impute êsse pecado. Se mereço tôda espécie de suplício, suportá-lo-ei de bom coração, pela remissão de minhas faltas.» A essas palavras cheias de humildade e de calma, o magnata tão cruel e tão feroz, que não tinha nenhum temor a Deus, sentiu-se tocado até o fundo da alma; atirou-se aos pés do santo e lhe disse: «Perdoa-me, servo de Deus, e roga por mim, para que êle me conceda a paz verdadeira; quanto a mim, estou pronto a fazê-la contigo». O santo o levantou, abraçou-o ternamente, orou por êle e encontrou nêle, posteriormente, ótimo cristão.

O bem-aventurado Ambrósio dizia, em suas pregações, que a vingança era um pecado de idolatria, visto que pertencia a Deus sòmente, e que, por conseqüência, aquêle que se vinga usurpa o lugar de Deus. Um dia, apesar de tôdas as exortações, um cidadão de Sena se obstinava em não perdoar.

Então o santo lhe disse: «Rogarei por vós.» O santo não deixou de fazer por êle a seguinte oração: «Senhor Jesus Cristo, por vossa grande providência e solicitude que tendes contìnuamente para com o gênero humano, eu vos peço interponhais vosso poder nesta vingança projetada, e vo-la reservar, a fim de que todos conheçam que a punição das ofensas não pertence a ninguém, senão a vós sòmente e a fim de que a sensualidade não impeça o conhecimento de vossa justiça». Ambrósio ensinou pùblicamente essa oração aos povos, exortando-os a dizê-la por aquêles que se obstinassem em não perdoar as injúrias. No momento exato em que o santo homem fazia essa oração, o vingativo se reconciliou com os amigos e parentes, para não fazer paz nem escutar Ambrósio. Mas a oração do justo foi mais poderosa. Repentinamente, êsse homem tão duro, sentiu-se penetrado de compunção, e vieram-lhe à memória tôdas as razões do santo homem. Passou dois dias sem quase comer nem dormir. Por fim, foi com os amigos encontrar-se com o bem-aventurado Ambrósio, para lhe rogar fizesse as pazes entre êles e lhe perdoasse sua falta.

Santo Ambrósio de Sena continuou essa vida de zêlo, de caridade, de pregação e de milagres até morrer, o que aconteceu em Sena, no dia 20 de março de 1286.

O BEM-AVENTURADO HIPÓLITO GALANTI

O bem-aventurado Hipólito Galanti era natural de Florença, onde nasceu em 12 de outubro de 1565, de pais cuja probidade e virtude eram a principal riqueza. Sua juventude foi tão edificante, que, com apenas doze anos de idade, atraiu sôbre si a atenção do arcebispo de Florença, Alexandre de Médicis, mais tarde papa sob o nome de Leão XI, e foi encarregado por êsse prelado de ensinar os primeiros elementos da religião a outras pessoas da sua idade. Durante longos anos, dividiu o tempo entre o trabalho que sua profissão exigia (era fabricante de tecidos de sêda), as obras de caridade e o cuidado de sua própria santificação.

Fica-se admirado de que, sem bens, sem protetores, sem conhecimentos, tenha podido fazer tanto bem em uma cidade como Florença. Fundou uma congregação que se ocupava exclusivamente de instruir na religião crianças de ambos os sexos e mesmo pessoas adultas que viviam na ignorância dos deveres e dos primeiros mistérios da religião. O número das almas que arrancou, por êsse meio, do abismo da perdição e do desespêro, é quase infinito.

O zêlo de Hipólito teve inúmeros imitadores em tôda a Itália, e em poucos anos lá se radicaram, com

o nome de ordem da doutrina cristã, inúmeras congregações que se propunham o mesmo fim e seguiam a mesma regra que êle havia dado à sua. Morreu em odor de santidade no dia 20 de março de 1619, com a idade de apenas 55 anos. Várias vêzes teve o dom da profecia. Seu nome é ainda hoje venerado grandemente na Toscana e nas províncias vizinhas. Foi beatificado por Leão XII, no dia 15 de maio de 1823.

* * *

SÃO VOLFRÃO (*)

Bispo e Confessor

Volfrão nasceu em 647, quando do rei Clóvis II, em Maurilly, Gatinais, perto de Fontainebleau, filho dum oficial dos exércitos reais, chamado Fulberto.

Admitido na côrte, ali viveu até a morte do pai, quando, achando que a vida que levava era prejudicial à salvação da alma, piedosamente deixou o século, fazendo-se religioso.

Morto Lambert, bispo de Sens, em 682, o clero e os fiéis, acordados, escolheram-no para bispo daquela cidade.

São Volfrão foi pastor vigilante, piedoso e célebre pelos milagres.

Tendo, depois de certo tempo, deixado a dignidade de que fôra revestido, por ter ouvido falar de missionários que evangelizavam a Frísia, e desejoso de imitá-los, para lá se foi.

São Willebrod, com outros missionários inglêses, trabalhava com grande êxito na conversão dos frisões, sob a proteção de Pepino, e tal reputação foi que atraiu Volfrão.

Dizem as tradições de Fontenele, onde o Santo faleceu, depois de cinco anos de apostolado, que as suas pregações tiveram, na Frísia, bom sucesso. O



São Volfrão, bispo de Sens. Segundo uma miniatura do século IX.

santo apóstolo batizou um certo número de pagãos convertidos, entre êles o filho do duque Radbod.

Na Frísia daqueles tempos, costumavam os pagãos sacrificar crianças e adolescentes aos demônios.

Um dia, a um pobre coitado, chamava-se Ovon, foi-lhe restituída a vida, quando, já morto de algum tempo, pendia duma corda, enforcado (1).

São Volfrão faleceu em 704, quando, vindo dentre os frisões, jazia retirado na abadia de Fontenelle.

* * *

(1) Ver Santo Willerod, 7 de novembro.

SÃO MARTINHO DE BRAGA (*)

Bispo e Confessor

São Martinho era originário da Panônia. Jovem ainda, deixou a terra natal e, depois de peregrinar pela Terra Santa, chegou a Espanha, na Galícia, a qual encontrou infestada pela heresia ariana.

Ora, o filho do rei Teodomiro estava sèriamente doente, e a lepra grassava pelo país. O rei, para conseguir a cura do filho, e o livramento dos súditos do terrível mal, enviara uma comissão ao túmulo de São Martinho de Tours, prometendo renunciar ao êrro e abraçar a verdadeira fé se visse curado o filho e o país livre do flagelo.

Martinho de Braga chegara à Galícia justamente naqueles negros dias, e exerceu, com as prédicas realizadas, grande influência sôbre o rei e o povo, encaminhando-os ao catolicismo.

Querido do rei, Martinho conseguiu fundar vários mosteiros, o principal dos quais foi o de Duma, perto de Braga. Abade da nova fundação, o Santo continuou com as pregações, transformando completamente o espírito do povo, tanto das grandes cidades como das províncias, as vilas, aldeias e lugarejos perdidos nos vales e nas serras.

Tal obra valeu-lhe a dignidade episcopal: os bispos da província, em concílios em Braga e Lugo,

de acôrdo com o rei, decidiram erigir em bispado a abadia de Duma — e São Martinho foi nomeado seu primeiro titular.

Era em 567, e aquela dignidade em nada transformou no Santo o gênero de vida que levava. Com a mesma humildade, doçura e espírito de justiça, continuou a governar os religiosos.

Morto o bispo de Braga, Martinho sucedeu-o. E tanto trabalhou para extirpar heresias, vícios e erros, que foi olhado, depois de morto (589), como um apóstolo.

* * *

No mesmo dia, em Antioquia, os Santos José e Lucas, mártires (época desconhecida).

Na Itália, em Forli, os Santos Grato e Marcelo, confessores.

Em Metz, Santo Urbício, bispo e confessor, falecido em 450.

Em Constantinopla, São Tomás, bispo. Primeiramente diácono da grande igreja de Santa Sofia, depois guardião (sacristão) na época de João, apelidado o Jejuador, sob o imperador Maurício, Tomás sucedeu a Ciríaco como patriarca. Faleceu em 610.

Na Inglaterra, Santo Herberto ou Heriberto, confessor, padre, íntimo amigo de São Cutberto. Viveu como anacoreta numa ilha do lago Deruent-Water, Cumberland. Ao amigo, todos os anos, ia visitá-lo na ilha de Farne, com êle passando alguns dias em palestras sôbre a vida futura. Quando São Cutberto lhe disse que se ia do mundo, Herberto pôs-se a chorar, suplicando ao companheiro que não se fôsse, deixando-o só. Pediu-lhe, então, que

rogasse a Deus, para que o Senhor o levasse também. E assim foi: Santo Herberto faleceu no mesmo dia e na mesma hora que o amigo (687).

Em Fontenelle e em Flay, o bem-aventurado Benigno, abade e confessor, que pertencia a uma nobre família franca. Sucessor do abade Bain na abadia de Fontenelle, tomou o partido de Carlos Martelo contra Ragenfredo, sendo, então, condenado ao exílio. Passada a perseguição, Benigno retirou-se para Flay, perto de Beauvais. Carlos Martelo, virtuoso, tornou o bem-aventurado a Fontenelle, onde morreu em 723.

Na diocese de Estrasburgo, São Remi, bispo e confessor. Filho de Hugo, conde da Alsácia e sobrinho de Santa Odila, foi educado na abadia de Munster, próximo de Colmar, onde se fêz religioso e depois abade. Bispo de Estrasburgo, em seu testamento, curioso, constituiu como sua herdeira universal a bem-aventurada Virgem Maria, a qual suplicava que velasse pela execução de suas últimas vontades. Falecido em 783, foi sepultada na abadia de Eschau.

Na Hungria, o bem-aventurado Maurício Csaky, O. P., confessor. Descendente da família real húngara, nasceu em 1281. Ao ouvir um pregador dominicano a falar sôbre Santo Aleixo, decidiu consagrar-se a Deus. Obrigado, porém, a casar-se, com a espôsa viveu em completa continência, só se dando à religião quando, ingressando aquela num convento, passou êle ao mosteiro da ilha de Santa Margarida, no Danúbio. Favorecido com o dom dos milagres, faleceu o bem-aventurado Maurício Csaky em 1336.

Em Mântua, o bem-aventurado Batista Spangnuolo, confessor, nascido em 1448 e falecido em 1516.

No mesmo dia, Santa Fotina, de Samaria, com a bem-aventurada Virgem Maria, mãe de Deus. Sua festa se celebra no domingo da oitava da Assunção.

Na Ásia, Santo Arquipo, companheiro de São Paulo em seus trabalhos. Êste grande apóstolo dêle faz menção na epístola a Filêmon, e na que escreveu aos Colossenses.

Na Síria, os santos mártires Paulo, Cirilo, Eugênio e quatro outros.

No mesmo dia, Santa Fotina, de Samaria, com seus dois filhos José e Vítor. Os Santos Sebastião, oficial do exército; Anatólio, Fócio, Fotídia, assim como as santas Parasceve e Ciríaca, irmãs, tendo confessado a Cristo, sofreram o martírio.

Em Amiso na Paflagônia, as sete santas mulheres, Alexandra, Cláudia, Eufrásia, Matrona, Juliana, Eufêmia, Teodósia, que sofreram a morte pela fé. Foram seguidas de duas outras mulheres, Santa Derfuta e sua irmã.

Em Apolônia, São Niceto, bispo morto no exílio sofrido por causa do culto das santas imagens.

21.º DIA DE MARÇO

SÃO BENTO

Enquanto no Oriente o imperador Justiniano se ocupava com fazer e desfazer leis, costumes, construções, sedições, um homem pobre, saído quase que de uma caverna, fundou no Ocidente uma legislação e uma sociedade novas, para quem quisesse a ela submeter-se. Uma legislação e uma sociedade que tinham por objetivo praticar a perfeição do cristianismo; uma legislação e uma sociedade que, de fato, civilizaria as nações bárbaras, lhes ensinaria a fé e a cultivar as terras, desenvolver as ciências e as artes, e realizaria assim os votos de Boécio e de Cassiodoro, transmitindo aos séculos futuros os tesouros literários da antiguidade, seja eclesiástica, seja profana. O nome dêsse homem era **Benedito** ou **B.ndito,** do qual se formou **Bento.** Bendito de nome, êle o foi principalmente nas obras. Nasceu por volta do ano de 480, de uma família de grande consideração, nos arredores de Nórsia, no ducado de Espoleto. O pai chamava-se Eutrópio, a mãe Abundância. Jovem ainda, foi enviado a Roma para fazer seus estudos. Mas, vendo a corrupção da juventude das escolas, retirou-se secretamente da cidade e, furtando-se inclusive da governanta que o havia acompanhado, foi para um lugar chamado Sublac,

a quarenta milhas de Roma, onde se fechou em uma caverna muito estreita. Estava com catorze ou quinze anos. Ficou três anos nessa caverna, sem que ninguém soubesse de nada, exceto um monge que o encontrou nessa solidão; Bento confessou-lhe seus desígnios, e o monge, prometendo-lhe guardar segrêdo, vestiu-o com um hábito monástico e lhe deu todos os recursos que dêle dependiam. Romano, era o nome do monge, morava em um mosteiro da vizinhança, sob a direção de um abade chamado Teodato. Mas de vez em quando escapava e levava, em certos dias, o que economizava de sua porção, a São Bento. Como não houvesse caminho para chegar à caverna, pelo lado do mosteiro de Teodato, Romano amarrava o pão a uma corda comprida, com um sininho, para chamar a atenção de Bento e para que êste o apanhasse.

Vivendo assim na caverna, sem nenhum comércio com os homens, não sabia nem em que dia se encontrava. No dia de Páscoa do ano de 497, um sacerdote havia preparado sua refeição. Deus fê-lo saber, por revelação, o lugar em que se encontrava seu servo, morrendo de fome. Êle se pôs imediatamente a caminho, através de valezinhos e rochedos, até alcançar a caverna. A primeira coisa que ambos fizeram foi rezarem juntos e se entreterem em seguida com coisas divinas. Ao fim, o sacerdote lhe disse: «Levanta-te e comamos, porque é hoje dia de Páscoa.» Bento respondeu: Sei bem que é a festa da Páscoa, pois tenho a felicidade de vê-lo. O sacerdote lhe disse novamente: É de fato a solenidade pascal, o dia da ressurreição do Senhor, no qual não convém que jejues, e fui enviado expressamente para tomarmos juntos os dons de Deus.

Então, comeram juntos, bendizendo o Senhor. Terminada a refeição, o sacerdote tornou à sua igreja.

Pelo mesmo tempo, alguns pastôres o encontraram escondido na caverna. Vendo-o coberto com uma pele de ovelha, através das urzes, tomaram-no por um animal. Mas quando souberam que se tratava de um servo de Deus, encheram-se de veneração por êle. Alguns, cativados por suas palavras, deixaram os costumes brutais e se converteram. Desde êsse tempo, começou a ser conhecido de tôda a vizinhança. Muitos vinham vê-lo e lhe traziam comida. Êle, para lhes agradecer, alimentava-lhes as almas com diversos conselhos salutares. O demônio ficou invejoso. Um dia, Bento estava sòzinho, quando a lembrança de uma mulher que vira havia muito tempo, excitou nêle tentação tão violenta, que estêve a ponto de abandonar a solidão. Mas imediatamente, iluminado pela graça de Deus, voltou a si, atirou-se a um arbusto de urtigas e nelas rolou durante muito tempo, nu; quando se retirou, o corpo lhe sangrava. As dores do corpo preveniram as da alma e a dor apagou a voluptuosidade. O fruto que colheu dessa vitória foi que, desde então, não teve semelhantes tentações.

Seu nome tornou-se célebre. Muitas pessoas deixaram o mundo e se reuniram sob sua direção. Pouco distante de Sublac, havia um mosteiro, cujo abade havia morrido. A comunidade, por sufrágio unânime, elegeu Bento para ser-lhe o sucessor. Os religiosos vieram procurá-lo e lhe pediram que aceitasse o encargo da direção do mosteiro. Bento recusou-se durante muito tempo, dizendo que não havia compatibilidade de modos de agir. Mas, finalmente, cansado pelos importunos, concordou em

aceitar o cargo de abade. Bem depressa se arrependeram da escolha que haviam feito, porque Bento queria que se sujeitassem a viver de acôrdo com o estado, obrigava-os a isso e os corrigia. Olhavam-no, então, como um homem sem experiência, duro e sem misericórdia, pouco indicado para dirigir os outros. Dissimularam, todavia, a cólera, no comêço. Mas, vendo que a severidade continuava na mesma intensidade, e achando insuportável deixar os antigos hábitos, tomaram unânimemente a decisão de se desfazerem dêle, dando-lhe vinho envenenado.

Quando êle estava à mesa, apresentaram-lhe, para benzer, o primeiro copo, que era para êle. Todos, segundo o costume do mosteiro, segurando nas mãos os copos, esperavam a bênção, que era para todos, ao mesmo tempo. Bento estendeu a mão e fêz o sinal da cruz. Imediatamente, o copo, no qual se encontrava a bebida mortífera, quebrou-se como se nêle tivesse sido atirada uma pedra. O homem de Deus compreendeu logo de que se tratava. E, levantando-se da mesa, disse aos monges, com expressão tranqüila: «Que Deus Todo-Poderoso tenha piedade de vós, meus irmãos! Por que me quisestes tratar dessa forma? Não vos disse que nossos costumes eram incompatíveis? Ide procurar um superior que vos convenha; não me tereis no futuro». Tendo-lhes assim falado, retornou para a querida solidão. Era pelo ano de 510.

Suas virtudes e seus milagres atraíram tantos discípulos para a solidão de Sublac, que êle construiu nos arredores doze mosteiros, em cada um dos quais colocou doze monges sob a direção de um abade submetido à sua supervisão. Ainda conhecemos os

lugares e os nomes dêsses mosteiros. A reputação de São Bento passou para Roma, de onde se estendeu para as províncias mais afastadas. Os mais nobres dessa cidade e as pessoas de piedade vinham vê-lo na solidão. Alguns lhes deram seus filhos, não para os educar na ciência das artes vãs e inúteis, mas para formá-los na virtude e na piedade. Equício lhe deu o filho Mauro, com doze anos de idade. O patrício Tértulo seu filho Plácido, ainda menino, duas pessoas de grande esperança. As atas de São Plácido se referem a isso como sendo no ano de 522.

Nesse ano, e durante os seguintes, São Bento operou várias maravilhas, que os biógrafos tiveram o cuidado de relatar. Entre êsses autores, o principal é o papa São Gregório o Grande, que escreveu a vida do santo, com o testemunho de seus discípulos imediatos. Bento morava em 528 em um dos doze mosteiros, pouco afastado do lago de Sublac, quando o jovem Plácido, indo buscar água, caiu no lago; a água o levou para longe da terra, mais ou menos à distância que poderia ser coberta por um dardo. Ao saber do acontecido, Bento chamou imediatamente Mauro, dizendo-lhe: «Meu filho, corre, êsse menino caiu no lago e a água o arrasta». Mauro pediu-lhe, como de costume, a bênção, correu até o lugar onde a água arrastava Plácido, e, agarrando-o pelos cabelos, voltou com o mesmo cuidado. Assim que alcançou a terra, olhou para trás e, vendo que tinha caminhado sôbre a água, foi tomado de espanto. Contou o fato a São Bento, que atribuiu êsse milagre à sua obediência. Mauro, porém, o atribuiu à ordem de seu superior, sustentando que não poderia ter parte em uma coisa que fizera sem perceber. Plácido decidiu a questão, dizendo: «Quando

fui tirado da água, vi sôbre minha cabeça a melote do abade. E êle mesmo me tirava da água.» A melote era uma pele de ovelha, que os monges traziam sôbre os ombros.

Como o fervor crescesse nesses mosteiros, e grande número de pessoas, sempre crescente, abandonasse a vida do século para abraçar o jugo do Salvador, o sacerdote de uma igreja da vizinhança se encheu de inveja para com São Bento. Chamava-se Florêncio e seu neto foi mais tarde subdiácono do papa São Gregório, que refere o fato. Êsse sacerdote, invejoso do santo, pôs-se, então, a criticar-lhe o modo de vida, e a demover de irem ver o Santo todos que podia. Vendo, porém, que sua maneira de agir provocava elogios e convertia número crescente de almas, deixou-se cegar pela inveja. Queria ser elogiado como Bento, sem levar a mesma vida. Enviou, então, ao servo de Deus, como uma esmola, um pão no qual colocara veneno. São Bento tomou conhecimento disso e nem tocou no pão. Florêncio, não podendo matar o corpo do santo, procurou corromper as almas dos discípulos. Introduziu no jardim do mosteiro onde Bento morava, sete jovens nuas, para provocar com seus olhos lascivos, a imaginação dos monges. São Bento, vendo que tudo aquilo se fazia por sua causa ùnicamente, deixou todos os mosteiros sob a direção dos superiores que já designara e partiu com alguns religiosos, para se estabelecer em outro lugar. Florêncio estava no terraço da casa, quando soube da partida de Bento. Quando estava para rejubilar-se com isso, o terraço desabou e se despedaçou. São Bento não estava ainda a mais de três milhas de distância. Mauro, seu discípulo, correu imediatamente a dizer-lhe:

«Voltai! Voltai! O sacerdote que vos perseguia acaba de morrer». Mas o homem de Deus se pôs a chorar amargamente; primeiro por causa da morte de seu inimigo. Depois, por causa da alegria de seu discípulo em vista do acontecido. E impôs uma penitência a êste, por causa dessa falta.

Dessa maneira Bento partiu de Sublac e foi para Cassino, pequena cidade sôbre a encosta de alta montanha no país dos samnitas. Havia no cume da montanha um antigo templo de Apolo, que os camponeses ainda adoravam. E ao redor, bosques consagrados ao ídolo, onde faziam sacrifícios. Foi lá que Bento se fixou. Quebrou o ídolo, derrubou o altar, os bosques e construiu um oratório de São Martinho, no templo mesmo de Apolo e de São João, no lugar onde estavam o altar dos ídolos e iniciou um trabalho de instrução da religião verdadeira para todo o povo das vizinhanças. Trabalhou, depois, no alojamento dos religiosos, que não tinham outro arquiteto senão êle mesmo, nem outros operários que os próprios monges. Segundo se afirma a fundação dêsse mosteiro foi por volta de 529. Mas tudo isso não foi sem suportar, como outrora acontecera a Santo Antão, inúmeros assaltos do espírito maligno. Várias vêzes êle apareceu ao santo, não em sonho, mas a olhos vistos, sob formas horríveis, com olhos flamejantes, dizendo-lhe injúrias, lamentando-se com grandes gritos da violência que lhe fazia, acrescentando, por alusão ao seu nome de Benedito: «Maldito, e não bendito, que fizeste comigo? Por que me persegues?» Os religiosos também ouviam-lhe a voz e as palavras, mas sòmente Bento o via. Um dia em que os monges trabalhavam no reerguimento de um muro, o santo mandou dizer-

lhes, de sua cela: «Estai atentos, porque o espírito maligno irá a vós neste momento». Apenas o emissário acabara de pronunciar essas palavras, o muro caiu, atingindo um menino do mosteiro, quebrando-lhe os ossos. Os monges, aflitos, levaram-no a São Bento, que fêz com que o colocassem sôbre sua esteira. Depois, fechando a cela, orou com fervor e o enviou, em seguida, para voltar a trabalhar no muro, tão bom quanto antes.

O número dos discípulos aumentava dia a dia. São Bento deu-lhes, então, uma regra, julgada tão sábia, que, com o decorrer do tempo, foi aceita em todos os mosteiros do Ocidente, como a de São Basílio foi nos do Oriente.

A vida monástica não tem por fim observar apenas os preceitos do Evangelho, mas ainda os conselhos, a saber: a continência perfeita, a pobreza voluntária, a obediência religiosa. Os preceitos obrigam todos os cristãos; os conselhos de perfeição são apenas para os que desejam praticá-los e para aquêles chamados por Deus. Jesus Cristo disse a todo o mundo: «Se alguém quiser vir após de mim, renuncie a si próprio, carregue sua cruz e me siga. Se alguém não renunciar à sua família, a tudo o que possui, e, mais ainda, a si mesmo, não poderá ser meu discípulo». Assim, para ser verdadeiro discípulo de Cristo, faz-se mister renunciar a tudo, ao menos de coração e de afeição. Mas êle diz mais ao jovem: «Se queres ser perfeito, vende tudo o que possuis, dá o dinheiro da venda aos pobres e segue-me». É para praticar êsse conselho de perfeição e para seguir em tudo a Jesus Cristo, que a vida monástica tende. Jesus Cristo, a pureza em pessoa, nasceu de uma virgem, viveu virgem, morreu virgem e, no céu,

está rodeado de uma multidão de virgens; Jesus Cristo, o Senhor do céu e da terra, nasceu pobre, em um estábulo, viveu pobre, sem ter em que repousar a cabeça e morreu pobre, despojado até das próprias vestes. E não teve sequer um lugar para ser enterrado, que fôsse seu. Jesus Cristo, o soberano do universo, foi obedecido durante tôda sua vida, foi obediente até a morte e morte de cruz. Eis o modêlo, eis a regra viva da vida monástica.

Sem nos determos nas palavras, vamos ao fundo, ao âmago das coisas. Quando os filósofos da antiguidade nos traçam com a imaginação o retrato de seu sábio; quando no-lo mostram superior ao prazer e à dor do corpo, superior às honras e riquezas do mundo, superior à inconstância natural do homem, e seguindo em tudo a razão e a sabedoria, não vos fazem o retrato do verdadeiro monge, que, pelos votos religiosos, se eleva acima dos prazeres e das riquezas, acima de sua própria inconstância, colocando-se na feliz necessidade de fazer sempre, na vontade do superior, a vontade de Deus, isto é, o que é perfeito? Os esforços dos filósofos em colocar na prática suas idéias não foram ensaios frustrados da vida monástica? Os Padres da Igreja não tiveram razão de dizer que a vida monástica era a verdadeira filosofia?

Vemos os traços disso no Antigo Testamento. As crianças dos profetas, que, sob a direção de Elias ou de Eliseu, viviam em comum nos desertos ou às margens do Jordão, eram os monges e os cenobitas de Israel. Na Igreja cristã, essa tendência a se retirar do mundo para viver na calma da solidão, manifestou-se em todos os tempos. Desde os primeiros

séculos, sob o nome de ascetas, as almas de elite se reuniam em número mais ou menos grande, seja na cidade, seja no campo, para se dedicarem mais eficazmente à perfeição. Essa tendência, aumentada pela perseguição dos idólatras e talvez também pela vida pouco edificante de numerosos cristãos do mundo, povoou mais tarde os desertos do Egito, da Palestina e da Síria. O Ocidente também sentiu êsse impulso. Vimos, na Itália, o mosteiro de Santo Eusébio de Vercelli; na África, os de Santo Agostinho e de São Fulgêncio. Na Gália, os de São Martinho, de São Germano d'Auxerre, de Lérins, de Condat; o de São Severino em Nórica, sem contarmos inúmeros outros. Mas, quase cada mosteiro tinha sua regra particular. Algumas vêzes mudava-se. Ademais, além dos ermitães que viviam sòzinhos, muitas vêzes sem nenhuma regra nem orientação certa, havia monges vagabundos que, sem observar regra nenhuma, corriam o mundo ou se juntavam durante algum tempo, para viverem segundo suas fantasias, pouco mais ou menos como Luciano nos mostra os filósofos de seu tempo, em particular os filósofos cínicos. Foi para remediar a todos os inconvenientes, prevenir todos êsses afastamentos e trazer constantemente todos os seus discípulos à perfeição religiosa, que São Bento escreveu sua regra da vida monástica.

São Bento terminou a regra dizendo que a redigira, para dar, aos que a praticassem, princípios de uma vida honesta e alguns começos das virtudes religiosas; que os que desejassem tender à perfeição, encontrariam as regras nas **Conferências de Cassiano,** nas **Vidas dos Padres** e na **Regra de São**

Basílio. Vê-se que êle mesmo havia bebido nessas fontes, para se aperfeiçoar e para formar a legislação que legou aos discípulos. O papa São Gregório o Grande encontrou-a escrita com pouca clareza e prudência. Conta-se que um príncipe, Cosme de Médicis, a lia assìduamente, e que, interrogado a êsse respeito, respondeu que os preceitos lhe pareciam muito apropriados, pela sabedoria que continham, para ajudá-lo a bem governar seus Estados.

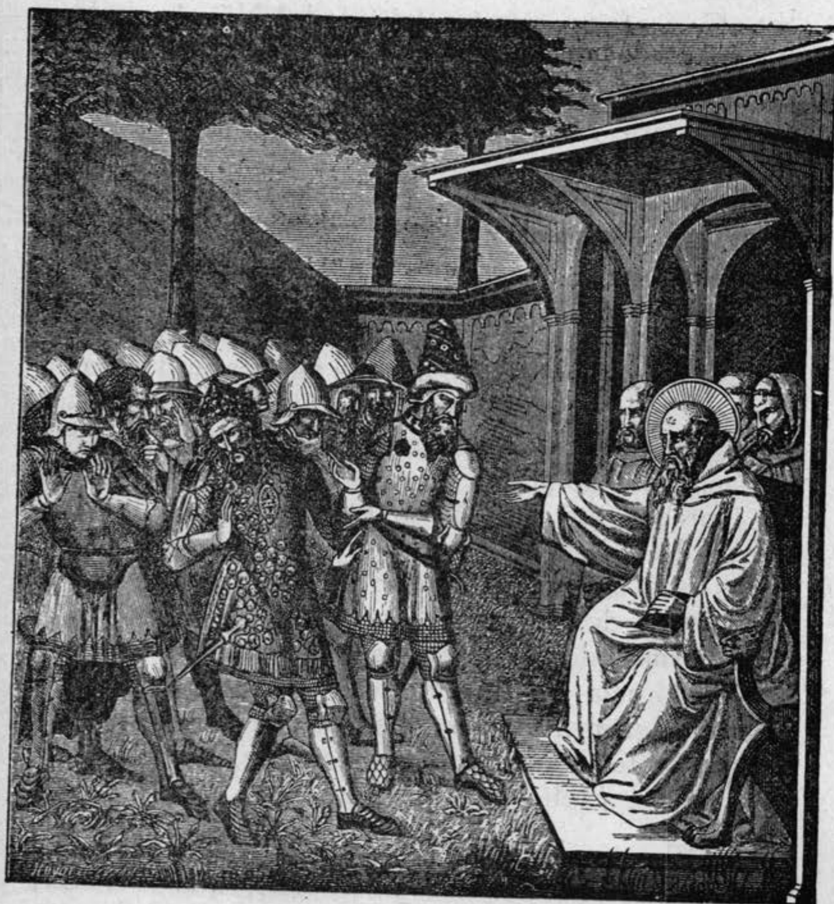
É uma verdade primeira da fé cristã, que Deus nos criou e nos colocou no mundo, para conhecê-lo, amá-lo, servi-lo e, por êsse meio, merecer a vida eterna, que consiste em vê-lo, admirá-lo, amá-lo, possuí-lo imediatamente tal como é, e não como nos aparece através do véu das criaturas ou dos mistérios da fé. Essa destinação, infinitamente gloriosa, merece que o homem para ela tenda com as fôrças de sua alma e do corpo. Disso depende, com efeito, a grandeza, a felicidade, a glória para a eternidade inteira. Mas freqüentemente o coração do homem se deixa dividir entre Deus e a criatura, entre Deus e as bagatelas que o arrastam e o degradam. A vida religiosa, a regra de São Bento em particular, tem por objetivo arrancar do coração do homem essas insignificâncias, a fim de que se eleve, sem obstáculos, com liberdade sempre mais feliz e atividade sempre mais calma, à destinação imortal.

Mas eis que o mundo não compreende e não sabe compreender. De outra forma, não seria mais o mundo. Seu ponto mais alto a atingir é a felicidade terrena. Êle a procura por tôda parte, sem encon-

trá-la. O verdadeiro monge a encontra por tôda parte, sem procurá-la.

Com efeito, que é a felicidade? Não é a calma do coração, o contentamento da alma? Ora, o religioso fiel, cujo coração e cuja alma se elevam sem cessar para Deus, para agradá-lo, não encontra desde logo êsse contentamento e essa calma? Ademais, por que é o homem infeliz? É porque tem paixões que o atormentam; é que tem brigas com os outros; é que não se encontra de acôrdo consigo mesmo e devorado pelo enfado, não sabe o que fazer do seu tempo e de sua pessoa. Ora, a vida monástica corta pela raiz tudo isso. Ela faz morrerem dentro do homem tôdas as paixões más ou inúteis, para fazer voltarem-se para a prática das virtudes mais perfeitas, tôdas as potências de sua alma. Ela extirpa do coração até a idéia da propriedade individual, cortando, assim, a causa principal de tôdas as querelas com os outros. Prescreve para cada instante da noite e do dia uma ocupação cristã e meritória, não permitindo dessa forma que o homem se sinta invadido pela tristeza interior, por não saber o que fazer. Assim a vida monástica, que não se propõe diretamente senão a felicidade celeste, obtém já aqui no mundo, a felicidade terrena.

Pelo ano de 544, Tótila, rei dos gôdos na Itália, em meio aos combates e marchas, quis ver São Bento, pois ouvira dizer que possuía o dom da profecia. Foi, portanto, ao mosteiro, e, parando a certa distância, mandou que êle viesse. Ousado como era, quis experimentar o santo. Enviou um dos seus guardas, Rigon, vestido com as vestes e com o calçado do rei, acompanhado de três senhores que esta-



São Bento reprova a Tótila o ter querido enganá-lo e prediz-lhe a morte. Segundo uma pintura a fresco de Spinelli d'Arezzo. Século XIII.

vam ordinàriamente ao lado de sua pessoa, com guardas e grande cortejo. Rigon entrou no mosteiro. São Bento que se encontrava sentado, ao vê-lo, gritou-lhe, de uma distância que podia ser ouvido: «Meu filho, tira essa roupa, que não te pertence». Rigon atirou-se por terra, espantado por ter querido enganar tão grande santo. Os que o acompanhavam fizeram o mesmo, e, sem ousar se aproximarem de Bento, voltaram para o rei. Tremendo, contaram-lhe como tinham sido desmascarados tão depressa. Então, Tótila foi pessoalmente procurar o santo e, assim que o viu, atirou-se ao chão, sem ousar aproximar-se. São Bento, que estava sentado, disse-lhe por três vêzes que se levantasse. Como o rei não ousasse fazê-lo, foi levantá-lo e lhe disse: «Tu praticas muito mal e já o praticaste demais. Cessa com tuas injustiças. Entrarás em Roma, passarás o mar, e, após nove anos de reinado, morrerás». Tudo isso se cumpriu à risca. O rei, espantadíssimo, recomendou-se às orações do santo e se retirou. E a partir de então, foi menos cruel.

São Bento terminou tranqüilamente os dias, em meio a guerras e revoluções na Itália. Tinha uma irmã chamada Escolástica, cuja vida vimos no dia 10 de fevereiro. São Bento não viveu muito tempo após a morte da irmã. No mesmo ano, em 543, predisse a alguns dos discípulos que com êle moravam sua morte, pedindo-lhes guardassem segrêdo. A outros mais afastados, deu sinais, que lhes indicariam ter chegado ao fim. Seis dias antes de falecer, mandou que abrissem a sepultura. Foi, então, acometido de febre violenta, que aumentava dia a dia. No sexto dia, fêz com que o levassem para o ora-

tório, onde recebeu o corpo e o sangue do Senhor. E, erguendo os olhos e as mãos para o céu, entre os braços dos discípulos que o sustentavam, entregou o espírito a Deus, orando, no dia 21 de março de 543, um sábado, aos 63 anos de idade. Foi enterrado no oratório de São João Batista, que construíra em lugar do altar de Apolo. Na caverna de Sublac que habitara, operou inúmeros milagres.

BEM-AVENTURADA SANTUCCIA TERREBOTTI (*)

Viúva

Santuccia era natural de Gubbio, na Umbria. Casada, teve uma filha, Júlia, que pouco viveu.

Morta a filha, Santuccia, de comum acôrdo com o marido, abraçou a vida monástica. Êle professou na abadia de São Pedro de Gubbio, e ela, com o consentimento do abade, consagrou a riqueza que possuía na construção de um convento perto da cidade, sob a invocação de Nossa Senhora, convento que recebeu a denominação de **Serva della Madonna.**

Sob a regra de São Bento, a nova fundação, com Santuccia como abadêssa, desenvolveu-se tão ràpidamente que os templários ofereceram à fundadora a igreja de **Santa Maria Júlia,** de Roma.

Santamente, a bem-aventurada faleceu em 1305.

* * *

No mesmo dia, em Alexandria, a festa de vários santos mártires, que, sob o imperador Constâncio e o prefeito Filagro, foram massacrados na igreja, no dia de sexta-feira santa, numa irrupção de arianos e de pagãos. «As santas virgens, escreveu Ata-

násio, foram tratadas da maneira mais indigna, os monges tiveram os pés queimados, e os demais cristãos cruelmente tratados, vergastados e, afinal, atirados no cárcere». Atanásio, que escapou do motim, descreveu a cena numa carta encíclica (339).

Na região lionesa, São Lupicínio, abade, muito celebrado pela vida santa e a glória dos milagres. Irmão de Romano, a êle juntou-se na fundação de dois mosteiros, falecendo em 480. Enterrado em Lauconne, os beneditinos honram-no como santo de sua ordem.

Na Irlanda, Santo Endeu, abade e confessor, filho do rei de Oriel, Conall Derg. Sucedendo o pai em 450, instado pela irmã, Santa Fanchea, fêz-se religioso. Vivendo em Rosnat, sob o abade Mansenus, estêve em Roma. De volta, conseguindo do rei de Münster um terreno na ilha de Arran, ali construiu um grande mosteiro, o de Killearey ou Arranmore. Faleceu em 540.

Em Valença, João de Bonnevaux, bispo e confessor, nascido em Lião. Primeiro abade de Bonnevaux, depois bispo de Valença (1141), procurou a glória de Deus, a santificação do rebanho e a própria salvação. Faleceu em paz no ano de 1146. Pio X, agora elevado às honras dos altares, aprovou-lhe o culto em 1903, no dia 1.º de dezembro.

No Oriente, São Tiago, mártir, chamado o Jovem, defensor intransigente das santas imagens. Desaparecido em 824.

Na diocese de Novare, Santo Elias, solitário, confessor, no século V.

Na Alemanha, a bem-aventurada Clemência de Hohenberg, viúva. Espôsa de Crafton, conde de

Spanhein, morto o marido, fêz-se religiosa no convento de Horres de Trèves, falecendo em 1176.

Em Cortona, o bem-aventurado Ugolino Zefirini, confessor, nascido em 1320. Devido as discórdias civis, passou para Mântua, vivendo ao lado do duque Luís Gonzaga, que era amigo de sua família. Não encontrando no século qualquer atrativo, fêz-se ermitão de Santo Agostinho, falecendo em 1370. Pio VII aprovou-lhe o culto.

No mesmo dia os santos mártires, Filêmon, e Domnin.

Em Catânia, São Berilo, ordenado bispo por São Pedro; morreu calmamente, em extrema velhice, após ter convertido grande número de infiéis.

Em Alexandria, São Serapião, anacoreta e bispo de Thmuis, homem de virtude consumada, que terminou seus dias no exílio, para onde fôra mandado, conseqüência do furor dos arianos.

22.º DIA DE MARÇO

SANTA CATARINA DA SUÉCIA

Filha de Santa Brígida, o amor de Deus parece ter precedido nela o uso da razão. Os pais a enviaram, com a idade de sete anos, para o mosteiro de Risberg, para lá ser educada na prática das virtudes cristãs. Seu desejo era permanecer virgem. Todavia, para obedecer ao pai, desposou Egard, jovem piedoso. No primeiro dia de casados, ela o convenceu a viverem juntos em continência. Egard concordou. Viveram como irmão e irmã o resto da vida. Dormiam no chão e praticavam juntos os jejuns, as vigílias, as orações e as esmolas. Desde a infância, Catarina rezava todos os dias o ofício da Santa Virgem, os sete salmos da penitência, com muitas orações particulares. Antes de deitar-se, passava quatro horas meditando sôbre a paixão do Salvador, de joelhos, e chorando. Praticava, na medida do possível, a pobreza do vestuário, o que lhe mereceu repreensões por parte de seu irmão Carlos. Ela, porém, as suportava com inalterável doçura.

Com a permissão do marido, que morreu algum tempo depois, juntou-se a sua mãe, Santa Brígida, em Roma, e fêz com ela a peregrinação a Jerusalém e a outros santuários. Sua mãe morreu em 1373, em

Roma. Acompanhou-lhe o corpo até o mosteiro de Watstein, na Suécia. Ficou algum tempo nessa casa, depois tornou-se a abadêssa, dando exemplo de tôdas as virtudes. Milagres sem conta se operaram no túmulo de sua genitora. No ano de 1376, voltou para Roma, a fim de obter-lhe a canonização, em nome do rei, dos senhores e dos prelados da Suécia. Prosseguiu nessa emprêsa durante cinco anos. O cisma sobreveio e colocou obstáculos à conclusão do processo. Ela, então, guardou tôdas as peças nos arquivos da Igreja romana, voltou para a pátria e recolheu-se no mosteiro de Watstein, onde morreu no dia 24 de março de 1381. Deus a honrou com numerosos milagres, durante a vida e após a morte. Durante os últimos vinte cinco anos de vida, não passou um só dia sem se purificar, pelo sacramento da penitência, das faltas de fragilidade que escapam aos mais justos. Existe de Santa Catarina da Suécia, em sua língua materna, um livro manuscrito com êste título: **Consolação da alma.** Diz ela, no prefácio, que seu livro não é senão um tecido de máximas tiradas à Escritura e aos tratados de piedade. Ela se compara à abelha que compõe o mel com o suco de diferentes flôres.

SANTA CATARINA DE GÊNOVA

Catarina de Fieschi Adorno nasceu em Gênova, em 1447. Teve por pai Jacó de Fieschi, que morreu como vice-rei de Nápoles, durante o reinado de Renato de Anjou, rei da Sicília. A família dos Fieschis foi ilustre na Itália durante vários séculos. Seus chefes eram condes de Lavagna, no território de Gênova. Foram durante muito tempo vigários perpétuos do império na Itália, e tiveram posteriormente grandes privilégios na república de Gênova, entre outros o de cunhar moedas. Essa família produziu célebres generais durante as guerras que Gênova fêz no Oriente contra os venezianos. Deu à Igreja vários cardeais e dois papas: Inocêncio IV e Adriano V. Santa Catarina teve três irmãos e uma irmã, que abraçou a vida religiosa.

Com relação a Catarina, desde a mais tenra idade, dava mostras de sua futura santidade. Com apenas oito anos de idade, afastou-se dos divertimentos infantis, mostrando em tôdas as ações modéstia maravilhosa. Aprendeu os mistérios da fé cristã e se esforçava por penetrar-lhes os sentidos. Meditava-os com amor, fazia progressos admiráveis na via da perfeição, obedecendo aos pais com uma docilidade exemplar, guardando o silêncio e abstendo-se de tôda conversa que não tratasse de Deus.

Em seu quarto havia um quadro que representava o Salvador descido da cruz e deitado sôbre os joelhos de sua mãe, quadro êsse que comumente chamamos de Nossa Senhora da Piedade. Catarina contemplava freqüentes vêzes essa piedosa imagem, e ficava tão comovida, que parecia querer exprimir em si mesma tôdas as dores de Cristo moribundo. Em breve o coração se lhe encheu de violento desejo de sofrer por amor de Jesus. Desprezando as delícias da casa paterna, deitava-se sôbre a palha, tendo como travesseiro um pedaço de pau. Escondia com cuidado as austeridades aos olhos dos criados aos quais estava confiada. Todavia, surpreenderam-na mais de uma vez meditando na paixão do Salvador, e derramando abundantes lágrimas. Aos treze anos, quis deixar o mundo e retirar-se para um mosteiro, para amar a Deus, à vontade. Suas atenções se voltaram para as agostinianas de Gênova, com quem já se encontrava sua irmã Limbânia. Mas sua pouca idade não permitiu às religiosas que a recebessem. Três anos depois, seus pais fizeram-na casar-se com um jovem de Gênova, chamado Juliano Adorno. Era para confirmar a reconciliação dessas duas poderosas famílias, há muito tempo inimigas uma da outra. Seu marido, que era dado ao prazer, se deixava arrastar pela ambição. Isso lhe causou mil aborrecimentos durante os dez anos que passaram juntos. Ela os suportava com uma paciência admirável, e encontrou nisso motivo para se santificar ainda mais. Adorno, perdulário que era, dilapidou os bens seus e os que a virtuosa espôsa lhe trouxera com o casamento. Catarina não sentiu tanto êste fato, como se entristecia com a vida desregrada do espôso. Pedia todos os dias por sua

conversão a Deus. Suas preces foram, por fim, escutadas. Adorno, arrependido dos desmandos, fêz penitência, entrou para a ordem terceira de São Francisco e morreu nos mais vivos sentimentos de piedade. Catarina tinha uma parente próxima, chamada Tomasa de Fieschi, que ficou viúva pelo mesmo tempo e que tomou o hábito das Dominicanas, morrendo como prioresa do convento, em 1534.

Durante a vida matrimonial, após cinco anos de casada, a pedido das amigas, Catarina relaxou um pouco a vida solitária e de penitência e passou a freqüentar as sociedades mundanas, sem, contudo, cometer faltas graves contra Deus. Seu fervor primeiro não sofreu diminuição. Os prazeres do mundo não lhe deixaram senão profundo desgôsto. Consultou, então, sua irmã religiosa, que lhe indicou um sábio confessor. Apenas se ajoelhou aos pés dêle, uma luz de alto a iluminou a respeito do estado de sua alma. Um raio do amor divino lhe atingiu o coração. Compungida, por ter relaxado e negligenciado sua vida piedosa, estava disposta a confessar-se pùblicamente e a fazer as mais rigorosas penitências. Jesus lhe apareceu, carregando a cruz, sangrando por todo o corpo. Essa visão lhe causou tal impressão, que tudo quanto via lhe parecia inundado do sangue de Cristo. Teve, desde então, desejo imenso de sofrer, para se conformar à paixão do Salvador. Essa conversão, não exatamente do mal para o bem, mas do bem para o melhor, aconteceu-lhe em 1474, quando tinha vinte e sete anos de idade.

Seu atrativo principal era a contemplação. Mas a isso juntou uma vida ativa. Serviu durante vários

anos os doentes, no grande hospital de Gênova, com caridade e ternura incríveis. Não se deixou abater pelas repugnâncias naturais que experimentava no começo. Superou-as, pouco a pouco, pela paciência e pelo prazer de agradar a Jesus Cristo, servindo-o nos membros sofredores. Sua caridade não se cingia ao recinto do hospital; estendia-se a todos os doentes da cidade. Apenas os conhecia, procurava obter para êles todos os socorros de que tinham necessidade. Seu amor por êles se revelou principalmente durante a peste que fêz, em Gênova, terríveis danos, nos anos de 1497 e 1501.

Suas austeridades tinham qualquer coisa de espantoso. Estava de tal modo acostumada a jejuar, que passou vinte e três quaresmas e outros tantos adventos, sem tomar alimento. Recebia sòmente a comunhão todos os dias e bebia de tempo em tempo um copo de água, ao qual misturava um pouco de vinagre e de sal. As hóstias que, então, eram dadas aos leigos, quando se ministrava a eucaristia, eram bem maiores do que as de hoje. Lê-se na biografia da santa que, imediatamente após a comunhão, apresentavam-lhe um cálice com vinho, como se faz ainda hoje na comunhão dos ordenandos. Era para facilitar-lhe engolir as partículas que ficavam na bôca. Dessa forma, Baillet se engana, dizendo que Catarina recebia a eucaristia, sob as duas espécies. Essa recepção da eucaristia sob as duas espécies estêve em uso durante vários séculos, mas como alguns pretendessem que ela fôsse de preceito, a Igreja católica confirmou de início pela prática e depois por decretos, o costume universal de comungar apenas sob uma espécie.

Santa Catarina de Gênova escreveu um maravilhoso diálogo entre a alma e o corpo, o amor-próprio, o espírito, a humanidade e nosso Senhor Jesus Cristo. Êsse diálogo é em três livros. Descreve a seqüência das operações divinas, pelas quais Nosso Senhor a conduziu, das imperfeições de seu primeiro estado, à perfeição mais elevada. Encontra-se um resumo dêsse diálogo na **História da Igreja, tomo XXII.**

Entre as provações por que Deus a fêz passar, está a de não encontrar muitas vêzes ninguém que compreendesse seu estado e pudesse dar-lhe conselhos, ou seja, ver-se privada muitas vêzes de seu confessor, que a compreendia e dos conselhos que ela corria a receber. Os últimos nove anos de vida, passou-os sofrendo de uma doença invulgar, para a qual os médicos não conseguiam encontrar remédio. Era como que um martírio e uma crucificação contínuos. Nas festas dos santos, sentia tôdas as dores que êsses santos haviam sofrido. Nos últimos tempos, não podia tomar outro alimento que a santa comunhão. No dia da Assunção da Santa Virgem do ano de 1510, recebeu a extrema-unção, segundo desejava. Os anjos a visitaram. Passou sete dias em alegria contínua. Acreditavam que tivesse sarado. Mas, violentas convulsões voltaram a atacá-la. O demônio lhe apareceu, em forma horrível. Como ela não pudesse falar, deu a entender aos presentes que lhe fizessem o sinal da cruz sôbre o peito e que jogassem um pouco de água benta sôbre o leito e no quarto. Após meia hora, a visão terrorífica desapareceu e ela recuperou a tranqüilidade costumeira.

No dia 3 de setembro, o espôso celeste quis fazer-lhe sentir, tanto no corpo como na alma, tôdas as dores de sua paixão. Ela estendeu os braços em forma de cruz e disse bem alto estas palavras: «Que esta paixão seja benvinda, bem como benvindo seja todo suplício que me enviar a amável vontade de Deus. Pois há trinta e seis anos que me iluminais, ó meu amor; e desde a primeira luz que recebi, até agora, desejo sofrer tanto internamente como exteriormente. E dado que era meu desejo, jamais tive a impressão de ter encontrado algum sofrimento. Mas, embora tôdas as penas passadas e a dor exterior pareçam grande suplício, vossa providência me transforma tudo em alegria interior. Eis-me aqui agora chegada ao fim. Vou para vós com acabrunhante dor interna e externa, oprimida da cabeça aos pés, a tal ponto que não creio que um corpo humano, por robusto que seja, possa suportar êste terrível tormento. Parece-me que não sòmente um corpo de carne e osso sucumbiria, como também um corpo de ferro e diamante seria aniquilado por essa violência. É evidente que vós moderais tudo por vossa justa providência, que não quer ainda que eu morra. E apesar de ter sofrido sem nenhum remédio êsses excessivos tormentos em meu corpo, encontro-me com o espírito cheio de coragem. E estou de tal modo disposta, que não posso dizer que estou sofrendo. Ao contrário, parece-me nadar em uma alegria contínua, alegria tão grande e deliciosa, que não a posso exprimir, nem compreender.»

No dia 14 de setembro de 1510, dia da Exaltação da santa cruz, falou com mais ardor e com mais amor do que nunca. No dia seguinte, um domingo, perguntaram-lhe se queria comungar. Arrebatada

em êxtase, ergueu um dedo para o céu, para significar que naquele instante, exatamente, estava sendo chamada para o banquete celestial. Depois, cantando com voz dulcíssima as últimas palavras de Jesus: Senhor, em vossas mãos entrego minha alma, foi reunir-se para sempre a Deus, aos 63 anos de idade.

A gente começou imediatamente a venerá-la como santa. Curas milagrosas aumentaram a devoção popular. Vários dêsses milagres foram constatados jurìdicamente. O papa Clemente XII a canonizou solenemente, em 1737, por uma bula de 16 de junho, na qual faz o elogio de suas virtudes e mesmo de seus escritos.

— — — — —

SANTO EPAFRODITO (*)

Bispo

São Paulo, na epístola aos filipenses, refere-se a Santo Epafrodito. Diz:

«Entretanto, julguei necessário mandar-vos Epafrodito, meu irmão, coadjutor e companheiro de luta, e vosso enviado para me socorrer nas minhas necessidades, pois que êle desejava, por certo, ver-vos de novo a todos e tinha pena de que vós tivésseis notícia da sua doença. Com efeito, estêve mortalmente enfêrmo, mas Deus compadeceu-se dêle, e não sòmente dêle, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sôbre tristeza. Por isso o enviei mais depressa para que, vendo-o, de novo vos alegreis e eu fique sem tristeza, sabendo que estais alegres.

«Recebei-o, pois, com todo o gênero de alegria no Senhor, e tratai com honra tais pessoas, que se sacrificam pelo Evangelho. Efetivamente, pelo serviço de Cristo, chegou às portas da morte, arriscando a própria vida para vos suprir no serviço que vós me não podíeis prestar» (1).

Afora êstes elogios, nada mais sabemos sôbre Epafrodito. O martirológio romano diz dêle como bispo de Terracina, a esta cidade enviado por São

---

(1) Fil., 2, 25-30.

Pedro, e Teodoreto quer que tenha sido bispo da própria cidade de Filipos, que se situava nos confins da Macedônia e da Trácia, primeira cidade européia em que São Paulo pregou o Evangelho.

Quando os filipenses souberam que o grande Apóstolo estava prisioneiro em Roma, enviaram-lhe Epafrodito, que lhe levou socorros, auxiliando-o em tudo aquilo que se fazia necessário.

Voltando Epafrodito a Filipos, São Paulo por êle enviou a epístola nomeada aos filipenses, na qual agradece os socorros mandados, ao mesmo tempo que os previne contra alguns perigos.

* * *

PAULO DE NARBONA (*)

Bispo e Confessor

Aos 22 de março, celebra-se a festa de São Paulo, bispo, discípulo dos apóstolos, que dizem ter sido o procônsul Sérgio Paulo. Batizado por São Paulo, êste grande apóstolo o fêz bispo de Narbona, quando foi para a Espanha.

Segundo os Atos:

«Havia na Igreja de Antioquia profetas e doutôres, entre os quais Barnabé, Simão, chamado o Negro, Lúcio de Cirene, Manahen, colaço de Herodes Tetrarca, e Saulo. Estando êles a celebrar o culto do Senhor e a jejuar, disse-lhes o Espírito Santo: «Separai-me Barnabé e Saulo para a obra a que os destinei». Então, depois de terem jejuado e orado, impuseram-lhe as mãos, e despediram-nos.

«Êles, pois, enviado pelo Espírito Santo, foram a Selêucia, e dali navegaram para Chipre. E, quando chegaram a Salamina, pregaram a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus. Tinham com êles João, para os auxiliar. Tendo percorrido tôda a ilha até Pafos, encontraram um certo homem mago, falso profeta, judeu, que tinha por nome Barjesus, o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, homem prudente. Êste, tendo mandado chamar Barnabé e Saulo, mostrou desejos de ouvir a palavra de Deus.

Mas Elimas, o mago (porque assim se interpreta o seu nome) se lhes opunha, procurando afastar da fé o procônsul. Porém Saulo, que também se chama Paulo, cheio de Espírito Santo, fixando nêle os olhos, disse:

«— Ó tu, que estás cheio de todo o engano e de tôda a astúcia, filho do demônio, inimigo de tôda a justiça, não acabarás de perverter os caminhos retos do Senhor? Pois agora eis que a mão do Senhor está sôbre ti, ficarás cego sem ver o sol durante certo tempo».

«Caiu logo sôbre êle a obscuridade e trevas, e, andando à roda, buscava quem lhe desse a mão. Então, o procônsul, vendo êste fato, creu, maravilhado com a doutrina do Senhor» (1).

Sérgio Paulo seguiu o Apóstolo até Roma e pela fé sofreu horríveis tormentos inomináveis.

Quando o apóstolo Paulo, livre do cativeiro, demandou a Espanha, o discípulo seguiu-o, fundou uma igreja em Narbona, da qual foi o primeiro bispo, e nela, quando faleceu, foi sepultado, no primeiro século.

* * *

(1) Act. 13, 1-12.

SÃO DEOGRÁCIAS (*)

Bispo e Confessor

Cartago, depois do banimento de Quodvultdeus, bispo daquela cidade, viu-se sem pastor por catorze longos anos, de 439 até 453, quando, afinal, o rei Genserico permitiu, instado que fôra por Valentiniano III, que se elegesse novo prelado.

Deográcias, homem de grande santidade, piedoso e puro, foi o escolhido. Sagrado no dia 25 de outubro de 453, foi excelente pastor: consolou a Igreja de Deus, fortificando-a nas aflições pelas quais passava.

Dois anos depois da eleição de Deográcias, Genserico correu a Roma, capturando-a. Diz Oliveira Lima na sua excelente História da Civilização:

«Romanos e germanos juntaram-se contra o inimigo comum, que foi batido na planície de Chalons (1), sôbre o Marne (451) pelas fôrças combinadas do rei franco Meroveu, do rei visigodo Teodorico e do general romano Aécio, que havia vinte anos sustentava o que restava de autoridade imperial na Gália.

(1) Refere-se a Átila, rei dos hunos, apelidado o Flagelo de Deus.

«Átila recuou para além do Reno e lançou-se sôbre a Itália, saqueando-a e queimando o que encontrava diante de si. Foi nessa ocasião que os venécios, refugiando-se por segurança nas lagunas do Adriático, edificaram sôbre as ilhotas as primeiras casas da futura cidade de Veneza (452). Roma foi poupada porque o pontífice Leão Magno implorou a misericórdia do conquistador, o qual anuiu em retirar-se para além dos Alpes, expirando, de repente, no seu acampamento, pouco depois de transpor o Danúbio (453).

«Igual proceder não teve o chefe vândalo Genserico, a quem a imperatriz Eudóxia chamara para se vingar do assassino de seu marido, o imperador Valentiniano III que a forçara a desposá-lo. Genserico subiu o Tibre com suas embarcações em 455 e apenas garantiu ao pontífice as vidas dos habitantes, contentando-se com seus bens.

«O saque de Roma durou catorze dias, sendo o seu produto entulhado nos navios que coalhavam o rio; mais de trinta mil habitantes foram também levados como escravos. Cartago estava vingada, e o que restava do império do Ocidente evaporou-se como uma sombra diante das contínuas incursões de homens do norte, enquanto no trono se sucediam títeres coroados pelos bárbaros e por êles derrubados».

Na África, aquêles homens levados como escravos foram repartidos entre vândalos e mouros. E os maridos foram separados das mulheres, as mães dos filhos, sem piedade.

Deográcias fêz tudo para resgatar aquelas vidas, inclusive lançar mão dos vasos de ouro e de prata de sua igreja. E, não encontrando em Cartago casas

suficientes para abrigar aquêle triste povo infortunado, transformou em hospedaria duas grandes igrejas: a de São Fausto e a de São Vários.

Ora, muita gente jazia enfêrma, e o bom bispo, visitando-a, consolava-a, levava-lhe médicos, socorro, e tudo aquilo que se fazia necessário.

Aquela boa ação acabou por plantar a inveja nos corações mal formados, e muitos arianos de Cartago principiaram a agir para entravar tão santa e humanitária obra. Quanto ao santo bispo, já velho e cansado, acertaram-lhe a morte.

Deus, porém, antecipou-se aos tenebrosos desígnios daquela gente. E, chamando a Deográcias para si, livrou-o da hediondez que lhe preparavam.

Morto Deográcias, era no dia 5 de janeiro de 457, o grande bispo foi chorado por todos os cativos. E o povo de Cartago, cheio de veneração por tão santa alma, disputou-lhe as relíquias com ardor, tanto que foi necessário enterrá-las secreta, furtivamente.

O martirológio romano celebra a festa de São Deográcias neste dia de hoje, 22 de março. No calendário de Cartago, está Deográcias inscrito no dia 5 de janeiro, juntamente com Santo Eugênio, que lhe foi o sucessor.

* * *

SÃO BASÍLIO DE ANCIRA (*)

Mártir

Basílio era padre da Igreja de Ancira, quando do bispo Marcelo. Ensinando as verdades cristãs, combatendo erros e mentiras, tudo fazia para levar a Deus as almas tôdas.

Um dia, reuniram-se em Constantinopla (360) os bispos arianos, que acordaram em proibi-lo de pregar coisas que lhes não agradavam. Ora, na Palestina, duzentos e trinta bispos, num concílio, ao contrário, resolveram encorajá-lo a levar avante a obra a que se dera de corpo e alma. A Igreja, naqueles idos, passava por uma grande agitação, e Basílio, intimado a comparecer diante do imperador, foi por êste interrogado.

O futuro mártir soube, maravilhosamente, defender-se, mas, com o advento de Julião, o Apóstata, não teve igual sorte.

Foi Constantino quem mais incentivo prestou à convocação de Nicéia, facilitando-a (325). No primeiro concílio ecumênico, definiu-se o credo cristão contra as primeiras heresias, das quais a mais famosa foi o arianismo, de Arius, presbítero, a qual negava a igualdade de Deus Filho com Deus Pai.

Meio século depois do imperador Constantino lançar o edito, o imperador Julião, seu sobrinho, repudiou a fé cristã, procurando restabelecer o paganismo. Diante do procônsul Saturnino, Basílio foi acusado de provocar tumultos, falando desrespeitosamente do imperador, dizendo que, impunemente, violava as leis. Foi, pois, estirado ao cavalete, e atormentado.

Dizia, então, o Santo, dirigindo-se a Deus:

— Senhor, Deus de todos os séculos, eu te rendo graças por me achares digno de caminhar pela senda do sofrimento. Perseverando, estarei perto da vida, e me encontrarei na companhia daqueles que tu fizeste herdeiros de tuas promessas, e que delas já estão a gozar.

Saturnino, violentamente, procurava induzir Basílio a sacrificar aos ídolos, mas o que ouvia, em resposta, eram só negativas e negativas.

Julião, informado daquela resistência, exasperou-se. Na expedição contra os persas, passava por Ancira, e ordenou que lhe trouxessem o renitente.

Basílio, aberta e corajosamente, disse-lhe que era cristão, e que nada o demoveria, levando-o a sacrificar. E acrescentou:

— Fica sabendo que, como quiseste perder a lembrança dos benefícios que recebeste de Deus, Êle também há de se esquecer da bondade, quando chegar a hora da tua punição. Tu não tens qualquer respeito pelos altares, profanando-os, atirando-os por terra. A ti também te atirará, arrancando-te do trono. Tu tens prazer em violar a lei do Senhor. Pois teu corpo ficará sem sepultura, e será calcado

por pés sem conta, depois que tua alma já tenha partido sôbre o efeito das mais violentas dores.

Disse o Apóstata:

— Meu desejo era salvar-te, mas já que desrespeitaste a minha posição, falando-me com insolência, devo vingar a majestade do império horrìvelmente ultrajada em minha pessoa. Quero que todos os dias te arranquem do corpo sete tiras de carne.

A execução ficou a cargo do conde Fromentino, e Basílio, com infinitos de paciência, suportou a tortura.

Disse o santo, um dia, ao carrasco:

— Quero falar ao imperador.

Com alegria o conde ouviu aquelas palavras: Basílio, pensava, ia ceder, sacrificar aos deuses para livrar-se do tormento. Quem não o faria?

Fromentino abalou a falar com o imperador. Disse-lhe:

— Basílio cedeu. Deseja falar a Vossa Majestade.

Julião deixou o palácio a prelibar a vitória, dirigindo-se ao templo dedicado a Esculápio, onde o heróico supliciado jazia.

Diante do Apóstata, Basílio perguntou:

— Onde estão teus sacrificadores e teus adivinhos? Disseram-te êles que eu te pedi audiência?

— Eu pensei, respondeu Julião, que estavas prestes a reconhecer os deuses e pronto para te unires a mim no sacrifício que lhes ofereço...

— Nada está tão distante de mim, tornou Basílio.

E, tomando o Santo uma longa tira de carne que lhe pendia do corpo, arrancou-a, atirando-a ao rosto do imperador, exclamando:

— Toma, Julião, e come êste pedaço, já que o amas tanto!

E acrescentou:

— Declaro-te que, para mim, a morte é um ganho: é por Jesus Cristo que eu sofro, Êle, meu refúgio, meu amparo e minha vida.

Fromentino empalidecera, temendo pela própria vida. Julião, êsse, estava branco de ódio. E, gritando para que a Basílio torturassem redobradamente, fazendo-lhe incisões mais profundas, que lhe chegassem até as entranhas, ouviu-o no suplício, orar:

— Deus infinitamente bom, todo misericordioso, que sofres comigo, que sofres por nós, abaixa teus olhos para teu servidor. Concede-me a graça de acabar felizmente a vida, de perseverar na fé que meus pais me transmitiram, de merecer o teu reino.

Julião, no dia seguinte, deixava Ancira, demandava Antioquia. E Basílio, à noite, na prisão, miraculosamente curado por Deus, encolerizando Fromentino, foi condenado a ter o corpo perfurado por ferros incandescentes. E, à medida que executavam tão bárbara sentença, Basílio ia pronunciando devotamente:

— Jesus, minha luz, Jesus, minha esperança, eu te rendo graças, Deus de meus pais, que me retiras a alma desta morada de morte. Não permitas que eu profane o sagrado nome que levo: é o vosso, Senhor, conserva-o em mim, puro e sem mancha. Recebe o

espírito de teu servidor, que morre confessando que és o único e verdadeiro Deus.

Assim dizendo, Basílio expirou. Era a 28 de junho de 362, e o santo Mártir recebia a gloriosa palma do martírio diante dos carrascos estupefatos.

* * *

No mesmo dia, na Bélgica, as Santas Herlinda e Relinda, abadêssas, filhas do conde Adalardo, educadas no convento de Valencianas. Abadêssa de Maaseyk, mosteiro que o pai lhe erigira na Bélgica, Herlinda faleceu em 745, a 12 de outubro, sendo sucedida pela irmã Relinda, que desapareceu a 6 de fevereiro de ano que não se precisa.

Em Roma, Santa Léia, viúva, da qual São Jerônimo descreveu as virtudes e a santa morte, que ocorreu em 383.

Em Osimo, na Marca de Ancona, São Benvindo, bispo. Da nobre família Scotivoli, estudou na universidade de Bolonha. De volta à cidade natal, foi nomeado arcediago, depois de ter recebido as ordens. Virtuoso, cheio de méritos, o papa Urbano IV nomeou-o bispo da Igreja de Osimo. Sem se deixar tocar pela dignidade, o Santo, antes da consagração episcopal, desejou revestir o hábito dos irmãos menores e professar na regra franciscana. Morto em 1282, foi enterrado simplesmente, para deixar o mundo na mais completa pobreza. Operou inúmeros milagres.

Na Irlanda, São Failbe, o Primeiro, abade e confessor. Irmão de São Finan, governou a abadia de Iona, falecendo em 679. Sucedeu-o Santo Adamnan.

No Perigord, Santo Avito, solitário, confessor, Soldado nos exércitos visigodos, na batalha de Vouillé, em 507, foi feito prisioneiro. Levado a Paris, acabou sendo libertado. Tomou, então, em Poitou, o hábito monástico, levando vida eremítica em Mauroy, em seguida em Ruffec, no Perigord. Faleceu em 518.

Na África, São Saturnino, e nove outros santos mártires.

No mesmo dia, as santas mártires Calínica e Basilissa.

Em Cartago, Santo Otaviano, arquidiácono, e vários milhares de mártires, levados à morte pelos vândalos, por causa da fé católica.



23.º DIA DE MARÇO

SÃO TURÍBIO,

Arcebispo de Lima, na América.

São Toríbio, ou Turíbio, segundo filho do senhor de Mogrebeyo, diocese de Leon, Espanha, nasceu em 16 de novembro de 1538. Desde a infância revelou gôsto acentuado pela virtude e extremado horror ao pecado. Encontrando um dia uma pobre mulher, acesa de cólera, justamente na ocasião em que havia sofrido uma perda, falou-lhe da maneira mais comovente sôbre a falta que estava cometendo e deu-lhe, para acalmá-la, o valor da coisa que havia perdido. Tinha terna devoção à Santa Virgem. Rezava diàriamente o ofício e o rosário e jejuava todos os sábados que lhe eram dedicados. Durante o tempo em que freqüentou as escolas públicas, reservava sempre uma porção do seu dinheiro, embora pequena, para ajudar os pobres. Levava tão longe as austeridades da mortificação que houve necessidade de moderar-lhe o zêlo. Iniciou os estudos superiores em Valladolid, e terminou-os em Salamanca. O rei Filipe II, que o conheceu bem cedo, dedicava-lhe muita consideração. Recompensou-lhe os méritos com cargos destacados, fê-lo presidente ou primeiro magistrado de Granada. O santo



Filipe II, rei da Espanha. Segundo um desenho de Cesare Vecellio. Século XVI.

desempenhou essas funções durante cinco anos com integridade, prudência e virtude que lhe mereceram estima geral. Era assim que Deus preparava os caminhos para sua elevação na Igreja.

O Peru tinha sido conquistado por aventureiros espanhóis e por outros que já se tinham estabelecido. Daí advirem muitos males, aos quais a religião devia dar solução. O arcebispado de Lima estava vacante. São Turíbio para lá foi enviado na qualidade de arcebispo, nomeado pelo rei. Jamais, talvez, se tenha visto escolha mais universalmente aprovada do que esta. Turíbio era tido como o único homem capaz de sanar os males da igreja daquele país. O santo sentiu-se consternado ao saber da notícia de sua nomeação. Atirou-se aos pés do crucifixo e desfeito em lágrimas rogou a Deus não permitisse que lhe impusessem um fardo que não poderia deixar de esmagá-lo. Escreveu a conselho do rei cartas em que expunha sua incapacidade em côres carregadas. Passou em seguida aos cânones da Igreja que proibia fôssem elevados ao episcopado. Mas não deram atenção às cartas e necessário foi que êle desse seu consentimento. Sua humildade todavia não ficou sem recompensa. Foi para êle a fonte dessas graças abundantes cujo efeito se manifestou depois no exercício do ministério.

Turíbio quis receber as quatro ordens menores em quatro domingos diferentes a fim de ter tempo de desempenhar as funções delas. Depois recebeu as outras ordens e finalmente foi sagrado bispo. Embarcou sem demora para o Peru e desembarcou perto de Lima em 1581. Estava nessa época com 43 anos de idade. A diocese de Lima tinha cento e trinta léguas de extensão ao longo da costa e com-

preendia além de várias cidades, número incontável de vilas e lugarejos dispersos pela dupla cadeia dos Andes que figura entre as maiores do universo. O santo arcebispo não desesperou, absolutamente, à vista dessa imensa região, que se tornava mais difícil pelas urzes e espinheiros. Uma prudência consumada aliada ao zêlo ativo e vigoroso, simplificaram-lhe as dificuldades. Pouco a pouco conseguiu extirpar os escândalos públicos e estabelecer o reino da piedade sôbre as ruínas do vício. Imediatamente após sua chegada, empreendeu a visita da vasta diocese. Não é possível fazer-se idéia justa das fadigas e perigos que tenha suportado. Viam-no subir as montanhas escarpadas, cobertas de gêlo ou de neve, a fim de levar palavras de consôlo e de vida às pobres cabanas dos índios. Quase sempre viajava a pé e como os trabalhos apostólicos não frutificam senão quando Deus os auxilia, orava e jejuava sem cessar, para atrair a misericórdia divina sôbre as almas confiadas aos seus cuidados. Por tôda parte colocava pastôres sábios e zelosos e procurava obter o socorro da instrução e dos sacramentos para aquêles que habitavam nos rochedos mais inacessíveis. Persuadido de que a mantença da disciplina influi muito sôbre os costumes, fêz disso um dos objetivos mais importantes da sua solicitude. De acôrdo com o concílio de Trento e um breve de Gregório XIII, estabeleceu que para o futuro, de dois em dois anos, haveria um sínodo diocesano; e, de sete em sete anos, concílios provinciais. Com relação aos escândalos do clero era inflexível, sobretudo quando se tratava da avareza. Desde que os direitos de Deus e do próximo estivessem sendo lesados, tomava a defesa dêles, sem olhar para a condição das pessoas. Mos-

trava-se, ao mesmo tempo, o flagelo dos pecadores públicos e o protetor dos oprimidos. A firmeza do seu zêlo lhe suscitou perseguições dos governadores do Peru, que, antes da chegada do virtuoso vice-rei Francisco de Toledo, não se envergonhavam de tudo sacrificar às suas paixões e aos seus interêsses particulares. Não lhes opôs senão a paciência e a doçura, sem todavia nada relaxar da santidade das regras. E como alguns maus cristãos dessem à lei de Deus uma interpretação que favorecia as inclinações desregradas da natureza, lembrou-lhes que Jesus se intitulava a verdade e não o costume, e que no tribunal dêle nossas ações seriam pesadas, não na falsa balança do mundo, mas na balança do santuário. Com tal comportamento, o santo arcebispo não podia deixar de extirpar os abusos mais inveterados. Assim, viu-os desaparecerem um a um, até quase todos. As máximas do Evangelho ganharam consideração e foram praticadas com fervor digno dos primeiros séculos do cristianismo.

Turíbio, para estender e para perpetuar a obra de seu zêlo, conformou-se em tudo às regras do concílio de Trento, fundou seminários, igrejas, hospitais, sem querer que seu nome fôsse inserto nas atas de fundação. Quando estava em Lima, visitava todos os dias os pobres doentes dos hospitais. Consolava-os com bondade paternal e lhes administrava, êle mesmo, os sacramentos. Quando a peste atacou boa parte de sua diocese, privou-se do necessário, a fim de prover às necessidades dos infelizes, recomendou-lhes a penitência como o único meio de apaziguar o céu irritado. Assistiu às processões com lágrimas nos olhos. E, de olhar fixo no crucifixo, ofereceu a Deus a vida pelo seu rebanho. A êsses

atos de religião, juntou orações, vigílias, jejuns extraordinários, que continuou durante o tempo em que a peste fêz sentir seus malefícios.

Afrontava os maiores perigos, quando se tratava de obter para uma alma a menor vantagem espiritual. Quis dar sua própria vida pelo rebanho. Estava disposto a tudo sofrer por amor daquele que resgatara os homens por ter derramado seu sangue. Quando sabia que pobres índios erravam pelas montanhas e nos desertos, experimentava os sentimentos do bom pastor e ia procurar as ovelhas desgarradas. A esperança de trazê-los de volta para o aprisco, sustinha-o no meio de fadigas e perigos que era obrigado a enfrentar. Viam-no percorrer sem mêdo medonhas solidões, habitadas por leões e tigres. Por três vêzes visitou sua diocese. A primeira visita durou sete anos, a segunda cinco e a terceira pouco menos. A conversão de grande multidão de infiéis foi o resultado delas. O santo, quando a caminho, se ocupava com orar ou com coisas espirituais. Seu primeiro cuidado, chegando a qualquer lugar, era ir à igreja expandir o coração aos pés do altar. A instrução dos pobres o retinha algumas vêzes dois ou três dias no mesmo lugar, embora lá faltassem as coisas mais necessárias à vida. Os lugares mais inacessíveis eram honrados com sua presença. Em vão lhe descreviam os perigos aos quais expunha a vida. Respondia que Jesus Cristo tinha descido do céu para salvação dos homens e que um pastor devia estar disposto a todos os sofrimentos para glória de Cristo. Pregava e catequizava com zêlo infatigável. E foi para melhor desempenhar essa função, que aprendeu, já em idade bem avançada, as diferentes línguas que falavam os selvagens do Peru. Rezava

todos os dias a missa com piedade angelical, meditando longamente antes e depois dela. Confessava-se ordinàriamente tôdas as manhãs, para se purificar perfeitamente das menores impurezas. A glória de Deus era o fim de tôdas suas palavras e de tôdas suas ações, o que fazia sua oração contínua. Não obstante, tinha ainda horas marcadas, para rezar, quando, então, se retirava e conversava com Deus das necessidades suas, bem como das do rebanho. Nesses momentos, brilhava-lhe no rosto certo êxtase. A humildade nêle não era inferior às demais virtudes. Por isso, escondia as mortificações e outras boas obras. A caridade para com os pobres era imensa. Sua liberalidade abraçava-os indistintamente. Interessava-se, entretanto, de maneira particular pelas necessidades dos pobres envergonhados.

São Turíbio foi atacado por uma doença em Santa, cidade que dista de Lima cento e dez léguas. Estava, então, ocupado com a visita à diocese. Predisse a própria morte e prometeu uma recompensa a quem lhe afiançasse que os médicos já não tinham esperanças com relação a sua vida. Deu aos criados tudo quanto lhes servia para uso. Seus bens restantes foram distribuídos entre os pobres. Por vontade sua, levaram-no à igreja, onde recebeu o viático. Mas foi obrigado a receber a extrema-unção, acamado. Repetia contìnuamente as palavras de São Paulo: «Desejo ser libertado das cadeias do corpo, para unir-me a Jesus Cristo». Nos derradeiros momentos de vida, fêz com que os que se encontravam ao redor do leito cantassem: «Alegrai-me com o que me foi dito: Iremos para a morada do Senhor». Morreu em 23 de março de 1606, dizendo,

com o Profeta: «Senhor, em vossas mãos coloco minha alma». No ano seguinte, transportaram-lhe o corpo para Lima. Encontraram-no, então, intacto. O biógrafo que relata sua vida e os atos da canonização, diz que, enquanto vivo, ressuscitou um morto e curou vários enfermos. Após a morte, operou inúmeros milagres, por sua intercessão. Turíbio foi beatificado em 1679 por Inocêncio XI e canonizado em 1726 por Bento XIII.

Durante seu episcopado de vinte e cinco ou vinte e seis anos, São Turíbio reuniu três concílios provinciais com os bispos daquele país da América, e treze ou quatorze sínodos diocesanos com os principais eclesiásticos de seu arcebispado. Êsses concílios e êsses sínodos do novo mundo podem servir de modêlo ao velho mundo. São Turíbio de Lima, como São Carlos de Milão, esforçou-se por aplicar ao clero e ao povo os remédios salutares do concílio de Trento e no espírito dêsse concílio e com a aprovação da Santa Sé. Pode-se ver o resumo, no tomo XXV, da **História Universal da Igreja Católica.**

— — — — —

SÃO JOSÉ ORIOL (*)

Confessor

José Oriol nasceu em Barcelona no dia 23 de novembro de 1650, sendo batizado logo em seguida. Órfão de pai aos dezoito meses, casando-se pela segunda vez a mãe, Gertrudes Bugugna, José foi queridíssimo do padrasto, um modesto sapateiro piedoso e dócil.

Desejoso de ver o enteado nos estudos, confiou-o aos capelães da igreja paroquial de Santa Maria.

José foi aluno aplicado, diferente dos colegas. Êstes, feitos os deveres, demandavam o recreio, a brincar, enquanto nosso Santo, contritamente, dirigindo-se à capela do Santíssimo ali se deixava ficar de joelhos, diante do Santo Sacramento.

Cheios de admiração pelo jovem, os mestres resolveram enviá-lo à universidade.

Com treze anos, José perdeu o bom padrasto. E a mãe, na mais extrema miséria, foi viver com uma das amigas, Catarina Brughera, espôsa de um honesto operário de Barcelona, que a acolheu, e ao filho, com alegria e imensa generosidade.

Catarina, que fôra ama de leite de José, deu-lhes, no alto da casa em que vivia, um quartinho.

E ali, o jovem, com grande aplicação, estudava sem cessar.

Um dia, José e Catarina, na cozinha, conversavam animadamente, quando o dono da casa chegou. Entreparado, observando-os, foi tomado por violento ciúme, e a suspeita invadiu-lhe o coração. E a remoer coisas contra a fidelidade da espôsa, olhava-os raivosamente.

Deus permitiu que o jovem José penetrasse no íntimo do operário. Olhou-o significativamente, dirigiu-se ao fogão, onde, no auge, os carvões estalavam e faiscavam, e, no abrazado terrível, meteu ambas as mãos, sem que mal algum lhe sucedesse.

O homem, confuso, empalideceu, sentiu-se envergonhado e, desde aquêle dia, passou a conceber pelo hóspede, a mais profunda veneração.

José continuou os estudos, e em 1674, doutorou-se em teologia. Aspirando o sacerdócio, desejoso de trabalhar para a glória de Deus na salvação das almas, foi ordenado padre a 30 de maio de 1675.

Pensando sempre na mãe, para ajudá-la na pobreza fêz-se preceptor na casa de um rico homem, Tomás Gasnevi. E ali, querido e admirado, viveu êle até 21 de janeiro de 1686, dia em que, para Deus, fôra-lhe a mãe. Deixou, então, a casa daquele homem, com a idéia de, a pé, fazer a peregrinação a Roma.

De volta para Barcelona, em 1687, tomava posse do benefício de Nossa Senhora do Pin, que o papa Inocêncio XI lhe concedera.

José Oriol tinha um único desejo: estar unido estreitamente a Deus. E, amando todos os homens,

por si mesmo votava grande desprêzo, considerando-se coisa insignificante. Praticando a mais rígida pobreza, tudo que lhe vinha do benefício concedido pelo Pontífice, dava-o êle aos pobres, aos prisioneiros e aos doentes.

Ao corpo, olhava-o sempre como o principal inimigo a combater. Assim, recusava-lhe tôda e qualquer satisfação. Dormir, dormia êle apenas duas horas, sôbre um duro banco estreito, e, quanto à alimentação, comia parca, sòbriamente, desde os dias da casa de Tomás Gasnevi, de mesa farta e variada.

Quase tôda a noite José passava a orar e a disciplinar-se. E, um dia, viu-se todo consumido no ardente desejo de dar a Deus todo o sangue, no martírio: queria converter os infiéis, abalar para Jerusalém.

Dois padres, porém, convenceram-no a ficar em Barcelona.

— Como irás? Onde o dinheiro para tão longa viagem?

José, todavia, não renunciou à idéia, apenas deixou a execução do projeto para mais tarde. E, a 2 de abril de 1696, deixando Barcelona, todo no afã de fazer a longa viagem a pé, avançou com o pensamento em Roma, no papa, ao qual ia suplicar que o mandasse ao Japão, ou a outro país de missão.

Em Marselha, o Santo fêz pequena escala. Serviu num hospital por algum tempo, e acabou por contrair grave moléstia. Curado milagrosamente, depois da convalescença aprontou-se para reencetar a caminhada interrompida. Nossa Senhora, então,

carinhosamente, ordenou-lhe que retornasse para Barcelona.

Na terra natal, foi recebido com alegria, tanto pelo clero como pelo povo. Começava para o santo homem uma nova existência. Cristalizava-se-lhe a alma.

Todo angélico, quando levava o Santo Sacramento aos doentes ou nas procissões, todos, homens, mulheres e crianças, ficavam admirados, notando-lhe no rosto, comumente pálido, dadas as penitências, os jejuns, um como clarão, esquisitamente transformado.

Quando São José Oriol celebrava a missa, todo êle era ardor e só ardor. Transfigurava-se-lhe o rosto, e a voz era trêmula e doce. E os fiéis, que não podiam despregar os olhos de tão celeste figura, findo o santo sacrifício, corriam, respeitosamente, beijar-lhe as mãos emaciadas.

Pensando ùnicamente no Senhor, o Santo vivia quase que em contínuo êxtase, insensível ao que lhe ia ao redor. E Deus, que lhe conferiu poder sôbre os elementos, permitia que obrasse prodígios.

Certa vez, quando São José Oriol retornava de uma viagem que fizera a Marselha, terrível, feiíssima tempestade desabou. E o Santo, para sossegar companheiros de jornada, com um simples, mas devoto sinal da cruz, fêz com que o temporal, instantâneamente, cessasse.

Doutra feita, conta-se, viram-no, debaixo de forte borrasca, de uma chuva tão grossa que até levantava como um denso nevoeiro, caminhar calmamente, absolutamente enxuto.

Paupérrimo, quando estava às portas da morte, o povo de Barcelona foi levar-lhe dinheiro, mas, delicadamente, recusou-o, dizendo que desejava deixar o mundo tão pobre como sempre o fôra.

À cama, com pleurisia, estava alegre, a olhar os amigos entristecidos. Disse-lhes, então, consolando-os:

— A morte é a porta da vida, e vai levar-me a possuir aquilo que desejo: o céu. E no céu, não me esquecerei de vós.

José Oriol recebeu o santo viático com imenso fervor, e, no dia 22 de março, a extrema-unção. E um grande desejo, no dia seguinte, de ouvir cantar o **Stabat Mater,** tomou-o todo.

Os amigos, solìcitamente, correram arrebanhar alguns meninos do côro, levando-os ao pé do moribundo. E, enquanto cantavam, docemente o Santo sorria, de quando em quando aprovando a execução com débeis exclamações piedosas. Depois, muito em paz, sem agonia, sem esfôrço, fixando a Jesus crucificado, sorrindo, entregou a alma a Deus. Era de manhã, a 23 de março de 1702, e o povo de Barcelona, chorando, surgiu para lhe dar o último adeus, para contemplá-lo por derradeira vez.

Os funerais foram concorridíssimos. Morrera um rei? Morrera um príncipe? Não, morrera um simples, um humilde, alguém que, desde a infância, constantemente guardara a castidade e conservara a inocência. E ao passar por uma das ruas de Barcelona o esquife, um menino, há tempos paralítico, tocando simplesmente o corpo do Santo, curou-se na mesma hora. Foi um milagre que a todos enterneceu. E os milagres, muitos mais, multiplicaram-se

à beira do túmulo que recebeu aquêle ardoroso santo homem de Deus.

Pio VII, no dia 15 de maio de 1806, beatificava-o solenemente. E Pio X, a 20 de maio de 1909, canonizava-o.

* * *

No mesmo dia, em Cesaréia, Palestina, os santos mártires Nicão e noventa e nove outros. Natural de Nápoles, Nicão, filho de mãe cristã, era pagão. Soldado, perigando-lhe a vida numa cruenta batalha, lembrou-se do Cristo que a mãe venerava, encomendando-lhe a vida. Saindo ileso da refrega, fêz-se cristão, dando-se ao jejum e à oração. Batizado por Teodósio de Cysique, êste, tempos depois, às portas da morte, confiou-lhe noventa e nove discípulos. Em 251, quando da perseguição de Décio, foram todos massacrados por ordem do prefeito.

Conta-se também neste 23 de março, o triunfo dos santos mártires Domício, Pelágia, Aquila, Epárquio e Teodósia, em 362, mortos pela fé em Cesaréia da Palestina.

Na África, os santos mártires Vitoriano, procônsul de Cartago, Frumêncio e companheiros, quando do vândalo Hunerico, rei ariano (484), que, procurando induzir Vitoriano a abjurar a fé, ouviu do valoroso homem: «Eu tenho confiança no Cristo, meu Senhor e meu Deus. Que empregues o fogo, que atires contra mim os animais ferozes, que uses de quaisquer suplícios, jamais consentirei com o que desejas: seria renegar a Igreja católica, na qual fui batizado».

Ainda na África, os santos Liberato, espôsa e filhos, mártires, também, em 484, durante a perseguição vândala, sob Hunerico.

Em Campanie, São Bento, monge, o que os gôdos encerraram num forno aquecido ao máximo, e que, no dia seguinte, foi encontrado sem ter sofrido qualquer dano (século VI). São Gregório, o Grande, diz nos seus **Diálogos:** «Eu vivi, no mosteiro (1), com um religioso muito aplicado ao estudo das Santas Escrituras. Era mais avançado em idade do que eu e me edificava muito, ensinando-me tudo aquilo que eu ainda ignorava. Assim, disse-me êle que havia em Campanie, a quarenta milhas de Roma, um Bento, jovem ainda, mas já maduro pelas virtudes e coragem na prática da vida religiosa. Nos tempos do rei Tótila, os gôdos descobriram-lhe o retiro e quiseram incendiar-lhe a cela em que se dava a piedosos exercícios. Tocaram-lhe fogo, e tudo aquilo que rodeava a cela, foi queimado, mas a cela mesma não o foi. Os gôdos ficaram furiosíssimos: arrancaram o monge do seu quieto asilo, e como havia na vizinhança um forno bem aquecido para o cozimento do pão, ali o meteram, trancando-o. No dia seguinte, Bento foi encontrado indene: não sòmente o corpo nada sofrera, como as vestes mesmas não haviam recebido qualquer chamusco».

Na Inglaterra, Santo Etelvaldo, ermitão e confessor, contemporâneo de São Cutiberto, que lhe dedicou grande amizade. O venerável Beda conta como, pelas orações, Etelvaldo salvou a vida de

(1) Naturalmente no de Santo André de Roma.

três homens perdidos no meio de uma tempestade pavorosa. Faleceu em 700.

Em Verona, São Próculo, bispo de Verona e confessor. Aprisionado por Diocleciano, porque havia visitado os Santos Firmo e Rústico na prisão, sofreu inomináveis torturas, mas foi pôsto em liberdade.

Na Irlanda, São Fingar, mártir, também conhecido como Guigner. Convertido por São Patrício, foi expulso da casa paterna. Ermitão em Plouvinger, à morte do pai tornou à cidade natal. Rejeitado por todos os parentes, tornou a desaparecer da Irlanda. Foi morto por ordem de um rei chamado Teodorico, em 460, provàvelmente.

Na diocese de Valença, Santo Eusébio, bispo e confessor, falecido em 600.

Na Irlanda, mais uma vez, São Maidoc, abade de Fiddown, Kilkenny, descendente de família real (fim do século VI).

Na Itália, Santo Otão, solitário e confessor, originário de Roma. Soldado, foi feito prisioneiro, devendo a liberdade à intercessão de São Leonardo. Ermitão em Ariano, perto de Benevento, faleceu em 1120.

24.º DIA DE MARÇO

SÃO SIMEÃO,

Martirizado pelos judeus, em Trento.

Em Trento, cidade nos confins da Alemanha e da Itália, existiam três famílias judias, cujos chefes se chamavam, Tobias, Ângelo e Samuel. Na casa dêste último morava um ancião de barbas longas, chamado Moisés, que era tido entre os judeus como conhecedor do tempo e da hora da chegada futura do Messias. Na quarta-feira santa, no dia 21 de abril de 1475, reuniram-se em casa de Samuel, onde tinham sua sinagoga, para examinarem um novilho que tinham trazido há pouco do campo. Como falassem de coisas várias, Ângelo disse de repente: «Nesta preparação para a Páscoa, temos carne e peixe em abundância. Falta-nos, todavia, algo.» Samuel perguntou: «E que é que falta?» Olharam-se sem nada dizer, mas compreenderam todos o que queria dizer: faltava uma criança cristã para a imolarem. Criança que matam cruelmente em desprêzo de Nosso Senhor Jesus Cristo, cujo sangue comem misturado com os pães ázimos, para se preservarem pelo sangue cristão do mau cheiro que êles exalam. É o que êles chamam de jubileu. Mas, por sinais, deram a entender que deviam falar com precaução,

por causa dos criados, que, ocupados com serviços diversos para a preparação da Páscoa, passavam incessantemente de um lado para outro.

No dia seguinte, reunidos todos na sinagoga, consultaram-se a respeito do lugar em que poderiam com facilidade operar essa imolação. Tobias e Ângelo não quiseram que fôsse feita em suas casas: estas eram pequenas e seria difícil esconder aos criados ação tão grave e tão demorada. Seria melhor praticá-la na casa de Samuel, que era grande e onde nada faltava. Concordes com relação ao lugar, discutiam o meio de roubar um menino. Vários planos foram propostos. Samuel, então, chamou seu criado Lázaro e lhe disse: «Se tu sabes o enderêço de algum menino cristão que possas roubar e trazer para cá, ganharás cem ducados imediatamente.» O criado respondeu: «Isso é coisa perigosa e recuso-me absolutamente a fazê-lo». Saiu, em seguida da sinagoga, tomou suas roupas e partiu para um país estrangeiro.

Na quinta-feira, quando todos estavam reunidos na sinagoga, disseram a Tobias, que exercia a medicina: «Pensamos que ninguém melhor do que tu pode satisfazer nossos votos; porque estás diàriamente em comunicação com os cristãos e quase todos te tratam familiarmente. É fácil para ti apanhar uma criança. Ninguém te observa, quando passas pela cidade. Dar-te-emos imensa recompensa». Tobias recusou-se e mostrou claramente que se tratava de algo perigoso. Mas êles o constrangeram, inclusive proibindo-lhe a entrada na sinagoga, se não obedecesse. Tobias, ao ver que todos haviam conspirado contra êle e que uma recompensa lhe estava sendo prometida, disse-lhes: «Com prazer me encarre-

garei disso. Mas, como sabeis, sou pobre e minha arte não me basta para viver cômodamente. Além disso, tenho muitos filhos. Eu os recomendo a vós como a mim próprio». Responderam-lhe: «Trazenos um menino e não te arrependerás.» O traidor Tobias disse, então, a Samuel: «Não fecheis as portas com chaves, para que, encontrando alguma criação, não encontre dificuldades para trazê-la para dentro». Pela tarde, saiu e pôs-se a percorrer tôda a vizinhança, indo até a praça. Voltando atrás, percebeu na rua do Fôsso, sentado diante da casa de seu pai, um menino, muito bonito, chamado Simeão, que não havia ainda completado vinte e nove meses, nascido que fôra em 26 de novembro de 1472. O pai estava trabalhando no campo, a mãe assistia às Trevas. O judeu Tobias, vendo que ninguém o observava, estendeu a mão de maneira carinhosa para a criança, que a tomou com confiança e se pôs a segui-lo. Quando o traidor passou a casa do pai da criança, começou a puxá-la e a empurrá-la. O menino olhou para trás e entrou a chorar, chamando pela mãe. O traidor, espantado, deu-lhe uma moeda de prata e o acalmou com palavras meigas. No fim da rua, percebeu, com espanto, um sapateiro, trabalhando em sua cabana. Parou e esperou que o sapateiro olhasse para o outro lado, para atravessar prontamente a rua e entrar na casa de Samuel.

Assim como um tigre sedento de sangue, Samuel conduziu a criança para o quarto secreto, onde os outros se haviam reunido com alegria feroz. Vendo-se num lugar estranho, o menino chorava, amedrontado. Alguns lhe davam uvas, outros maçãs e coisas que agradam aos meninos. Todavia, Maria,

sua mãe, com o pai, André, procuravam-no ansiosamente pela vizinhança, aonde ia habitualmente, e por tôda a cidade. As crianças lhes asseguravam que deviam ir procurá-lo na casa dos judeus, que o haviam raptado, para crucificá-lo, por causa do ódio que tinham à religião cristã. Os pais da criança pensaram, de fato, em ir até a casa dos judeus, mas a noite sobreveio e os obrigou a voltar para casa, derramando copiosas lágrimas.

Noite alta, reinando silêncio por tôda parte, os judeus levaram o menino a um vestíbulo que dava para a sinagoga. Lá, sentando-se num banco perto da chaminé, a criança foi colocada sôbre os joelhos do cruel Moisés, que a recebeu. Os demais rasgaram-lhe a camisa e as calças e o amarraram pelo meio do corpo. Samuel tomou de seu próprio lenço e fechou a bôca à criança, para que não gritasse. Os outros lhe seguravam as mãos e os pés, e Tobias, a cabeça. Então, Moisés tirou de uma faca, cortou-lhe a extremidade do membro viril, como se fôsse para circuncidá-lo. Em seguida, com uma tenaz, começou a talhar-lhe a face direita, perto do queixo e colocou um pedaço de carne cortada em uma vasilha especialmente preparada. Os assistentes recolhiam o sangue da inocente vítima em tijelas e, cada um por sua vez, com a tenaz, lhe arrancava um pedaço de carne viva. Assim fizeram todos os principais, até que a chaga atingiu e passou de muito o volume de um ôvo. E, se vez ou outra, o lenço que lhe impedia de gritar afrouxava um pouco, e se a respiração do menino se tornava um pouco mais forte, os judeus corriam e lhe tapavam a bôca com as mãos, sufocando-o impiedosamente.

Após essa operação atroz, Moisés levantou-lhe a perna direita e, colocando-a sôbre os joelhos, entrou, com o mesmo ferro, a talhar-lhe a parte externa, depois os artelhos, até atingir a gordura da perna. E cada qual, com a tenaz, lhe cortava a carne viva com o sangue brotando. Em seguida, o cruel velho, chefe de tão horroroso crime, levantando a criança, já meio morta, ordenou a Samuel que se sentasse ao lado esquerdo. Depois, esticando ambos os bracinhos da santa vítima, como de um crucificado, pediram aos demais que furassem o santo corpo com pregos fortes. Imediatamente, reunindo-se ao redor da criança, furaram-lhe o corpo, do alto da cabeça até a planta dos pés, dizendo: «Eis como matamos a Jesus, o Deus dos cristãos. Possam todos os nossos inimigos ser confundidos da mesma forma e para sempre!» Já fazia bem mais de uma hora que o pobre menino sofria medonhos suplícios. Como não pudesse respirar livremente, desmaiou. Por fim, erguendo os olhos para o céu, como para tomá-lo por testemunha, inclinou a cabeça e entregou ao Senhor a santa alma.

Os judeus, sem perda de tempo, tomaram-lhe o corpo ensangüentado e o colocaram em uma bacia com água pura, com a qual aspergiam suas casas, como os cristãos fazem com a água benta. Cada qual que podia lavar as mãos e o rosto nessa água sentia-se feliz. Samuel, que havia arrancado as roupas à criança, tornou a vesti-la e ordenou ao criado Vital que a levasse para o depósito de feno, e o deitasse sôbre a palha. O santo corpo lá ficou até a sexta-feira santa, pela tarde. Os pais em vão o procuraram. Dirigiram-se, então, ao bispo, que ao mesmo tempo era o dirigente temporal da cidade.

Imediatamente ordenou êste aos magistrados que fizessem investigações, com pena de morte para quem não revelasse o fato, se soubesse o que acontecera. Os magistrados, acompanhados dos pais do menino, procuraram por tôda parte. Chegaram, finalmente, à casa do judeu Samuel. Êste demorou a abrir a porta, uma vez que se estava refestelando com o festim pascal e visto que é proibido aos judeus deixar entrar um cristão em sua casa nessa ocasião. Mas não ousou resistir aos oficiais da justiça. Acompanhou-os, com a mulher e o filho, por todos os aposentos da casa. Nada encontraram. Ninguém imaginara que o corpo pudesse estar no celeiro, sob um monte de palha. O canal de um riacho que se lança pouco mais além do Adígio passava por sob a casa dos judeus. O pai e os magistrados fecharam-no, para ver se o corpo da criança aparecia flutuando na água. Nada encontravam.

Pela tarde, Samuel disse ao cozinheiro Boaventura que levasse o cadáver para o celeiro e o escondesse sob todos os tonéis, com mêdo de que os magistrados voltassem e fôssem dar busca no lugar antes esquecido. No dia seguinte, sábado, Samuel levou o cadáver para a própria sinagoga, depositou-o sôbre a mesa que fazia as vêzes de altar e lá o deixou até o domingo de Páscoa. Todavia, os judeus, ao verem que todos os apontavam autores do crime, deliberaram entre si sôbre o que haveriam de fazer. Alguns diziam que era melhor atirar o cadáver no Adígio; mas como todos os olhares estavam voltados para êles e não ousassem sair da casa, isso era impraticável. Outros propuseram enterrá-lo na adega. Mas a terra removida revelaria o fato aos olhos da justiça. Na incerteza,

o criado Boaventura, mediante remuneração de seu amo, tornou a levá-lo para o celeiro e atirou-o dentro do canal que passava do lado. Depois, voltando para a cozinha, disse à ama, de maneira a ser ouvido pelos criados, que vira na água algo de esbranquiçado, que supunha fôsse o corpo de um menino afogado, talvez o que os cristãos procuravam com tanto alarde pela cidade. A mulher foi à sinagoga e contou a Samuel e a Tobias o que acabara de ouvir de Boaventura. Tobias a seguiu imediatamente ao celeiro e procurou afundar o cadáver com uma vara e com pedras que lhe atiravam em cima. Em vão. O corpo voltava à tona. Tobias tornou à sinagoga, louco de furor. Lá, todos adotaram o seguinte plano.

Tobias iria pessoalmente procurar o bispo e lhe diria que as águas haviam carregado para junto do celeiro de Samuel um corpo de um menino, talvez o que os pais procuravam há alguns dias. Os judeus esperavam com isso afastar de si a suspeita de assassinato. O bispo, satisfeito com a notícia, chamou o chefe da justiça e o administrador da cidade e, com êles, acompanhou Tobias com uma grande multidão. Encontrou o corpo flutuando na água e mandou que o apresentassem. Ao ver os membros cruelmente retalhados, bem como as chagas, não pôde conter um grito de profunda emoção: «É impossível que êste crime tenha sido cometido por outra pessoa que não um inimigo da fé cristã. Eu vos tomo, pois, como testemunha, Jesus Cristo, que, crucificado e sepultado, ressuscitastes neste dia, que não deixarei impune a crueldade. E a ti, bem-aventurado pequeno inocente, prometo que quem quer que tenha manchado suas mãos com teu sangue, padecerá por tanta crueldade.» E imediatamente ordenou ao chefe

da justiça fazer rigoroso inquérito e apresentar-lhe o relatório. O que pareceu maravilhoso a todos os presentes, foi o fato de a carne tão tenra da criança não estar ainda putrefata e não cheirar mal. Quando lhe tiraram a roupa, observaram atentamente as chagas da vítima, e a perna horrìvelmente retalhada, o corpo todo marcado com picadas de agulhas e marcas de pregos, como se tivesse sido picado por um enxame de abelhas. Quando o pai chegou, reconheceu o corpo do filho. Todos achavam e diziam mesmo na presença dos judeus que êles eram os autores de tanta atrocidade e que mereciam se lhes fizesse o mesmo. Aos indícios claríssimos, acresceu que, à chegada dos judeus, o sangue se pôs a correr dos membros do menino. Os assistentes recolheram-lhe as roupas e as conservaram com grande veneração. Ademais, nos diferentes cantos da casa, viu-se o chão manchado de sangue, notadamente no lugar do suplício.

Constatado tudo, o chefe da justiça fêz com que o corpo fôsse transportado para o hospital de São Pedro, com proibição de sepultá-lo sem seu consentimento. Ao mesmo tempo, interrogou separadamente Moisés e os demais judeus sôbre como e quando o corpo havia chegado lá. Como as respostas fôssem desencontradas e o rosto lhes denunciasse a incerteza, mandou que os amarrassem e os conduzissem ao castelo, a prisões separadas. Para proceder com maior precaução em assunto tão grave, convocou dois médicos e um cirurgião e deu-lhes ordem para examinarem com atenção o cadáver e as feridas e declararem, depois, sob juramento, o que pensavam do caso. Assim procederam e foram unânimes em afirmar que o menino não fôra morto

dentro da água, pelas razões seguintes: Os corpos afogados, ordinàriamente, se apresentam estufados e deitam pela bôca e pelas narinas a água, tanto mais fétida, quanto o tempo que permaneceram na água. A bôca fica sempre aberta, a garganta larga, a côr torna-se pálida e lívida; não há outras feridas senão as recebidas ao caírem ou serem atirados assim à água. E, mesmo neste caso, o sangue não corre da ferida, mas permanece gelado nas veias, e todos os membros ficam hirtos. No caso da criança, acontecia justamente o contrário: não havia entumescimento do corpo, nenhum humor aquoso. A bôca, fechada. A garganta, cerrada; a côr da carne era de um vermelho vivo, não se notando mancha nenhuma. Mas havia feridas feitas com instrumentos contundentes pontiagudos, na cabeça, no rosto, na perna e em todos os membros, feridas que vertiam sangue fresco, como se o corpo estivesse vivo. A respeito do relatório, o chefe da justiça aconselhou o bispo a confiá-lo a um hábil jurisconsulto, que lhe servisse de conselheiro. O bispo entregou-o ao administrador da cidade, que tinha tôdas as qualidades desejáveis. Durante o tempo em que os dois se encontravam juntos, grande multidão se reunia, pedindo a Deus que fizesse com que os autores do crime fôssem conhecidos. A pobre mãe também acorreu, enchendo o ar com seus lamentos. Assim que viu o corpo do filho, tão horrìvelmente dilacerado, caiu por terra sem sentidos. Os vizinhos, entristecidos com os acontecimentos, viram-se obrigados a levá-la de volta a casa.

Pela cidade corria a notícia de que os judeus eram culpados da morte da criança, e que era necessário puni-los. O chefe da justiça, querendo saber

do motivo da opinião que o povo adotara, fêz vir à sua presença um tal João, que morava em Trento e que de judeu se fizera cristão, sete anos antes. Os dois magistrados lhe pediram com delicadeza lhes contasse quais os ritos e os costumes observados entre os judeus, principalmente por ocasião da Páscoa, pois já tinham ouvido alguma coisa que confirmava a suspeita do povo.

O homem respondeu: «Os judeus têm o costume de, na quarta-feira da semana santa, fazer pães ázimos e a êles juntar o sangue de uma criança cristã. Fazem a mesma coisa na Páscoa, a saber, na quinta-feira, e mesmo na sexta-feira, juntando-o ao vinho. Quando benzem a mesa, ordinàriamente proferem maldições contra Cristo e contra a fé cristã, pedindo a Deus que faça cair sôbre os cristãos tôdas as pragas com as quais quebrou a teimosia de Faraó, e de seu reino. Lembro-me, de que, na minha juventude, ouvi muitas vêzes meu pai contar que na cidade de Tongres, na baixa Germânia, quarenta anos antes, os judeus haviam conspirado e tinham matado um menino cristão, para usar o sangue dêle na páscoa. Descoberto e confessado o crime, mais de quarenta e cinco foram queimados. Meu pai, conseguindo escapar, veio morar nestas terras».

Com êsse testemunho, e apoiado em tão forte presunção, o chefe da justiça inquiriu os detidos. A princípio negaram firmemente o fato, lamentando-se por serem torturados inocentemente. Depois, recorrendo às costumeiras velhacarias, disseram que um tal Suíço, seu vizinho, homem paupérrimo, chamado Gianzer, lhes parecia o culpado do crime. Havia muito inimigo dos judeus, e tendo-os ameaçado de alguma infelicidade, teria cometido êsse

assassinato, e para desviar os ódios contra êles, teria atirado o cadáver à água, sabendo bem que seria levado para a casa dos judeus. Coloriram a calúnia com todos os tons e de tal forma, que o inocente foi metido em ferros com sua mulher e só foi libertado por um milagre, como veremos mais adiante. Todavia, os dois magistrados continuaram o interrogatório. Os malfeitores judeus, vencidos pela dor, confessaram o crime, tal qual como vimos foi praticado, e tal qual um dos dois médicos, sob juramento, consignou em carta datada de 5 de abril de 1475.

A confissão dos culpados imediatamente foi divulgada pela Itália e por tôda a Alemanha. Os outros judeus, vendo que não havia meio de livrar os irmãos, por meios astuciosos, serviram-se de grandes somas de dinheiro para corromper os ministros da justiça pública. Não conseguindo êxito junto dêsses dois magistrados, aumentaram a tal ponto a soma, que esperavam conquistar o bispo, ou mesmo Sigismundo da Áustria. Mas encontraram as mãos de um e de outro fechadas aos seus presentes, como os ouvidos aos seus rogos. Fizeram, então, vir de Pádua os mais hábeis jurisconsultos, a fim de prolongarem a questão e impedirem o pronunciamento do juízo. Mas seus esforços foram baldados. Deus não permitiu que tão grande crime permanecesse impune.

Todavia, discutiu-se durante muito tempo que pena seria cominada aos culpados. Todos foram condenados à morte e seus bens confiscados. Os mais criminosos foram retalhados como o fôra o menino. Depois, foram colocados em rodas e, finalmente, queimados. Dois dos menos culpados, tendo

pedido o batismo — e o receberam — para morrerem cristãos, foram simplesmente decapitados.

Após a punição merecida, dos judeus, ocuparam-se da glória do inocente mártir. No lugar das casas em que fôra tão cruelmente trucidado, foi erguida uma igreja, em sua memória. Por um decreto público da cidade, ficou proibido a qualquer judeu fixar residência em Trento. Os milagres se multiplicaram com a invocação do santo. Começou-se a acorrer de todos os países, para obter relíquias dêle. Muitos cegos recuperaram a visão, muitos outros doentes foram curados. O papa Gregório ordenou se inscrevesse o mártir Simeão nos faustos sacros da Igreja romana, no dia 24 de março, nestes têrmos: «Em Trento, paixão de São Simeão, pequeno inocente, cruelmente trucidado pelos judeus, para se vingarem de Jesus Cristo, e que em seguida brilhou por diversos milagres.» Em 1588, Sixto V concedeu ao cardeal Madrúcio, bispo e príncipe de Trento, a graça de celebrar a festa do santo em tôda a diocese, com ofício e missa próprios, e indulgência plenária. Nessa ocasião, na véspera da festa, foi feita uma procissão solene por tôda a cidade. A procissão saiu da igreja de São Pedro, onde estava exposto o corpo do santo mártir. As diversas confrarias abriam o cortejo com suas bandeiras e estandartes. Vinham, em seguida, duzentos meninos, elegantemente vestidos, com a bandeira e a imagem do santo de seu tempo e de sua idade. Eram seguidos pelo clero secular e regular, bem como por cônegos, todos empunhando círios. Os curas das quatro paróquias de Trento levavam sôbre os ombros o corpo do mártir em um bêrço de prata, coberto por rico pálio, sustentado pelos quatro principais doutôres.

Vinham depois, em duas filas os dignitários da Igreja, em seguida o bispo de Trento, ao lado do qual, dois levitas incensavam continuamente as santas relíquias. Imediatamente após o clero, viam-se os magistrados, os doutôres e os nobres tanto da cidade como da diocese. Vinham, por fim, em incontável número, mulheres e moças, todos, homens e mulheres, empunhando círios acesos. Estimou-se o número dos presentes nessa procissão em treze mil. A procissão, saída de São Pedro, parou na igreja da Santíssima Trindade, depois na catedral e, finalmente, na de Santa Maria Madalena. Em uma das praças públicas foi representada a história do mártir. Voltando a São Pedro, cantou-se o **Te Deum** e, em seguida, as primeiras vésperas do santo.

Entre os milagres operados por intercessão de São Simeão, conta-se o seguinte: O Suíço Gianzer, com sua espôsa, fôra aprisionado no castelo e amarrado com correntes, por ter sido acusado pelos judeus de ter matado o bem-aventurado Simeão e atirado o corpo no canal. Pedindo a Deus, pelos méritos do santo mártir, que manifestasse sua inocência, as cadeias se lhe romperam repentinamente e os entraves se quebraram. Os oficiais da justiça não tardaram em dar-lhe a liberdade.

Eis o antigo versículo que a igreja de Trento recita: «Intercedei por vossa pátria, bem-aventurado Simeão. Ajudai-nos por vossos méritos, vossas orações e invocação pelos quais tão grande número de pessoas recuperou a saúde, contra tôda a esperança. Rejubilai, igreja de Trento, que enriqueceste com a glória de tal filho. Deus, restituidor da inocência, em nome de quem o bem-aventurado inocente

Simeão sofreu a morte mais cruel pelas mãos dos pérfidos judeus, concedei-nos por sua intercessão e méritos, sejamos preservados dos contágios desta vida e cheguemos à pátria celestial».

No ano de 1840, vimos que os judeus de Damasco cometeram contra um religioso capuchinho e seu criado, o mesmo crime que os judeus de Trento cometeram contra o pequenino, no ano de 1475.

Vimos os judeus do século 19, como os do século 15, pôr em execução tudo o que podiam, inclusive a calúnia, para desviar a vingança pública de seus irmãos acusados e jurìdicamente culpados.

* * *

SÃO GABRIEL (*)

Arcanjo

Neste dia 4 de março, celebra-se a festa de São Gabriel, o Arcanjo, que foi por Deus enviado para anunciar o mistério da Encarnação do Verbo.

Segundo os Santos Livros, Gabriel, cujo nome significa homem de Deus, virtude ou fôrça de Deus, é um dos três arcanjos nomeados nos Livros Santos.

A mandado de Deus, ei-lo ao pé do profeta Daniel, quando da visão do carneiro e do bode.



«No terceiro ano do reinado do rei Baltasar, tive uma visão, eu, Daniel, depois da que havia tido anteriormente (1). Nesta visão que tive, encontrava-me na fortaleza de Susa, na província de Elam; contemplando a visão eu estava à porta de Ulai.

«Levantei os meus olhos para olhar, e eis que vi, em pé, diante da ribeira (2), um carneiro, que tinha duas hastes elevadas; uma era mais alta do que a outra, mas cresceu depois dela. Vi que o carneiro dava marradas contra o Ocidente, contra o Aquilão

---

(1) A dos quatro animais — Dan. 7, 1 e segs.

(2) Ulai era a ribeira. Atravessava Susa.

e contra o Meio-Dia, e nenhuma bêsta lhe podia resistir, ninguém podia livrar-se do seu poder; fazia quanto queria e se tornava poderoso.

«Estava eu considerando isto, e eis que um bode vinha do Ocidente sôbre a face de tôda a terra, e tão ràpidamente que não tocava na terra; êste bode tinha uma grande haste entre os seus olhos (3). Dirigiu-se contra aquêle carneiro que tinha hastes, o qual eu tinha visto em pé, diante da ribeira, e correu para êle com todo o ímpeto da sua fôrça. Vi-o chegar perto do carneiro: atacou-o com fúria, feriu-o e quebrou-lhe as duas hastes, sem que o carneiro lhe pudesse resistir; tendo-o lançado por terra, pisou-o aos pés, e não houve quem pudesse livrar o carneiro do seu poder.

Ora, o bode tornou-se extraordinàriamente grande; mas, quando se fêz forte, quebrou-se a sua grande haste, e formaram-se em lugar dela quatro hastes para os quatro ventos do céu (4). Porém, de uma destas saiu uma haste pequena (5) que se tornou grande para o meio-dia, para o Oriente e para a terra esplêndida (6). Elevou-se até ao exército do céu e deitou abaixo legiões e estrêlas, e pisou-as aos pés. Elevou-se até contra o príncipe do exército do céu (isto é, contra Deus), tirou-lhe o sacrifício perpétuo e destruiu o lugar do seu santuário.

(3) O carneiro era o poder medo-persa, e o bode o poder grego representado por Alexandre Magno.

(4) Refere-se à morte de Alexandre, bem como à divisão do seu império em quatro estados.

(5) Referindo-se a Antíoco IV, o primeiro rei pagão que empreendeu conquistar a Palestina e abolir o culto do verdadeiro Deus.

(6) De Israel.

Foi-lhe dado poder contra o sacrifício perpétuo, por causa dos pecados do povo; lançou a terra a verdade e teve feliz sucesso nos seus empreendimentos.

«Então ouvi um santo falar e um outro santo (anjos) perguntar ao que falava: Até quando durará o que a visão anuncia quanto ao sacrifício perpétuo e ao pecado da desolação que foi feita? Até quando serão calcados aos pés o santuário e o exército?» Êle lhe respondeu: «Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; depois disso, o santuário será restabelecido».

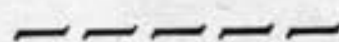
Ora, enquanto eu, Daniel, tinha esta visão e procurava a sua inteligência, apresentou-se diante de mim um sêr com figura de homem. E ouvi uma voz de homem no meio de Ulai, a qual gritou: «Gabriel, explica-lhe esta visão». Êle veio até junto do lugar onde eu estava; quando se aproximou, caí espavorido com o rosto por terra, e êle me disse: «Entende, filho de homem, que esta visão se cumprirá no tempo do fim». Enquanto me estava falando, desfaleci com o rosto por terra; êle, porém, tocou-me, fêz-me pôr em pé.

«Depois disse-me: «Mostrar-te-ei o que há de suceder no fim da cólera, porque o tempo tem o seu fim. O carneiro que viste, que tinha duas hastes significa os reis dos medos e dos persas. O bode é o rei dos gregos; a grande haste, que tinha entre os seus dois olhos, é o primeiro rei (7). Quanto às quatro hastes, que, depois de quebrada aquela primeira, se levantaram em seu lugar, são as quatro realezas que se levantarão da sua nação, mas sem terem a sua fôrça. Depois do seu reinado, quando chegarem

(7) Alexandre.

ao cúmulo as suas iniqüidades, levantar-se-á um rei (8), de rosto duro, e compreendedor de enigmas; o seu poder crescerá, mas não pelas próprias fôrças; fará devastações incríveis; tudo lhe correrá bem; matará os poderosos e o povo dos santos. Pela sua habilidade, terão bom êxito os dolos que urdir; com isso se tornará arrogante o seu coração, e em plena paz, matará muitíssimos; levantar-se-á contra Deus, o príncipe dos príncipes, mas será aniquilado sem intervir mão de homem. Aquela visão da tarde e da manhã, que te foi representada, é verdadeira. Porém, guarda segrêdo sôbre a visão, porque ela não sucederá senão depois de muitos dias.

«Então eu, Daniel, perdi as fôrças e fiquei doente alguns dias. Depois levantei-me para me ocupar dos negócios do rei. Estava pasmado da visão, sem haver ninguém que a pudesse interpretar de um modo claro» (9).



Mais tarde, Gabriel ao profeta aparecia novamente, falando sôbre a profecia das setenta semanas messiânicas.

«Quando eu ainda falava, orando e confessando os meus pecados e os pecados do meu povo de Israel, apresentando as minhas súplicas na presença do Senhor meu Deus, a favor do santo monte do meu Deus; quando eu, digo ainda, não tinha bem acabado as palavras da minha súplica, eis que Gabriel, aquêle homem que, anteriormente, eu havia

(8) O citado Antíoco.
(9) Dan. 8, 1-27.

visto na visão, voando ràpidamente, aproximou-se de mim, à hora da oblação da tarde. Instruiu-me, falando-me assim: Daniel, eu vim agora para te ensinar, de modo que entendas os desígnios de Deus. Desde o princípio das tuas preces, foi enviada uma palavra e eu vim para ta anunciar, porque tu és um predileto de Deus; toma, pois, bem sentido nesta palavra e compreende a visão».

«Setenta semanas foram decretadas sôbre o teu povo e sôbre a tua cidade santa a fim de que a prevaricação termine, os pecados sejam selados, a iniqüidade expiada, a justiça eterna trazida, as visões e profecias seladas, e o Santo dos Santos ungido. Sabe, pois, isto e compreende-os: desde a saída da ordem para Jerusalém ser reedificada até a um ungido, um chefe, passarão sete semanas e sessenta e duas semanas; e serão reedificadas as praças e os muros na angústia dos tempos. Depois das sessenta e duas semanas, será exterminado um ungido, sem haver quem lhe suceda. E o povo de um chefe que há de vir, destruirá a cidade e o santuário; o seu fim será uma ruína total, e, até o fim, haverá a guerra e a devastação decretada. Concluirá com muitos uma aliança firme durante uma semana, e, no meio da semana, fará cessar o sacrifício e a oblação, e virá sôbre o templo a abominação da desolação, que durará até o fim, até o têrmo marcado para o devastador» (10).

— — — — —

«No terceiro ano de Ciro, rei dos persas, foi revelada a Daniel, chamado Baltasar, uma palavra

(10) Dan. 9, 20-27.

verdadeira e anunciadora de grandes lutas. Êle entendeu a palavra e teve a inteligência da visão. Naqueles dias, eu, Daniel, fiz penitência durante três semanas: não tomei alimento algum apetitoso, nem carne nem vinho entraram na minha bôca, não me ungi, até que se completassem os dias destas três semanas. No dia vinte e quatro do primeiro mês, estava eu junto do grande rio, que é o Tigre.

«Levantei os olhos e vi um homem vestido de roupas de linho e cingido pelos rins com um cinto de ouro de Ufaz; o seu corpo era brilhante como o crisólito, o seu rosto como o relâmpago, e os seus olhos pareciam fachos ardentes; os seus braços e todo o resto do corpo até os pés eram semelhantes ao bronze reluzente, e o som das suas palavras era como o ruído das multidões. Sòmente eu, Daniel, tive esta visão; os homens que estavam comigo não a tiveram, mas caiu sôbre êles um terror tão grande que fugiram para lugares ocultos. Tendo eu, pois, ficado sòzinho, vi esta grande aparição. Não ficou vigor em mim, mudou-se o meu semblante, fiquei desfigurado e perdi tôdas as fôrças. Ouvi o som de suas palavras, e, ouvindo-o, caí desfalecido, de rosto contra a terra.

E eis que uma mão me tocou e me fêz levantar sôbre os meus joelhos e sôbre as palmas das minhas mãos. Depois disse: «Daniel, homem predileto de Deus, entende as palavras que venho dizer-te, e põe-te de pé, porque fui agora enviado a ti». Quando proferiu estas palavras, pus-me de pé, tremendo. Disse-me: «Não tenhas mêdo, Daniel, porque desde o primeiro dia, em que aplicaste o teu coração a compreender e a mortificar-te na presença do teu Deus,

foram ouvidas as tuas palavras, e eu vim por causa delas» (11).

Gabriel, preparando o profeta, discorre sôbre a profecia dos sucessores de Ciro, de Alexandre Magno, de Ptolomeu I e Seleuco I; sôbre Antíoco II e Ptolomeu II; sôbre Ptolomeu III e Antíoco III; sôbre Seleuco IV; do reinado de Antíoco IV e de suas perseguições contra Israel, etc.

— — — — —

No princípio dos tempos novos, São Gabriel apareceria a Zacarias, anunciando-lhe que a espôsa, Isabel, daria à luz um filho, João, o Precursor.

«Apareceu-lhe um anjo do Senhor, pôsto de pé ao lado direito do altar do incenso. Zacarias ficou perturbado, e o temor o assaltou. Mas o anjo disse-lhe: «Não temas, Zacarias, porque foi ouvida a tua oração; e tua mulher Isabel te dará um filho, ao qual porás o nome de João» (12).

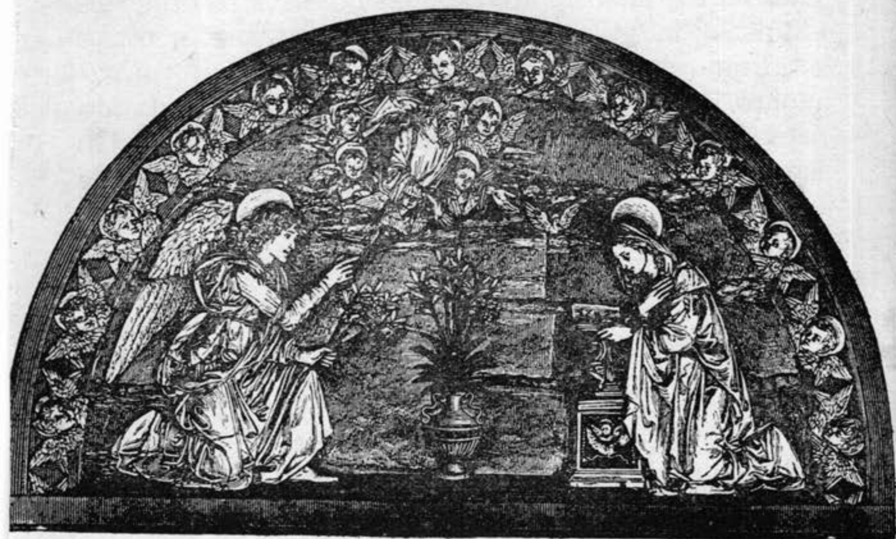
— — — — —

Seis mêses mais tarde, o Arcanjo era enviado por Deus a Galiléia, a Nazaré.

«Estando Isabel no sexto mês, foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; o nome da virgem era Maria. Entrando o anjo onde ela estava, disse-lhe: «Deus te salve, cheia de graça; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres».

(11) Dan. 10, 1-12.
(12) Luc., 11-13. (Ver 5 de novembro).

Ela, ao ouvir estas palavras, perturbou-se, e discorria pensativa que saudação seria esta. O anjo disse-lhe: Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus; eis que conceberás no teu ventre, e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. Êste será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará sôbre a casa de Jacó eternamente; e o seu reino não terá fim».



Saudação do arcanjo Gabriel. Segundo um baixo-relêvo de Lucca della Robbia. Século XIV.

«Maria disse ao anjo: «Como se fará isso, pois eu não conheço varão?» Respondendo o anjo, disse-lhe: «O Espírito Santo descerá sôbre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso mesmo o Santo, que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus. Eis que também Isabel, tua

parenta, concebeu um filho na sua velhice; e êste é o sexto mês da que se dizia estéril; porque a Deus nada é impossível». Então disse Maria: «Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra». E o anjo afastou-se dela» (13).

—————

A Igreja, desde os primeiros séculos, vê em São Gabriel um mensageiro de boas novas, e os doutôres católicos, mesmo os mais graves, querem crer que o anjo que apareceu aos pastôres na noite do nascimento do Menino, seja o mesmo Gabriel, dando seguimento à missão que Deus lhe confiara. Do mesmo modo, seria também o arcanjo Gabriel aquêle que, estando Jesus na sua agonia, do céu desceu para confortá-lo.

* * *

(13) Lc. 1, 26-38.

BEM-AVENTURADO GUILHERME DE NORWICH (*)

Menino-Mártir

Guilherme, nascido a 2 de fevereiro de 1132, era filho de Wenstan e de Elvina. Morto o pai, houve necessidade de empregar-se para ajudar a mãe. Assim, com oito anos, estava êle trabalhando como aprendiz de curtidor, no negócio de um correeiro de Norwich. Era em 1140, e Guilherme, hospedado na casa de um tio, Ulward, ali ficou até 1144.

Ora, o patrão de Guilherme mantinha constantes contatos com os judeus, os quais, entre cochichos, sempre que viam o pequeno, tornavam-se excitados e dêle não despregavam os olhos. Mal sabia Guilherme que estava prestes a cair-lhes nas unhas.

Um dia, era a 20 de março de 1144, Guilherme propôs-se visitar a mãe. Antecipadamente, prevenira o tio e o patrão. Misteriosamente, apareceu-lhe um homem na casa do correeiro, dizendo que ia fazer a mesma viagem e, pois, acompanhá-lo-ia. Quem era êle, êsse misterioso personagem? Dizia-se cozinheiro do arcediago de Norwich, e, a caminho, a conversar com o menino, dando-lhe dinheiro e fazendo agrados, falou-lhe de melhorar a vida. Ia, assim, arranjar-lhe um lugar junto ao arcediago.

Conversaria com a mãe de Guilherme, e tudo faria ràpidamente para, na volta para Norwich, começar no novo emprêgo.

Elvina ouviu o homem, e pediu que se entendesse, em Norwich, com Livina, a tia.

No dia 21 de março, o desconhecido, com Guilherme, apareceu em casa do tio Ulward, dizendo a Livina que, tendo acertado com Elvina uma colocação melhor para o sobrinho, ia levá-lo aquêle dia mesmo.

Ora, Livina era mulher prudente, muito desconfiada, e estranhou aquêle zêlo num desconhecido, de modo que, apenas saíra o homem com Guilherme, chamou a filha e incumbiu-a de, disfarçadamente, seguir os dois.

A menina fêz como a mãe lhe dissera, e, quando voltou, contou-lhe que ambos, o primo e o homem que conduzira Guilherme, haviam entrado na casa de um conhecido judeu.

Guilherme nunca mais foi visto vivo em Norwich. Na casa do judeu, deram-lhe de comer, trataram-no amàvelmente. Era numa quarta-feira santa, e depois das cerimônias na sinagoga, quando Guilherme, à mesa, ceava, vários judeus o agarraram, amordaçaram-no, rasparam-lhe a cabeça, perfurando-a com agudos espinhos.

Apressadamente, levaram-no a julgamento, um julgamento que transcorreu em meio às chufas, aos risos escarninhos, acabando os judeus assassinos por condená-lo à crucifixão.

Num quarto, para onde transportaram o pequenino mártir, tudo já estava preparado. Amarraram-no à cruz, com cordas, cravaram-lhe as mãos com grossos pregos, e, em seguida, com água morna,

lavaram-lhe o sangue que se lhe empastava no corpinho exangue.

Donde tais pormenores? Referiu-os uma mulher cristã, que trabalhava na casa do judeu: recebera ordens de esquentar uma panela d'água, e, quando fôra levá-la, viu pela porta um tanto entreaberta, o menino prêso à cruz.

À tardinha, tudo passado, foi ela fazer limpeza no quarto, e ali encontrou um cinto de criança, uma faca e uma caixa de grossas agulhas.

Guilherme, agora um pobre sêrzinho sem vida, dentro de um saco, fôra levado a um bosque nas proximidades, para ser enterrado. Era quinta-feira santa, e, no dia seguinte, sexta, uma luz iluminava o lugar onde os criminosos o haviam sepultado. Descoberto por um morador do lugar, um lenhador, logo a notícia chegou ao conhecimento de Ulward, o tio, que o reconheceu, desenterrado que fôra o pequenino mártir.

Um estranho, dulcíssimo perfume desprendia-se do corpo do santinho, que, condignamente, foi sepultado no cemitério dos monges de Norwich, quando, então, inúmeros milagres tiveram ocasião.

* * *

SANTOS TIMOLAU, DINIS, PÁUSIDES E OUTROS (*)

Mártires

A perseguição aos cristãos, movida por Diocleciano, redobrou de intensidade no seu segundo ano. Na província da Palestina, Urbano era o governador. Aos novos editos que chegavam, ordenando que todos sacrificassem pùblicamente aos ídolos, seis jovens, abertamente, manifestaram-se contràriamente, com grande ardor. Eram êles Timolaus, nascido no Ponto, Dionísio, da Fenícia, Pausídio e Alexandre, do Egito, Rômulo, sub-diácono da Igreja de Dióspolis, e um outro Alexandre, natural de Gaza.

Reunidos, procuraram Urbano, que se preparava para uma caçada, e puseram-se a clamar:

— Nós somos cristãos! Nós somos cristãos!

Prontos que estavam para tudo suportar, passaram por tôdas as barbaridades.

Logo depois, outros dois cristãos, Agapo e Dionísio, surgiram e, presos, foram unir-se aos outros. E, em Cesaréia, no dia 24 de março de 305, todos tiveram as cabeças cortadas.

* * *

No mesmo dia em que se celebra a festa do Arcanjo São Gabriel, na Inglaterra, Santa Hildelita, abadêssa, também conhecida como Hildelida, princesa anglo-saxônica. Uma das primeiras virgens inglêsas que se consagrou ao Senhor. Governou o convento de Barking depois de Etelburga, a primeira abadêssa daquela casa. Santa Aldelm dedicou-lhe a obra **Da Virgindade.** Faleceu no ano de 717.

Na Selêucia, Santo Artemão, bispo, estabelecido por São Paulo.

Na Itália, São Bernulfo, bispo de Asti e mártir, quando da ocupação sarracena na Ligúria (800).

Na Sicília, São Severo, bispo de Catana e mártir, vítima, como São Bernulfo, dos sarracenos no ano de 800.

Na Itália, o bem-aventurado Aldemar, abade e confessor. Originário de Cápua, foi monge no Monte Cassino, abade de São Lourenço de Cápua, depois de Bocchianico, onde faleceu em fins do século XI.

Também na Itália, a bem-aventurada Berta de Bardi, virgem. Filha de Lotário d'Ugo, conde de Vérnio, era da família dos Alberti. Nascida em Florença, tomou o véu, em 1143, no convento de Santa Felicidade. Reformou e governou o convento de Santa Maria de Cavriglia, na diocese de Fiesole, falecendo em 1163.

Novamente na Itália, o bem-aventurado João Báculo, ou do Bastão, confessor. Nascido na diocese de Santo Ângelo, em Vado, estêve sob a conduta de São Silvestre, fundador dos silvestrinos. De imensa paciência, faleceu em 1290, depois de muito sofrer com terrível abscesso.

Na Rússia, o bem-aventurado Lázaro, abade, falecido em 1391.

No mesmo dia, em Roma, os Santos Marcos e Timóteo, que, durante o reinado do imperador Antonino, receberam a coroa do martírio.

Na mesma cidade, Santo Epimênio, sacerdote que, morto a fio de espada, sofreu o martírio por julgamento de Túrpio, durante a perseguição de Diocleciano.

Em Roma ainda, São Pimênio, sacerdote que, lançado ao Tibre por causa da fé em Jesus Cristo, durante Juliano o Apóstata, encontrou a morte.

Na Mauritânia, a festa dos Santos Rômulo e Segundo, irmãos que sofreram a morte pela fé em Jesus Cristo.

Em Sinádia, na Frígia, Santo Agapito, bispo.

Em Brescia, São Ladino, bispo.

Na Síria, São Seleuco, confessor.

* * *

25º DIA DE MARÇO

ANUNCIAÇÃO DA SANTA VIRGEM

Digamos hoje devotamente com o arcanjo Gabriel: **Ave Maria, gratia plena.** Eu vos saúdo, ó criatura perfeitíssima! Eu vos saúdo, virgem puríssima, mãe terníssima! Eu vos saúdo, ó Maria, cheia de graça, de beleza, de perfeição, de méritos perante o trono do Eterno; cheia de graça, de bondade, de amor, de misericórdia pelos vossos filhos que gemem ainda neste vale de lágrimas, por nós, pobres pecadores! Eu vos saúdo com o anjo Gabriel; eu vos saúdo com êle por todos os anjos e arcanjos, por todos os tronos e dominações, por todos os querubins e serafins; eu vos saúdo com êsse enviado de Deus, por Deus mesmo, pelo Pai que vos escolheu hoje por sua filha, pelo Filho que vos escolheu hoje por sua mãe, pelo Espírito Santo que vos escolheu hoje por espôsa. Eu vos saúdo, enfim, ó Maria, permiti-mo, eu vos saúdo por mim e por todos os pecadores, cuja redenção é tratada hoje entre vós e Deus.

Meu Deus, quem poderá compreender a honra que dais neste dia a Maria! Enviais-lhe vosso embaixador, um dos primeiros príncipes de vossa côrte. E lhe enviais não sòmente para saudá-la e celebrar-lhe os louvores, mas para tratar com ela do grande

mistério de vossa sabedoria e vossa misericórdia, da redenção dos homens e da glorificação de vosso nome em todos os séculos. Para tratar com ela de grandes coisas e obter-lhe o consentimento. Ela hesita, pensa, opõe como obstáculo a virgindade que prometeu ao Senhor. É necessário que o arcanjo lhe assegure que, por um milagre único de vosso poder, se tornará mãe sem perder a virgindade. E só então ela consentiu em aceitar a honra incomparável da maternidade divina, dizendo, com profunda humildade: «Eis aqui a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo vossa palavra». Era êsse humilde consentimento que as três pessoas divinas esperavam. O Pai eterno para lhe comunicar a honra inefável de gerar no tempo aquêle que êle gera em tôda a eternidade. O Filho, para tomar, em seu seio puríssimo, a carne inocente que devia imolar sôbre a cruz, o Espírito Santo, para operar nela o mais estonteante de todos os mistérios. Ó minha alma, mergulha no abismo da admiração!

Ó Maria, não apenas Deus vos eleva hoje a uma dignidade incomparável, como também vos faz digna por sua graça e misericórdia. Depois disso, que poderei fazer eu para vos louvar, vos bendizer, vos amar dignamente? Que podem todos os homens? Que podem todos os anjos em comparação do que Deus fêz por vós? Ó Maria, que vos direi? Meu coração está cheio, tão cheio, que não sei o que vos dizer. Depois de Deus, sois vós que eu amo, sois vós que honro, sois vós que quero servir. Depois de Deus, sois vós o meu amor, minha alegria, minha felicidade no tempo e na eternidade.

O BOM LADRÃO DE JERUSALÉM (*)

Dizem os evangelistas que dois ladrões foram crucificados com Jesus Cristo no Calvário, um à direita e outro à esquerda.

Diz São Marcos (15, 28):

«Cumpriu-se a Escritura, que diz: **Foi contado entre os maus** (Is. 53, 12).

Depois (Mc. 15, 29-32), acrescenta:

«Os que iam passando blasfemavam abanando as cabeças e dizendo: «Ah! Tu, que destróis o templo de Deus, e o reedificas em três dias, salva-te a ti mesmo, descendo da cruz». Do mesmo modo, encarnecendo-o também os príncipes dos sacerdotes e os escribas, diziam uns para os outros: «Salvou os outros e não pode salvar-se a si mesmo. O Cristo, o Rei de Israel, desça agora da cruz, para que vejamos e acreditemos». Também os que haviam sido crucificados com êle o insultavam».

Castro Nery (1) pintou com eloqüência aquêle momento terrível do Calvário. Diz:

«Momento houve, naquela sexta-feira de nizan, em que todos os olhares se volveram para um ponto só, e uma assuada infernal irrompeu de tôdas as as bôcas circunstantes. Foi quando a cruz — árvore

---

(1) Castro Nery, **Paixão e Morte de Jesus**, Frederico Pustet, editor pontifício, 1936.

de sangue — oscilou por sôbre Jerusalém. Estava lá em cima, um molambo de homem que tremia da cabeça até os pés, as vértebras à luz por causa da flagelação, gemendo surdamente de dor e lentamente agonizando.

«Devagar, horrendamente devagar, sob o pêso do corpo, se iam abrindo, espacejando, rasgando as carnes nos lugares dos cravos. Devagar, horrendamente devagar, iam verrumando, penetrando, perterebrando os espinhos da coroa — essa coroa de espinhos, símbolo de realeza eterna, que os magarefes sacros não quiseram retirar. Devagar, horrendamente devagar, com a perda do sangue e o arroxo das extremidades, ia subindo, invadindo, dominando o corpo a febre — a febre intensa, a febre clássica dos crucificados, com os seus ameaços de delírio e a sêde incomportável — a sêde como apenas a sentem os tresmalhados no deserto. Arfaza-lhe o peito no esfôrço de dominar a crise, e dos dois olhos mansos, castigados pela vista dos ingratos, desciam pelas faces conspurcadas dois lentos borbulhos de lágrima.

«Perante o animal que estertora na praça, os circunstantes silenciam porque respeitam a dor. Diante do indigente anônimo que vasqueja na rua porque a roda homicida lhe esfacelou o crânio, os passantes descobrem-se, mudos, ou pelo menos circunspectos, porque a morte tem a sua majestade. Diante do próprio criminoso, monstro assassino, ou raptor de crianças, que a cadeira elétrica, num instante de espasmo, eliminou, a opinião pública cessa os seus insultos, retém o sarcasmo, refuga a ironia porque um borrifo de sangue caiu sôbre a sociedade.

«Mas aqui não se guardam conveniências. Diante de um blasfemo que a justiça do sinédrio condenou; diante de um rebelde que a sabedoria romana puniu; diante de um Messias malogrado que a multidão rejeita, do alto da sua crueza — não há entranha que estremeça de misericórdia, nem coração que pulse de um ritmo mais humano. Sim, é sangue autêntico o que lenteja, são lágrimas verdadeiras as que borbotam, são convulsões tetânicas as que sacodem o corpo. Mas êle está precisamente colocado entre dois ladrões, numa cruz mais alta, no patíbulo central, como o bandido maior, mais perigoso e nojento.

«Ah! São os que passam pela estrada de Jopé a Cesaréia que movem as cabeças — no gesto típico que o livro dos Reis assina como a suprema ostentação do desprêzo — são os pedestres ociosos que cospem o **vah** da ironia lancinante: — «Tu que destróis o templo de Deus, e o reedificas em três dias, salva-te a ti mesmo». Se tinhas fôrça para abalar o pórtico de Salomão, convelir a porta de Nicanor e desmoronar as tôrres de Herodes, mais vigor hás de hoje possuir para desprender-te dos cravos. Vamos: «Se és o Cristo, Filho de Deus, desce agora da Cruz».

«Ah! São os sacerdotes, os anciãos do povo e os escribas carregados de textos que já se não dignam dirigir palavra ao justiçado, mas se contentam, no seu olímpico desdém, de exclamar entre si, apontando o patíbulo maldito, nesse tratamento da terceira pessoa que parece o cúmulo da superioridade.

«Êle salvou os outros, e não pode salvar-se a si mesmo». Dizem que espertou paralíticos, que ilu-

minou a cegos e ressurgiu a mortos, e agora não pode salvar-se. «Se êle é o Filho de Deus (como imprudentemente blasfemou no sinédrio) desça agora da cruz». Quando êle descer, então «nós», os Príncipes, os Anciãos, os Escribas, não é verdade? «haveremos de crer nêle». Que êle faça, pois êste novo milagre. Vejam que enormidade: «êle confia em Deus», como se Deus o protegesse. «Se Deus o ama, que o livre neste momento, pois êle mesmo disse que era Filho de Deus».

«Ah! São os próprios soldados da guarda, abrutados pelo hábito do sangue, que se cansam, afinal, de jogar aos dados e de esvasiar as concas da posca; são êles que, acirrados pelos apupos que saraivam de todos os lados, também querem entrar no entremez e disputar a parte na tragicomédia, levantando os punhos e bradando:

— «Salva-te, ó rei dos judeus!»

«Ah! São os próprios circunvolventes, judeus, sem dúvida, porque os romanos não entendiam o aramaico, que ouvindo o justiçado gritar: **Eli, Eli lama sabactani** — («Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste»), gracejam, chasqueiam e casquinam, dizendo:

— «Está chamando o profeta Elias».

«São êsses bárbaros presentes que ouvindo o condenado rouquejar de sêde, impedem aquêle dos circunjacentes que, arrancando um ramo de hissope, procurava chegar aos lábios do sedento um pouco da mistura acidulada; que procuram impedi-lo, num requinto de atrocidade, com riso canalha:

«— Deixa! Vejamos se Elias o vem livrar primeiro!

— — — — —

Depois de ter considerado sôbre a atualidade daqueles dias, prossegue o autor de **Paixão e Morte de Jesus:**

«Os figurantes do Calvário estavam pouco mais ou menos dispostos na seguinte ordem: ao longe, o maciço da turba semi-curiosa e semi-compassiva, que o evangelista Lucas viu na postura de espectação **(populus expectans)**; mais ao perto, as mulheres de Jerusalém, que o haviam chorado à saída dos muros; mais perto ainda, a mãe de Jesus, a mulher de Cleofas, e Maria de Magdala, que alguns evangelistas colocam junto da cruz e outros mais para o largo, talvez conforme o círculo das sentinelas ora se restringia, ora se afrouxava; ao pé do madeiro, os quatro soldados romanos capitaneados pelo centurião.

«Mas o que mais impressionava o quadro eram talvez as duas cruzes dos celerados, o que fêz lembrar a São Marcos conhecida profecia de Isaías. «Ladrões» é o nome com que habitualmente os chamamos, pôsto que o grego dizia algo mais duro, isto é, bandidos, facínoras, verdadeiros salteadores de estrada. A Palestina era, naquela época, segundo o testemunho de Flávio Josefo, um covil de homens dessa laia. E o Evangelho — que por várias vêzes se refere a salteadores, como por exemplo na parábola do samaritano — está, portanto, inteiramente acorde com os dados paralelos. Os dois ladrões que aparecem aqui não trazem nomes. Certos manuscritos antigos, por exemplo, o de Swete, chamam-nos de Zoathan e Chamatha; o Evangelho Árabe da Infância, denomina-os Tito e Dúmaco; enquanto os Atos de Pilatos nomeiam-nos Dismas e Gestas.

«Os dois cruciários que ladeavam Jesus, como a seu maioral e capataz, deixaram transparecer, no decurso do suplício, a péssima formação que haviam recebido pelas furnas desertas, ou no esperadouro das veredas, quando saqueavam as caravanas, talvez com habilidade igual à dos beduínos de hoje. Quando a orquestração dos ultrajes e das cachinadas sacudia o outeiro do justiçamento, também êles não quiseram perder o seu ensejo de desforço.

— «Se tu és o Cristo, motejaram, salva-te a ti e a nós».

«E foi, então, que ocorreu um fato memorável, que por si deveria bastar aos pedintes de milagre. Impressionado pela serenidade dêsse patibulário que não respondia aos opróbrios, um dos ladrões começou a manifestar que era digno de melhor sorte. Evoca o juízo de Deus, que vem perto, pois ambos têm os minutos de vida já contados, confessa pùblicamente os próprios crimes, com tôdas as demonstrações de penitência, e aceita com resignação o castigo.

— «Tu também (como os judeus), tu não temes comparecer diante de Deus, tu que és condenado ao mesmo suplício?» «Para nós (a cruz) é justa punição. Bem temos merecido o que hoje recebemos».

«Proclama a inocência, a santidade de Jesus:

— «Mas êste não fêz nenhum mal».

«E depois, num tocante final, que é uma peroração de mestre em seu discurso, pronuncia estas palavras que são ao mesmo tempo uma profissão de fé na divindade de Jesus, um reconhecimento inplícito da sua celeste realeza, e igualmente uma das preces mais belas que hajam sido proferidas por lábios de pecador. Depois da oração do publicano

no templo, e a de São Pedro no lago de Genezaré, não conheço prece mais comovente, mais humilde, mais cheia de fé, de esperança e de caridade do que esta:

— «Senhor, lembra-te de mim quando vierdes em qualidade de rei».

«Ou seja, quando vierdes sôbre a terra para fundar o teu reino.

«De sua parte, Jesus, que permanecera mudo após as palavras do perdão, que não quisera mesmo replicar às chufas e aos baldões dos inimigos, abre os lábios gretados pela febre e pela sêde. Êle é bem o sacerdote de que fala São Paulo, o que possue, por antonomásia, o poder das chaves. Êle perdoa, aceita a penitência do ladrão, e promete mais do que o outro pedira: a entrada imediata no paraíso, isto é, no limbo onde as almas justas esperavam o momento de ingressar o céu.

— «Hoje estarás comigo no paraíso». Hoje, não mais tarde, quando vier fundar o meu reino; estarás em minha companhia, e não sòmente na minha lembrança; não num lugar de prova, mas num remanso de eterno repouso. Companheiros de suplício, seremos companheiros na Glória».

— — — — —

Dismas! O bom ladrão! Que mais poderíamos nós acrescentar, senão que Nosso Senhor mesmo como que o canonizou do alto da cruz?

* * *

SANTO IRINEU DE SÍRMIO (*)

Bispo e Mártir

Santo Irineu, bispo de Sírmio, foi martirizado em 305, quando de Diocleciano e Maximiano, sob Probo, governador da Panônia.

Prêso o santo bispo, escoltado foi levado a Probo, que lhe disse:

— Deves obedecer aos divinos editos e sacrificar aos deuses.

Irineu respondeu:

— Aquêles que sacrificam aos deuses, e não a Deus, é como a planta que se arranca e joga fora.

Probo:

— Os clementíssimos príncipes deixam a escolha entre sacrificar ou morrer pela tortura.

Irineu:

— Meu dever é aceitar as torturas. Não posso renegar meu Deus, sacrificando aos demônios.

Probo, irritado:

— Sacrifica, ou serás levado ao suplício.

Irineu:

— Grande felicidade seria para mim, se tu me concederes a graça de participar dos sofrimentos de meu Mestre.

Irineu foi levado ao sofrimento. E, em meio ao suplício, Probo, acercando-se do santo bispo, perguntou:

— Então? Que me dizes? Sacrificas?

Irineu, docemente, respondeu:

— Eu sacrifico a meu Deus por uma generosa confissão: sempre, sòmente a Êle, sacrifiquei.

Parentes e amigos do grande bispo, num canto, choravam. E, não podendo mais, diante das torturas que ao generoso homem infligiam, aproximaram-se e gritaram:

— Tem piedade da tua juventude!

Irineu olhou-os sossegadamente, e nada respondeu. Probo, então, apegando-se naquilo que lhe haviam dito, repetiu:

— Tem piedade da tua juventude! Que respondes? Deixa-te comover diante das lágrimas, da aflição dêste povo e sacrifica. Cuida da tua juventude.

Irineu:

— Eu não sacrifico, e estou cuidando dos meus interêsses eternos.

O governador, aborrecido, ordenou que cessassem com as torturas e atirassem com o bispo numa prisão. E, na prisão, lá ficou êle por alguns dias, sob novos suplícios até que, uma noite, Probo fê-lo comparecer, pela segunda vez, ao tribunal. Disse-lhe o governador, brandamente:

— Irineu, sacrifica e livra-te dos suplícios.

— Executa as ordens que recebeste, respondeu o bispo, e não te preocupes comigo.

Probo, indignado, ordenou que o batessem a porrete.

Irineu:

— Aprendi a adorar meu Deus desde a infância. Eu o adoro. Êle me sustém nas provas, recebe meu sacrifício. Quanto aos teus deuses, fabricados pela mão do homem, jamais poderei adorar.

Probo:

— Pelo menos evita a morte. Já sofreste bastante.

Irineu:

— A cada momento eu me garanto contra a morte. Tu pensas que me infliges tormentos? Eu não os sinto. Em troca, Deus me concederá a vida eterna.

Probo:

— Tu não tens espôsa?

Irineu:

— Não.

Probo:

— Não tens parentes?

Irineu:

— Não.

Probo:

— Quem eram, então, aquêles que, na última audiência, aqui estavam, chorosos e lamurientos?

Irineu:

— Há um preceito de Jesus Cristo assim formulado: «Aquêle que ama seu pai, ou sua mãe, ou sua espôsa, ou seus filhos, ou seus irmãos, ou seus parentes mais do que a mim, não é digno de mim».

Probo:

— Pelo menos por esta multidão que chora, sacrifica!

Irineu:

— Meus filhos têm o mesmo Deus que eu tenho. Êle os salvará. Tu, cumpre as ordens que recebeste.

Probo:

— Homem, tem piedade de ti mesmo, sacrifica aos nossos deuses, para que eu não mais te mande supliciar.

Irineu:

— Faze o que quiseres. Tu hás de ver qual a fôrça que Nosso Senhor Jesus Cristo me deu para suportar as invenções de tua crueldade.

Probo, impaciente:

— Vou pronunciar a sentença contra ti.

Irineu:

— Serei feliz se tu o fizeres.

Probo considerou o santo bispo por um momento, depois do que sentenciou:

— Irineu desobedeceu as ordens dos imperadores. Ordeno que seja atirado ao rio.

Dita a sentença, Irineu retrucou:

— Supus que, depois de tantas ameaças, ias multiplicar os tormentos contra mim, acabando-me pela espada. Nada disto fizeste. Eu te conjuro, muda de pensamento, e verás como os cristãos, pela fé que têm em Deus, sabem afrontar a morte.

Probo, irritadíssimo, condenou o santo bispo a ser decapitado. E Irineu, rendendo graças a Deus, exclamou:

— Senhor Jesus, eu te agradeço, tu que me tens sustentado a paciência em meio aos tormentos, dignando-te, hoje, de me tornar participante da eterna glória.

Levado a um lugar chamado Bazentis, o santo bispo orou, de mãos postas e olhos postos no céu:

— Senhor Jesus Cristo, que te dignaste sofrer pela salvação do mundo, que teus céus se abram diante de mim, que teus anjos recebam a alma de teu servidor Irineu. Hoje, sofre êle por teu nome e por tua Igreja católica de Sirmium. Eu te suplico, Senhor, e imploro tua misericórdia: digna-te receber-me. Quanto aos que aqui se encontram, digna-te assegurá-los na tua fé.

Terminada a prece, o carrasco, cumprida a tarefa, atirou-lhe com o corpo no rio Save, aquêle que banhava, calmamente, a cidade de Sírmio.

* * *

SÃO BARÔNCIO E SÃO DESIDÉRIO (*)

Confessores

Barôncio, súdito de Thierry II, deixou a côrte, com o filho Aigload, e foi solicitar o hábito na abadia de Lonrey ou de São Cirano, no Nirvainais.

Conta-se de São Barôncio, o seguinte. Uma noite, depois das matinas, sentiu-se mal, com fortes dores, e, caindo, ficou como que em êxtase, que durou todo um dia. Os irmãos, julgando-o morto, tal o seu estado, principiaram a recitar orações.

No dia seguinte, Barôncio tornou a si. E as primeiras palavras que pronunciou foram:

— Glória a vós, Senhor!

E reunindo os irmãos, contou-lhes o que lhe sucedera:

— Dois demônios agarraram-me pela garganta e me atormentaram até a hora de têrça. O arcanjo Rafael, então, veio em meu socorro: separou-me a alma do corpo e levou-a ao céu. Diante de São Pedro, vi-me acusado pelos demônios, dos pecados que havia cometido antes de me fazer religioso. São Pedro tomou minha defesa, dizendo: «Tais pecados já foram expiados pelas esmolas que Barôncio distribuiu, pela confissão que fêz, pelo penitência e profissão religiosa». Expulsou os demônios acusadores, e ordenou que dois meninos vestidos de branco me

mostrassem como eram os suplícios no inferno e, em seguida, trouxessem-me de volta para cá, avisando-me que permanecesse fiel à minha vocação.

Aquêle falar do irmão impressionou vivamente os monges todos, e Barôncio, desejando aperfeiçoar-se mais e mais, solicitou do abade a autorização para viver como ermitão, no êrmo.

Tendo, antes, feito uma peregrinação a Roma, onde visitou o túmulo dos Santos Apóstolos, passou para Pistóia, e ali construiu uma cela, encravada entre duas montanhas.

A reputação de santidade de Barôncio logo atraiu um solitário das vizinhanças, Desidério, que com o santo ermitão passou a viver.

Barôncio, pouco depois, em 720, falecia, e Desidério, anos mais tarde, acompanhava-o.

Sôbre o túmulo de Barôncio, em 1018 foi construída uma igreja, por iniciativa de alguns ricos senhores da Toscana.

Barôncio e Desidério, mortos, operaram inúmeros milagres, testemunhos da santidade de ambos os escolhidos de Deus.

* * *

MELQUISEDEQUE (*)

Antigo Testamento

«Naquele tempo sucedeu que Anrafel, rei de Senaar, e Arioch, rei do Ponto, e Codorlaomor, rei dos Elamitas, e Tadal, rei de Goim, fizeram guerra contra Bara, rei de Sodoma, e contra Bersa, rei de Gomorra, e contra Senaar, rei de Adama, e contra Semeber, rei de Seboim, e contra o rei de Bala, isto é, Segor. Todos êstes se juntaram no vale de Sidim, que agora é o mar Salgado. O motivo foi porque, tendo estado sujeitos doze anos a Codorlaomor, no décimo-terceiro ano revoltaram-se.

«Por isso, Codorlaomor foi, no ano décimo-quarto, com os reis que se lhe tinham unido, e desbarataram os Refaim em Astaroth-Carnaim, os Zuzim em Ham, os Emim na planície de Cariataim, os Horreus nos montes de Seir, até os campos de Faran, que está no deserto. E voltando êstes reis da sua expedição, foram à fonte de Misfath, que é a mesma que Cades, e devastaram todos os países dos Amalecitas e dos Amorreus, que habitavam em Asason-Tamar. Então, o rei de Adama, o rei de Seboim e também o rei de Bala, isto é, Segor, puseram-se em campanha, e ordenaram a batalha no vale de Sidim contra aquêles príncipes, isto é, contra Codorlaomor, rei dos Elamitas, e Tadal, rei de Goim, e Anrafel,

rei de Senaar, e Arioque, rei de Elasar: quatro reis contra cinco.

«Ora, o vale de Sidim tinha muitos poços de betume. Os reis de Sodoma e de Gomorra voltaram as costas e caíram lá dentro; os que escaparam, fugiram para o monte. Os vencedores levaram tôdas as riquezas de Sodoma e Gomorra, e todos os víveres, e retiraram-se. Levaram também Loth, filho do irmão de Abrão, que morava em Sodoma, e os seus bens.

«Um dos fugitivos foi dar parte disto a Abrão, Hebreu, que vivia na cadeia de Mambré, Amorreu, irmão de Escol, e irmão de Aner, os quais haviam feito aliança com Abrão. Abrão tendo ouvido que Loth, seu irmão, ficara prisioneiro, escolheu os mais corajosos dos seus servos, em número de trezentos e dezoito, e foi no encalço dos inimigos, até Dan. Aí, repartidos em destacamentos, deu sôbre êles, de noite, e desbaratou-os; e perseguiu-os até Hoba, que fica à esquerda de Damasco. Recobrou todos os seus bens, e Loth, seu irmão, com tudo o que lhe pertencia, assim como as mulheres e o povo.

«Quando voltava de derrotar Codorlaomor e os reis que estavam com êle, saiu-lhe ao encontro o rei de Sodoma, no vale de Save, que é o vale do Rei. E Melquisedeque, rei de Salém, trazendo pão e vinho, porque era sacerdote de Deus Altíssimo, abençoou-o e disse-lhe: «Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que criou o céu e a terra, e bendito seja o Deus Altíssimo por cuja proteção os inimigos estão nas tuas mãos». E Abrão deu-lhe o dízimo de tudo» (1).

---

(1) Gen. 14, 1-20.

Melquisedeque trouxera pão e vinho, não só para restaurar as fôrças dos combatentes, mas também, e principalmente, para oferecer em ação de graças a Deus — porque era sacerdote.

Diz São Paulo, sôbre a superioridade de Melquisedeque:

«Todo o pontífice, tomado dentre os homens, é constituído a favor dos homens naquelas coisas que se referem a Deus, para que ofereça dons e sacrifícios pelos pecados, o qual se possa condoer daqueles que ignoram e erram, porque também está cercado de enfermidade; por isso deve, tanto pelo povo como também por si mesmo, oferecer sacrifícios pelos pecados. E nenhum se arroga esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Aarão.

«Por isso mesmo, Cristo não se glorificou a si mesmo para se fazer pontífice, mas (foi glorificado) por aquêle que lhe disse: **Tu és meu Filho, eu hoje te gerei** (Sl. 2, 7). Como também diz noutro lugar: **Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque** (Sl. 109, 4), o qual, nos dias de sua carne, oferecendo, com grande brado e com lágrimas, preces e súplicas, ao que o podia salvar da morte **(pela ressurreição)**, foi atendido pela sua reverência **(para com Deus)**, e, embora fôsse Filho de Deus, **(e conhecesse tudo)**, aprendeu **(por experiência própria)** a obediência pelas coisas que sofreu; consumado **(em perfeição)**, tornou-se a causa da salvação eterna para todos os que lhe obedecem, sendo chamado por Deus **pontífice segundo a ordem de Melquisedeque** (2).

---

(2) Heb. 5, 1-13.

Mais adiante, o Apóstolo continua, depois de dizer que é difícil falar sôbre o sacerdócio de Cristo:

«Contudo, deixando de discorrer sôbre os primeiros rudimentos acêrca de Cristo, elevemo-nos a coisas mais perfeitas, sem lançar de novo o fundamento da conversão das obras mortas e da fé em Deus, da doutrina sôbre os batismos, da imposição das mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno. E isto faremos, se Deus o permitir.

«É impossível que os que foram uma vez reunidos, que tomaram o gôsto ao dom celestial e foram feitos participantes do Espírito Santo, que gostaram igualmente a boa palavra de Deus e as virtudes do século vindouro, e que **(depois disto)** caíram, **(é impossível)** que êles tornem a ser renovados pela penitência, pois crucificam de novo o Filho de Deus, em si mesmos, e o expõem à ignomínia. De fato, a terra que absorve a chuva, que cai muitas vêzes sôbre ela, e produz erva proveitosa a quem a cultiva, recebe a bênção de Deus. Porém, se ela produz espinhos e abrôlhos, é reprovada e está perto de maldição, o seu fim é a queima.

«Porém de vós, ó caríssimos, esperamos melhores coisas e mais vizinhas da salvação, embora assim falemos. Deus não é injusto, para que se esqueça da vossa obra e da caridade que mostrastes em seu nome, vós que servistes aos santos e ainda os servis. Desejamos, porém, que cada um de vós mostre o mesmo zêlo até o fim, para tornar completa a vossa esperança **(conseguindo a salvação eterna)**, de modo que não vos torneis tíbios, mas imiteis aquêles que, mediante a fé e a paciência, são herdeiros das promessas.

«Quando Deus fêz a promessa a Abraão não tendo ninguém maior por quem jurar, jurou por si mesmo, dizendo: **Fica certo de que eu te abençoarei abundantemente e te multiplicarei abundantemente** (Gen. 22, 16-17). E assim (Abraão), esperando pacientemente, obteve o cumprimento da promessa. Com efeito, os homens juram pelo que há de maior que êles, e o juramento, servindo de garantia, termina tôdas as contendas. Pelo que, querendo Deus mostrar com mais evidência aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu conselho, interpôs o juramento, para que, por estas duas coisas inabaláveis **(promessa e juramento)**, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos uma poderosíssima consolação, nós, que pusemos o nosso refúgio em alcançar a esperança proposta, a qual temos como uma âncora segura e firme da alma, e que penetra até além do véu **(no santuário do céu)** em que Jesus, nosso precursor, entrou por nós, na qualidade de pontífice eterno segundo a ordem de Melquisedeque» (3).

E São Paulo, falando sôbre Melquisedeque como simples figura de Cristo, mas superior a Abraão e a Levi, continua:

«Êste Melquisedeque era rei de Salém, sacerdote de Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando êle voltava de destroçar os quatro reis, e o abençoou; a êle deu Abraão o dízimo de todos os despojos; o seu nome primeiramente se interpreta rei de justiça, e depois rei de Salém, que quer dizer rei de paz; aparecendo sem pai nem mãe, sem genealogia, sem princípios de dias, sem fim de

(3) Heb. 6, 1-20.

vida (4), tornado assim semelhante ao Filho de Deus, Melquisedeque permanece sacerdote para sempre.

«Ora, considerai quão grande devia ser êle, a quem até o patriarca Abraão deu dízimos das melhores coisas. Certamente o que dentre os filhos de Levi recebeu o sacerdócio, tem ordem segundo a lei de receber os dízimos do povo, isto é, de seus irmãos, ainda que êles tenham saído também do sangue de Abraão. Mas êste Melquisedeque, cuja linhagem não é contada entre êles, recebeu os dízimos de Abraão e abençoou-o a êle, que tinha as promessas **(de Deus)**. Ora, sem dúvida alguma, o inferior é que recebe a bênção do superior. E aqui **(no sacerdócio levítico)** evidentemente são os homens mortais que recebem os dízimos; mas ali **(em Melquisedeque)** recebe-os um homem de quem se afirma **(na Escritura)** que vive **(não se falando de sua morte)**. E Levi, que recebeu dízimos, (por assim dizer) êle mesmo o pagou **(a Melquisedeque)** na pessoa de Abraão, porque ainda êle estava em germem, no seu antepassado, quando Melquisedeque saiu ao encontro dêste.

«Portanto, se a perfeição tivesse podido ser realizada pelo sacerdócio levítico (porque sob êste é que o povo recebeu a lei), que necessidade havia de que surgisse depois outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, e não segundo a ordem de Aarão? Pois, mudado que seja o sacerdócio, é necessário que mude também a lei. Ora (Cristo),

(4) O Apóstolo refere-se ao fato da Escritura não mencionar o pai e a mãe de Melquisedeque, quando nasceu e quando morreu.

aquêle de quem isto se diz, pertence a outra tribo, da qual ninguém serviu ao altar, porque é notório que Nosso Senhor nasceu na tribo de Judá, tribo à qual Moisés nunca atribuiu o sacerdócio. E isto ainda é mais manifesto, se se levanta outro sacerdote à semelhança de Melquisedeque, o qual não foi feito (sacerdote) segundo a lei do mandamento carnal, mas segundo a virtude de uma vida insolúvel. Com efeito, Deus declara: **Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque**» (5).

— — — — —

A Igreja não assinou culto particular a Melquisedeque. Entretanto, inseriu-lhe o nome no canon da missa.

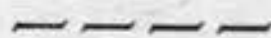
* * *

(5) Heb. 7, 1-17.

ISAAC (*)

Antigo Testamento

A Igreja, igualmente, honra Isaac como figura de Jesus Cristo, não numa só ação, como a maioria de outros tipos, mas antes do nascimento, nas promessas feitas a Abraão, no nascimento e durante todo o curso de sua vida, principalmente naquela imolação voluntária, em que se deixa tratar como uma vítima (Santo Ambrósio).



No mesmo dia, na diocese de Cambrai, o bem-aventurado Humberto de Marolles, abade e confessor, falecido em 680.

Em Indre, ilha do Loire, Santo Hermelando ou Erblando, abade, célebre pelos milagres. Filho de nobre família de Noyon, nasceu em 639. Vivendo na côrte do rei Clotário III, deixou-a, apetecendo-lhe a solidão do claustro. Na abadia de Fontenelle, ficou sob a orientação de Lambert, futuro bispo de Lião, então governando aquêle mosteiro. Quando o bispo de Nantes resolveu fundar uma abadia em sua diocese — na ilha do Loire — solicitou alguns religiosos a Lambert. Hermelando, conduzindo doze irmãos, teve seu trabalho abençoado por

Deus, falecendo naquela fundação em 710, sendo sepultado na igreja de São Paulo, depois transferido para a de São Pedro.

Em Corneto, na Itália, Lúcia Filipini, virgem, nascida a 13 de janeiro de 1672. Órfã de pai e mãe aos seis anos, foi recolhida pelos tios. O cura da paróquia em que vivia escolheu-a como ajudante — catequista. Educadora de meninas, depois a principal figura do Instituto das Mestras Piedosas, santamente faleceu em 1732. Lúcia Filipini passou por provações: denunciada ao Santo Ofício como pertencendo à seita de Miguel Molinos, suportou as penas morais com infinitos de paciência. Sepultada na igreja-catedral de Santa Margarida, a bem-aventurada foi beatificada por Pio X a 13 de junho de 1926.

Em Laodicéia, perto do Líbano, São Pelágio, bispo, que, sob Valens, foi exilado, sofrendo pela fé católica penas outras. Originário da Síria, casou-se muitíssimo cedo. Com a espôsa, viveu em perpétua continência. Cientes da sua alta virtude, os fiéis de Laodicéia escolheram-no, em 360, como bispo. Consagrado por Acácio, bispo de Cesaréia da Palestina, Pelágio em 363, assistiu ao concílio de Antioquia. Valens exilou-o para a Arábia. Quando de Graciano (378) Pelágio retornou. Faleceu em 381.

Na Inglaterra, Santo Alfwold II, bispo e confessor. Monge de Winchester, foi o sucessor do irmão na Sé de Sherbone, no Dorset (1045), falecendo em 1085.

Na diocese de Soissons, a bem-aventurada Ida de Argensolles, abadêssa, falecida em 1226.

Na Úmbria, o bem-aventurado Tomasso, confessor, célebre pelas miraculosas curas que operou. Depois de sessenta e cinco anos passados na sua ermida, faleceu em 1337.

Na Irlanda, São Cammin, abade e confessor. Erigiu um mosteiro, que se tornou célebre, na ilha de Inish-Kealtair. Desaparecido em 653.

Na diocese de Limoges, São Cessateur, bispo do qual não se conhecem dados, salvo que faleceu em 732.

Na Nicomédia, Santa Dula, criada de um soldado. Morta em defesa da castidade, fêz jus à palma do martírio (época desconhecida).

Em Paris, São Ricardo, menino-mártir. Como o pequeno Guilherme, na Inglaterra, êste santinho de hoje foi crucificado por judeus fanáticos em Pontoise em 1179, tendo sido, antes, submetido a crudelíssimas torturas. Tal morte concorreu para que o rei Filipe, em 1182, expulsasse da França os judeus. Na Igreja dos Inocentes, em Paris, onde foi enterrado, São Ricardo operou numerosíssimos milagres.

No mesmo dia, em Roma, São Quirino, que perdeu todos os bens, sofreu dura prisão, foi cruelmente açoitado, durante o reinado de Cláudio, decapitado e atirado ao Tibre. Seu corpo foi encontrado pelos cristãos perto da ilha de São Bartolomeu, que o enterraram no cemitério de Pontiano.

Na mesma cidade, duzentos e sessenta e dois santos mártires.



26.º DIA DE MARÇO

SÃO LUDIGERO,

Bispo de Münster, na Westfália.

Ludigero, contemporâneo de Carlos Magno, era natural de Frisa, e descendia de família nobre. Seus pais eram cristãos. A mãe fôra conservada por benefício singular da Providência. Tinha uma avó pagã, a qual, irritada pelo fato de seu filho ter apenas filhas, ordenou que a matassem antes de ser amamentada. Isso porque êsses pagãos acreditavam ser permitido matar uma criança, uma vez que não houvesse tomado nenhum alimento. A criada encarregada da execução quis afundar a criança em um balde cheio de água, começando pela cabeça. Mas a pequena, estendendo os braços contra os bordos do balde, resistiu durante muito tempo, acabando por obter a compaixão de uma mulher vizinha, que a tomou, levou para casa e lhe fêz engolir imediatamente um pouco de mel. Após o que, desapareceu o perigo de morrer. Foi mãe de dois santos bispos, Ludigero e Hildegrimo, e de várias filhas, mães de inúmeros outros bispos.

Desde a infância, São Ludigero pedia aos pais que lhe dessem instrução por meio de algum homem de Deus. E êles o colocaram sob a direção de São

Gregório de Utrecht, que vendo-o avançar na virtude, deu-lhe o hábito e o colocou em um mosteiro. Era uma escola de onde saíram inúmeros bispos e sacerdotes. Em seguida o enviou à Inglaterra com o inglês Aluberto, que viera trabalhar com êle na Frísia, o qual Gregório desejava fôsse sagrado bispo. Ludigero lá passou um ano estudando, sob a direção de Alcuíno e foi ordenado diácono, sendo Aluberto bispo. Após o que, voltou para a Frísia, para junto do abade Gregório. Mas algum tempo depois, obteve a permissão de retornar à Inglaterra, a fim de se instruir ainda com Alcuíno, que ensinava em York. Depois de três anos, estava de volta, trazendo grande quantidade de livros. Santo Albérico o ordenou sacerdote em Colônia, ao mesmo tempo em que foi sagrado bispo, e o encarregou da igreja de Dokem, onde São Bonifácio sofrera o martírio. Mas não deixava de governar o mosteiro de Utrecht, trimestralmente, com dois outros sacerdotes e o bispo Alberico, que o havia ordenado.

São Ludigero trabalhou durante sete anos na Frísia, depois da morte de São Gregório, ou seja, de 776 a 783. E durante êsse tempo, operou grande número de conversões, fundou várias igrejas e inúmeros mosteiros. As coisas estavam nesse pé, quando a invasão dos saxões o obrigou a deixar a Frísia. Distribuiu seus discípulos entre diversos lugares, em grande número, e levou dois consigo: Hildegrimo, seu irmão, e Gerberto, cognominado o Casto. Foi a Roma, seja com São Willehade, como dizem alguns, seja no ano seguinte, e passou pelo monte Cassino, onde se deteve, para aprender a regra de São Bento, porque desejava



Batismo dos saxões vencidos por Carlos Magno. Segundo uma miniatura de um mosaico do século XV.

fundar um mosteiro em um terreno que lhe pertencia. Decorridos dois anos e meio, voltou a Frísia.

Carlos Magno, que ouvira falar de Ludigero, encarregou-o da instrução dos frisões, dos cinco cantões a oriente do rio de Labec. A conselho do príncipe, passou para uma ilha, situada entre a Frísia e a Dinamarca, onde se adorava um deus chamado Sosise. Êle lhes derrubou os templos, construiu uma igreja, e, após converter os habitantes, batizou-os em uma fonte, onde São Willebrod havia batizado três homens, e da qual os pagãos, por superstição, não bebiam a água, senão em silêncio.

Entre os frisões que Ludigero teve a felicidade de converter, encontrava-se Landerico, filho do príncipe dêsse país. O santo missionário, que foi seu padrinho, instruiu-o com dedicação nas letras santas e, em seguida, o ordenou sacerdote. Landerico correspondeu a tôdas as esperanças. Foi, por longo tempo, chefe da escola dos frisões, e o mais firme sustentáculo dessa comunidade cristã, tanto pelo zêlo como pelo crédito que lhe dava o nascimento.

Deus autorizou por prodígios a pregação de Ludigero. Um dia, em que se encontrava à mesa com os discípulos, em casa de uma senhora natural da Frísia, apresentaram-lhe um homem que ficara cego havia três anos, de nome Bernlef, conhecidíssimo e estimadíssimo em tôda a região, porque sabia cantar com graça os combates dos antigos reis de sua nação. Essas canções, conservadas de cor, por tradição, eram os únicos monumentos da história entre a maior parte dêsses povos bárbaros. E Carlos Magno foi o primeiro que os fêz escrevê-las. Ludigero, olhando para êle com ar jovial, perguntou-lhe se não queria confessar-se e receber a penitência.

Bernlef, que não esperava pela pergunta, aceitou-a, todavia. Ludigero marcou-lhe, então, um encontro para o dia seguinte.

O santo missionário montou a cavalo. Bernlef se fêz conduzir sôbre um cavalo até o lugar onde devia encontrar Ludigero. Êste tomou o cavalo do cego pelas rédeas e o levou a certa distância, onde ouviu o cego em confissão e lhe impôs uma penitência. Depois, fazendo-lhe o sinal da cruz sôbre os olhos, colocou-lhe, diante, a mão, perguntando se estava vendo alguma coisa. Êle respondeu, cheio de alegria, que estava vendo a mão. Continuando o caminho, aproximaram-se de uma vila chamada Werthem. Ludigero perguntou-lhe se reconhecia aquêle lugar. Bernlef disse o nome do lugar e assegurou que distinguia as casas das árvores. Então o santo missionário o conduziu a um oratório vizinho e, após fazê-lo agradecer a Deus, lhe disse: «Jura que, enquanto eu fôr vivo, não dirás a ninguém que fui eu que te curei». Bernlef jurou e cumpriu a palavra. Durante algum tempo, fêz-se ainda de cego, para melhor esconder o autor da cura. E não contou o milagre senão depois da morte do santo.

São Ludigero foi obrigado a deixar a Frísia durante uma segunda perseguição. Encarregou Bernlef, que sabia ser benquisto por tôda parte, de ir de casa em casa batizar, com o consentimento das mães, as crianças moribundas, por imersão ou por infusão. Batizou, assim, dezoito, que morreram logo após, exceto duas, às quais Ludigero, em seguida, deu a confirmação. O que aqui é dito do batismo por infusão prova sòmente que êle era usado para os doentes. Bernlef morreu santamente, em idade avançada. Sua espôsa, vendo-o no leito de

morte, afirmava que não poderia sobreviver-lhe, desfazendo-se em lágrimas. «Consola-te, disse-lhe êle, se tiver algum poder junto de Deus, tu me seguirás em breve». Ela morreu com efeito, quinze dias após.

Quando a colheita se tornou mais abundante na Saxônia, Carlos Magno encarregou Ludigero de cultivar a parte ocidental dessa região. E isso sem deixar o cuidado da missão de Frísia. Para facilitar o progresso do Evangelho, propôs ordenar bispo um dos seus discípulos. Mas Hildebaldo, bispo de Colônia, forçou-o a aceitar êle mesmo o episcopado. Respondeu com estas palavras do apóstolo: «É necessário que o bispo seja irrepreensível.» «Pobre de mim! respondeu Hildebaldo, essa regra serve bem para mim!» Mas, novamente insistiu com Ludigero, que, finalmente se viu obrigado a ceder aos desejos do povo e à ordem do imperador. Foi sagrado em 801, primeiro bispo de Mimigardtfort, que mais tarde veio a se chamar Münster, por causa de um mosteiro de cônegos que o santo bispo lá fêz construir.

Alguns anos antes, mandara construir em terras de sua propriedade, o mosteiro de Werden, cuja fundação é dada como sendo de 796. Fêz também ser construído um em Helmstat. Carlos Magno, que conhecia o santo costume que êle fazia dos bens da Igreja, deu-lhe, com o bispado de Mimigardtfort, o mosteiro de Leuza em Brabante. Como Ludigero não tivesse feito profissão de vida monástica, embora a praticasse, desde que fôra sagrado bispo, passou a comer carne e abandonou a cogula. Mas não deixou de usar o cilício, que trazia escondido sob as roupas.

Como bispo, curou mais um cego. Durante o tempo em que visitava a diocese, encontrando-se um dia à mesa em certa localidade da Saxônia, um cego veio gritar-lhe à porta. Enviou-lhe um diácono que cuidava dos pobres, para dar-lhe pão e carne. O cego não quis. O diácono procurou fazê-lo beber, o que êle também recusou, dizendo que desejava sòmente comparecer à presença do bispo, para que êste o socorresse. O diácono, que não compreendia o que êle desejava, deixou-o e o cego começou a gritar mais alto do que antes. Ludigero lhe enviou dinheiro que foi também recusado. O cego insistia sòmente em querer ser levado à presença do bispo. Foi, então, introduzido e Ludigero lhe disse: «Meu irmão, que desejas de mim?» Respondeu o cego: «Fazei com que eu veja, por amor de Deus!» «Que tu vejas por amor de Deus!» tornou Ludigero, espantando-se com o pedido. E, no mesmo instante, embora não tivesse repetido essas palavras senão para dar a entender o espanto, o cego recuperou a visão. E, colocando-se à mesa, bebeu e comeu com grande alegria.

O santo bispo teve ardente desejo de ir pregar o Evangelho aos normandos, ou seja, aos dinamarqueses e outros povos do norte. Mas não conseguiu obter permissão de Carlos Magno, que o achava necessário para a Germânia. Em uma época em que não temia nada, o santo homem teve revelação das invasões que os normandos fariam um dia no império dos francos. Predisse-o à irmã Heriburga, chorando copiosamente. Ela exclamou: «Praza a Deus levar-me dêste mundo antes que tais calamidades aconteçam!» Ludigero respondeu: «Não será assim. Essas infelicidades acontecerão enquanto fôres viva.

Eu, porém, não as verei no meu corpo». E de fato, quando o bispo Alfrido, segundo sucessor de São Ludigero, escrevia êsses pormenores, ditados por Heriburga, os normandos haviam queimado as igrejas e os mosteiros daquelas paragens, reduzindo os campos a desertos.

As grandes caridades que Ludigero praticava deram ocasião a alguns invejosos de o caluniarem. Pelo fato de distribuir com liberalidade, aos pobres, tôdas as suas rendas, foi acusado junto de Carlos Magno de dissipar os bens da igreja. Foi chamado a prestar contas de sua administração. Dirigiu-se à côrte e hospedou-se perto do palácio. Carlos Magno, ao saber de sua chegada, mandou chamá-lo logo pela manhã. Ludigero estava recitando o ofício. Respondeu que iria à audiência, quando tivesse feito suas orações. O imperador, impaciente por vê-lo, mandou por três vêzes seus emissários apressarem o bispo. Mas não conseguiu que êle interrompesse as orações. Ao terminá-las, foi saudar o imperador, que lhe disse com um pouco de emoção: «Bispo, de onde vem essa consideração às minhas ordens e por que obrigar-me a enviar tantos recados?» «Príncipe, respondeu Ludigero, é que eu creio dever preferir Deus a vós e aos homens todos; é o que vós mesmo me mandastes fazer, quando me destes meu bispado». «Bispo, replicou imediatamente Carlos Magno, agradeço-vos por vos encontrar tal qual vos acreditava. Alguns interpretaram mal vossas boas obras. Mas eu vos prometo não escutá-los mais».

Hildegrimo, irmão de São Ludigero, distinguia-se de maneira apreciável pela piedade. Carlos Magno lhe deu o bispado de Châlons-sôbre-o Marne. Mas, ao que parece, o deixou após a morte

de São Ludigero, que aconteceu em 26 de março de 809, dia em que é lembrado. Ludigero, embora enfêrmo no fim da vida, celebrava todos os dias a missa e no domingo da Paixão que precedeu a noite em que morreu, pregou por duas vêzes, a primeira na missa da manhã, e a segunda, na que celebrou às nove horas. Seus discípulos quiseram enterrá-lo em Werden, segundo êle mesmo havia mandado. O povo, porém, se opôs a isso e deliberou-se deixar o corpo na igreja de Mimigardtfort, como em depósito. Durante êsse tempo, Hildegrimo obteve ordem do imperador de fazer executar as últimas vontades de seu irmão. Sucedeu-lhe na direção do mosteiro de Werden, e Gefredo, seu sobrinho, na assembléia de Münster. A vida de São Ludigero foi escrita por Altfrido, seu segundo sucessor, com base nas memórias que lhe foram fornecidas por Hildegrimo, irmão do santo, pela religiosa Heriburga, sua irmã e Gefredo, seu sobrinho.

SÃO BASÍLIO, O JOVEM (*)

Solitário e Confessor

Quando do reinado de Leão e Alexandre, filhos de Basílio, o Macedônio, São Basílio, o Jovem foi prêso por um espião e levado à presença do patrício Samonas, em Constantinopla, que o interrogou, sem que obtivesse qualquer resposta. Exasperado, ordenou que o flagelassem. E Basílio, suspenso por um dos pés, de cabeça para baixo, foi vergastado duramente, depois do que o atiraram a uma prisão.

Três dias depois, estava êle completamente curado das feridas abertas pela chibata. Samonas, maravilhado, mas enraivecido, fêz com que o expusessem a um grande leão, esfaimado de alguns dias. Nada, porém, sucedeu ao Santo: a fera, achegando-se para perto dêle, apenas o farejou, sem sequer deixar escapar um rugido.

Atirado ao mar, São Basílio foi restituído, pelos peixes, à praia.

Encaminhando-se para a cidade, encontrou a porta fechada. Sentou-se, então, à espera de que a abrissem, ao lado de um homem que, a tremer de febre, olhava-o curiosamente.

São Basílio, apiedado, curou-o. E o homem, reconhecido, levou-o para casa, hospedando-o. Vivendo solitàriamente, sempre a operar milagres, faleceu em 952, sendo sepultado na casa mesma daquele que o recolheu e se transformou em guarda de seu corpo.

* * *

BEM-AVENTURADO RICIERO (*)

Confessor

Riciero nasceu em Muccia, diocese de Camerino. Era filho de pais ricos e consideráveis, que desejavam vê-lo formado. Enviado à universidade de Bolonha, fêz-se amigo de um jovem, Peregrino, do qual se tornou inseparável.

Ora, um dia, São Francisco, vindo do Oriente, parou em Bolonha, e, no dia da Assunção, diante de um público numerosíssimo, pregou ardorosamente em praça pública.

Riciero e Peregrino foram ouvi-lo, e ficaram vivamente impressionados. Tocados da graça, resolveram deixar o século. E assim que o Poverelo pôde recebê-los, os dois, inflamados, disseram-lhe que desejavam ser admitidos no número dos seus discípulos.

São Francisco olhou firmemente para Riciero e disse:

— Tu serás sacerdote, exercerás o apostolado e servirás aos frades da Ordem.

— — — — —

Vejamos nos **Fioretti,** sempre deliciosos, como São Francisco converteu aquêles dois estudantes de

Bolonha, que se fizeram frades, e depois um dêles se livrou de grande tentação.

«Indo uma vez São Francisco à cidade de Bolonha, todo o povo da cidade correu vê-lo. E era tal a multidão de povo, que com grande trabalho pôde chegar à praça. E estando tôda a praça cheia de homens e de mulheres e de estudantes, São Francisco se ergueu no meio dêles, em um lugar elevado, e começou a pregar o que o Espírito Santo lhe ditava. E pregava tão maravilhosamente, que antes parecia pregar um anjo do que um homem e pareciam as suas palavras celestiais a modo de setas agudas, as quais transpassavam tanto os corações dos que o ouviam, que por aquela prédica grande multidão de homens e de mulheres se converteu à penitência. Entre os quais estavam dois nobres estudantes da Marca de Ancona: um se chamava Peregrino e o outro Riciero, os quais dois, pela dita prédica, tocados no coração por divina inspiração, chegaram-se a São Francisco, dizendo que queriam tudo abandonar no mundo e ser dos seus irmãos.

«Então São Francisco, conhecendo pela revelação que êles eram mandados por Deus e que na Ordem deviam ter vida santa e considerando-lhes o grande fervor, recebeu-os alegremente, dizendo-lhes:

«— Tu, Peregrino, seguirás na Ordem a via da humildade, e tu, Riciero, servirás aos frades».

«E assim foi, porque frei Peregrino não quis ser clérigo, mas leigo, ainda que fôsse muito letrado e grande canonista, e pela humildade chegou à grande perfeição de virtude, de modo que frei Bernardo, primogênito de São Francisco, disse dêle que era um dos mais perfeitos frades do mundo. E final-

mente o dito frei Peregrino, cheio de virtude, passou desta vida à vida dos bem-aventurados, com muitos milagres antes da morte e depois.

«E o dito frei Riciero devotamente e fielmente serviu os frades, vivendo em grande santidade e humildade; e tornou-se muito familiar a São Francisco, e muitos segredos lhe revelava São Francisco. E depois, sendo ministro da província de Marca de Ancona, dirigiu-a muito tempo com grande paz e discrição.

«Após algum tempo, Deus lhe permitiu uma grande tentação em sua alma, pelo que, atribulado e angustiado, fortemente se afligia com jejuns, com disciplinas, com lágrimas e orações, de dia e de noite, e não podia, no entanto, expulsar aquela tentação. Mas freqüentes vêzes ficava em grande desesperação, porque por ela se reputava abandonado de Deus.

«Estando nessa desesperação, por último remédio, resolveu ir a São Francisco, pensando assim: «Se São Francisco me mostrar bom semblante e mostrar familiaridade, como costuma, crerei que Deus terá ainda piedade de mim; mas, se não, será sinal de que estou abandonado por Deus». Partiu, pois, e foi a São Francisco, o qual nesse tempo estava no palácio do bispo de Assis, gravemente enfêrmo; e Deus lhe revelou todo o modo da tentação e da desesperação do dito frei Riciero, sua decisão e sua vinda. E sem demora, São Francisco chama frei Leão e frei Masseo e lhes diz:

«— Ide já ao encontro do meu filho caríssimo, frei Riciero, e abraçai-o por mim e saudai-o e dizei-lhe que entre todos os frades que vivem neste mundo eu o amo singularmente».

«Êstes vão e acham no caminho frei Riciero e abraçam-no, dizendo-lhe que São Francisco os tinha mandado. Pelo que tal consolação e doçura lhe entraram na alma que quase foi transportado fora de si; e agradecendo a Deus com todo o coração, caminhou e chegou ao lugar em que São Francisco estava enfêrmo. E ainda que São Francisco estivesse gravemente enfêrmo, não obstante, sentindo vir frei Riciero, levantou-se, foi-lhe ao encontro e abraçou-o dulcìssimamente, e assim lhe falou:

«— Filho meu caríssimo, frei Riciero, entre todos os irmãos que estão neste mundo, amo-te singularmente».

«E dito isto, fêz-lhe o sinal da cruz na fronte, beijou aí e depois lhe disse:

«— Filho caríssimo, esta tentação Deus a permitiu para ganhares grande mérito, mas se não quiseres êste prêmio, não o tenhas mais».

«Maravilhosa coisa! Logo que São Francisco disse estas palavras, sùbitamente dêle fugiu tôda a tentação, como se em tôda a sua vida nunca a tivesse tido, e ficou todo consolado» (1).



Êste Riciero, fiel discípulo, admitido na familiaridade de São Francisco, tornou-se, em pouco tempo, um religioso de rara prudência e de consumada virtude.

Quando ministro provincial na Marca, aplicou-se todo inteiro, de corpo e alma, para que se observasse perfeitamente a regra, principalmente no

(1) I Fioretti, 3ª. ed., Ed. Vozes, 1950.

que dizia respeito à santa pobreza. Severo consigo mesmo, rígido, com os demais era de uma ternura, e uma caridade sem limite.

Morto São Francisco, frei Riciero viveu mais dez anos, operando milagres. Falecido na terra natal, Muccia, em 1236, num eremitério que existia ao pé de uma pequenina igreja dedicada ao apóstolo São Tiago, o bem-aventurado Riciero deixou o mundo plàcidamente, docemente.

Gregório XVI, em 1838, aprovava o imemorial culto que se lhe rendia à memória.



No mesmo dia, em Lentino, sete pequeninos mártires, quando da perseguição de Décio e Valeriano. Mortos pela fé, por ordem do governador da Sicília, Tertullus, os nomes das crianças não foram, infelizmente, conservados (século III).

Em Trèves, São Felix, bispo e confessor, nos tempos em que o déspota Máximo reinava no Ocidente. Morto no ano de 400, foi enterrado no dia 26 de março numa igreja dedicada à santíssima Virgem Maria e aos mártires da Legião tebana. Consta que o santo bispo mesmo ordenara a construção daquele templo, ali depositando o corpo de São Paulino, um dos predecessores na Sé de Trèves.

Em Saragoça, Espanha, São Braulião, bispo e confessor, de família real, que se distinguiu pelo saber que, diz-se, foi considerável na época em que viveu. Amigo íntimo de Isidoro de Sevilha, assistiu aos concílios (4.º, 5.º e 6.º) de Toledo, de 633 a 638, falecendo depois de vinte anos de episcopado (651). Seiscentos anos após a morte, descobriu-se-lhe o corpo, dada a revelação feita a São Valério.

Na época dos imperadores Valentiniano, Valens e Graciano (entre 367 e 375), quando de um rei gôdo, Jungerico, os santos mártires Batusa, Vereca, Arpila, o Solitário, Abipas, Hagias, Ryas, Hegatrax, Hiscoes, Silas, Sigetzas, Suerilas, Guimblas, Tertas, Filgas, e Ana, Alas, Barida, Manea, Virco e Animaís. Por terem confessado Nosso Senhor Jesus Cristo, foram atirados ao fogo, assim recebendo a gloriosa coroa dos mártires.

Em Lião, São Sicário, bispo e confessor (435).

Na Irlanda, São Mochellog, confessor, contemporâneo de São Fursy. Falecido em 639.

Em Constantinopla, Santo Estêvão, o Taumaturgo, confessor. Abade de Triglia, próxima de Constantinopla, enfrentou Leão, o Armênio, em favor do culto das santas imagens, sendo enviado ao exílio, onde faleceu em 815.

Em Dijon, o bem-aventurado Bertilão, abade de São Benigno e mártir. Massacrado pelos normandos, em 888, ao pé do altar, juntamente com outros religiosos. Deus ilustrou-lhe o túmulo com um semnúmero de milagres, com curas miraculosas. Invocado contra a febre.

Na Espanha, Santa Eugênia, virgem e mártir. Prisioneira sob Abderam III, foi decapitada em 921 por permanecer firme na fé.

Em Pádua, Santa Felicidade, virgem. Na igreja de Santa Justina de Pádua, descobriu-se uma inscrição no túmulo desta santa virgem, em 1050, onde se lê: «Felicidade, mulher ilustre estava consagrada a Deus, tendo tomado o véu das virgens. Serviu o Senhor, dia e noite».

No mesmo dia, em Roma, na via Lavicânia, São Cástulo, encarregado das estufas do palácio impe-

rial, que, por muito tempo, morando com cristãos, foi, por causa disso, levantado no ar, três vêzes interrogado pelo juiz, e por fim, como perseverasse na confissão de Jesus Cristo, atirado a uma fossa, onde, enterrado em uma massa de areia que lhe lançaram em cima, recebeu a coroa do martírio.

Na mesma cidade, os Santos Pedro, Marciano, Jovino, Tecla, Cassiano e vários outros mártires.

Em Pentápole, na Líbia, festa dos santos mártires Teodoro, bispo, Irineu, diácono, Serapião e Amônio, leitores.

Em Sírmio, São Montano, sacerdote, e Máxima, que foram afogados, em vista de professarem a fé em Jesus Cristo. Além dêsses, os Santos Quadrato, Teodósio, Emanuel, e quarenta outros mártires.

Em Alexandria, Santo Eutíquio, e vários outros mártires, que, ao tempo do imperador Constâncio, sob Jorge, bispo ariano, foram passados a fio da espada, por professarem a fé católica.

27.º DIA DE MARÇO

SÃO RUPERTO

Primeiro bispo de Salisburgo

São Ruperto ou Roberto era da raça dos reis de França e bispo de Worms, no segundo ano de Childerico III, no ano de 696.

Sua reputação chegou até Teodão, duque da Baviera. Êste lhe enviou emissário para lhe rogar insistentemente que viesse ensinar na província de Nórica. O santo bispo enviou, a princípio, alguns missionários, depois foi pessoalmente para lá. O duque, pleno de alegria, veio-lhe ao encontro, recebendo-o em Ratisbona, com grandes homenagens. São Ruperto ensinou tanto a moral como a fé católica, batizou-o juntamente com muitos súditos, tanto nobres como plebeus. É certo que, desde o tempo do rei Teodorico I, os bávaros haviam recebido a religião cristã, como consta de suas leis; mas vemos ao mesmo tempo, sobretudo pelo capitulário do papa Gregório, que não havia nenhuma organização de bispados sob uma metrópole, nem, por conseguinte,

nenhuma sucessão assegurada aos bispos. Concebe-se que, em tal estado de coisas, sobretudo em meio a revoluções políticas do reino da Austrásia, as gerações novas da Baviera, sem serem precisamente idólatras, nem sempre eram cristãs. Era a isso que o papa São Gregório procurava remediar, por seus legados.

Convertendo-se, o duque Teodão prometeu a São Ruperto escolher um lugar para estabelecer uma sede episcopal e construir igrejas e alojamentos para os eclesiásticos. O santo bispo embarcou no Danúbio e foi até as fronteiras da Panônia inferior, pregando a fé. Ao voltar, passou por Laureac, atualmente Lorch, antiga metrópole de Nórica onde curou vários doentes por suas orações e converteu inúmeras pessoas. Em seguida, sabendo que em um lugar chamado Juvave havia existido quantidade apreciável de edifícios maravilhosos, mas, então, quase que em ruínas e cobertos de árvores, foi para lá e pediu êsse lugar ao duque Teodão. Êste lho concedeu de boa vontade, com as terras dos arredores, em uma extensão de duas léguas. São Ruperto estabeleceu sua sede episcopal, construiu uma igreja muito bonita em honra de São Pedro, com um claustro e alojamentos para os clérigos, para celebrarem o ofício todos os dias. Foi assim que, à voz do pontífice, a antiga Juvave saiu das ruínas para reviver séculos sob o nome de Salisburgo.

Êsse santo bispo tinha necessidade de operários que pregassem o Evangelho. Por isso, voltou ao seu país e trouxe consigo doze, com sua sobrinha Erentrude, que se havia consagrado a Deus. Fundou

para ela um mosteiro em honra da santa Virgem, sôbre uma montanha vizinha, do qual ela foi a primeira abadêssa. Êle continuou a visitar assìduamente todo o país, a construir igrejas e a ordenar clérigos. Enfim, após ter ordenado seu sucessor, morreu em 718, no dia de Páscoa, 27 de março, dia em que a Igreja lhe honra a memória.

* * *

BEM-AVENTURADO PEREGRINO DE FALERONE (*)

Confessor

Peregrino era da nobre família dos Faleroni, da diocese de Fermo. Em Bolonha, estudava filosofia e direito canônico, quando, vindo São Francisco ali pregar, quis fazer-se frade (1).

Peregrino tinha já grandes conhecimentos das ciências sagradas e profanas, mas, às palavras de São Francisco, fêz promessa de viver na modesta condição que lhe fôra assinalada, isto é, servir a Deus na humildade de um irmão leigo.

Ao desejo do martírio, demandou o Oriente, peregrinando pela Terra Santa. Visitou Jerusalém e a Judéia tôda, com o Evangelho nas mãos. E a cada lugar que Nosso Senhor havia santificado com a doce e suprema presença, Peregrino, vertendo copiosas lágrimas, aos próprios infiéis comovia, tão viva era-lhe a fé e a caridade ardente. E, ao invés da morte, a qual fôra buscar, encontrou respeito e veneração.

De volta, na Itália procurou o convento mais pobre e mais retirado, ali vivendo a trabalhar para

---

(1) Ver Bem-aventurado Riciero — 26 de março.

a salvação da alma. Chegando assim a um alto grau de perfeição, Deus, então, conferiu-lhe o dom dos milagres.

No convento de São Severino, onde faleceu, tantos foram os milagres, que uma grande multidão acorreu a venerar-lhe o túmulo, suplicar-lhe graças.

Depois de muito tempo do falecimento, desenterrado, encontraram-no sem qualquer corrupção.

Falecido em 1232, Pio VII confirmou-lhe o culto a 28 de julho de 1821.

Peregrino é invocado, principalmente, contra dores de dente.

* * *

SÃO MATEUS (*)

Mártir

Excelente soldado, nos tempos da primeira cruzada, Mateus armado cavaleiro, a exemplo de muitos nobres, tomou a cruz e partiu para o Oriente. E, na côrte de Aleixo Comneno, o imperador bizantino, tornou-se querido de todos pelas abundantes esmolas que fazia e freqüentes orações que, contritamente, recitava.

Partiu a expedição. E todos, ao avistarem a cidade santa, caíram de joelhos, rezando e chorando, transbordantes de alegria.

Jerusalém estava então em poder do califa sarraceno do Egito, que a tomara aos turcos. Infiéis também, a matança que se seguiu foi horrível. E um cruzado, vivamente impressionado, escrevia, no pórtico do templo de Salomão, que o sangue era tanto que chegou a subir até os jarretes dos cavalos.

Prisioneiro dos sarracenos, Mateus foi submetido a torturas para que renegasse a fé. Pediu, então, um prazo para a resposta, prazo que lhe foi concedido com satisfação, uma vez que naquilo viam uma vitória contra Jesus Cristo.

E o prazo expirou. Procurado pelos aprisionadores, disse-lhes o Santo:

— Se pensastes que eu simplesmente queria prolongar minha vida por alguns dias mais, sabei agora que meu desejo era outro: queria a felicidade de morrer no mesmo dia que meu Senhor Jesus. Matai-me, pois, segundo vosso desejo. Dando minha vida a quem deu a sua para a salvação do gênero humano, o resto pouco me importa.

* * *

SÃO JOÃO DO EGITO (*)

Ermitão e Confessor

Nascido no ano de 305, foi carpinteiro, tendo um irmão tintureiro.

Aos vinte e cinco anos, resolveu deixar o mundo e foi viver sob a direção de um velho solitário, ao qual serviu com a maior boa vontade e grande humildade, chegando a maravilhar o mestre.

Desejoso de saber se aquela obediência era de fato proveniente de uma verdadeira fé e de uma grande simplicidade, chamou-o o ermitão, um dia, e, apresentando-lhe um ramo sêco, tirado da reserva de lenha, disse-lhe que, fincando-o na terra, todos os dias, de manhã e de tarde, regasse-o religiosamente, para que lhe desse nova vida.

João cumpriu à risca aquela ordem. E tôdas as manhãs, invariàvelmente, e tôdas as tardes, sem negligenciar, ia aguar o sêco ramo que escapara ao fogo, para tal carreando água que só se encontrava longe, coisa de duas milhas do local onde viviam.

Um ano depois, penalizado, o velho solitário resolveu pôr fim àquele dever do discípulo. E, chamando-o, perguntou-lhe se já o ramo sêco criara raízes.

— Não, respondeu-lhe João.

Então o mestre, arrancando o galho sêco do chão, jogou-o fora, fazendo ver ao discípulo que não mais com aquilo se preocupasse.

Doutra feita, disse-lhe o velho mestre:

— João, vai e rola aquela pedra que vês acolá.

A pedra, que era um verdadeiro rochedo, tremenda, que, para ser rolada, necessitaria de fôrça de várias pessoas bem desenvolvidas, não lhe abalou a obediência. Correu para ela e procurou cumprir a ordem.

Em pouco tempo, João estava banhado de suor, tal o esfôrço desprendido, e o velho mestre, condoído, chamou-o para livrá-lo da ordem que lhe havia dado.

Depois que o ermitão morreu, João, que estava com trinta e sete anos, viveu ainda naquela solidão por cinco anos, depois do que, parando neste ou naquele mosteiro, acabou por se fixar numa montanha mais ou menos afastada de Licópolis.

Ali, construiu êle três celas, que se comunicavam entre si: uma para dormir, outra para as refeições e o trabalho e uma terceira para as orações. Fechou-as cuidadosamente, de modo que nunca ninguém pudesse entrar e êle jamais sair. Sòmente uma janela minúscula, abria-se para o mundo exterior, janela que permitia entrar tudo aquilo que lhe fôsse necessário, e pela qual conversava com as pessoas que lhe vinham pedir conselhos ou recomendar-se às orações.

Em 375, Deus favoreceu-o com o dom da profecia. E às pessoas que vinham vê-lo, das adjacências ou de longínquos países, João dava-lhes a conhecer o que de mais escondido havia no fundo do

coração. Predisse os transbordamentos do Nilo e a queda etiópica na Alta Tebaida. E ao general romano, que fôra consultá-lo, todo apreensões, disse:

— Tenha tôda a confiança. Sairás vitorioso dos inimigos, tornar-te-ás rico, tais os despojos, e pelo imperador serás muito bem acolhido.

Tôdas as predições se realizaram.

Teodósio, vendo-se atacado por Máximo, e tendo ouvido falar de João do Egito, enviou mensageiros que o consultassem. E João, pelos mesmos enviados, respondeu ao imperador que, sem grandes derramamentos de sangue, sairia triunfante nas Gálias. João do Egito também recebeu de Deus o dom de curar doenças, mas temeroso de que a vaidade pudesse feri-lo, mandava óleo, que benzia, para ser aplicado ao doente.

A mulher de um senador ficara cega fazia pouco. Tendo ouvido falar das extraordinárias curas realizadas pelo solitário de Licópolis, fêz com que o marido a levasse até aquêle êrmo nas montanhas. Lá chegando, disse João ao senador que jamais poderia ver qualquer mulher, perguntando-lhe sôbre qual era o mal que a afligia. O senador, contristado, disse que a mulher, cega, desejava aproximar-se dêle, ardentemente, para recuperar a vista. João deu-lhe o costumeiro óleo que benzia, recomendando-lhe que o aplicasse, durante três dias sôbre as pálpebras da espôsa, e que tivesse fé. Não havia necessidade de mais nada. De fato, depois de três dias de aplicação e de orações, a mulher tornou a ver, e rendeu graças sem conta ao Senhor.

Certa vez, um militar, que fôra encarregado de conduzir seus soldados a Syene, levou consigo a

espôsa, desejosa que estava de, nas montanhas, ver e receber a bênção do santo solitário milagroso.

— Impossível, disse João do Egito ao marido. Há quarenta anos que me encontro encerrado aqui nestes rochedos e não vejo rosto de mulher.

Acabrunhado, o militar desceu e foi transmitir à espôsa o resultado da conversação que tivera com o Santo. E a mulher, insistindo, jurando que dali não havia de sair sem ter satisfeito o desejo, fêz com que o marido fôsse, novamente, falar com o santo homem.

Disse-lhe João do Egito:

— Vai, que tua espôsa haverá de me ver esta noite, em sonhos, sem aqui vir, sem que tenha necessidade de deixar a barraca.

O militar, mais triste ainda, desceu de novo, e referiu à mulher o que lhe dissera o ermitão. E, ao invés de vê-la contristada, notou que os olhos lhe brilhavam intensamente, como se cresse que, de fato, iria, em sonhos, ver a quem tanto desejava.

João do Egito, então, apareceu à mulher, em sonhos. Disse-lhe:

— Ó mulher, tua fé, que é bem grande, obrigou-me a vir aqui para te satisfazer a vontade. Advirto-te, todavia, que não deverás, doravante, insistir por ver o rosto mortal e terrestre dos servidores de Deus. Contenta-te, simplesmente, em contemplá-los com os olhos do espírito. A carne de nada vale. É o espírito que vivifica. Por que tanto desejas ver-me? Sou porventura profeta mais justo e mais santo que outros? Como tu, sou homem sujeito ao pecado e às enfermidades humanas. Não é na qualidade de profeta nem de justo que venho ver-te.

Venho por causa da tua fé. Por isso que recorri à assistência de Nosso Senhor. E Êle te concederá a cura de tôdas as doenças que por acaso tens em teu corpo. Dêste dia em diante, tu e teu marido, gozareis de uma perfeita santidade, e vossa casa será cheia das bênçãos do céu. Contudo, não deveis jamais esquecer de que tudo aquilo que ides receber vem de Deus. Vivei sempre no temor do Senhor, e tu, contenta-te com o ver-me em sonhos.

Quando a mulher despertou, referiu ao marido, cheia de satisfação, o que sonhara. E, descrevendo o santo homem ao espôso, êste não duvidou de que o vira realmente.

Pouco depois, antes de partir para Syene, subiu o militar, por terceira vez, à cela do ermitão, e ali lhe agradeceu a bondade que tivera com a espôsa.

O Santo faleceu, segundo uns, a 20 de setembro de 394, segundo outros a 17 de outubro, do mesmo ano. Profeta do Egito, conforme o cognominaram, São João, também conhecido como de Licópolis, deixou o mundo com oitenta e nove anos de idade.

* * *

HANANI OU ANANIAS (*)

Profeta

Antigo Testamento

Festeja a Igreja grega êste profeta que aparece nos tempos de Asa, filho de Abia.

«Abia adormeceu com seus pais, e sepultaram-no na cidade de Davi. Em seu lugar reinou Asa, seu filho, em cujo tempo estêve o país em paz durante dez anos. Asa fêz o que era justo e agradável aos olhos de Deus. Destruiu os altares do culto estranho, e os altares dos lugares altos consagrados aos ídolos. Quebrou as estátuas, cortou as ascherás (1) e ordenou a Judá que buscasse o Senhor Deus de seus pais e observasse a lei e todos os preceitos, e tirou de tôdas as cidades de Judá os lugares altos e estátuas.

«Mandou reparar as cidades fortes de Judá, porque estava em sossêgo, não havia guerra alguma

(1) Ascherá, estacas sagradas, ramagens e até árvores, com as raízes cortadas, espetadas no solo, nos lugares do culto, especialmente junto dos altares de Baal. Eram representações de Astarte, personificação feminina da natureza, entre os cananeus, ou eram-lhe consagradas (Pe. M. Soares).

em seus dias, por lhe ter o Senhor concedido a paz. Disse a Judá:

«— Reparemos estas cidades, cinjamo-las de muros e fortifiquemo-las com tôrres, portas e fechaduras, enquanto tudo está livre de guerras, porque buscamos o Senhor Deus de nossos pais, e êles nos deu paz com os povos vizinhos».

«Repararam, pois, as praças, e não apareceu nada que os estorvasse.

«Asa teve no seu exército trezentos mil homens de Judá e oitenta mil homens, armados de escudos e de flechas, todos êles homens fortíssimos.

«Zara Etíope foi contra êle com o seu exército, composto de um milhão de homens e trezentos carros, e chegou até Maresa. Asa marchou ao seu encontro e formou o exército em batalha no vale de Sefata, que está perto de Maresa. Asa invocou o Senhor Deus, dizendo:

«— Senhor, não há diferença alguma para ti entre o socorrer o fraco ou o forte; socorre-nos, pois, Senhor nosso Deus, porque, confiados em ti e no teu nome, viemos contra esta multidão. Senhor, tu és o nosso Deus, não prevaleça o homem contra ti».

«O Senhor desbaratou os etíopes, à vista de Asa e de Judá, e os etíopes fugiram. Asa e o povo, que com êle estava, foram-nos perseguindo até Gerara, e os etíopes foram derrotados sem ficar nenhum, porque foram destroçados pelo Senhor e pelo seu exército. Levaram muitos despojos (2). Destruíram tôdas as cidades nos arredores de Gerara, porque um grande temor se tinha apossado de

(2) Judá e Benjamim levaram muitos despojos.

todos, e saquearam as cidades, donde levaram grande prêsa. Atacaram também os recintos dos animais e levaram consigo uma grande quantidade de ovelhas e de camelos. Depois voltaram para Jerusalém» (3).

Apareceu, então, o profeta Azarias, exortando aquêle rei Asa.

«Azarias, filho de Obed, movido pelo espírito de Deus, foi ao encontro de Asa e disse-lhe:

«— Ouvi-me, Asa e todos vós, povo de Judá e de Benjamim: O Senhor foi convosco, porque vós fôstes com Êle. Se o buscardes, achá-lo-eis, mas, se o abandonardes, Êle vos abandonará. Muito tempo passou Israel sem o verdadeiro Deus, sem sacerdote que instruísse, sem lei. Quando êles, na sua angústia, se converteram para o Senhor Deus de Israel e o buscaram, Êle se deixou achar por êles. Nesse tempo não havia paz para o que saía nem para o que entrava, mas de tôdas as partes havia terror em todos os habitantes da terra, porque se levantava uma nação contra outra nação, uma cidade contra outra cidade, pois o Senhor os conturbava com tôda a sorte de aflições. Vós, porém, ganhai coragem, não se enfraqueçam as vossas mãos, porque a vossa obra será recompensada».

«Asa, ouvindo o oráculo do profeta Azarias, filho de Obed, cobrou ânimo e exterminou os ídolos de tôdas as cidades da terra de Judá e de Benjamim, assim como das cidades do monte Efraim, que êle havia tomado, e restaurou o altar do Senhor, que estava diante do átrio do Senhor» (4).

---

(3) 2 Par 14, 1-15.
(4) 2 Par 15, 1-8.

Houve, então, uma grande paz.

Contudo, no trigésimo ano do reinado de Asa, «Baasa, rei de Israel, foi contra Judá, e circundou Rama com um muro, para que nenhum do reino de Asa pudesse com segurança sair ou entrar. Então Asa tirou o ouro e a prata dos tesouros da casa do Senhor e dos tesouros do rei, e enviou-os a Benadad, rei da Síria, que habitava em Damasco, dizendo: «Há uma aliança entre mim e ti: também meu pai e o teu conservam concórdia entre si; por esta razão te mando prata e ouro, para que, rôta a aliança que tens com Baasa, rei de Israel, o obrigues a retirar-se do meu país.

«Sabido isto, Benadad mandou os generais dos seus exércitos contra as cidades de Israel, os quais destruíram Aion, Dan, Abelmain e tôdas as cidades muradas de Neftali. Baasa, tendo ouvido isto, cessou de fortificar Rama e não prosseguiu na sua obra. O rei Asa tomou consigo tôda a gente de Judá, mandou tirar de Rama as pedras e a madeira, que Baasa havia preparado para a fortificar, e com elas reparou Gabaa e Masfa.

«Naquele tempo o profeta Hanani foi ter com Asa, rei de Judá, e lhe disse:

«— Porque confiaste no rei da Síria, e não no Senhor teu Deus, por isso o exército do rei da Síria escapou das tuas mãos. Porventura não constituíam os etíopes e os líbios um grande exército, com numerosos carros e cavaleiros? Entretanto, quando tu confiaste no Senhor, Êle tos entregou nas mãos. Os olhos do Senhor contemplam tôda a terra e inspiram fôrça aos que confiam n'Êle com um coração

perfeito. Tu procedeste loucamente, por isso, desde agora, levantar-se-ão guerras contra ti».

«Asa, irado contra o vidente, mandou-o encarcerar, porque se havia irritado muito pelo que o profeta lhe dissera. Nesta ocasião, Asa oprimiu também alguns do povo, que eram partidários do profeta» (5).

Prêso por ter censurado o rei, da parte de Deus, não diz a Escritura do seu fim: se foi pôsto em liberdade ou se continuou encarcerado, assim acabando os dias.



A 27 de março, ainda, em Jerusalém a **Ressurreição do Senhor.** Segundo o venerável Beda, êste grande mistério se ligaria à data de hoje. Os antigos Padres que colocam a Paixão a 25 de março, comemoram a 27 dêste a Ressurreição, sem prejuízo da lei que fixou desde o início a festa de Páscoa no domingo.

Em Venécia, Santa Augusta de Ceneda, virgem e mártir, no século V. Filha de um duque de Friul, pagã, converteu-se ao cristianismo. O pai, furiosíssimo, tentou, por diversos tormentos, levá-la a apostatar. Nada conseguindo, tanta a fé era imensa, ordenou que a decapitassem sem piedade.

Na diocese de Arras, os Santos Domingos e Vedulfo, bispos. Domingos, segundo a **Gallia christiana,** foi escolhido para suceder a Vaast, fale-

(1) 2 Par 16, 1-10.

cendo em 545. Vedulfo, que vinte anos depois, transferiu a Sé de Arras para Cambrai, faleceu em 580.

Em Corinto, São Paulo, bispo e confessor. Nascido em Constantinopla, faleceu naquela cidade de Corinto em 885.

Na Irlanda, São Gelásio, bispo. Nascido em 1087, era filho do poeta Diarmaid. Cônego, depois abade de Derry, em seguida de Armagh, sucedeu a São Malaquias na Sé desta última cidade. Restaurador da catedral, que um incêndio destruíra, foi homem misericordioso e amigo da paz. Faleceu em 1174.

Em Trento, Santo Adalpret ou Alberto, bispo e mártir, eleito a 17 de outubro de 1156, bispo daquela cidade, por graça do imperador Frederico Barbarroxa. Depois da excomunhão dêste, os condes formaram uma liga, contrária ao imperador, e obrigaram o santo bispo a deixar o país. Depois da batalha de Legnano, que se deu a 29 de maio de 1176, os habitantes de Boezano revoltaram-se contra o bispo, e, no momento em que Adalpret tentava reprimir tal movimento, foi morto por elementos da Liga, em 1181.

No mesmo dia, em Drizípara, na Panônia, Santo Alexandre, soldado que, após ter sofrido rudes combates por Jesus Cristo e feito inúmeros milagres, completou o martírio durante o reinado de Maximiano, tendo a cabeça cortada.

No mesmo dia, São Fileto, senador, Santa Lídia, sua espôsa e seus filhos, Macedônio e Teoprébio, Santo Anfilóquio, chefe de milícia e São

Crônidas, escrivão, levado à morte por crer em Jesus Cristo.

Na Pérsia, os santos mártires Zanitas, Lázaro, Marotas, Narses e cinco outros, cruelmente massacrados por Sapor, rei da Pérsia, e que mereceram, por isso, a palma do martírio.

* * *

28.º DIA DE MARÇO

SÃO GONTRÃO,

Rei da Borgonha.

Filho de Clotário I, rei de França e neto de Clóvis I e de Santa Clotilde. Clotário era senhor de França e de uma parte da Alemanha, quando a doença o prostrou, e êle se viu obrigado a tudo deixar. «Que pensais, dizia aos cortesãos, quem é êsse rei celeste que faz morrer assim tão grandes reis?» Morreu, dessa forma, em Compiegne, no ano de 561, após ter reinado cinqüenta anos. Seus quatro filhos lançaram a sorte sôbre o reino. Cariberto teve Paris e a Aquitânia. Gontrão recebeu Orleans, a Borgonha e estabeleceu a capital em Châlon-sôbre-o-Saône. Chilperico recebeu a Nêustria, e foi chamado rei de Soissons. A Sigeberto, o mais jovem, coube a Austrásia, e em Metz estabeleceu a capital.

Era uma época de revoluções e de assassínios políticos. Cariberto morreu em 567, sem deixar filho. Seus três irmãos dividiram entre si o reino que lhe cabia. Sigeberto foi assassinado, deixando um filho de cinco anos. Chilperico morreu da mesma maneira, deixando um filho de dois meses. Gontrão serviu de pai aos dois sobrinhos. No

começo de seu reinado, cometeu mais de uma falta por fraqueza e induzimento. Mas expirou-as pela penitência. O traço dominante de seu caráter era a bondade e a piedade.

Morrendo Chilperico, foi a Paris e dedicou-se à reparação das injustiças que seu irmão cometera. Fêz com que fôssem restituídos aos particulares os bens que Chilperico lhes havia tomado, ordenou a execução dos testamentos em favor da Igreja, que êle tinha cassado e mostrou-se de grande liberalidade para com os pobres. Advertiram-no, todavia, de que sua vida corria perigo. Foi a causa de andar sempre rodeado de guardas, mesmo quando ia à igreja, durante a estada em Paris. Um domingo em que assistia à missa, o diácono fêz com que o povo mantivesse silêncio para começar o sacrifício, Gontrão voltou-se para o povo e disse: «Eu vos conjuro, homens e mulheres que aqui estais, a guardar-me fidelidade inviolável e não me matar, como fizestes recentemente a meus irmãos. Que me seja permitido, ao menos durante três anos, educar meus sobrinhos que são meus filhos adotivos. Tenho receio, — o que Deus queira evitar — de que se eu morrer, venhais a perecer com essas crianças, não tendo um homem feito em nossa família para vos defender». A essas palavras, todo o povo dirigiu a Deus preces pelo rei. Seus dois sobrinhos eram Childeberto da Austrásia, filho de Sigeberto e de Brunehaut, e Clotário II, filho de Chilperico e de Fredegunda.

Gontrão recebeu o jovem rei da Austrásia com ternura paternal. Colocando-lhe uma lança na mão, disse-lhe, diante de todos: «É êste o sinal que te dou da entrega de meu reino. Para o futuro, submete à

tua autoridade tôdas as minhas cidades como se fôssem as tuas, porque, por causa dos nossos pecados, não resta de nossa família senão tu, que és filho de meu irmão. Serás meu herdeiro e meu sucessor em todo o reino, com exclusão de todos os outros». Depois, tomando-o em separado e recomendando-lhe o mais profundo silêncio sôbre o que lhe ia dizer, fê-lo conhecer em pormenores quais os homens que devia, ou não, honrar com sua confiança.

Um dia, quando se dirigia para fazer orações às diversas igrejas de Orleans, o rei Gontrão rumou para a residência de São Gregório de Tours, que morava na igreja de Santo Avito. Gregório levantou-se cheio de alegria ao reconhecê-lo e, depois de lhe ter dado a bênção, rogou-lhe houvesse por bem aceitar com êle alguns elogios de São Martinho. Gontrão aceitou. Entrou com muita cordialidade, bebeu um copo de vinho, lembrou a Gregório que devia estar presente no jantar para o qual havia convidado todos os bispos e retirou-se alegre. O que êle fazia por Gregório de Tours, fazia-o por todos os cidadãos de Orleans. Aceitou o convite, compareceu ao jantar e encantou-os com sua bondade. Chamavam-no geralmente o bom rei.

Gregório pedira-lhe indulto para alguns senhores implicados em uma insurreição política e que se haviam refugiado na igreja de São Martinho de Tours. Mas nada conseguiu. Não se agastou. Voltou no dia seguinte e disse ao rei: «Escutai-me, príncipe. Fui enviado a vós como emissário de meu senhor. Que resposta quereis que lhe dê, desde que não vos dignais dá-la a mim?» O rei, surpreendido,

perguntou-lhe: «Quem é o senhor que vos envia?» O bispo lhe disse sorrindo: «São Martinho». A êsse nome, Gontrão fêz com que os culpados lhe viessem à presença, repreendeu-os por causa da perfídia, chamou-os de rapôsas malignas e, depois, lhes concedeu o indulto, bem como os bens que lhes haviam sido subtraídos.

O zêlo de Gontrão sustinha e animava o dos prelados de seu reino. Perdendo os dois filhos que deviam suceder-lhe, aplicou-se mais do que nunca a tôda sorte de boas obras. Parecia, diz Fredegário, um bispo entre os bispos, tal o zêlo pelos interêsses da Igreja. Os exemplos de um rei tão bom santificaram a família. As duas princesas, suas filhas, Clodoberge e Clotilde, renunciaram às grandezas e aos prazeres do mundo, para se consagrarem a Deus, na sua virgindade. E Clodoberge não tardou em receber a recompensa celeste.

Gontrão distinguiu-se especialmente pela magnificência com que fundava e dotava as igrejas. Deu diversas terras ao mosteiro de São Sinfrônio de Autun e ao de São Benigno de Dijon. Neste último estabeleceu os salmos perpétuos, a exemplo do mosteiro de Agaune, onde os monges, divididos em vários grupos, se revesavam dia e noite, para cantarem, sem interrupção, os louvores de Deus. Mandou construir uma igreja magnífica e um mosteiro nos arredores de Châlon-sôbre-o-Saône, em honra de São Marcelo, mártir, e instituiu também um côro contínuo, querendo com isso que a ordem dos salmos fôsse a mesma a ser observada na igreja de Tours. Fêz com que o regulamento por êle estabelecido fôsse aprovado por quarenta bispos. Nada mais

edificante do que a maneira pela qual o príncipe fala na ata da fundação dêsse mosteiro. Começa assim:

«Gontrão, pela disposição da divina Providência, rei sob o reino de Deus, servidor dos servidores do Senhor, a todos os filhos da nossa mãe a santa Igreja, saudações. Vejo com sentimento que para punição dos nossos pecados, nossas igrejas, fundadas para o serviço de Deus, definham por causa da ambição desmedida dos príncipes e pela exagerada negligência dos prelados. E estou penetrado de dor de não poder bastar para tudo. Todavia, para não comparecer de mãos vazias diante do Senhor, resolvemos dotar com as mais belas terras a basílica que erguemos em honra do glorioso São Marcelo de Châlon.» Indica, a seguir, vários lugares, cujos habitantes encarregou de construir os diversos edifícios necessários aos mosteiros e termina com estas palavras: «Se alguém violar estas disposições, seja varrido do livro da vida».

O rei Gontrão reuniu vários concílios, não sòmente para regular os negócios da Igreja, como também para tratar dos bens temporais dos povos, para conciliar as diferenças de reino a outro, e prevenir, dessa forma, as guerras civis entre os francos. Para êle, os concílios eram ainda conselhos de Estado. Sua caridade se mostrou sobretudo nessa circunstância.

Um navio que chegara da Espanha, espalhara em Marselha a peste, enquanto Teodoro, bispo dessa cidade se encontrava na côrte de Childeberto. O santo bispo retornou imediatamente para consolar o povo, e aliviar-lhe o sofrimento. Não omitiu nenhum dos socorros espirituais e temporais que

podia dar. E quando a doença e a deserção reduziram os habitantes da grande cidade a um pequeno número, encerrou-se no recinto da igreja de São Vítor, com os que restavam, passando os dias e as noites em orações, para acalmar a cólera divina. O mal contagioso passou de Marselha para Lião. Gontrão desempenhou, ao mesmo tempo, as funções de um bom rei e de um piedoso bispo. Ordenou que fôssem celebradas as rogações e que, durante três dias, tempo que deviam durar, se jejuasse, comendo pão de cevada e bebendo água. Foi o primeiro a dar exemplo, redobrando as austeridades, as orações e as esmolas costumeiras. Seus súditos o olhavam com veneração e respeitavam nêle mais a qualidade de santo do que a de rei. Arrancavam-lhe pedaços das vestes para aplicá-los aos doentes. Uma mulher curou dessa forma, seu filho de uma febre. Levavam-lhe até os possessos, e Gregório de Tours disse que fôra testemunha do poder que tinha sôbre êles. Gontrão era, sobretudo, o protetor da inocência oprimida pelos grandes, como o demonstrou no ano seguinte, 589, tomando a defesa de uma jovem virgem, a quem o amor ao pudor havia inspirado a coragem de uma heroina.

O duque de Amolon, na ausência da espôsa, tomou-se de paixão criminosa por uma jovem e fêz que lha conduzissem, durante a noite, os seus criados, estando êle bêbado. Como ela resistisse com tôdas as fôrças, os criados lhe deram pancadas, a ponto de arrancar-lhe sangue. O duque, tomado pelo álcool, recebeu-a nesse estado. Mas, imediatamente ela agarrou uma espada que percebeu na cabeceira da cama e desferiu-lhe um golpe vigoroso na cabeça, como outrora Judite fizera a Holofernes.

Aos gritos do duque, os criados acorreram, querendo matá-la. Mas o duque lhes disse, expirando: «Não lhe façais nada. Eu é que pequei, querendo manchar-lhe a honra. O que ela fêz merece antes que a vida lhe seja conservada». A jovem heroína, aproveitando-se da tristeza em que se encontrava a família, escapou da casa e, de noite mesmo, foi refugiar-se na igreja de São Marcelo. Lá, atirando-se aos pés do rei Gontrão, contou-lhe o que acontecera. O príncipe a recebeu com bondade, concedeu-lhe não sòmente a vida, mas, em seu favor, expediu uma ordem pela qual declarava que a tomava sob sua proteção e proibia aos parentes do duque que a importunassem.

Enfim, o bom rei Gontrão — assim o chamavam os contemporâneos — morreu em 28 de março de 593, em Châlon-sôbre-o-Saône, onde foi sepultado na igreja de São Marcelo, que êle mesmo havia fundado. Com sua morte, o sobrinho Childeberto, rei da Austrásia, herdou-lhe o reino da Borgonha. A Igreja colocou o nome do rei Gontrão entre os dos santos e celebra-lhe a memória no dia 28 de março. Não quer dizer que tôdas as ações de sua vida tenham sido santas, porque houve algumas que expiou pela penitência. Mas quando pensamos que era o chefe dos francos, entre os quais o assassinato era como que um hábito e se compensava legalmente por algumas peças de ouro; quando relembramos as crueldades cometidas por todos os príncipes bárbaros que conhecemos pela história, um pouco pormenorizadamente, entre outros por seu pai e por seu irmão Childerico, sua bondade, sua piedade, sua caridade, têm algo de prodigioso. Vê-se aí como o elemento cristão trabalhava sem cessar no sentido

de corrigir a barbárie primitiva. É o temor de Deus, é o culto dos santos que detém o braço de Gontrão e lhe abranda o coração. São os bispos que o levam à clemência.

Vê-se de modo particular, pelo estudo atento de sua época, assim como das seguintes, que a felicidade consistia, para a humanidade, em que as igrejas e os mosteiros fôssem outros tantos asilos onde pudessem esconder-se à vingança do inimigo. Os francos estavam tão familiarizados com o assassinato dos próprios reis, que disseram a Gontrão: «Está ainda inteiro o machado que rachou a cabeça de teus irmãos, e êle atingirá a tua mais fàcilmente ainda». Por isso, Gontrão pediu ao povo, na igreja, que não o matasse como havia feito com seus irmãos, mas o deixasse viver ainda ao menos três anos. Que felicidade não seria para uma nação em que as mortes eram comuns, ter em cada igreja e em cada mosteiro um asilo inviolável onde se podiam refugiar os infelizes que temiam por sua vida! Imaginamos o zêlo dos bispos para manter êsses refúgios da humanidade. Hoje, que uma justiça regular vela pela segurança pública, êsses mesmos asilos não são necessários. Mas, naquela época, eram um bem imenso. Enfim, são os próprios asilos da religião, são os esforços da Igreja e dos bispos para mantê-los invioláveis, que pouco a pouco inspiraram às nações modernas mais respeito pela vida do homem.

* * *

BEM-AVENTURADA JOANA MARIA DE MAILLÉ (*)

Viúva

Joana Maria nasceu no castelo de La Roche, na diocese de Tours. Aos quinze anos, numa noite de Natal, Nossa Senhora apareceu-lhe, apresentou-lhe o divino Filho, recomendando-lhe que, constantemente, meditasse sôbre os sofrimentos da paixão.

Depois de uma gravíssima enfermidade, por um voto da mãe a São Tiago, viu-se curada. Consagrou-se, então, a Jesus Cristo.

Morto o pai, resolveu guardar a virgindade, mas Montbazon, o tutor, desejava vê-la casada. Redobrando as orações, deixou tudo nas mãos de Deus, e, no dia do casamento, morria-lhe aquêle que queria casá-la.

Ligada a um jovem virtuoso, o barão de Silly, acordaram ambos em viver na continência, santificando-se no exercício das mais sublimes virtudes.

Em 1362, morreu-lhe o marido, e Joana Maria, para melhor servir a Deus, retirou-se para Tours, onde passou a viver perto da igreja de São Martinho. Ali, naquele templo, que foi seu santuário predileto, a capela de Sant'Ana tornou-se seu oratório.

Joana Maria passou, então, a fazer obras de caridade. Visitava os doentes, principalmente os leprosos dos lazaretos. E, diz-se, a um dêles de tal maneira se dedicou, que lhe restituiu a saúde.

Sempre e sempre demandando a santificação, Joana Maria impunha-se rigorosas macerações. Freqüentemente, recorria ao uso de um grosso cinto de ferro, aos cilícios e às disciplinas. Dormir, dormia a boa viúva no chão, estendida sôbre a terra nua.

Depois de ter abandonado todos os bens materiais que possuía, para levar vida realmente de pobreza, vivia pelas igrejas, mendigava um pedaço de pão para as necessidades da subsistência e dormia nalguma choça abandonada.

As religiosas do Hospital de São Martinho de Tours, então, ofereceram-lhe um lugar de servente naquela casa, que Joana Maria, por espírito de humildade e de renúncia, aceitou. As outras serventes, todavia, antipatizaram com ela, e as religiosas do estabelecimento viram-se obrigadas a despachá-la. Abandonada, sem ter onde se abrigar, desprotegida, mas resignada e sempre confiante em Deus, pediu-lhe o amparo.

Deixando Tours, aceitando o oferecimento que lhe fizeram as religiosas de Beaumont, para aquela casa retirou-se. Os inimigos, também ali foram persegui-la, e Joana Maria, pouco depois, viu-se obrigada a partir, abandonar o quartinho que lhe haviam dado.

Fixou-se, então, num eremitério, o de Planche de Vaux, e ali viveu por muitos anos.

Cansada, esgotada, necessitou voltar a Tours. E, obtendo dos franciscanos, a permissão de se

retirar a um pobre casebre nas proximidades do convento em que professavam, ali viveu quieta e apagadamente, sempre com Deus no coração. Contava Joana Baria cinqüenta e cinco anos, e daquele retiro, fazendo da paixão de Jesus Cristo todo o objeto de sua meditação, converteu pecadores e obrou prodígios.

Um dia, Carlos VI passou por Tours e a bem-aventurada solicitou-lhe a graça de libertar os presos todos que se agoniavam na cadeia da cidade. Impressionado por aquela macerada figura, tocado, o rei concedeu-lhe o desejado, mas, depois que se foi, o Ministro da Justiça esqueceu-se dos presos e da promessa que o rei fizera à santa viúva. Joana Maria não se preocupou: orando ao Senhor com grande devoção, obteve de Deus que as portas do presídio por si mesmas se abrissem e dessem aos prisioneiros a liberdade que o rei lhes havia prometido.

Um dia, corria o ano de 1412, estava a bem-aventurada em Chatellerault. Na igreja de São Tiago, meditava sôbre os Atos do primeiro mártir, Santo Estêvão, quando um grande desejo de sofrer o mesmo suplício empolgou-a tôda. Quanto não sofrera o Santo ao ser lapidado? Por quais tormentos passara êle?

De repente, atirada por mãos invisíveis, uma saraivada de pedras principiou a cair sôbre ela, terrìvelmente. Sangue nenhum saiu-lhe do corpo, mas um abundante suor cobriu-a tôda, experimentando assim todos os tormentos da lapidação.

Depois daquilo, Joana Maria viveu por pouco tempo. Em 1414, com oitenta e dois anos, falecia,

revestida com o hábito de Santa Clara, com o qual foi sepultada na igreja dos franciscanos de Tours.

O túmulo que a abrigou foi objeto de veneração pública, e, à sua beira, curas miraculosas e inumeráveis tiveram lugar.

Pio IX, a 27 de abril de 1871, confirmou-lhe o culto.

* * *

SANTO ESPEU (*)

Abade e Confessor

Sôbre Santo Espeu, sòmente nos Diálogos de São Gregório, o Grande, encontramos alguns dados.

Santo Espeu, em 471, construiu um mosteiro em Campi, próximo de Núrcia. Homem provado, por quarenta anos viveu cego. Esclarecido de alma, a vida, com o Senhor no coração, transcorreu-lhe na maior alegria.

Um dia, estava então muito próximo do fim, restituiu-lhe Deus a vista, ao passo que lhe anunciava as derradeiras horas.

Recomendando-lhe o Senhor que fôsse pregar a palavra de vida nos mosteiros das redondezas, Santo Espeu, sempre com a alma leve e a cantar louvores ao Criador, desincumbiu-se ardorosa e zelosamente da missão que o Altíssimo lhe impusera no fim da vida.

Quinze dias depois, tornava ao seu mosteiro. E, reunindo os irmãos, diante de todos, contritamente, recebeu o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus

Cristo. E, a cantar salmos, acompanhado pelos religiosos, faleceu, entregou a Deus a alma, que, em forma de uma branca pombinha, viram-na todos, voando cèleremente, subiu aos céus.

Morto em 513, Santo Espeu é um dos protetores da diocese de Núrcia.

* * *

BEM-AVENTURADO TUTILON (*)

Confessor

Filho de conceituada família muito rica, Tutilon, desdenhando a brilhante carreira que lhe preparavam, preferiu as doçuras do claustro, a tranqüilidade da vida religiosa, e tomou o hábito na abadia de São Gall.

Poeta, orador, ótimo prosador, músico, pintor, e escultor, Tutilon era freqüentemente solicitado, no país ou fora dêle, tendo trabalhado, principalmente, em Metz e em Mayence.

Doce, muito amável, era querido de todos os que com êle privavam.

Disse dêle, um dia, o imperador Carlos, o Gordo, que lhe conhecia o talento e a cordialidade: «É pena que se enterre um homem daquele porte na obscuridade do claustro!»

Quão diverso era, então, o pensamento do bem-aventurado! E a modéstia, o mêdo, faziam-no fugir dos louvôres. Modêlo de regularidade no mosteiro, fora dêle era de um recolhimento impressionante. Sempre desdenhando os oferecimentos do mundo, notadamente as grandes vantagens que o imperador sempre lhe propunha, procurando atraí-lo para a côrte, Tutilon, santamente, calmamente, deixou o

século a 28 de março de 898, sendo enterrado na capela de Santa Catarina, capela que, anos mais tarde, tomou-lhe o nome.

————

No mesmo dia, São João de Capistrano, da ordem dos irmãos menores, confessor, celebrado a 23 de outubro. O **dies natalis** é 23 de outubro, mas Leão XIII, estendendo-lhe a festa na Igreja universal, fixou-a a 28 de março.

Em Jerusalém, Santo Hesíquio, também denominado Isice, confessor. Monge no deserto da Síria e padre de Jerusalém, donde era originário, consideram-no os gregos como um dos seus exegetas. Falecido no ano de 434, deixou, principalmente, um comentário sôbre o Levítico.

Na Ásia, Santo Hilarion, abade, que muito sofreu pelo culto das santas imagens, tendo falecido em 754.

Na Alsácia, Santa Cudelinda, abadêssa. Neta do duque da Alsácia, Alberto, foi educada e plasmada por Santa Odila, sua tia, que governava dois mosteiros: o de Hohenburgo e o de Niedermunster. Morta Santa Odila, Gudelinda foi abadêssa do último. Falecida em 750, teve o corpo venerado até 1542, ano em que o mosteiro, prêsa de um grande incêndio, desapareceu. Partes das relíquias da Santa, salvas, jazem em Molsheim e em Nossa Senhora dos Ermitães.

Na Sicília, São Conon, confessor. Filho de um soldado que viveu sob Rogério da Sicília, tornou-se religioso na ordem de São Basílio. Muito célebre

pelos milagres que operou, faleceu em 1236. Cultuado a 28 de março, 3 de junho e 1.º de setembro.

Em Sienne, o bem-aventurado Antônio Patrício, confessor. Religioso entre os ermitães de Santo Agostinho, governou o convento de Montalcino, onde, tido como santo, faleceu no ano de 1311. Em 1804, o papa Pio VII confirmou-lhe o culto imemorial.

No mesmo dia, em Cesaréia, na Palestina, festa dos santos mártires Prisco, Malco e Alexandre, que, durante a perseguição de Valeriano, moradores que eram de uma propriedade rural dos arredores da cidade, vendo que podiam obter a coroa do martírio, na cidade, animados do zêlo pela fé, vieram, livremente, procurar o juiz e lhe repreenderam a crueldade em derramar o sangue de tantos inocentes. No mesmo instante, como vingança ao nome de Jesus Cristo, mandou que fôssem expostos aos animais para serem devorados.

Em Tarso, na Cilícia, os santos mártires Castor e Doróteo.

Na África, os Santos Rogato, Sucesso e outros dezesseis mártires.

Em Roma, São Sixto III, papa e confessor.

* * *

29.º DIA DE MARÇO

SÃO JONAS E BARAQUÍSIO

Mártires na Pérsia.

No ano de 327, décimo-oitavo de seu reinado, Sapor, rei da Pérsia, entrou a arrasar igrejas e altares, a incendiar mosteiros e a perseguir cruelmente todos os cristãos de seu império. Quem quer que se recusasse a adorar o sol, o fogo, a água, era submetido a torturas indescritíveis. Havia dois irmãos igualmente virtuosos na cidade de Beth-Asa. Seus nomes eram Jonas e Baraquísio, isto é, Benedito-Jesus. Sabendo que os mártires eram torturados em determinado lugar, para lá se dirigiram. Chegados à cidade de Hubaham, encontraram na prisão grande número de fiéis, que dêles receberam palavras de encorajamento. E o resultado foi que alguns confessaram gloriosamente a fé e outros receberam a coroa do martírio. Êstes últimos foram em número de nove.

Ao saber da crença dos dois irmãos, chamou-os à sua presença e, de início, procurou com doces palavras persuadi-los a obedecer ao rei dos reis, isto é, ao rei dos persas e a adorar o sol, a lua, o fogo e a água. Os santos responderam: «Deveis respeitar

não sòmente o rei de quem recebestes o poder, mas ainda mais o que vos deu a sabedoria e a inteligência. Necessário vos é procurar primeiro quem é êsse Rei dos reis, soberano Senhor do céu e da terra, que fixa os tempos e os muda à sua vontade, cuja autoridade faz os juízes, e lhes dá poder para defender a verdade. Nós vos rogamos, pois, esclarecer a que rei devemos obedecer; se ao soberano Criador de tôdas as coisas, ou àquele que a morte dentro de pouco tempo reunirá aos antepassados?» Os príncipes dos magos sentiram-se extremamente irritados de ouvi-los dizer que o rei não era imortal, mas que um dia haveria de morrer. Fizeram com que fôssem preparadas varas cobertas de espinhos e separaram os irmãos. Benedito-Jesus ficou encerrado em uma prisão escura. Procuraram, então, com terríveis ameaças conseguir que Jonas sacrificasse ao fogo, ao sol, à água, segundo as ordens do rei. Foi tudo inútil. O chefe dos magos ordenou que o despissem, o amarrassem a uma estaca e o açoitassem até que as costas estivessem a nu. Durante todo o tempo do suplício, Jonas não disse outra coisa senão esta oração: «Eu vos rendo graças, Deus de Abraão, nosso pai, por o terdes prevenido por vossa misericórdia, por o haverdes feito sair dêste lugar e por nos terdes tornado dignos de saber, por êles, os mistérios da nossa fé. Agora, eu vos peço, Senhor, concedei-nos o que o Espírito Santo anunciava pela bôca de Davi, nosso pai, ou seja, oferecer-vos um holocausto perfeito». Por fim, exclamou em voz alta: «Renuncio ao rei idólatra e a todos os seus sequazes, que declaro ministros do demônio malvado. Renego ao sol, à lua, às estrêlas, ao fogo, à água. Ao contrário, creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo, a

quem confesso». Os juízes mandaram que lhe fôsse atada uma corda aos pés e o arrastaram para um tanque com gêlo a fim de lá ficar tôda a noite, com guardas para impedir que fugisse.

Após terem tomado a refeição e dormido um pouco, os príncipes dos magos fizeram com que Benedito-Jesus viesse à sua presença. Disseram-lhe que o irmão havia abraçado a religião dos persas. «Pois bem, respondeu o santo mártir, tanto mais louvarei a meu Deus, o Deus verdadeiro, que meu irmão ultrajou com sua apostasia, segundo me informais. Embora eu ache que estais mentindo, procurando com isso me atrair para vossas fileiras. Mas a verdade não o permitirá. Quem seria tão cego a ponto de crer convosco que há alguma coisa de divino no corpo material destinado ao serviço dos homens? Como, sem serem insensatos, poderíamos nós conferir ao fogo honras divinas, a êsse fogo que o soberano Criador fêz para utilidade dos mortais, pois vemos que todos o usam, tanto os pobres como os ricos?» O santo desenvolveu êsses pensamentos com tanta fôrça de eloqüência, que os magos, atônitos, comentaram entre si: «Não permitamos que fale em público. Se não, os adoradores do sol abandonarão nosso culto e nos tratarão de ímpios.» Resolveram, então, não interrogá-lo mais, a não ser durante a noite. Ao mesmo tempo, aplicaram-lhe em cada braço lâminas de ferro, ambas vermelhas de calor, dizendo-lhe: «Pela felicidade do rei dos reis, se fizeres uma dessas lâminas cair, diremos que renunciaste à fé dos cristãos. Respondeu o bem-aventurado mártir: Malditos demônios, ministros de um rei ímpio! Não! Por nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, não! Não temo o vosso fogo e

nenhuma dessas lâminas cairá! Eu vos conjuro, por Deus, reuni todos os vossos tormentos e apressai-vos em experimentá-los em mim.» A essas palavras, os juízes fizeram derramar-lhe chumbo derretido nas narinas, e nos olhos, após o que o conduziram à prisão, onde foi suspenso por um pé.

No dia seguinte, os magos mandaram chamar Jonas e lhe disseram: «Como estás? Pode ser que a noite passada tenha sido dura para ti, hem! Passaste-a sôbre um tanque de gêlo!» «Não, respondeu Jonas, asseguro-vos pelo Deus verdadeiro que minha alma espera ver, muito em breve, que não. Desde o dia em que nasci, nunca passei noite mais agradável e deliciosa. A lembrança de Cristo sofredor foi para mim um consôlo inefável». Os magos insistiram: «É necessário que saibas que teu irmão renunciou.» — «Sim, respondeu o mártir, sei de há muito tempo que renunciou ao demônio e aos seus anjos». «Toma cuidado, disseram-lhe os magos, para não morreres abandonado de Deus e dos homens». «Vós mesmos, vós que vos julgais sábios, dizei-me uma coisa. Não é melhor plantar o trigo, a conservá-lo no celeiro, sob o pretexto de preservá-lo das chuvas e das tempestades? A vida é como semente que o cristão lança à terra. Produzirá no mundo futuro, onde o Cristo a revelará em uma glória imortal.» Os magos lhe disseram: «Toma cuidado, toma cuidado, não abuses. Seus livros já enganaram muita gente.» — «É verdade, tornou o santo, que êles arrancaram muitas pessoas da volúpia do século, após tê-las feito experimentar com delícias as dores do Cristo sofredor. Desde que um cristão se inflamou uma vez do amor de Cristo moribundo, sôbre o lenho da cruz, esquece as rique-

zas, as honras, o ouro, a prata. Preocupando-se pouco com os reis e príncipes, suspira pela contemplação do único rei verdadeiro, cujo reino é eterno e cujo poder vai de geração em geração».

Vendo os juízes a constância inabalável do mártir, cortaram-lhe os dedos das mãos e dos pés, falange por falange, semeando-as, depois, uma ao lado da outra. Em seguida lhe disseram: «Estás vendo como semeamos teus dedos? Agora deves apenas esperar pela colheita, para colhêr grande número de grãos». — «Não peço grande número de mãos, respondeu Jonas. Deus, que me criou, me dará novas asas». Imediatamente, arrancaram-lhe a pele da cabeça, cortaram-lhe a língua e o atiraram à caldeira de pez fervente. Mas a pez derramou-se tôda imediatamente, sem causar dano nenhum ao mártir. Então os juízes o estenderam sôbre uma prensa de madeira e lhe quebraram os membros. Serraram-no, em seguida, atirando os pedaços dentro de uma cisterna sêca, deixando guardas para impedirem que viessem roubá-los.

Após haver terminado dessa maneira com o primeiro, os juízes ordenaram que Benedito-Jesus fôsse trazido à sua presença. Exortaram-no a ter piedade do próprio corpo. «Não fui eu que o fiz, não serei eu também que o perderei. Deus o criou e lhe dará a forma perdida. Mas vós, vós sereis castigados por vossa crueldade, vós e vosso rei insensato, que, ignorando seu Senhor e Criador, procura estabelecer leis ímpias, para ofendê-lo». Então o príncipe dos magos disse: «Nossa demora é uma injúria para o rei. Não se ganha nada com esta espécie de homens, nem com palavras, nem com tormentos». Encolerizados, ordenaram que o mártir

fôsse açoitado com juncos cujas pontas eram agudíssimas e que, em seguida, seu corpo fôsse coberto com pedaços de caniços que lhe seriam enterrados na carne com cordas as quais lhe apertariam o corpo; e que, quando estivesse furado de todos os lados, de modo que seu corpo desse a impressão de um porco-espinho, fôsse rolado por terra. Não foi tudo. Depois da horrível tortura, fizeram derramar-lhe na bôca pez fervente e enxôfre. Êste último suplício reuniu Benedito-Jesus a seu irmão Jonas. Um de seus amigos, chamado Abtuciatas, resgatou-lhes os corpos por quinhentas dracmas e três vestes de sêda, após ter-se comprometido, sob palavra, em nada dizer.

O autor das atas dêsses mártires, termina assim: Êste livro, escrito com base em declarações de testemunhas oculares, contém as atas dos santos mártires Jonas, Benedito-Jesus, Zebino, Lázaro, Marutas, Norses, Elias, Maharis, Sabas e Cembásio, mártires de Cristo, que defenderam seu nome em combate e obtiveram a vitória e a coroa. Possa participar de suas orações Isaías, Filho de Adab, de Erzoroum, cavaleiro do rei, que estêve presente ao julgamento dos mártires e foi encarregado de escrever o triunfo que obtiveram.

* * *

SÃO MARCOS DE ARETUSA (*)

Bispo e Confessor

Bispo de Aretusa quando do imperador Constantino, o Grande, São Marcos salvou a vida do príncipe Julião, depois apelidado o Apóstata, mal sabendo que, tempos mais tarde, repudiando a fé cristã, o novo governante procuraria, acirradamente, restabelecer o paganismo.

De posse do império, iniciou Julião uma surda e sistemática perseguição contra a Igreja, e Marcos viu-se obrigado a fugir. Sabendo, porém, que considerável número de religiosos havia sido prêso e que os do seu rebanho jaziam sem quem lhes assistisse, o santo bispo, corajosamente, tornou ao pôsto e enfrentou os perseguidores com grande desassombro.

Prêso, o bispo foi submetido a cruéis tormentos. Inflexível na fé, a tudo, com heroísmo, suportou, vencendo pela paciência e confiança em Deus os próprios atormentadores, que, admirados, acabaram por lhe dar a liberdade.

São Marcos, então, aproveitando-se daquela oportunidade, lançou-se de corpo e alma na conquista dos pagãos, dedicando-se todo inteiro ao árduo trabalho da conversão.

A morte encontrou-o, em 364, a batalhar pelo que se propusera.

* * *

SANTOS ARMOGASTO, ARQUINÍMIO E SÁTURO (*)

Mártires em 462

Genserico, de volta da expedição da Itália, principiou, na África, a perseguição contra os católicos. Armogasto, que uns autores citam como bispo, condes outros, prêso, foi entregue aos algozes.

Amarrado fortemente, Armogasto, erguendo os olhos para o céu, a Deus dirigiu curta, mas fervorosa oração. As cordas, então, que o prendiam, como frágeis fios de fina linha, romperam-se miraculosamente, livrando-o.

Embora surpreendidos, os carrascos, depois raivosos, ataram-lhe um dos pés e o suspenderam, deixando-o, a balançar, de cabeça para baixo. Armogasto, como se estivesse muito calmamente a descansar em tranqüila cama, sorria para os atormentadores.

Teodorico, filho de Genserico, que contemplava a cena, convencido de que nada se poderia obter com tais métodos, friamente ordenou aos verdugos que ao Santo lhe decepassem a cabeça.

Ora, ali se encontrava também um sacerdote ariano, que, temendo lhes fôsse o martírio desfavorável, conseguiu revogar a sentença de morte. E

Armogasto, de bispo ou conde, passou, indo para Cartago, a guarda de um grande rebanho de vacas. Morto, foi enterrado por um cristão chamado Felix.

Na mesma época de Genserico, vítima da mesma perseguição, Arquinímio, originário da Numídia, foi aprisionado e levado a renegar a fé que abraçara, e, como Armogasto, foi livre. Há, pois, os que não os consideram mártires e sim confessores.

Outro, Sáturo, na mesma ocasião, depois de inúmeros suplícios, foi relegado ao abandono, morrendo miserável, mas generosamente consagrado a Deus.

* * *

SANTO EUSTÁCIO (*)

Abade e Confessor

Eustácio era natural da Borgonha. Sobrinho de Miget, bispo de Langres, formou-se sob a direção de Columbano, em Luxeuil, ao qual seguiu no exílio.

Mais ou menos em fins do ano de 616, de volta a Luxeuil, foi feito abade. Santa Fare, então, cega, recuperou a vista: Eustácio fazia o primeiro milagre.

Todo empenhado em evangelizar os infiéis da região, acompanhado de Santo Aile, chegou até os varascos, ao longo do Doubs, povo que vivia, parte idólatra, parte herético. Convertendo o chefe Isério, a irmã dêste, edificada, acabou por fundar o mosteiro de Cusance.

Dali, passaram Eustácio e Aile a Baviera. E, em Meuse, Bassigny, hospedando-se na casa de um Gondoíno, viu Eustácio morrer-lhe a filha, Salaberga. Condoído com a desolação do hospedeiro, ressuscitou-lhe a jovem. E Aile, então prêsa de violentíssima febre, sentiu o poder que Deus dera ao companheiro de evangelização.

Jonas de Bobbio, que escreveu uma vida de Santo Eustácio, conta, então, detalhadamente, o que sucedeu com Agrestino, um antigo notário do rei

Thierry II. Tendo demandado Luxeuil, depois de ter distribuído tudo que possuía aos pobres, crendo-se com vocação de apóstolo, procurou o Santo. Separado da religião, cismático, Agrestino não foi recebido, e pôs-se, então, a criticar a regra de Columbano, ao que o Santo, respondendo eloqüentemente, disse: «Se vós persistirdes em combater nossas instituições, cito-vos no tribunal de Deus. Vós defendeis vossa causa contra Columbano; logo recebereis a sentença do justo juiz, do qual caluniais o servidor».

Próximo do fim, numa visão miraculosa, foi-lhe dado escolher: ou quarenta dias de lenta agonia ou trinta de cruéis sofrimentos. Santo Eustácio preferiu a mais dolorosa enfermidade, e faleceu em 625.

O corpo, que foi enterrado na abadia mesma de Luxeuil, transferiram-no, por volta do século X, para o convento das beneditinas de Vergaville, na Lorena, tendo desaparecido em 1670.

* * *

No mesmo dia, em Nápoles, outro Santo Eustácio, bispo e confessor. Êste foi o sétimo ou oitavo bispo de Nápoles, cujo culto foi confirmado por Leão XIII em 1884. Faleceu em 180.

Na Líbia, São Marcos de Atenas, confessor, que, diz-se, tendo sido, por noventa e cinco anos, ermitão na Líbia, faleceu com cento e vinte anos (século IV).

No País de Gales, São Gondleu, confessor. Filho de um rei daquele país, à morte do pai, compartilhou do reino com seis irmãos. Casado com Santa Gladys, filha de São Brycham, foi pai de São

Cadoc, o célebre fundador do mosteiro de Llan-Carvan. Operando milagres, faleceu em 500.

Na Baviera, Santa Diemode, reclusa, virgem. Depois de uma juventude santificada pela prática das virtudes, deixou o século, ingressando no mosteiro de Wessobrunn. Faleceu em 1115.

Na Saxônia, São Ludolfo, bispo e mártir, religioso da ordem dos premonstratenses. Elevado a Sé de Ratzsburgo, fundou na sua diocese o mosteiro de Rehna, e impôs a regra de São Norberto ao cabido da catedral. Opondo-se ao duque Alberto, foi prêso, acabando os dias no cárcere, em 1250.

Na cidade de Asti, São Segundo, mártir, em 119. Nobre, idólatra, convertido, foi batizado pelos Santos Faustino e Jovito. Condenado por Sapricio a cruéis torturas, foi decapitado sob Adriano. É o principal patrono de Asti, em cuja catedral jazem suas relíquias, veneradíssimas.

Na diocese de Viviers, os Santos Firmino, Aulo, Eumaco e Longino, bispos, confessores, no século VII.

Na Itália, a bem-aventurada Paula Gambara, viúva, falecida em 1505.

Em Sens, São Juery, bispo e confessor, desaparecido em 711.

Em Bitínia, Santo Eustathe, bispo (século VIII-IX). Bispo de Brousse, no Ponto Euxino, quando da heresia iconoclasta, foi enviado ao exílio, onde faleceu, depois de supliciado.

No Monte Carmelo, São Bertoldo, carmelo, confessor, desaparecido em 1188. Nascido em Limoges, estudou em Paris, estêve no Oriente, quando da segunda cruzada contra os infiéis. Saindo ileso

de terrível batalha, retirou-se ao Monte Carmelo, onde, depois de longos anos de quietude, faleceu santamente.

Em Poitiers, o bem-aventurado Guilherme Tempier, bispo e confessor. Faleceu em 1197, quando, então, inúmeros milagres ilustraram-lhe a sepultura.

Em Roma e em Florença, o bem-aventurado Estêvão IX (ou X), papa, desaparecido em 1058, filho de Gozelon, duque da Lorena, e de Junca, filha de Berengário II, último rei da Itália. Sagrado na igreja de São Pedro a 3 de agôsto de 1017, em presença dos cardiais, do clero e do povo, foi aclamado com grande ruído, com imensa alegria. Morto em 1058, teve magníficos funerais, sendo enterrado na igreja de Santa Reparata de Florença, ao lado de São Zenóbio, bispo daquela cidade. Inúmeros milagres tiveram oportunidade à beira do túmulo que o recebeu.

Em Nicomédia, os Santos Pastor, Vitorino e seus companheiros, mártires.

Em Heliópolis, no monte Líbano, sob Juliano o Apóstata, São Cirilo, diácono e mártir, a quem os pagãos abriram o ventre e lhe arrancaram o fígado, que comeram, como se fôssem animais ferozes.

* * *

30.º DIA DE MARÇO

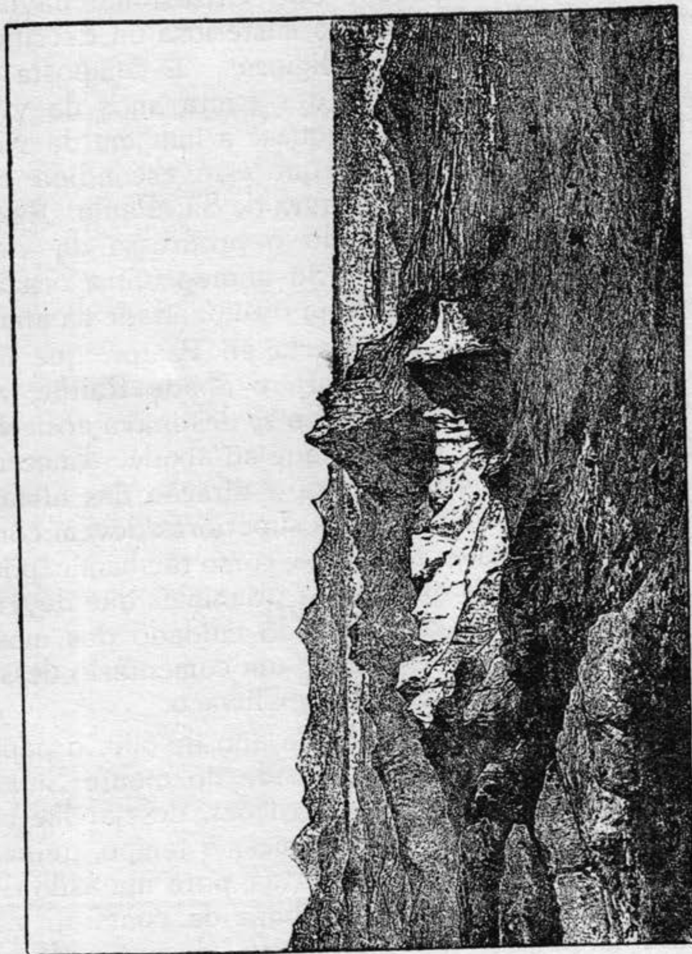
SÃO JOÃO CLÍMACO

João, nascido na Palestina, segundo as aparências, passou a juventude nos arredores do mosteiro de Sinai. Era muito instruído no conhecimento das ciências humanas. Com a idade de dezesseis anos, renunciou ao mundo para entrar em um mosteiro. Mas não fêz profissão, senão quatro anos depois. Teve, por mestre de disciplina monástica, um santo ancião chamado Martírio. Morrendo êste, sentiu desejos de abraçar a vida de anacoreta. Desceu, então, do monte Sinai, e retirou-se para a região que fica em baixo, na planície. A cela em que se abrigava, estava distante da igreja cêrca de duas léguas. Todos os sábados vinha, bem como todos os domingos, com outros solitários, assistir ao ofício e comungar, segundo o costume do Oriente. Ocupava-se com a oração, com trabalhos manuais, com meditação, sobretudo com a meditação da morte, que olhava como a inimiga do enfado e da preguiça. Comia de tôdas as coisas que a regra lhe permitia comer. Mas, em pequena quantidade. Dessa maneira, dominava a intemperança, comendo pouco, e a vanglória, comendo de tudo. Deus lhe concedeu o dom das lágrimas: êle as espalhava em segrêdo, e, com receio que os demais solitários o ouvissem chorar, reti-

rava-se para uma pequena gruta, ao pé da montanha. Lá fazia seus suspiros, gemidos e gritos alcançarem o céu. Empregava também boa parte do tempo na leitura dos livros santos e dos Padres, principalmente São Gregório de Nazianzo, São Basílio, Cassiano e São Nilo.

Embora desejasse viver isolado, não pôde recusar-se, às instâncias de um solitário chamado Moisés, de o tomar sob sua direção. O brilho de suas virtudes provocou a inveja de muitos. Não podiam admitir que fôssem consultá-lo em sua cela. Para evitar qualquer pretexto de escândalo, ficou um ano sem falar com ninguém. Os inimigos, reconhecendo-lhe a virtude, foram os primeiros a pedir-lhe que retomasse a vida anterior e os instruísse como aos demais. Admirado, então, por todos, dado o fulgor de suas virtudes, escolheram-no, por unanimidade, como diretor da vida espiritual. Voltou ao mosteiro de Sinai, aos 75 anos de idade, dos quais passara perto de quarenta no deserto.

Todavia, outro João, abade de Raithe, mosteiro vizinho do mar Vermelho, a algumas léguas de Sinai, pediu-lhe, tanto em seu nome, como em nome de sua comunidade, que escrevesse os pensamentos que o Espírito de Deus lhe ditasse com respeito à prática das virtudes, e os ajudasse com sua vasta experiência na vida espiritual. «Nós os receberemos, disse êste abade, como novas tábuas escritas pela própria mão de Deus, enviadas por vosso ministério a novos e espirituais israelitas saídas das agitações do mundo como dos abismos do mar Vermelho». Por espírito de obediência, São João Clímaco escreveu uma obra em duas partes. A primeira, que lhe mereceu o cognome de **Clímax** ou Escada, é a sua **Escada do**



Vista do Monte Sinai.

Paraíso, que escreveu, tendo por modêlo a que Jacó viu antigamente em sonho, aplicando, como São Gregório de Nazianzo e São Crisóstomo haviam feito antes dêle, essa escada misteriosa da Escritura à das virtudes cristãs e religiosas. É composta de trinta degraus, em honra dos trinta anos da vida oculta de Jesus Cristo, porque é a imagem da vida dos verdadeiros cristãos, que está escondida em Jesus Cristo, segundo a palavra de São Paulo. Êsses trinta degraus contêm todo o progresso da vida interior, desde a renúncia ao mundo até a oração mais sublime e a mais perfeita tranqüilidade da alma. A segunda parte é sua **Carta ao Pastor**, que êle escreveu principalmente para o abade Raithe, ao passo que a **Escada do Paraíso** se destinava aos religiosos do mosteiro mais do que ao abade. Encerra as instruções mais úteis para a direção das almas. Não sòmente ensina como os superiores devem conduzir-se para com os religiosos, como também expõe, em pormenores, as qualidades principais que devem ter os que estão incumbidos do cuidado dos mosteiros. O abade de Raithe fêz um comentário dessa obra tão célebre, de São João Clímaco.

No dia 1.º de setembro do ano de 600, o papa São Gregório escreveu ao abade do monte Sinai, para se recomendar às suas orações, desejar-lhe os bens eternos e enviar-lhe, ao mesmo tempo, quinze leitos com as respectivas cobertas, para um asilo de velhos que um isauriano acabara de construir na montanha. Após ter governado durante algum tempo seu mosteiro, São João Clímaco voltou para a solidão de onde o haviam tirado, para fazê-lo abade. Deixou como sucessor um irmão, que tinha o nome de Jorge, solitário da mesma montanha de Sinai, e

que passara setenta anos na prática de tôdas as virtudes. Quando São João se aproximou da hora derradeira, seu irmão veio vê-lo, vertendo copioso pranto e lamentando o fato de deixá-lo sem socorro. «Não te aflijas, respondeu-lhe o santo. Se tiver algum poder junto de Deus, não ficarás mais de um ano aqui no mundo». Jorge morreu, com efeito, dez meses após.

* * *

PROFETA JOAD (*)

Antigo Testamento

Era na época em que Jeroboão separara Israel de Judá, e estabeleceu, em Betel, um altar cismático.

«Enquanto Jeroboão estava sôbre o altar e lançava incenso, um homem de Deus, vindo de Judá, chegou a Betel, por ordem do Senhor. Chamando contra o altar, da parte do Senhor, disse:

«— Altar, altar! Eis o que diz o Senhor: «Na casa de Davi nascerá um filho, que se chamará Josias, o qual degolará sôbre ti os sacerdotes dos lugares altos, que agora queimam incenso sôbre ti, e queimar-se-ão sôbre ti ossos de homens».

«Ao mesmo tempo, como prova da verdade da sua predição, acrescentou:

«— Eis o sinal que vos fará saber que o Senhor falou: O altar se partirá, e a cinza que está por cima se espalhará».

«Tendo o rei ouvido as palavras do homem de Deus, que êle proferia em alta voz contra o altar em Betel, estendeu a sua mão do altar, dizendo:

«— Prendei-o».

«E logo a mão, que êle estendera contra o homem de Deus, secou, e êle não a pôde trazer a si. O altar também se partiu e espalhou-se a cinza, conforme o sinal que o homem de Deus havia dado em nome do Senhor.

«O rei disse ao homem de Deus:

«— Faze oração ao Senhor, teu Deus, e roga-lhe por mim, para que me seja restituída a mão».

«O homem de Deus fêz oração ao Senhor, e o rei trouxe a si a mão, ficando como antes era. Disse mais o rei ao homem de Deus:

«— Vem comigo à minha casa, e eu te darei presente».

«O homem de Deus respondeu ao rei:

«— Ainda que tu me desses metade da tua casa, eu não iria contigo, nem comeria pão, nem beberia água neste lugar, porque assim me foi mandado da parte do Senhor, que me ordenou: «Não comerás lá pão, nem beberás água, nem voltarás pelo caminho por onde fôste».

«Êle, pois, foi-se por outro caminho, e voltou pelo mesmo por onde havia ido a Betel.

«Ora, em Betel morava um velho profeta, com o qual foram ter seus filhos, contando-lhe tôdas as obras que o homem de Deus havia feito, naquele dia, em Betel, e referindo a seu pai as palavras que êle havia dito ao rei. Seu pai disse-lhes:

«— Por que caminho foi êle?»

«Os filhos mostraram-lhe o caminho por onde voltara o homem de Deus, que havia ido de Judá. Êle disse a seus filhos:

«— Aparelhai-me o jumento».

«Tendo-o êles aparelhado, montou nêle e foi após o homem de Deus. Encontrou-o sentado, debaixo de um terebinto, e disse-lhe:

«— Tu és o homem de Deus que vieste de Judá?»

«Êle lhe respondeu:

«— Sou eu mesmo».

«Êle lhe disse:

«— Vem comigo a casa comer pão».

«Êle respondeu:

«— Não posso voltar, nem ir contigo, nem comerei pão, nem beberei água neste lugar, porque o Senhor, com palavras de Senhor, falou-me, dizendo: «Não comerás pão, nem beberás água nesse lugar, nem voltarás pelo caminho por onde tiveres ido».

«O outro disse-lhe:

«— Eu também sou profeta como tu, e um anjo falou-me da parte do Senhor, dizendo: «Leva-o contigo a tua casa, para que êle coma pão e beba água».

«Enganou-o, e levou-o consigo. Comeu, pois, pão em sua casa e bebeu água.

«Estando à mesa, o Senhor falou ao profeta, que o tinha feito voltar. Êste profeta gritou ao homem de Deus, que havia vindo de Judá:

«— Eis o que diz o Senhor: «Porque não obedeceste à palavra do Senhor e não guardaste o mandamento que o Senhor teu Deus te havia imposto, porque voltaste, comeste pão e bebeste água, no lugar em que te mandou que não comesses pão, nem bebesses água, o teu cadáver não será levado ao sepulcro de teus pais».

«Logo que comeu e bebeu, o velho profeta aparelhou o seu jumento para o profeta a quem havia feito voltar. Indo êste no caminho, um leão saiu-lhe ao encontro e matou-o, e o seu cadáver ficou estendido no caminho; o jumento estava parado junto dêle, e o leão também ficou ao pé do cadáver. Ora, passando por ali uns homens, viram o cadáver, e foram e divulgaram isto na cidade onde morava aquêle velho profeta.

«Tendo ouvido isto, o profeta, que o havia feito voltar do caminho, disse:

«— É o homem de Deus, que foi desobediente à palavra do Senhor, e o Senhor o entregou a um leão, que o despedaçou e matou, conforme a palavra que o Senhor lhe havia dito.

«Depois disse a seus filhos:

«— Aparelhai-me o jumento.

«Aparelharam-no, e êle partiu e encontrou o cadáver estendido no caminho, com o jumento e o leão postos junto dêle; o leão não havia comido o cadáver, nem feito mal ao jumento. Pegou, então, o profeta no cadáver do homem de Deus, pô-lo em cima do seu jumento, e, voltando, levou-o à sua cidade para o chorar. Depositou o cadáver no seu sepulcro e pranteou-o, dizendo:

«— Ai, ai, meu irmão!»

«Depois do entêrro, disse êle a seus filhos:

«— Quando eu morrer, sepultai-me no sepulcro em que foi enterrado o homem de Deus, ponde os meus ossos junto dos seus, pois, com certeza, verificar-se-á o que êle predisse da parte do Senhor contra o altar, que está em Betel, e contra todos os

templos dos lugares altos, que existem nas cidades da Samaria» (1).

Como a Escritura, mesmo depois da falta dêste profeta, dá-lhe ainda o título de «homem de Deus», Santo Agostinho, bem como outros Padres, consideram-no um santo homem. Os gregos festejam-no no dia de hoje.

* * *

(1) 1 Reg. 13, 11-32.

SÃO RÉGULO (*)

Bispo

Segundo uma tradição, Régulo era de origem grega. Tendo feito uma viagem à Judéia, ali encontrou o apóstolo São João, que o converteu.

Enviado às Gálias pelo papa Clemente, trabalhou afincadamente na conversão dos habitantes de Arles, tendo sido, depois, escolhido como bispo daquela cidade.

Firmando-nos noutra tradição, vemos que os primeiros missionários que converteram os gauleses (século III) saíram de Roma, quando imperava Décio, e Trofímio, que evangelizou a cidade de Arles, ali fundou uma Igreja, sendo, então, o primeiro bispo: Régulo apareceria depois, e seria o sucessor daquele primeiro titular.

Morto, São Régulo foi enterrado na igreja de São Pedro e São Paulo, depois de trinta anos de episcopado. Milagres sem conta ilustraram-lhe o túmulo.

Quanto ao culto que se rende ao santo bispo, é muito antigo, e está mais ou menos ligado ao rei Clóvis, que, pondo-se após a sua conversão ao cristianismo, ocorrida em 496, ao serviço da ortodoxia romana contra o arianismo dos visigodos e dos bor-

guinhões, passou a ser apoiado pelos bispos, que o aclamavam.

Clóvis procurou organizar a sua monarquia independente de tôda e qualquer vassalagem, e a aliança com a Igreja cooperou para a grandeza daquele empreendimento do rei franco, uma vez que ajudou convertido a dar à Gália uma nova organização política.

Eleito em 481 chefe da tribo dos sálios, firmou-se pelas vitórias que foi obtendo: de Soissons, de Tolbiac, de Dijon, de Vouillé.

Foi, porém, antes da batalha de Tolbiac que o rei franco fêz voto de conversão, se Deus lhe concedesse a vitória almejada.

Assim, convertido, Clóvis passou a visitar os santuários do reino, e o renome de São Régulo chegou-lhe ao conhecimento. Sequioso das coisas de Deus, quis ouvir-lhe a história e os milagres. E, entusiasmado, ordenou que abrissem a sepultura que abrigava os santos restos, porque desejava levar consigo aquelas relíquias.

Um bispo, Laviano talvez, opôs-se enèrgicamente, fazendo ver ao rei que tal procedimento seria uma profanação. Clóvis, todavia, insistiu. E, firme naquela determinação, ordenou que se abrisse a tumba do santo bispo. E assim foi.

Aberta a sepultura, um suavíssimo perfume embalsamou todo o ar.

Clóvis, maravilhado, partiu com os santos restos, e um prodígio se deu: por mais que fizesse, não conseguia, alucinado que ficara, dar com o caminho que o levaria à côrte. Procurando o bispo, êste lhe disse que, restituídas ao túmulo as preciosas

relíquias, todo aquêle delírio desaparecia. Foi o que sucedeu.

Era, então, em Senlis, onde, segundo outra versão, supõe-se que São Régulo estivera: sob Diocleciano, novos missionários teriam deixado Roma, rumo à Gália; quando passaram por Arles, o santo bispo a êles se teria juntado, para ajudá-los na evangelização daquela cidade de Senlis, e ali falecera.

* * *

SÃO JOÃO, O DA CISTERNA (*)

Ermitão e Confessor

João foi educado, no conhecimento de Jesus Cristo, pela mãe. Era na época em que se desenrolava a perseguição do século IV, e, aconselhado por um desconhecido, que lhe apareceu na igreja em que, um dia, orava, o jovem fugiu para o deserto, obtido o consentimento materno.

A meio caminho, juntou-se a êle um anjo de Deus, que o guiou até um lugar onde uma cisterna se abria. Ali, por quarenta dias, João jejuou. Era em Kibrista, na Armênia.

Findo aquêle prazo, o anjo, aparecendo a um homem chamado Farmuto, egípcio, ordenou-lhe que ao jovem da cisterna levasse o que comer.

Agradado do lugar, o ermitão ali se deixou ficar. E Farmuto, encorajando-o, discorrendo sôbre a paciência, exortando-o, acabou por adverti-lo contra o demônio, que, naturalmente, haveria de o procurar, para o tentar.

Com efeito, o tentador, um dia, surgiu naquele êrmo, sob a aparência de um servidor da mãe do santo ermitão, dizendo-lhe que aquela necessitava de seus préstimos.

Seria, pergunta-se, para desviar o santo homem, encaminhando-o aos perseguidores? Ou para tirá-lo da vida que se propusera?

Seja como fôr, João venceu o demônio, permanecendo firme na determinação de não abandonar a solidão. Durante dez anos, tentou-o Satanás, em vão.

Um dia, apareceu naquelas paragens um novo personagem: Crísio. Soubera da vida que o santo ali levava e fôra visitá-lo.

João contou-lhe tôda a vida, e morreu nos braços daquele homem, que o sepultou piedosamente.

* * *

SÃO MAMERTINO (*)

Confessor

Mamertino nasceu perto de Auxerre, e era pagão.

Um dia, surgiu-lhe aguda dor num dos olhos, ao mesmo tempo que, na mão, um tumor passou a maltratá-lo cada vez mais.

Aos deuses, com fervor rogava e rogava — inùtilmente. E, de uma feita, abatido, tristíssimo, quando demandava o templo para implorar misericórdia, a meio caminho encontrou-se com um clérigo da Igreja de Auxerre. Chamava-se Savino, e, tanta tristeza vista num jovem, levou-o a se aproximar e, docemente, perguntar pela causa de tamanha taciturnidade num moço.

Mamertino entreparou, fixou o clérigo, e lhe contou o que se passava.

— Por que não procuras o bispo Germano? perguntou Savino ao sorumbático pagão. Êle te curará, se renunciares à idolatria.

Mamertino pôs-se a refletir naquilo que lhe dissera o clérigo. E, cheio de esperança, correu ao oratório de São Corcodêmio, ali passando tôda uma noite a orar. Teve, então, uma visão, que o levou a converter-se inteiramente.

No dia seguinte, foi procurar o santo bispo, que tendo, na noite mesma que Mamertino, idêntica visão, recebeu-o convencido da mudança havida naquela alma. Batizou-o, pois, e o jovem curou-se instantâneamente.

Consagrando-se a Deus, o novo convertido ficou sob a direção do abade Alógio, no mosteiro que o santo bispo Germano mandara construir próximo da cidade.

Quando Alógio faleceu, Mamertino sucedeu-o como abade. Sôbre sua conversão, o Santo mesmo, talvez a pedido de Germano, escreveu uma narração.

Falecido em 462, foi substituído, no govêrno do mosteiro, por um discípulo, Mariano, que viera de Berry.

* * *

SÃO ZÓSIMO (*)

Bispo e Confessor

Nascido na Sicília, Zósimo, com sete anos, foi levado ao mosteiro de Santa Lúcia, em Siracusa, pelos pais. Era, então, abade daquela casa, o bom Fausto, que o recebeu com carinho.

Diante de tanta virtude, o abade, um dia, encarregou o novo membro da comunidade da guarda do túmulo da santa mártir Lúcia.

Zósimo sentia imensas saudades da família. E, uma noite, às escondidas, saudosíssimo, deixou o mosteiro e partiu.

Quando chegou, os pais admiraram-se de vê-lo de volta, e, interrogando-o, descobriram que o filho deixara o mosteiro sem consentimento superior. Imediatamente, encaminharam-no ao abade. E Zósimo, que do abade Fausto esperava dura repreensão, recebeu excepcional carinho.

Naquela noite, Santa Lúcia apareceu-lhe em sonhos. E, recriminando-lhe a falta de constância, a infidelidade, fêz com que o santo se compenetrasse do seu estado.

Desde aquela época, Zósimo tornou-se humilde, recolhido, zeloso e penetrado de maior espírito de

desprendimento. Modêlo de regularidade e de obediência, à morte de Fausto, continuou como guarda do túmulo da santa mártir que vira em sonhos.

Segundo o costume daqueles tempos, desaparecido o superior, os religiosos iam procurar o bispo, para que êste lhes desse novo abade.

Quando João, o bispo, os recebeu a todos, e a todos examinou detidamente, perguntou:

— Viestes todos? Não falta ninguém?

— Não, responderam êles.

O bispo insistiu:

— Todos?

Responderam:

— Há um irmão ainda no mosteiro, que guarda o túmulo de Santa Lúcia.

— Trazei-mo aqui! ordenou o bispo.

Assim que Zósimo chegou, João, inspirado por Deus, disse:

— Eis aí aquêle que o Senhor escolheu para ser vosso abade.

E, imediatamente, conferiu-lhe o sacerdócio.

São Zósimo foi abade sábio, prudente, moderado, doce, mas enérgico.

À frente do mosteiro de Santa Lúcia de Siracusa, ficou o Santo por quarenta anos, e, quando Pedro, o bispo que sucedera aquêle que a Zósimo conferira o sacerdócio, morreu, o nosso Santo foi visto como o novo prelado.

E assim foi. Sagrado em 647 por Teodoro, que então se assentava, em Roma, na cátedra de Pedro,

o Apóstolo, o novo bispo se ocupou do rebanho que Deus lhe dera por treze anos — treze anos passados na mais estrita vigilância, a exercer uma caridade sem limites, a pregar as santas verdades, a praticar a pobreza.

Falecido a 30 de março, ou, segundo querem alguns, a 21 de janeiro, de 662, é o Santo invocado, particularmente, contra a peste.

* * *

BEM-AVENTURADO JOAQUIM DE FLORE (*)

Confessor

Joaquim nasceu na Calábria. Pajem de Rogério da Sicília, temeu os perigos do mundo. Resolveu, então, deixar o século.

Depois de uma peregrinação à Terra Santa, de volta à pátria, fêz-se monge cisterciense, recebendo as santas ordens.

Fixado no convento de Sambucina, transferiu-se, tempos depois, para o de Corazzo, do qual foi abade.

Separando-se dos cistercienses, procurou, com alguns companheiros, as mais afastadas montanhas da Calábria, e ali fundou a congregação de Flore.

Das obras que escreveu, numa delas discorreu sôbre uma próxima regeneração da Igreja pelo advento do reinado do Espírito Santo. Censor incansável do clero secular, o seu sistema, infelizmente, vinha de uma errônea concepção do dogma da Santa Trindade, sistema que, é claro, não poderia escapar das condenações do concílio de Latrão.

Próximo da morte, humildemente, submeteu todos os trabalhos ao sumo pontífice, fazendo uma profissão de fé.

Faleceu docemente em 1202, no convento de São Martinho Canale, uma de suas fundações, sendo, mais tarde, transferido para a abadia de Flore.

No mesmo dia, em Roma, na via Ápia, a paixão do bem-aventurado Quirino, pai de Santa Balbina, virgem. Tribuno, o papa Santo Alexandre, ao qual tinha sob sua guarda, batizou-o, bem como a todos os de sua família. Quando do imperador Adriano, Quirino foi levado ao juiz Aureliano. Firme na fé que abraçara, foi levado ao cavalete, depois de ter a língua cortada. Cortados também os pés e as mãos, gloriosamente, sob a espada, subiu para o Senhor. Balbina teve a mesma sorte. Recolhidos pelos cristãos daqueles sombrios tempos (século II) foram, pai e filha, sepultados no cemitério de Pretextato. Ano 120 ou 130. São Quirino é invocado contra a paralisia, reumatismos (mãos e pernas) e dores de ouvidos.

Em Verden, na Saxônia, São Patton, bispo e confessor. Patton, cujo nome latino é **Pacificus,** era escocês de origem (querem alguns que irlandês). Monge de Amorbach (ou Amarbaric), depois abade, foi bispo de Verden, sucedendo a Tanton. Faleceu em 788.

Em Hainaut, São Vernon, confessor, quando da invasão dos normandos, que, como piratas, atacaram as costas da Alemanha ocidental, da França, da Grã-Bretanha, da Irlanda e até da Itália. O culto de São Vernon tornou-se célebre quando, em 1004,

encontraram-lhe o corpo em Lambecq-lez-Hal. Mais tarde, transladaram-no para a igreja de Santa Vaudru de Mons.

Na Frísia, o bem-aventurado Dodon, confessor, que, casado, retirou-se do século com a espôsa e a mãe, indo colocar-se sob os premonstratenses de Mariagarden, onde serviu a Deus. Faleceu em 1231.

Em Assis, o bem-aventurado Morico, da ordem dos Crucíferos, confessor. Falecido em Orvieto no ano de 1236, é honrado como bem-aventurado pelos irmãos menores. São Boaventura fêz-lhe o elogio na «Vida de São Francisco de Assis».

Na Tessalônia, os santos Domino, Vítor e seus companheiros mártires.

Em Constantinopla, memória de vários santos mártires e da comunhão católica, que o herege Macedônio fêz morrer, ao tempo do imperador Constâncio, com suplícios até então desconhecidos. Entre outras crueldades, dilaceraram os mamilos das mulheres cristãs, apertando-os sob as tampas de cofres, e queimando-os em seguida com ferros quentes.

Em Aquino, São Clínio, confessor.

* * *

31.º DIA DE MARÇO

O BEM-AVENTURADO NICOLAU DE FLUE

Ainda hoje, na região de Unterwald, na pequena igreja de Saxlen, sob o altar-mor, vê-se o esqueleto de um homem coberto de ouro e de diamante, trazendo ao pescoço as condecorações de várias ordens militares, entre outras as da cruz de São Luís e a cruz de honra. É um guerreiro suíço do século 15, que lutava com o têrço em uma das mãos e a espada na outra, e que, após ter deixado as armas, salvou da ruína tôda a confederação. As ordens modernas das quais tem as insígnias são as condecorações que seus descendentes ganharam do serviço estrangeiro. Êsse homem é chamado por seus compatriotas irmão Klaus. É o bem-aventurado Nicolau de Flue, que a Igreja celebra comumente no dia 22 de março.

Descendia de família de bons e piedosos pastôres, na qual se transmitiam, de pai a filho, as antigas virtudes dos suíços e que gozava há muitos séculos da estima e do respeito dos concidadãos. Seus pais gozavam de certo bem-estar honesto. Eram comedidos e temiam a Deus. Fizeram o que haviam feito seus pais e avós; permaneceram firmemente

ligados à fé da Igreja, e submissos às autoridades. Educaram os filhos em tudo o que era bom e tomaram conta do pequeno rebanho com cuidados únicos. Depois, descansaram tranqüilamente no Senhor e foram para Deus cheios de confiança, porque tinham andado em sua presença tão fielmente como os patriarcas às margens do Jordão.

O jovem Nicolau cresceu sob tal tutela e, como velhos de setenta anos recordavam após sua morte, sempre se mostrara criança piedosa e obediente, observadora fiel dos conselhos dos pais, amante da verdade, doce e afável para com todos. O que o distinguia dos homens comuns, foi, desde a infância, a tendência de seu espírito, sempre voltado para a fonte suprema do bom e do belo. Os que o rodeavam notaram, mais de uma vez, que após o trabalho rude de tôda uma jornada nas pradarias, quando voltavam para casa, desaparecia e ia rezar em qualquer lugar escondido. Seu espírito o levou muito cedo a mortificar o corpo, para poder entregar-se sem distrações às mais altas contemplações. Quando alguém, por benevolência, o advertia a não arruinar a saúde na juventude com jejuns tão fortes, respondia com doçura que tal era a vontade de Deus, para com êle.

Apesar da devoção fervorosa e austera, não se encontrava jamais triste nem sombrio, mas sempre alegre e afável. Cumpria todos os deveres de sua condição. Aos vinte e três anos de idade, a chamado dos magistrados, empunhou as armas na campanha de Zurique. Quatorze anos mais tarde, fêz a mesma coisa, quando da ocupação da Turgóvia, onde comandou, como capitão, uma companhia de cem homens. Demonstrou tanta bravura nessa guerra,

que o país o condecorou com uma medalha de ouro. Um fato dos mais honrosos da mesma expedição é o mosteiro do vale de Santa Catarina reverenciá-lo ainda hoje como seu libertador. Graças às exortações suas, os suíços não atearam fogo ao mosteiro, para nêle matarem os inimigos. Êstes, por si mesmos, o abandonaram em seguida. Á guerra, Nicolau levava em uma das mãos a espada, em outra o rosário. Mostrou-se, sempre e ao mesmo tempo, guerreiro destemido e cristão misericordioso, protegendo as viúvas e os órfãos, e não permitindo que os vencedores se entregassem a atos de violência com os vencidos.

Atingindo a idade adulta, Nicolau casou-se, para obedecer aos pais. Escolheu por espôsa uma das mais virtuosas virgens de sua terra, chamada Dorotéia. Viveram juntos em união e em paz. Tiveram filhos, cinco meninos e cinco meninas, dos quais se originou grande e honrada família, que jamais esqueceu a memória dos antepassados. Existem ainda descendentes do bem-aventurado irmão Nicolau. Levou tão a sério a educação dos filhos que um dêles, enquanto o pai ainda era vivo, chegou à mais alta dignidade do país, e outro a obteve após a morte. Um terceiro, que estudou em Basiléia e em Paris, tornou-se cura de Saxlen. Nicolau foi eleito, por unanimidade, governador e juiz de Obwalden. Sabemos por sua própria bôca qual foi seu modo de agir nesse cargo importante. O cura Henrique Im Grund, seu amigo e diretor espiritual, revelou um dia, após sua morte, o que lhe dissera certa vez com respeito a êle: «Recebi de Deus, em partilha, um espírito reto. Fui muitas vêzes consultado nos negócios da pátria. Pronunciei também várias sentenças,

Mas, com a graça divina, não me lembro de ter agido contra a consciência. Jamais fiz distinção entre as pessoas e nunca me afastei dos caminhos da justiça». O alto cargo lhe foi concedido por assembléia do país, repetidas vêzes. Mas êle temeu essa grande responsabilidade e, sem dúvida, sentia também que Deus lhe havia reservado algo de maior. Nicolau de Flue vivia assim, havia cinqüenta anos, para o bem da pátria e da família, quando em 1467 grande mudança se operou em sua existência.

Enquanto cumpria fielmente todos os deveres que a condição lhe impunha, sentiu no interior crescer-lhe o desejo de levar uma vida mais alta com Deus, na solidão. Eis o testemunho de seu filho mais velho: «Meu pai sempre ia dormir à mesma hora que os filhos e os criados. Mas, tôdas as noites, eu o via levantar-se novamente e rezar no quarto, até a manhã». Repetidas vêzes assim procedeu, no silêncio da noite, na velha igreja vizinha de São Nicolau, ou em outros lugares sagrados. Êsses aprazíveis passeios eram para êle as horas mais felizes da vida. O que o levou mais e mais a ceder ao impulso interior de não viver senão na contemplação das verdades eternas, foram as freqüentes visões milagrosas, em que Deus conseguiu prendê-lo. Assim, um dia foi a uma de suas propriedades, Bergmatt, visitar o rebanho. Ajoelhou-se na relva e começou, como era seu hábito, a rezar do fundo do coração e a considerar as maravilhas da graça divina.

Foi então que Deus lhe concedeu esta visão. Viu um lírio perfumado, branco como a neve, sair-lhe da bôca e elevar-se até o céu. Enquanto se deliciava com o perfume e a beleza da flor, o rebanho veio a êle correndo. Entre os animais havia um

cavalo muito bonito. Voltando-se para êle, o lírio se inclinou para o lado do cavalo e êste o agarrou, arrancando-o da bôca. Nicolau, então, compreendeu que suas riquezas não se encontravam na terra, mas no céu; e que os bens celestes lhe seriam tirados, se deixasse que o coração se agarrasse às coisas terrenas. Outra vez, quando se entregava aos afazeres domésticos, viu vir a êle três homens de aspecto semelhante e agradável, cujas maneiras e palavras não transpiravam senão virtude. Um dêles começou a interrogá-lo desta forma: «Dize-nos, Nicolau, queres entregar-te, corpo e alma, ao nosso poder?» — «Não me entrego a ninguém, a não ser a Deus todo-poderoso, que há muito tempo desejo servir com corpo e alma», respondeu. A essas palavras os desconhecidos voltaram-se um para o outro e, sorrindo, lhe disse o primeiro: «Já que te entregaste todo a Deus e com êle te comprometeste para sempre, prometo-te que, com a idade de setenta anos, serás libertado das penas dêste mundo. Permanece firme na resolução, pois, e levarás para o céu uma bandeira vitoriosa, para a milícia de Deus, se carregares com paciência a cruz que te deixamos». Após essas palavras, os três homens desapareceram.

Essa aparição e outras semelhantes firmaram em Nicolau, mais do que nunca, a resolução de deixar o mundo. Acabou declarando-a à virtuosa espôsa e pediu-lhe que lhe desse, por amor a Deus, permissão para cumprir o chamado que Deus lhe apresentava. Ela consentiu com resignação tranqüila e Nicolau se pôs, então, a dispor tudo em sua casa. Deixou para cada um parte da herança. Em 1467, reuniu tôda a família, o velho pai septuagenário, a espôsa, os filhos, os amigos. Apareceu

diante dêles com os pés descalços e a cabeça descoberta, vestido sòmente com longa roupa de peregrino, tendo o bastão e o têrço à mão. Agradeceu-lhes tudo o que por êle haviam feito, exortou-os pela última vez a temerem a Deus acima de tudo, a não se esquecerem dos seus mandamentos. Depois, deu-lhes a bênção e partiu. Várias vêzes, por seu comportamento testemunhou como essa separação lhe havia sido dolorosa, agradecendo sempre a Deus, acima de tudo, o tê-lo tornado capaz de colocar acima do amor que dedicava à espôsa e aos filhos, o amor divino.

Nicolau colocou-se calmamente a caminho da região a que Deus queria conduzi-lo. Não queria ficar na sua terra, temendo tornar-se objeto de escândalo e ser tomado por um impostor que se dava aparências de santidade. Através de vales férteis e de florestas verdejantes de sua terra, chegou aos limites da confederação, lugar de onde podia ver, do outro lado, a pequena cidade de Liestal. Lá teve uma visão empolgante. A cidade, com casas e tôrres, pareceu-lhe rodeada de chamas. Amedrontado com êsse espetáculo, olhou ao seu redor e se entreteve com um camponês que encontrou em uma propriedade rural. Era um bom e honesto homem, ao qual, após muito tempo de conversa, revelou sua decisão, rogando-lhe indicar um lugar retirado onde pudesse cumpri-la. O bom homem achou que se tratava de resolução boa e louvável, mas aconselhou-o a recolher-se em sua pátria, porque os confederados não eram sempre bem acolhidos. Poderiam, acrescentou, vê-lo com maus olhos e perturbar-lhe o retiro. Ademais, havia muitos lugares desertos na Suíça, onde poderia servir a Deus em

paz. O irmão Nicolau agradeceu ao hospedeiro o conselho e, na mesma tarde, partiu de volta para seu país. Passou a noite em um campo, ao ar livre, rezando, pedindo a Deus que o iluminasse acêrca do objetivo de sua peregrinação. Depois dormiu, com o coração triste. Mas eis que tudo, repentinamente, à sua volta se mostrou banhado de claridade estonteante. Parecia-lhe que algo o reconduzia à pátria. Essa claridade sobrenatural lhe penetrou no interior, e fê-lo sofrer, como se tivesse sido ferido com uma faca.

Depois da visão que teve nesse lugar onde hoje existe uma capela com seu retrato, Nicolau, durante os vinte anos que ainda viveu, não tomou outro alimento nem outra bebida que a santa eucaristia, a qual recebia todos os meses. Isso aconteceu mediante a graça de Deus todo-poderoso, que criou do nada o céu e a terra e pode conservá-los como lhe apraz. Êsse milagre, como diz João de Muller, historiador da confederação suíça, foi examinado durante sua vida, contado ao mundo, transmitido à posteridade pelos contemporâneos e tido como incontestável, mesmo após a mudança de confissão religiosa.

No dia seguinte pela manhã, irmão Nicolau levantou-se e partiu, no mesmo dia, sem se deter em lugar nenhum, para sua terra natal, Melchthal. Como tinha feito voto de pobreza perpétua, não entrou em casa; dirigiu-se a uma de suas pastagens, chamada Kluster. Construiu uma pequena cabana de ramos e de folhagens, sob uma árvore colossal, em meio a espêsso tecido de espinhos. Lá ficou, sem que ninguém o soubesse, até o oitavo dia, não comendo nem bebendo, mas absorto na oração e

na meditação das coisas divinas. Foi então que alguns caçadores o descobriram, perseguindo uma caça nesse lugar. Falaram com seu irmão, Pedro de Flue, que veio suplicar-lhe não se deixar morrer de fome, em solidão tão selvagem. Irmão Nicolau convidou-o a não importuná-lo na sua quietude, porque até aquêle instante não havia experimentado nenhum mal.

Entretanto, para não dar a impressão de estar tentando a Deus, chamou secretamente um sacerdote, o venerável cura de Kerns, Oswaldo Isner. Êste, após a morte do eremita, deu o seguinte testemunho, que pode ser lido no livro da paróquia de 1488: «Quando Nicolau começou a se abster de alimentos naturais e, assim, passou onze dias, mandou alguém procurar-me e perguntou-me secretamente se devia tomar algum alimento ou continuar como estava fazendo. Havia sempre desejado poder viver sem comer, para se separar do mundo com mais facilidade. Toquei-lhe alguns membros, nos quais não restava senão um pouco de carne. Eram quase que só pele. As faces estavam encovadas, os lábios emagrecidos. Quando vi e compreendi que aquilo não poderia vir de outra fonte que o amor divino, aconselhei-o a persistir naquela prova tanto tempo quanto a pudesse suportar sem perigo de morte, pois Deus o havia sustentado onze dias sem alimento algum. Foi o que o irmão Nicolau fêz. Desde êsse momento até à morte, isto é, por vinte anos e meio, continuou a não tomar alimento corporal algum. Como o piedoso irmão fôsse mais familiarizado comigo, talvez, do que com qualquer outra pessoa, várias vêzes o massacrei com perguntas e lhe fiz insistentes rogos, para que me revelasse como podia

conservar as fôrças. Um dia, em sua cabana, disse-me, em caráter estritamente confidencial que, quando assistia à missa e o sacerdote comungava, recebia uma fôrça que lhe permitia viver sem comer e sem beber. Simplesmente isso. Não sabia explicar mais nada».

Quando a notícia dessa vida milagrosa se propagou, uma multidão de pessoas acorreu de tôda parte, para ver o homem que Deus havia honrado com tal graça, e para se convencer, vendo-o com os próprios olhos. Poder-se-ia imaginar que nenhum lenhador fôsse abater alguma árvore nesse rincão, que nenhum pastor visitasse aquêles pastos, sem procurar o entretenimento do maravilhoso habitante da solidão. Tal não se deu. A vida se lhe tornou de tal modo perturbada, que êle quis procurar outro refúgio, mais isolado, e menos acessível aos homens. Após ter percorrido, com êsse fim, vários vales dos mais selvagens, viu, por fim, por sôbre uma garganta sombria, através da qual o Melk se precipita rugindo, descer do céu quatro luzes resplandescentes, como se fôssem círios iluminados. Obedecendo a êsse sinal da vontade de Deus, construiu uma pequena cabana rodeada de pedras, situada a apenas um quarto de légua de distância da casa de sua espôsa e dos filhos. Mas nesse mesmo ano, os habitantes de Obwalden, edificados com sua santa vida, e, sabendo por tôda a sua vida passada que êle não era nem um entusiasta, nem um impostor, construíram-lhe uma capela pequena, de acôrdo com seu gôsto, e lha deram de presente, para lhe demonstrarem a admiração de que estavam possuídos. Irmão Nicolau entrou nessa nova morada e conti-

nuou servindo a Deus com tôdas as fôrças do corpo e com tôda a alma.

Todavia, a fama de sua vida extraordinária e sobrenatural, ressoou longe, e muitos homens se recusaram a crer que um homem pudesse viver assim tão milagrosamente, com apenas a graça de Deus. Enquanto êstes lhe olhavam a vida como um fingimento, muitos outros lhe deram crédito. Querendo verificar o fato, os magistrados enviaram guardas, que durante um mês ocuparam, dia e noite, tôdas as vias de acesso dêsse retiro, a fim de que ninguém lhe levasse víveres.

O príncipe-bispo de Constança usou de outro recurso: enviou para lá o bispo de Ascalon, com ordem de nada negligenciar, a fim de obter certeza completa dos fatos que lhe haviam relatado, e para desmascarar o impostor, se fôsse o caso. O bispo dirigiu-se a Saxlen, benzeu de início a capela ao lado da cela de Nicolau, depois entrou na morada do piedoso solitário e lhe perguntou qual era a primeira virtude do cristão. Irmão Nicolau respondeu: A santa obediência. «Pois bem, retrucou o bispo imediatamente, se é a obediência o que há de mais meritório e melhor, ordeno-te, por fôrça dela, que comas êstes três pedaços de pão, e que tomes êste vinho bento de São João. Nicolau pediu ao bispo que o dispensasse dessa obrigação, porque tal lhe seria excessivamente penoso e doloroso. Pediu-lho com insistência. Mas o bispo não quis ceder. Irmão Nicolau obedeceu. Apenas havia comido um pouco de pão e tomado um pouco do vinho, sobreveio-lhe forte dor de estômago; chegou-se a temer que morreria. O bispo, assustado e confuso, pediu-lhe desculpas e declarou que o que acabara de fazer fôra

pelo bispo de Constança, que queria experimentar, pela obediência do irmão, se seu procedimento era de Deus ou do demônio.

O arquiduque Sigismundo da Áustria enviou também seu médico, o sábio e hábil Burcardo de Hornek, a fim de que observasse atentamente Nicolau durante vários dias e várias noites. Frederico III, imperador da Alemanha, enviou também delegados para o examinarem. Mas tôdas essas investigações e pesquisas não serviram senão para confirmar a verdade. Todos os que o visitaram ficaram de tal modo tocados da piedade e da humildade do servo de Deus, que tôdas as suas dúvidas se desvaneceram, e êles se foram cheios do mais profundo respeito, para anunciar o milagre a tôda a cristandade. Nicolau jamais se vangloriou. Acreditava que Deus lhe havia feito um bem, lhe havia concedido uma graça maior, tornando-o capaz de triunfar sôbre o amor-próprio, dando-lhe consentimento para renunciar ao mundo, e não lhe deixando experimentar muito vivamente o desejo de retornar para junto dos seus. Quando lhe perguntavam como podia viver sem comer, tinha por costume responder: «Deus o sabe!»

Para constatar o fato dessa vida extraordinária, inscreveu-se nos arquivos de Saxlen o seguinte: «Faça-se saber a todos, e a cada um em particular, que no ano de mil quatrocentos e vinte e sete, vivia um homem de nome Nicolau de Flue, nascido e educado na montanha, na paróquia de Saxlen, que abandonou pai e irmão, mulher e filhos, cinco homens e cinco mulheres, e se retirou para a solidão chamada Ranft, onde se sustentou sem alimento nem bebida até o dia de hoje, em que êste fato é escrito,

isto é, durante dezoito anos. Foi sempre de espírito esclarecido, de vida sã, o que vimos e sabemos ser verdade. Rogamos, pois, que, libertado da prisão desta vida, seja conduzido ao lugar onde Deus enxuga as lágrimas aos olhos de seus santos».

O bem-aventurado Nicolau de Flue vivia assim, calmamente, na solidão, pela glória de Deus e pela salvação dos homens. Sòmente aos domingos e nos dias de festa abandonava a cela e assistia, como tôdas as crianças da paróquia, ao ofício divino, na igreja de Saxlen, não querendo em nada ser tratado diferentemente dos outros. Da mesma forma, viam-no ir anualmente a Luzerna, para a grande procissão, e visitar os lugares de célebres peregrinações, assim como aquêles onde a Igreja concedia alguma indulgência. Quando a caminhada se lhe tornou pesada, por causa da idade, e os dons das pessoas piedosas lhe permitiram estabelecer naquele êrmo o serviço de um capelão, ouvia todos os dias a missa em sua própria capela. Confessava-se e recebia a santa comunhão três vêzes por mês.

De resto, todos os seus dias se assemelhavam, correndo na mais profunda paz, que não podiam ser atribulados pelas paixões baixas dos homens carnais. Tão elevados eram os cumes dos montes de sua terra, que freqüentes vêzes o sol brilha lá em cima, enquanto nuvens espêssas, aos seus pés, cobrem os vales.

Consagrou ao serviço de Deus todo o tempo que mediava entre meia-noite e meio-dia. Era nessa hora que rezava, que considerava a misericórdia de Deus no govêrno do gênero humano. Era então que meditava antes de tudo na vida e na paixão de Jesus Cristo nosso Salvador, que, como êle dizia, lhe

comunicava uma fôrça milagrosa, alimento sobrenatural. Não possuía livro nenhum. Mas, eis aqui, entre as orações que lhe evolavam do coração, a que não deixava de rezar um só dia que fôsse:

«Senhor, afastai tudo quanto me afasta de vós! Senhor, concedei-me o que possa levar-me a vós! Senhor, elevai-me a mim próprio e dai-me todo a vós!»

O motivo dessa oração tão curta, ou seja, o desejo de tornar-se continuamente mais semelhante a Deus, de tornar-se como o Pai que está nos céus, era o único objetivo de tôda sua vida.

Freqüentes vêzes, no meio das orações e das meditações, o ardor da contemplação o transportava para um mundo superior. Diante dessa luz viva, seus olhos corporais se fechavam, os olhos interiores da alma se abriam, seus olhares penetravam nesse mundo em que fulgura a magnificência divina. Nessas horas de êxtase, em que sua alma vigiava, parecia, exteriormente, um homem adormecido ou morto. Um dia, os que o encontraram em tal estado, o acordaram e lhe perguntaram o que lhe acontecera, o que estava fazendo. Respondeu que estivera bem longe, que experimentara delícias infindas.

Durante o resto do dia, do meio-dia à tarde, recebia os visitantes, ou, quando o tempo estava bom, percorria as montanhas, rezando, visitava o amigo, irmão Ulrico, e se entretinha com êle conversando de coisas celestes. Ulrico era um cavalheiro alemão, originário da Baviera, que, após aventuras desconhecidas, deixara o mundo para se fixar perto de Nicolau, naquela solidão. Fixado na concha de um rochedo, vivia vida semelhante. Apenas não

podia passar sem alimentos, que recebia de piedosos camponeses. Pela tarde, Nicolau reiniciava as orações. Depois, descansava por curto espaço de tempo, em seu leito, que não eram senão duas pranchas, com um pedaço de pau ou uma pedra como travesseiro. Levanta-se, depois de pouco tempo, para rezar novamente.

O número dos que visitaram êsse homem, tão perfeitamente separado do mundo, tornou-se logo incontável. Sua vida santa e também milagrosa inspirava a todos os cristãos, sem distinção de classe, tal confiança na fôrça de suas orações e na virtude de seus conselhos, que, nos outros cantões suíços, ou em outra parte qualquer, em que alguém tivesse o coração angustiado, e desejasse um sábio conselho nos negócios públicos ou particulares, ia procurar o irmão Nicolau em seu retiro. E encontrava consôlo. Todos se recomendavam às suas orações. Generais e homens de estado, bispos e sábios não achavam humilhante ir visitar, nas gargantas selvagens, pobre ermitão, que não sabia ler nem escrever. E se espantavam com sua sabedoria tão simples. E admiravam-se de sua visão clara e profunda, a respeito das coisas divinas e humanas. Todos os que, de perto ou de longe, peregrinavam a Einsidlen, para lá invocar a Santa Mãe de Deus, não achavam possível poderem voltar em paz aos lares, sem antes visitarem irmão Nicolau. Sigismundo, duque da Áustria, e Eleonora, sua espôsa, filha do rei da Escócia, lhe enviaram, em sinal de veneração, um rico ornamento de altar para sua capela. Outras grandes personagens o visitaram ou lhe enviaram seus representantes. Data dessa época a biografia que Alberto de Bonstetten escreveu para o rei de França, Luis XI.

Nicolau mostrava-se sempre, em suas palavras, como em todo o seu modo de agir, bom e afável para com os que o visitavam. Estendia-lhes a mão quando entravam e quando saíam. Chamava os homens de filhos e as mulheres de filhas. Na hora de se despedirem, dizia sempre: «Reza por mim, meu filho!» Não se negava a receber quem a êle se dirigisse, a não ser aos que o procuravam sem reta intenção, sem pretenderem melhorar a vida, mas por mera curiosidade, para tentá-lo, a exemplo dos fariseus. Reconhecia imediatamente êsses homens, porque, graças à sua vida pura e tôda em Deus, o Espírito Santo tornava sua inteligência tão esclarecida e penetrante que podia ver até as profundezas da alma humana e mesmo os pensamentos não lhe ficavam incógnitos.

Foram conservados muitos entretenimentos e muitas exortações dos quais se aproveitaram os que visitavam Nicolau, e que são salutares para qualquer cristão. Quando, por exemplo, operários lhe perguntavam como deviam fazer para ganhar a vida eterna, e se deviam refugiar-se na solidão, êle lhes respondia com bondade e doçura que cada um deve fazer com sinceridade e lealdade o que tem a fazer, o ofício, as ocupações, sejam quais forem, não enganar a ninguém, não negligenciar seus interêsses sob o pretexto de estar trabalhando para a vida eterna. Deve-se, no estado de casado, dirigir a casa no temor de Deus, e desempenhar com retidão a incumbência para a qual se foi chamado. Dessa maneira chega-se a uma existência tão feliz, como a que se tem vivido em uma cela no meio da floresta. O caminho da solidão não é o único que conduz ao céu. Não é nem a vocação nem a salvação de cada um

viver no deserto como São João Batista. Assim falava irmão Nicolau.

Perguntavam-lhe que atitude havia a tomar em matéria de fé, e quanto aos mandamentos e aos preceitos divinos. Êle os aconselhava a se deixarem instruir na doutrina cristã pelos pastôres das almas, a escutarem com coração puro, a cumprir os deveres com tôdas as fôrças. Se algumas vêzes, dizia, acontece, infelizmente, que a vida do sacerdote está em oposição com a doutrina que ensina, não é isso motivo para desobedecerdes às suas instruções, porque bebeis água doce e agradável da mesma fonte, seja que ela vos chegue por canos de chumbo ou de cobre, por canos de prata ou de ouro. Da mesma forma, recebeis, por intermédio dos maus sacerdotes, as mesmas graças, os mesmos dons de Deus, visto que anteriormente vos tornastes dignos dêles.

Nicolau convidava os suíços, com um misto de doçura e de severidade a conservar a simplicidade e as másculas virtudes dos antepassados, o amor fraterno, os sentimentos cristãos, a dedicação à Igreja. Fazia alusão profética à revolução religiosa que estouraria pouco depois de sua morte, quando dizia: «Tempo virá de revolta e de dissensões na Igreja. Meus filhos, não vos deixeis seduzir por nenhuma inovação! Uni-vos e ficai firmes. Permanecei no mesmo caminho, na mesma senda que vossos piedosos ancestrais. Conservai e mantende o que nos ensinaram. É assim que resistireis aos ataques, às tempestades, aos furacões que se levantarão com tanta violência».

O bem-aventurado Nicolau de Flue não era nem um sábio nem um príncipe. Todavia, pela san-

tidade, ùnicamente, foi o salvador, e, por isso mesmo, o príncipe da sua pátria.

No ano de 1481, após as três gloriosas vitórias contra o duque de Borgonha, em Granson, em Morat e em Nancy, os deputados da confederação helvética se reuniram em Stanz, no território de Unterwald, para deliberarem sôbre a partilha do espólio e sôbre a administração das cidades de Soleure e de Friburgo na confederação. Foi em meados de dezembro. Após muitas palavras, não conseguiram concordar em nada. Os deputados apressaram-se a partir, irritados. Esperava-se que rebentasse uma guerra civil, com a ruptura da confederação. Nessa situação perigosa, o cura de Stanz (chamava-se Henrique) lembrou-se do irmão Nicolau de Flue, que havia vinte anos morava como ermitão em Ranft, e havia treze anos sem tomar alimento algum. Pensou que sua virtude e a confiança que ela inspirava pudesse salvar a pátria.

Já era noite alta, quando o cura Henrique chegou diante do retiro. A cela onde o piedoso irmão morava havia cêrca de vinte anos, era de tal modo baixa, que se tocava o teto com a cabeça. Não tinha mais do que três passos de comprimento e a metade disso de largura; à direita e à esquerda havia pequenas janelas do tamanho de uma mão, uma porta e uma pequena janela davam para a capela. Era por lá que Nicolau saudava ordinàriamente os que o visitavam. Não se viam outros móveis, a não ser um leito, no qual repousava, com uma insuficiente coberta cinzenta e uma pedra e um pedaço de pau como travesseiro.

O bom cura explicou ao irmão o grande perigo em que estavam. Disse-lhe como a assembléia, que

êle mesmo havia convocado, tivera um fim deplorável, e que as coisas mais graves eram de temer. Pediu-lhe, em nome de Deus, que socorresse a pobre pátria, naquele perigo iminente. Irmão Nicolau lhe recomendou que anunciasse sua próxima ida. Depois de breve tempo, com efeito, encontrava-se o santo ancião em Stanz. Vestia um hábito simples de côr escura, que lhe caía até os pés. Em uma das mãos, o bastão, em outra o têrço. Estava descalço e cabeça descoberta, como sempre. Quando apareceu na sala, tôda a assembléia se levantou espontâneamente e se inclinou diante do irmão Nicolau.

«Caros senhores, fiéis confederados, disse-lhes. Saúdo-vos em Jesus Cristo! Meu bom pai me enviou aqui para que fale a propósito de vossas discórdias que podem provocar a ruína da pátria. Sou um homem pobre e sem instrução, mas quero dar-vos meu conselho com tôda a sinceridade de coração e vos falo como Deus me inspira. Desejo-vos muito bem, e, se eu fôsse capaz de vo-lo fazer, ao menos um pouco, quereria que minhas palavras vos levassem à paz. Queridos confederados, tratai dos vossos assuntos com bons sentimentos, porque um bem conduz a outro. Pensai que é a uma constante união que vós e vossos pais deveis a prosperidade. Agora que, graças à concórdia que reinava entre vós, Deus vos concedeu tão belas vitórias, quereríeis com a inveja e com a ganância pela repartição dos espólios, separar-vos e perder-vos recìprocamente? Guardai-vos de tôda dissensão, de tôda desconfiança. Em Deus devemos sempre encontrar a paz. Deus, que é a própria paz, não está sujeito a mudanças. Mas a discórdia está sujeita a mudança e destrói tudo.

É por isso que vos conjuro, caros confederados, confederados das campanhas, a receberdes em vossa aliança as duas boas cidades de Friburgo e de Soleure. Prestaram-vos auxílio na hora do perigo. Sofreram convosco pela boa e pela má fortuna. Perderam muito por vossa causa. Não quero sòmente exortar-vos e aconselhar-vos, mas suplico-vos, insistentemente, porque sei que é esta a vontade de Deus. Tempo virá em que tereis grande necessidade de seu socorro e de seu apoio.

E vós, confederados das cidades, renunciai aos direitos de garantia que estabelecestes com essas duas cidades, porque êles são a causa da discórdia. Não estendais para muito longe o círculo da confederação, para que se mantenha melhor a paz e a unidade e se goze calmamente da vossa liberdade tão caramente comprada. Não vos encarregueis de muitos negócios com o exterior, e não vos alieis às potências estrangeiras.

Não aceiteis, ó caros confederados, nem presentes, nem subsídios em dinheiro, a fim de não parecer que vendestes a pátria por causa do ouro, para que a inveja e o egoísmo não germinem entre vós e vos envenenem o coração. Conservai-vos iguais em tôdas as relações naturais. Dividi o espólio segundo os serviços, as terras conquistadas segundo as localidades. Não vos deixeis jamais arrastar às guerras injustas pelo desejo de pilhagem. Vivei em paz e em boa compreensão com vossos vizinhos. Se vos atacarem, defendei-vos valentemente e combatei como homens de coragem. Praticai a justiça internamente e amai-vos uns aos outros como aliados cristãos. Deus vos proteja e esteja convosco durante tôda a eternidade!»

Assim falou irmão Nicolau. E Deus emprestou-lhe às palavras sua graça, conforme diz o cronista Tchudi, a ponto de, em uma hora, tôdas as dificuldades estarem contornadas. Os confederados, de acôrdo com o conselho, receberam em sua liga as cidades de Friburgo e de Soleure. Os antigos tratados de aliança foram confirmados e consolidados, dando-se-lhes por base novas leis, recebidas com aplauso geral. A pacificação de todos os cantões da Suíça, a mantença da ordem pública e do poder dos magistrados contra os perturbadores, a divisão dos espólios segundo a regra que fôra dada pelo irmão Nicolau, tais foram os pontos sôbre os quais entraram em acôrdo, no mesmo dia, êsses confederados que tinham discutido durante tanto tempo e com tanta animosidade. Essa felicidade inesperada era devida à santidade do irmão Nicolau, com a qual estava a bênção de Deus.

O irmão voltou ao seu aprazível retiro. Em Stanz, os sinos foram postos a tocar. Êsse concêrto de júbilo ressoou de um lado a outro, ao longo dos lagos, dos vales, através das vilas e das cidades de tôda a Suíça, desde as alturas do São Gotardo coberto de neve, às planícies de Turgóvia. Houve por tôda parte tanta alegria e satisfação, como após as vitórias de Grandson e de Morat. Era justo: lá os confederados haviam salvado a pátria dos inimigos externos. Aqui a salvaram de suas próprias paixões. Seu verdadeiro libertador, que lhe havia dado essa grande vitória contra êles mesmos, era o pobre irmão Nicolau. Todos o reconheceram como tal e o louvaram como salvador da pátria. Nas cartas autênticas que cada delegado escreveu ao torrão natal, relatando os acontecimentos de Stanz,

lê-se: «Todos os enviados devem, em primeiro lugar, fazer conhecer ao país a fidelidade, a solicitude, o devotamento demonstrados pelo piedoso irmão Nicolau em tôda essa discussão, e é a êle que se deve agradecer».

Nicolau viveu ainda seis anos, no retiro, sua vida calma e rica de bênçãos. Antes de morrer, Deus lhe enviou uma doença aguda, com dores tais que lhe penetravam até a medula dos ossos. Nesse estado de sofrimento, revolvia-se no leito como um verme pisado. Os sofrimentos terríveis duraram oito dias, durante os quais seu corpo foi como que aniquilado. Suportou-as com a maior resignação. Exortava ainda os que lhe rodeavam o leito de morte a sempre agirem nesta vida de modo a poderem deixá-la com a consciência tranqüila. A morte é terrível, dizia, mas é mais terrível ainda cair nas mãos do Deus vivo. Quando suas dores se acalmaram um pouco e quando se aproximou o instante da sua morte, com todo o ardor de sua piedade, desejou receber o corpo adorável do Salvador e ser fortificado pelo sacramento da extrema-unção. Junto do moribundo estava um velho companheiro, o irmão Ulrico. O velho amigo, o cura Henrique de Stanz, e a piedosa anacoreta Cecília, que, após a morte do irmão Nicolau, levou essa vida solitária em uma cela vizinha durante setenta anos. Ao redor dêle, encontravam-se sua fiel espôsa e os filhos piedosos. Na presença dêles, recebeu os santos sacramentos com profunda humildade. Depois, agradeceu a Deus todos os benefícios que lhe havia dispensado, prosternou-se e morreu a morte dos justos, no dia 21 de março de 1487, no mesmo dia em que, setenta anos

antes, nascera para a glória de Deus e edificação dos fiéis.

Sua morte encheu de luto todo o povo. Tôdas as oficinas ficaram fechadas e cada família pranteava o irmão Nicolau, como se o próprio chefe da família tivesse morrido. Seu corpo foi transportado com pompa para Saxlen, e inumado na igreja de São Teodoro. Todos os cantões lhe fizeram magníficos funerais. Sigismundo, arquiduque da Áustria, fêz rezar por êle cem missas de Réquiem. Milagres numerosos se operaram em seu túmulo. O nome de Nicolau de Flue ficou célebre não sòmente na Suíça, mas na Alemanha, na França e até nos Países Baixos. Em 1518, seu corpo foi retirado da terra com solenidades, pelo bispo de Lausanne, e colocado em rico túmulo. Depois, foi encerrado em uma urna e depositado num altar, onde ainda hoje recebe as homenagens dos fiéis. Vários documentos aprovaram o culto que se lhe rende.

* * *

AMADEU DE SABÓIA,

Príncipe

O bem-aventurado Amadeu, nono com êsse nome, duque de Sabóia, nasceu em Tonon, em 1.º de fevereiro de 1435, de Luís II e de Ana, sua espôsa, filha do rei de Chipre. A princesa, sua mãe, quis cuidar pessoalmente de sua infância e educação, deixando para o duque, seu pai, a escolha dos estudos e dos exercícios próprios a formá-lo segundo a descendência. Dedicou-se inteiramente a educá-lo de acôrdo com a santidade do cristianismo. Inspirou-lhe bem cedo vivo horror ao pecado e esforçou-se por preveni-lo contra as seduções da grandeza e as ciladas que o mundo prepara sem cessar às fraquezas dos príncipes.

A piedade do jovem duque manifestou-se desde o berço. Assim, não se podia causar-lhe maior prazer do que ensinar-lhe alguma nova prática de devoção. A missa tinha o lugar dos divertimentos e não descansava dos estudos, senão com leituras piedosas. Educado no seio da opulência e das grandezas, em uma das côrtes mais brilhantes da Europa, nada foi capaz de demover-lhe o coração e seduzi-lo. A freqüente recepção dos sacramentos, acompanhada de austeridades secretas, eis os remédios que empre-

gava para se preservar das funestas impressões de tudo quanto o cercava.

Jamais um príncipe foi tão querido e mereceu tanto como êle o amor do povo. Sabia aliar muito da grandeza e da nobreza à bondade e à afabilidade para com todos os que dêle se aproximavam. Sua felicidade era causar prazer aos outros e ser-lhes útil.

Com a idade de dezessete anos, Amadeu desposou Iolanda de França, filha de Carlos VII e irmã de Luís XI, à qual fôra prometido desde o berço. Nada mais acertado do que essa união. Os dois jovens esposos tinham o mesmo gôsto pela piedade, o mesmo afastamento do luxo, a mesma inclinação para todos os gêneros de boas obras. Assim a côrte em breve mudou de feições, e todos os senhores se mostraram pressurosos em ter o único comportamento capaz de agradar aos soberanos. Eis o que diz a êsse respeito um antigo historiador: «Não se suportavam os blasfemadores, nem os perjuros, tampouco os pérfidos e os velhacos. Todos êsses vícios eram banidos da côrte. Se o mais honrado dos cortesãos tivesse sido convencido de ter falado uma só blasfêmia, ainda que todos os potentados da terra tivessem falado por êle, não permitiria Amadeu, por mais uma hora, que continuasse em sua casa. Foi com seu exemplo que um príncipe de Milão mandou construir uma capela que ficou sendo chamada capela dos blasfemadores, porque fôra construída com as multas dos cortesãos que tinham sido surpreendidos blasfemando». Se o primeiro dos oficiais fôsse um libertino, era despedido do serviço. Tinha por máxima que devia sempre ser servido em primeiro lugar, e que o espírito da religião deve reger todos os pormenores do nosso comportamento. À

oração da manhã, seguia-se leitura espiritual, com a qual acompanhava a missa, imbuído de profundo respeito e recolhimento tão edificante, que era costume ouvir-se que bastava ver o duque de Sabóia à missa, para se adquirir devoção. Em seguida, ia para o conselho, onde examinava em primeiro lugar as causas dos pobres, das viúvas e dos órfãos. A injustiça podia estar encoberta da melhor maneira possível, que de nada adiantava, pois os olhos penetrantes do príncipe sabiam descobri-la, sob qualquer disfarce com que se procurasse apresentá-la.

A caridade para com os pobres era para o piedoso Amadeu verdadeira paixão. Dizia-se que tinha em suas mãos o poder de soberano para socorrer os infelizes. Sua felicidade constituía em distribuir esmolas. Cada dia alimentava grande número de pobres, nos palácios. Os mais repugnantes e mais hediondos eram sempre os mais bem recebidos. Êle mesmo os servia à mesa. E, como, por causa disso, alguns cortesãos pretendessem fazê-lo ver que aquilo rebaixava a dignidade real, contentou-se com perguntar-lhes friamente se acreditavam no Evangelho. Depois acrescentou: «Lembrai-vos de que Jesus Cristo toma como feito a êle mesmo o que é feito ao mais humilde dos seus; e que grande honra para um príncipe servir a Jesus Cristo!» Seus ministros lhe disseram um dia que as esmolas lhe arruinavam as finanças e que lhes parecia mais útil fortificar as praças de guerra e formar novas tropas do que alimentar tantos vagabundos. «Louvo o vosso zêlo, respondeu imediatamente o bem-aventurado Amadeu. Mas, sabei que as caridades que um príncipe faz aos pobres são as mais seguras fortificações de um estado, e que os pobres são as melhores tropas;

e o segrêdo para fazer reinar a abundância está no fazer esmolas aos infelizes». A Sabóia foi chamada, durante seu reinado, de paraíso dos pobres.

Um dia, ao passar por uma rua da capital, o bem-aventurado Amadeu ouviu um pobre obreiro queixar-se amargamente do aumento de despesas que um novo impôsto fazia pesar sôbre o povo. Perguntou imediatamente aos ministros se não era possível diminuir aquêle tributo. E como êstes alegassem necessidades prementes e imperiosas, o príncipe tirou do pescoço a corrente de ouro que usava e ordenou fôsse transformada em moedas, a fim de que seus súditos fôssem aliviados.

Embora inimigo do luxo, Amadeu sabia, quando o brilho de sua posição o exigia, demonstrar sábia magnificência. Assim foi que, quando apareceu na côrte de França, causou grande admiração pelo brilhante cortejo e pela beleza da comitiva de que estava acompanhado.

Durante os últimos anos de vida, cuidou com especial cuidado da educação dos filhos, os príncipes. Sentia que a sorte dos seus estados, após sua morte, dependia em parte do cuidado que tinha em inspirar-lhes sentimentos dignos de sua condição e de acôrdo com as máximas da religião. Não negligenciou nada para fazer dêles dignos sucessores.

O fim de sua vida foi marcado por grandes enfermidades, as quais suportou com coragem e resignação. Mas em nada mudaram suas austeridades habituais; apesar dos sofrimentos, não deixava de entregar-se a jejuns mui freqüentes. Quando sentiu, na ocasião da última doença, que não lhe restava senão pouco tempo para viver, declarou a duquesa, sua espôsa, regente de seus Estados. E

chamando os principais senhores, que se desfaziam em lágrimas, lhes disse: «Recomendo-vos os pobres e os infelizes. Distribuí largamente entre êles vossas esmolas, que o Senhor derramará sôbre vós suas bênçãos. Fazei justiça sem distinção de pessoas. Fazei com que a religião floresça e que Deus seja bem servido». Pouco depois, expirou, tendo recebido o santo viático e a extrema-unção com renovado fervor, no dia 31 de março de 1572, em Vercelli, com apenas 37 anos de idade.

Seu corpo foi enterrado na igreja de Santo Eusébio, sob os degraus do altar-mor, de acôrdo com seu pedido. Estavam todos tão persuadidos de sua santidade, que os bispos que assistiam aos funerais discutiram longamente se era necessário rezar a missa dos defuntos, para se conformarem com os costumes da Igreja. Por fim, o arcebispo de Turim rezou a missa da Santa Virgem e o bispo de Vercelli a do Espírito Santo. Deus, que havia manifestado mais de uma vez as grandes virtudes de seu servo, durante a vida, declarou-lhe a santidade após sua morte por grande número de milagres. O bispo de Vercelli relata-nos trinta e oito dêles. Foi o que determinou o papa Inocêncio XI permitir ser rezada a missa e o ofício em honra do bem-aventurado Amadeu em todos os estados do duque de Sabóia.

* * *

SANTO AMÓS (*)

Profeta e Confessor

Antigo Testamento

Amós, como êle mesmo nos deixou patente no título do livro que legou à posteridade, foi um pastor de Tecué, povoação do reino de Judá.

Embora de condição humilde, mostrou, no seu livro, que conhecia muito bem as sagradas Escrituras, onde o estilo prima pela simplicidade, cheio de um tom enérgico, porém. As imagens que empregou, tiradas da natureza, da vida pastoril, caracterizam-no particularmente.

A principal missão dêste profeta foi anunciar, em nome do Senhor, às dez tribos de Israel, as calamidades com as quais seriam castigadas, tal a idolatria de então, e a corrupção moral.

Amós viveu quando do rei Ozias, de Judá, e nos dias de Jeroboão II, filho de Joás, rei de Israel, aparecendo dois anos antes do terremoto que, segundo interpretações, ocorreu no vigésimo-quinto ano do reinado do citado rei Ozias.

Diz êle: «O Senhor surgirá de Sião, de Jerusalém fará ouvir a sua voz. Os prados dos pastôres estarão de luto, o cume do Carmelo secará».

Fala, então, Amós, sôbre o julgamento de Israel e das nações vizinhas. Deus haveria de julgar Damasco, os filisteus, Tiro, os idumeus, os amonitas, os moabitas.

«Eis que vou calcar-vos, como calca a terra um carro carregado de ferro. O homem ágil não poderá fugir, o forte debalde fará os seus esforços, o valente não salvará a sua vida, o que maneja o arco não resistirá, nem escapará o ligeiro de pés, nem o cavaleiro preservará a sua vida, e o mais corajoso entre os valentes fugirá nu naquele dia, diz o Senhor».

Na profecia contra Israel, principia Amós com o tema:

«Ouvi a palavra que o Senhor pronunciou a respeito de vós, filhos de Israel — a respeito de todo o povo, diz o Senhor, que tirei da terra do Egito: «De tôdas as raças da terra, só a vós vos reconheci como meu povo; por isso vos castigarei por tôdas as vossas iniqüidades.»

E, escrevendo sôbre a certeza do castigo de Israel, continua, empregando originais imagens:

«Porventura andarão dois homens juntos, sem que estejam de acôrdo? Porventura rugirá o leão nos bosques, sem que tenha achado alguma prêsa? Porventura fará o leãozinho soar a sua voz no covil, sem que tenha lançado a garra nalguma coisa? Porventura cairá uma ave no laço pôsto na terra, sem que haja quem lho arme? Porventura levantar-se-á da terra o laço, antes que tenha apanhado alguma coisa? Soará a trombeta de guerra numa cidade, sem que o povo se assuste? Acontecerá alguma cala-

midade numa cidade, que não seja por disposição do Senhor? Porque o Senhor Deus não faz nada sem revelar o seu segrêdo aos seus servos, os profetas. O leão ruge: quem não temerá? O Senhor Deus falou: quem não profetizará?»

Israel será castigada por causa das iniqüidades, e poucos serão salvos. Os altares e os palácios serão destruídos. E os grandes de Israel e de Judá levados para o cativeiro. Muitos morrerão na guerra e na peste.

«O Senhor Deus jurou por sua vida — oráculo do Senhor Deus dos exércitos: Detesto a soberba de Jacob, aborreço os seus palácios, e entregarei ao domínio de outros a cidade com tudo o que encerra. Se numa casa ficarem dez homens, também êsses mesmos morrerão. Um parente, com um queimador (1) virá para tirar de casa os ossos e dirá ao que está no mais interior da casa: «Há mais alguém contigo?» Êle responderá: «Não há mais». Então o outro lhe dirá: «Silêncio! Não é ocasião de pronunciar o nome do Senhor».

«Porque eis que o Senhor decreta: fará cair em ruínas a casa grande e em destroços a casa pequena.

«Porventura podem os cavalos correr entre rochedos, ou pode lavrar-se o mar com bois? Entretanto pretendeis converter o justo juízo em amargura, e em absinto o fruto da justiça. Vós vos alegrais por causa de Lodabar, dizeis: «Não foi por nossa própria fortaleza que tomamos Carnaim?» (2)

---

(1) Queimador de aromas.

(2) Lodabar e Carnaim: cidades conquistadas na Transjordânia.

Pois, casa de Israel, diz o Senhor Deus dos exércitos, vou suscitar contra vós uma nação que vos oprimirá desde a entrada de Hamat até a torrente do deserto».

— — — — —

Um sacerdote de Betel, chamado Amasias, alertou o rei Jeroboão, dizendo que o povo se deixava comover pelas predições do profeta. Não era perigoso aquilo? Jeroboão, todavia, pareceu não dar tanta importância ao caso, de modo que o sacerdote, procurando Amós, ordenou-lhe que se fôsse para Judá. Disse-lhe:

«— Sai daqui, homem de visões, foge para a terra de Judá e come lá o teu pão, fazendo de profeta. Mas não continues a profetizar em Betel, porque aqui é o santuário do rei e a côrte real».

Porque o profeta falava contra Jeroboão, e Amasias, no aviso que dera ao rei, dissera: «Amós conspira contra ti no meio da casa de Israel; a terra não pode mais sofrer todos os seus discursos. Porque isto disse Amós: «Jeroboão morrerá à espada, e Israel será levado cativo para fora do seu país».

Amós respondeu ao sacerdote Amasias:

«— Eu não sou profeta de profissão, nem filho de profeta: sou pastor de gado e cultivo sicômoros. O Senhor pegou em mim, quando eu andava atrás do meu rebanho, e disse-me: «Vai, profetiza ao meu povo de Israel». Ouve, pois, agora, ó Amasias, a palavra do Senhor: tu me dizes: «Não profetizes contra Israel, nem profiras oráculos contra a casa de Isaac». Por causa disto, diz o Senhor: «Tua mulher será desonrada na cidade, os teus filhos e as

tuas filhas cairão à espada, e a tua terra será repartida a cordel entre os vencedores; quanto a ti, morrerás numa terra impura (3), e Israel será levado cativo para fora do país».

Amós termina o livro com palavras de esperança. Depois de censurar a opressão que se fazia aos desprotegidos da sorte, de verberar contra «os que pisam os pobres e fazem perecer os desvalidos da terra», a dizer: «Quando passará a lua nova, para vendermos o nosso trigo, e o sábado, para abrirmos os celeiros, diminuindo o efa, aumentando o sido e falseando a balança para defraudar o próximo?», profetizando calamidades iminentes, continuava:

«Naquele dia levantarei a cabana (4) de Davi, que havia caído, repararei as brechas dos seus muros, restaurarei o que se havia arruinado, e reedificá-la-ei como nos dias antigos, para que possuam os restos da Iduméia e tôdas as nações, sôbre que o meu nome foi invocado, diz o Senhor, que é o que faz estas coisas».

E, com uma hipérbole, para indicar a futura abundância, conclui de vez:

«Eis que vem dias, diz o Senhor, em que o ceifeiro seguirá de perto o que lavra, e o que pisa as uvas seguirá de perto o semeador; os montes destilarão mosto, todos os outeiros se derreterão em sumo de uva. Restaurarei o meu povo de Israel; reedificarão as cidades desertas e habitá-las-ão; plantarão vinhas e beberão o seu vinho; cultivarão jardins e

(3) Ou idólatra.

(4) Reino.

comerão os seus frutos. Plantá-los-ei no seu país, e não os tornarei mais a arrancar da terra que lhes dei, diz o Senhor teu Deus» (5).

— — — — —

Há autores que afirmam que um filho do sacerdote Amasias, chamado Ozias, agrediu, armado de maça, a Amós, deixando-o semi-morto. Levado para Tecué, dias depois o profeta expirava.

* * *

(5) Am. 1, 1 e segs.

SANTO ACÁCIO (*)

Bispo

Santo Acácio, bispo de Antioquia, da Pisídia, foi levado à presença de Marciano, cônsul, inimigo da fé cristã, que do imperador Décio havia recebido o título de prefeito. Destinado exclusivamente a descobrir, capturar e interrogar os adeptos da religião católica, principiou, dirigindo-se ao santo bispo:

— Tu, tendo a felicidade de viver sob a lei romana, deves amar nossos príncipes.

Acácio respondeu:

— De todos os súditos do império, ninguém há que mais ame o imperador do que os cristãos. Rogamos por êle todos os dias, desejamos-lhe uma longa vida, um espírito de justiça no seu govêrno, um reinado calmo e tranqüilo. Rezamos pela salvação dos soldados e a conversão de todo o império.

Marciano:

— São práticas louváveis, e como o imperador aprecia a sinceridade, vem comigo e a êle ofereçamos um sacrifício.

Acácio:

— Creio que disse que rezo ao verdadeiro Deus pela salvação do príncipe. Quanto a lhe oferecer

sacrifício, é uma homenagem que não tem o direito de exigir e que nós não podemos render-lhe.

Marciano:

— Dize-me qual Deus é o teu, ao qual ofereces tuas orações, para que também o honre?

Acácio:

— Eu desejava, de todo o coração, que tu conhecesses meu Deus, o que te seria de grande proveito, muitíssimo vantajoso.

Marciano:

— Qual o seu nome?

Acácio:

— É o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob.

Marciano:

— São êstes nomes de deuses?

Acácio:

— Não, são de homens, os homens a quem o verdadeiro Deus falou. Deus é um só, ao qual devemos adorar, temer e amar.

Marciano:

— Quem é, então, êsse Deus?

Acácio:

— É o Altíssimo, o que está assentado acima dos Querubins e dos Serafins.

Marciano:

— E que é Serafim?

Acácio:

— É um Espírito, ministro do Altíssimo, um dos principais personagens da côrte celeste.

Marciano:

— Quantas quimeras andam por lá! Deixa de lado êsses fantasmas de sêres invisíveis e adora deuses que tu podes ver.

Acácio:

— Dize-me, quais são êsses deuses aos quais queres que eu sacrifique?

Marciano:

— É Apolo, o salvador dos humanos, aquêle que nos preserva da fome e da peste, que esclarece, protege e governa o mundo.

Acácio:

— Queres tu dizer, é o miserável que nem a própria vida pôde conservar, que, no cego amor por uma mulher, correu a persegui-la, sem saber se conseguiria possuir o objeto dos seus desejos? É claro que não podia penetrar o futuro, estando cego sôbre a própria sorte! Jamais seria Deus quem pode ser enganado por um menino. Ademais, foram as suas desgraças além: possuído de vil paixão pela jovem Jacinta, que lhe sucedeu? Não, não, vós adorais em vossos deuses o que punis nos homens! Vêde Esculápio, Netuno, Vênus. . .

Marciano:

— Vamos! É hábito entre os cristãos falar mal dos nossos deuses? Vamos! Agora eu te ordeno que venhas comigo a um jantar em honra de Júpiter e de Juno. Vais reconhecê-los e render-lhes a honra que lhes é devida.

Acácio:

— Como queres que ofereça um sacrifício a um homem, no qual sei que a tumba está em Creta? Ressuscitou êle, porventura, dentre os mortos?

Marciano:

— Está bem! Sacrifica ou morre!

Acácio:

— Tu te pareces com os ladrões dálmatas, quando agarram um viajante no caminho. Não lhe deixam outra escolha: a bôlsa ou a vida. De minha parte, declaro-te que nada temerei, seja o que fôr que tu me faças. As leis punem os adúlteros, os ladrões e as meretrizes. Se eu fôr culpado de um dêsses crimes, serei o primeiro a me condenar. Mas se todo o meu crime é adorar o verdadeiro Deus, e se é por isso que me levarão à morte, não falemos em lei, e sim de injustiça.

Marciano:

— Não tenho ordem de te julgar, mas de te aconselhar. Deves obedecer. Se te recusares, sei como hei de te submeter.

Acácio:

— Eu também tenho uma lei, à qual devo obedecer, e que me veda renegar meu Deus. Tu serves um homem frágil e carnal, que a morte logo levará, e que, tu sabes, servirá de pasto aos vermes. Como não devo obedecer a Deus, cujo poder é eterno, e que disse: «Aquêle que me renegar diante dos homens, eu o renegarei diante de meu Pai celeste, quando vier na minha glória e no meu poder julgar os vivos e os mortos»?

Marciano:

— Tuas declarações fazem-me lembrar do que desejo, desde há muito, saber: Deus, tu o disseste, tem um Filho?

Acácio:

— Sem dúvida, e o creio.

Marciano:

— Quem é êste Filho de Deus?

Acácio:

— É o Verbo de graça e de Verdade.

Marciano:

— É o seu nome?

Acácio:

— Tu não me perguntaste o nome, mas quem era.

Marciano:

— Bem, e como se chama?

Acácio:

— Chama-se Jesus Cristo.

Marciano:

— E de que mulher teve Deus êste Filho?

Acácio:

— Deus não engendrou o Filho à maneira dos homens. Quando criou o primeiro homem, não teve necessidade de se sujeitar às leis de uma geração grosseira. Formou-se com um pouco de barro, e depois de terminada a obra, deu-lhe a alma e a vida. Do mesmo modo, e com mais forte razão, cremos que o Filho de Deus, o Verbo de verdade, procede do coração de Deus. Está escrito no salmo quarenta e quatro: «Meu coração produziu o Verbo que é a bondade».

Marciano:

— Deus, então, é corporal.

Acácio:

— Deus só é conhecido por si mesmo. Quanto a nós, não podemos descrevê-lo: é-nos invisível no estado presente, mas temos suficiente conhecimento de suas perfeições para adorá-lo.

Marciano:

— Se Deus não tem corpo, como pode ter um espírito e um coração?

Acácio:

— A Sabedoria não depende de um corpo constituído, organizado, e com êle não tem qualquer conexão necessária. Que de comum existe entre o corpo e a inteligência?

Marciano:

— Faze como muitos, cuja religião é antiga, e, no entanto, abandonaram-na pela nossa.

Acácio:

— Eu só faço a vontade de Deus. Que me escutem quando ensinar o que é justo, e que me desprezem, se insinuo o mal.

Marciano:

— Dize-me todos os nomes dos cristãos

Acácio:

— Estão escritos no céu, no Livro da Vida.

Marciano:

— Onde estão os mágicos (sacerdotes), teus companheiros, que te ajudam a espalhar erros?

Acácio:

— Ninguém no mundo despreza tanto os mágicos como os cristãos.

Marciano:

— Foi por causa dos mágicos que pudestes implantar uma nova religião.

Acácio:

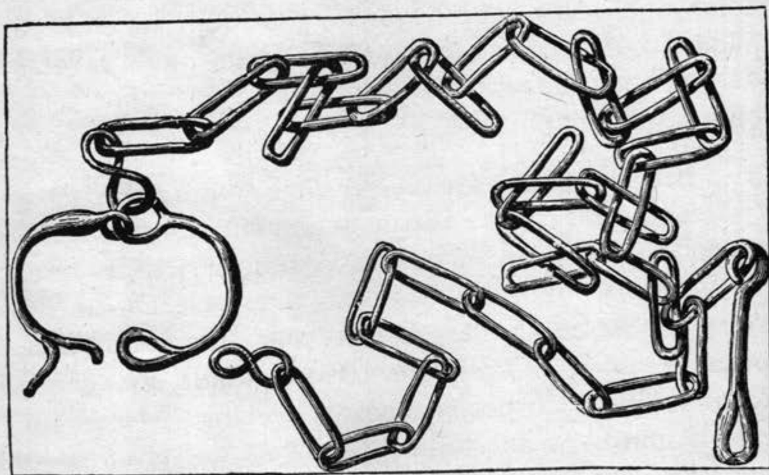
— Nós destruimos êsses deuses por vós criados, que vós temeis. Deus, no qual cremos, não é obra nossa. É nosso Criador e a nós nos ama como Pai, e, como bom Mestre, arranca-nos da morte.

Marciano:

— Dize-me os nomes que te perguntei se quiseres escapar da tortura.

Acácio:

— Estou diante do teu tribunal. É meu nome que tu queres? Não estás satisfeito? Queres saber o nome doutros ministros? Não sou suficiente para te confundir? Se queres saber, chamo-me Acácio.



As cadeias de São Pedro, conservadas em Roma, na Igreja de São Pedro, in Vincoli.

Chamam-me, ainda, Agatanjo. Tenho dois companheiros, Pison, bispo de Troyens, e Menandro, sacerdote. Faze agora o que quiseres.

Marciano:

— Tu ficarás prêso até que o imperador seja informado daquilo que entre nós se passou. Da vontade do imperador dependerá tua sorte.

Marciano recebeu ordem de dar liberdade ao santo bispo e de deixá-lo professar a religião. Des-

conhece-se quanto tempo, depois disto, Acácio sobreviveu. É de crer que não tenha sido vítima de morte violenta, e que desapareceu no ano de 250 ou de 251, sob Décio.

— — — —

No mesmo dia, na Pérsia, São Benjamim, diácono, que, sob o rei Isdegardo, continuando, embora proibido, a pregar a palavra de Deus, teve varetas de junco metidas nas unhas dos pés e das mãos, acabando pela empalação, em 422.

Em Ravena, São Guido de Pomposa, abade e confessor, natural de Casemar, na Itália, o qual não tardou em mostrar eminentes virtudes, virtudes que, malgrado a idade, levaram-no a encarregar-se do convento de São Severo de Ravena. Abade de Pomposa em 998, faleceu em 1046, quando um cego, tocando-lhe o corpo, recuperou a vista. Morto em São Domnin, os habitantes de Parma quiseram tê-lo consigo, mas o imperador Henrique III fêz com que o transferissem para a Alemanha, em Spire, onde foi sepultado na igreja de São João Batista, depois chamada de São Guido ou Witten.

Na Espanha, São Renovato, bispo, que, tendo sido ariano, esclarecido, renovado (1), abraçou a fé que a Igreja católica prega. Sucessor de Inocêncio, bispo de Mérida, governou a diocese por vinte e dois anos, falecendo em 633. Enterrado perto do altar

(1) Daí Renovato.

de Santa Eulália de Mérida, inúmeros milagres ilustraram-lhe a sepultura.

Na diocese de Arras, o bem-aventurado Guido de Vicogne, confessor. Premonstratense, estêve sob a direção de São Norberto. Fundador da abadia de Vicogne, que governou por vinte anos, faleceu em 1147.

Em Milão, São Mauricílio, bispo. Falecido em 622, foi enterrado na igreja de São Sátiro.

Em Veneza, São Daniel, mercador, mártir. Os embaraços do negócio que possuía não o impediam de servir a Deus com fidelidade. Fazendo grandes esmolas, visitando os santuários da cidade, freqüentava, principalmente, a igreja do convento de São Matias, dos camaldulos. Rogando aos religiosos o favor de tê-lo num quarto sob o claustro, ali viveu recolhido, embora continuasse com o negócio. Em testamento, deixou todos os bens aos camaldulos. Assassinado (1411) por ladrões que julgavam existisse considerável fortuna no quarto em que viveu santamente, foi enterrado num túmulo de pedra, perto do convento. Anos mais tarde, na mesma sepultura, foram depositar o corpo de um senador. Daniel jazia sem qualquer corrupção, e exalava suavíssimo perfume.

Ainda em Veneza, o bem-aventurado Boaventura Tornielli, confessor, nascido em Forli no ano de 1411. Da ordem dos servitas, foi prior do convento de São Marcelo de Roma. Sixto IV conferiu-lhe o título de pregador pontifical para a evangelização das massas. Aos oitenta anos, faleceu em Udine (1492). Operou milagres. Teve o culto confirmado a 6 de setembro de 1911 por Pio X.

Na Itália, a bem-aventurada Camila Pia, virgem, da ordem das clarissas. Em 1502, fundou um convento em Carpi, próximo de Módena, tendo falecido em 1504.

Na África, os Santos Teodulo, Anésio, Félix, Cornélia e seus companheiros mártires.



Sacrifício às divindades infernais.
Segundo um baixo-relêvo
romano.

Em Roma, Santa Balbina, virgem, filha de São Quirino mártir, batizada pelo papa Alexandre; terminou gloriosamente a vida, sendo enterrada na via Ápia, perto do túmulo do pai.

* * *

ÍNDICE

MARÇO

14.º dia de março

15.º dia de março

16.º dia de março

17.º dia de março

18.º dia de março

19.º dia de março

20.º dia de março

21.º dia de março

22.º dia de março

23.º dia de março

24.º dia de março

25.º dia de março

26.º dia de março

27.º dia de março

28.º dia de março

29.º dia de março

30.º dia de março

31.º dia de março

Composto e impresso nas oficinas gráficas da
EDITÔRA DAS AMÉRICAS
São Paulo — 1959